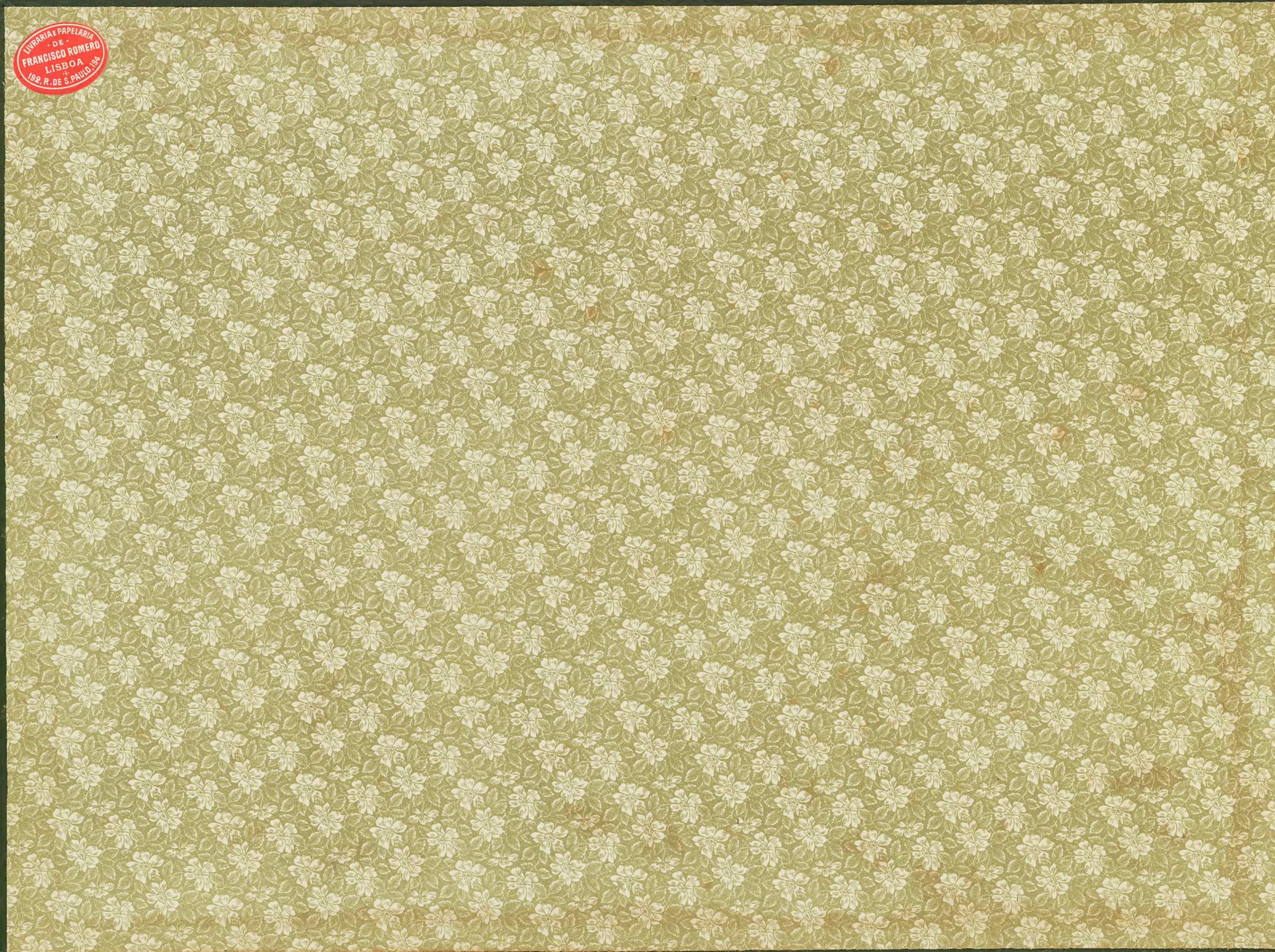
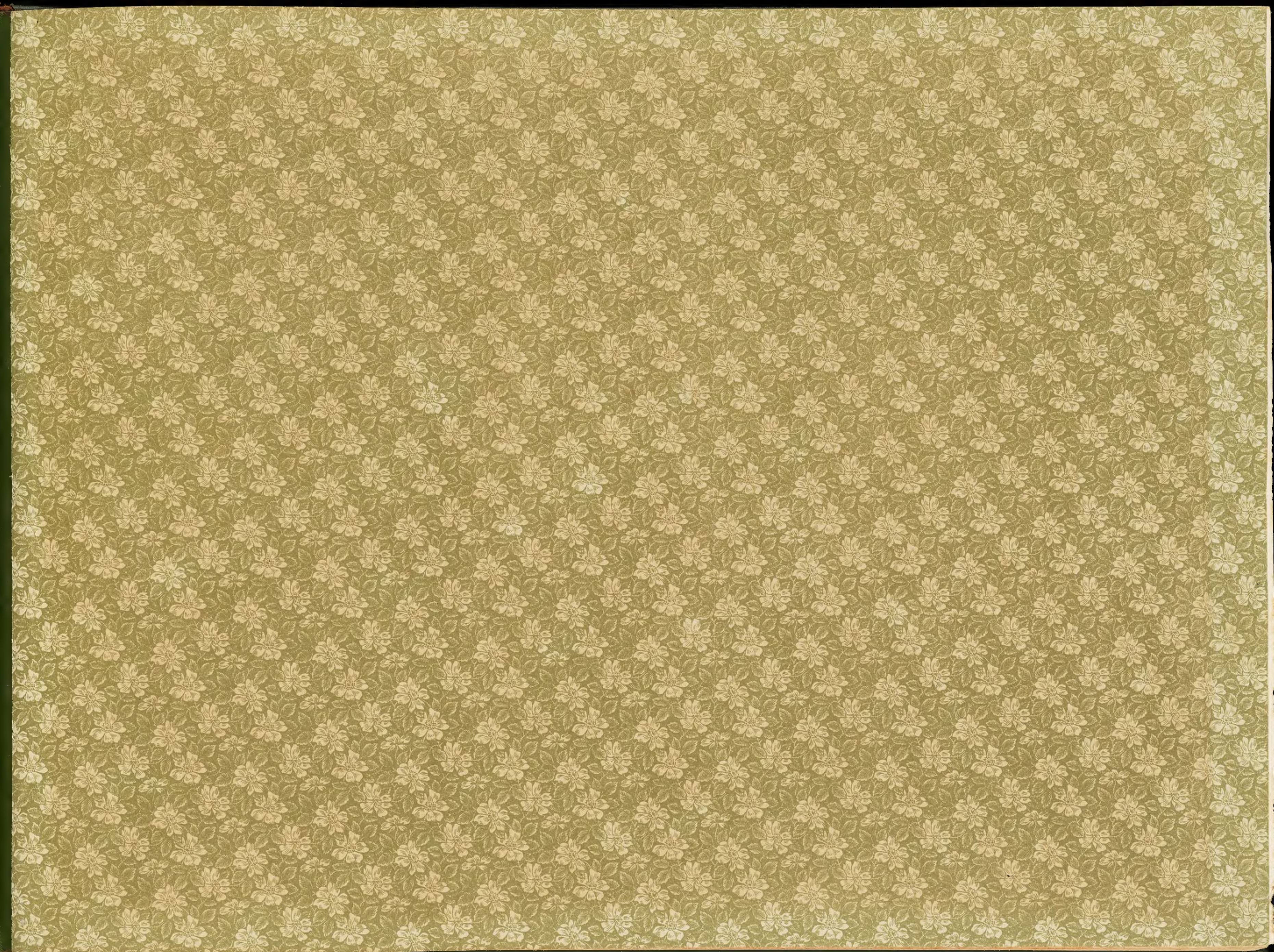


A Arte e a Natureza em Portugal



LIVRARIA E PAPELARIA
- DE -
FRANCISCO ROMERO
LISBOA
192, R. DE S. PAULO, 194



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successora
Rua da Cancella Velha, 70 — Porto

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

VOLUME QUINTO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores

PORTO

MDCCCCV

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

INTRODUCÇÃO [1]



Não desejamos tolher a iniciativa do leitor, mas sómente guial-o. Uma bibliographia completa sobre a Batalha n'este logar ficaria deslocada. Pertence legitimamente a um estudo monographico. Temos lido e annotado talvez tudo quanto no paiz e fóra d'elle se publicou sobre o celebre monumento, mas d'essa grande lista apenas podemos e devemos recommendar ao leitor, que queira aprofundar os seus estudos, os melhores auctores. Vão no fim d'esta Introducção. Convém advertir, no emtanto, que o erudito nunca deverá aceitar qualquer affirmação d'esses escriptores (nem mesmo a nossa propria) sem um exame cuidadoso em face do monumento e seus orgãos mais valiosos. A autopsia, o exame *de visu* é sempre indispensavel com lapis e caderno na mão! Nunca vamos á Batalha (e temos visitado a egreja e convento innumeras vezes desde 1865) sem as plantas essenciaes e primorosas do celebre Murphy, verificando e medindo tudo o que cita. Para um exame apenas sufficiente do templo e para as confrontações com as notas e medições do benemerito irlandez são precisos, pelo menos, tres a quatro dias e, portanto, pernoitar n'uma hospedaria bem modesta da localidade. No templo deviam estar expostas em differentes logares boas ampliações das plantas, alçados, córtes e perfis do templo da Batalha, não só os desenhos de Murphy, mas córtes complementares; e uma collecção bem seleccionada dos elementos decorativos que pela posição elevadissima em que estão collocados ou por falta de luz não podem ser devidamente apreciados, nem mesmo com a vista bem armada [2].

Principaes fontes de consulta

Seguindo a ordem chronologica devemos citar as seguintes:

Sousa (Frei Luiz de).

Descripção da egreja e convento da Batalha. — Encontra-se na *Historia de S. Domingos.* Impresso em S. Domingos de Bemfica, **1623.** — 1.ª parte; 2.ª parte Lisboa, 1662; 3.ª parte Lisboa, 1678; 4.ª parte por Fr. Lucas de Santa Catharina. — Lisboa, 1733-fol. — Todas as quatro partes sahiram em 2.ª ed. — Lisboa, 1769-fol. 4 volumes. Trad. em inglez por Murphy.

Chamou-se no seculo Manoel de Sousa Coutinho. O primoroso escriptor, uma das glorias da litteratura nacional, dispensa todo o elogio. Podia e devia ter revelado em 1623 os thesouros do archivo do convento e teria sido glorificado ainda mais pelos posteros! Mas, preoccupado com a sua *rhetorica* e um pouco com a sua propria litteraria pessoa (talvez mais do que convinha a um frade), esqueceu-se de que tinha uma legião de artistas, alguns por graça de Deus, a revelar á nação! Vid. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibliogr.*, vol. v e xiii.

---

[1] Não pretendemos, nos apontamentos bibliographicos que vão lêr-se, indicar senão as fontes mais importantes para um estudo methodico do mosteiro, tal como o devem fazer os portuguezes que não se contentem com a leitura de banalissimos guias nacionaes e estrangeiros, que por ahi pullulam. E dizemos *banalissimos,* porque nada mais facil ha e haverá hoje, como em todos os tempos, do que compilar, plagiar, cerzir uma manta de farrapos historico-artisticos que não valem mais do que os tradicionaes *liteiros* da nossa industria domestica; cobrem, mas não agasalham, nem confortam; são engano para os pobres. E nada mais difficil conhecemos do que concentrar, resumir, caracterisar em breves termos uma obra d'arte, seja ella qual fôr. De resto, ao leitor devemos recordar o que é publico e notorio: que sendo nós o auctor da unica *Bibliographia nacional das artes e industrias artisticas* que existe em lingua portugueza (cêrca de 2:000 numeros, na maior parte existentes nas nossas bibliothecas particulares da casa do Porto e da Quinta da Veia, Aguas Santas) deve o leitor dispensar-nos de uma parada vã de ostentação erudita.

[2] Com um triedro, systema allemão Görtz, vencem-se na Batalha todas as difficuldades, havendo luz sufficiente. Esses admiraveis instrumentos são porém caros; custam mesmo em França e Allemanha entre 200 a 250 marcos = 312 francos.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

INTRODUCTION [1]



Nous ne désirons nullement embarasser l'initiative du lecteur, mais seulement le guider. Une bibliographie complète sur le monastère de Batalha serait ici déplacée. Il mériterait légitimement une étude monographique. Nous avons lu et annoté, peut-être, tout ce qui a été publié chez nous et à l'étranger à propos de ce célèbre monument, mais nous ne devons ni ne pouvons recommander au lecteur qui voudra approfondir ses études, que les meilleurs auteurs, cités dans cette grande liste, et dont nous publions les noms après cette Introduction. Cependant il est convenable de remarquer que le savant ne devra jamais accepter aucune affirmation de ces écrivains (ni même la nôtre) sans avoir procédé lui-même à un examen minutieux du monument et de ses parties les plus précieuses. L'autopsie, l'examen *de visu* est toujours indispensable avec un crayon et un cahier à la main! Nous avons visité l'église et le couvent bien des fois depuis 1865 et jamais nous n'allons à Batalha sans les plans essentiels et magnifiques du célèbre Murphy, vérifiant et mesurant tout ce qu'il cite. Pour un examen à peine suffisant du temple et pour les confrontations avec les annotations et les mesures de cet irlandais si méritant il faut au moins trois à quatre jours, et l'on devra, partant, passer les nuits dans un hotel bien modeste de l'endroit. Dans le temple on aurait dû exposer dans de différents endroits, de bonnes amplifications, des plans, élevations, coupes et profils du temple de Batalha, non seulement les dessins de Murphy mais des coupes supplémentaires; et aussi une collection bien choisie des éléments décoratifs, qui ne peuvent être convenablement appreciés, même à l'aide de longue-vues, parce qu'ils sont placés dans des positions très élevées ou ne sont pas assez en lumière [2].

Principaux ouvrages à consulter

Selon l'ordre chronologique nous citerons les suivants:

Sousa (Fr. Luiz).

Descripção da egreja e convento da Batalha. — On la trouve dans la *Historia de S. Domingos.* Imprimé à S. Domingos de Bemfica, **1623.** — 1ère partie; 2e partie Lisbonne, 1662; 3me partie Lisbonne, 1678; 4me partie par Fr. Lucas de Santa Catharina. — Lisbonne, 1733-fol. — Toutes ces parties parurent en 2me ed. Lisbonne 1769-fol. 4 volumes. Trad. en anglais par Murphy.

Frei Luiz de Sousa se nomma dans le monde Manuel de Sousa Coutinho. L'éminent écrivain, une des gloires de la littérature nationale, n'a pas besoin d'éloges. Il aurait pu et aurait même dû réveler en 1623 les trésors de l'archive du

---

[1] Nous ne prétendons pas, dans les notes bibliographiques qu'on va lire, indiquer autre chose que les sources plus importantes pour une étude méthodique du monastère, comme elle doit être faite par les portugais qui ne se contenterent pas de la lecture si banale des guides nationaux et étrangers, publiés à foison. Et nous nous servons du mot *banal,* parce qu'il n'y a rien de plus facile aujourd'hui, comme autrefois, que de compiler, piller, et tisser une couverture de lambeaux historico-artistiques qui n'ont pas plus de valeur que les couvre-lits de notre industrie domestique; ils couvrent sans réchauffer ni réconforter et servent à peine à leurrer les pauvres. Et nous ne connaissons rien de plus difficile que de concentrer, résumer, caractériser en peu de mots une œuvre d'art quelle qu'elle soit. Du reste nous devons rappeler au lecteur ce qui est déjà connu: qu'étant, comme nous sommes, l'auteur de l'unique *Bibliographia nacional das artes e industrias artisticas* qui ait paru dans la langue portugaise, et dont il y a à peu près 2:000 numéros, la plupart existant dans nos bibliothèques particulières de notre maison de Porto, et de la Quinta da Veia, Aguas Santas, il serait malséant pour nous de faire parade de notre érudition.

[2] Avec un trièdre, de système allemand Görtz, ou de la lumière suffisante on peut vaincre à Batalha toutes ces difficultés; ces admirables instruments sont toutefois assez chers; ils côutent même en France et en Allemagne entre 200 à 250 marcs = 312 francs.

Murphy (James).

Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha in the province of Estremadura in Portugal with the description by Fr. Luis de Sousa, with remarks. To which is prefixed an *Introductory discourse* on the Principles of gothic architecture by J. M. Illustrated by 27 Plates. — London, printed for I. & J. Taylor, High-Holborn, MDCCXCV (**1795**). In fol. de IV pag. (inn.) 61 pag. e 27 estampas, contando frontispicio e dedicatoria. Entre pag. 26 e 27 ha mais 2 pag. inn.; e depois da pag. 61 mais 2 pag. tambem inn. A ordem do vol. é a seguinte: *Frontispicio* gravado com o titulo — verso branco (pag. 1-2). — *Dedicatoria* a William Conyngham (chapa grav.) — verso branco (pag. 3-4). — *Prefacio e introducção historica* de Murphy sobre a architectura gothica (pag. 1-26, e 4 grav. correspond.).

Seguem 2 pag. inn. com o titulo (verso branco) relativo á *Historia e descripção da Batalha* por Fr. Luiz de Sousa, trad. e annot. por Murphy (pag. 27-57).
Segue uma nota fornecida por W. Conyngham, pag. 58.
Descripção da planta geral do edificio, pag. 59-60.
Nota de Murphy sobre Fr. Luiz de Sousa, pag. 61.
Nota para a collocação das gravuras, pag. 61 (verso).
Lista dos subscriptores, 2 pag. inn.
Seguem 21 estampas, sendo as duas primeiras de folha dupla.

É inutil encarecer o merito extraordinario d'este glorioso trabalho! Sim, glorioso ainda hoje! Manda a verdade dizer, porém, que a traducção ingleza do texto da *Historia de S. Domingos* não é fiel em muitas passagens, como verificámos linha a linha. Soffreu até córtes e pequenas alterações. Isto importa principalmente aos estrangeiros que não souberem a nossa lingua. É a primeira vez, creio, que se faz esta advertencia em publico.

São Luiz (Fr. Francisco de) tambem conhecido como Bispo de Coimbra, Conde de Arganil e Cardeal Patriarcha ou Cardeal Saraiva.

Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. — Lisboa, **1827**. (Nas *Memor. da Acad. Real das Sciencias,* tomo X, parte I, pag. 163-232) e no vol. I (1872) da ed. das suas *Obras completas*.

Trabalho magistral para a época em que foi escripto, e ainda hoje valiosissimo. Honra seja feita á memoria d'este grande sabio e liberal prelado, um dos protagonistas do duello nacional de 1820-1833.

Mendonça (José Lourenço Domingues de).

Memoria historica do Convento da Batalha. — Lisboa, **1842** — 8.º de 41 pag. — Encontra-se no vol. III da sua trad. de Schæfer, *Hist. de Portugal.*

Haveria muito a dizer sobre as qualidades e os defeitos das varias memorias, pertencentes á Historia da Arte, que estão espalhadas pela traducção portugueza da obra do celebre historiador allemão. São pouco conhecidas e pouco lidas.

Albuquerque (Luiz da Silva Mousinho de).

Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha. — Leiria, **1854** — 8.º de X-38 pag. — 2.ª ed. — Lisboa, 1867 — 8.º de 47 pag. (incl. X de Introd.).

Foi um portuguez de lei, que traçou o seu elogio sem o querer n'este curto, mas excellente relatorio sobre o estado do monumento e o methodo a seguir na restauração e conservação d'elle. É tambem o melhor elogio de El-Rei D. Fernando, então ainda merecido, como protector que foi da Batalha.

Relvas (Carlos).

Album da Batalha. — Cêrca de 40 photographias in fol. Possuimos este album que foi arrematado no leilão da Bibliotheca do Marquez de Sousa-Holstein. Crêmos que era um exemplar unico, pela dedicatoria impressa a ouro nas pastas do album. Data, approximadamente: **1870-75**. Bella collecção, que parecia destinada a qualquer monographia.

Barbosa (Ignacio de Vilhena).

Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos, por .... Lisboa, **1886**. 8 gr. Castro, irmão, editores. A primeira memoria refere-se á Batalha, 73 pag., com estampas antiquadas. O texto é, a bem dizer, uma repetição da memoria do Cardeal Saraiva, com pouca differença. Todavia, como apresenta illustrações abundantes, que faltam n'aquelle, prestou o archeologo de Lisboa um bom serviço á nação, publicando o seu estudo. Devo ainda advertir que o estudo é uma reproducção de um trabalho que sahiu

couvent et la postérité l'aurait encore plus glorifié! Mais, préoccupé de sa *rhétorique* et aussi de sa personnalité littéraire (peut-être plus qu'il ne convenait à un moine) il oublia qu'il avait une légion d'artistes à révéler à la nation, dont quelques uns par la grâce de Dieu. Vid. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibliogr.*, vol. V et XIII.

Murphy (James).

Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha in the province of Estremadura in Portugal with the description by Fr. Luis de Sousa, with remarks. To which is prefixed an *Introductory discourse* on the Principles of gothic architecture by J. M. Illustrated by 27 Plates. — London, printed for I. & J. Taylor, High-Holborn, MDCCXCV (**1795**). In fol. de IV pag. (inn.) 61 pag. et 27 dessins, contenant le frontispice et la dédicace. Entre les pag. 26 et 27 il y a encore 2 pag. inn.; et après la pag. 61 deux autres pag. aussi inn. L'ordre du vol. est la suivante: *Frontispice* gravé avec le titre — verso en blanc (pag. 1-2). — *Dédicace* à William Conyngham (plaque grav.) verso en blanc (pag. 3-4). — *Préface et introduction historique* de Murphy sur l'architecture gothique (pag. 1-26, et 4 grav. correspond).

Suivent 2 pag. inn. avec le titre (verso en blanc) relatives à l'*Historia e descripção da Batalha* por Fr. Luiz de Sousa, trad. et annot. par Murphy (pag. 27-57).
Suit une note donnée par W. Conyngham, pag. 58.
Description du plan général de l'édifice, pag. 59-60.
Note de Murphy sur Fr. Luiz de Sousa, pag. 61.
Note pour l'emplacement des gravures.
Liste des souscripteurs.
Suivent 21 dessins, dont les deux premiers occupent chacun une double page.

Il est inutile de vanter le mérite extraordinaire de ce glorieux travail! Et glorieux encore de nos jours! Mais, la vérité nous oblige à dire que la traduction anglaise du texte de la *Historia de S. Domingos* n'est pas tout à fait fidèle en beaucoup de passages, comme nous l'avons vérifié ligne à ligne. Elle a même souffert de petites altérations et des coupures. Ceci est surtout important pour les étrangers qui ne savent pas notre langue, et il me semble que c'est la première fois qu'on fait cet avertissement en public.

São Luiz (Fr. Francisco de) connu aussi comme évêque de Coimbra, Comte de Arganil et Cardinal Patriarche ou Cardinal Saraiva.

Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha, Lisboa, **1827**. (Dans les *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences*, tome X, 1ère partie, pag. 163-232) et dans le 1er vol. (1872) de l'édition de ses *Obras completas*.

Travail remarquable pour l'époque où il a été écrit, et ayant encore aujourd'hui beaucoup de valeur. Honneur à la mémoire de ce grand prélât si savant et si libéral, et un des principaux personnages de la lutte nationale de 1820-1833.

Mendonça (José Lourenço Domingues de).

Memoria historica do Convento da Batalha. — Lisboa, **1842** — 8.º de 41 pag. — Se trouve dans le vol. III de sa trad. de Schæffer, *Hist. de Portugal.*

On aurait beaucoup à dire sur les qualités et les défauts des divers mémoires, appartenant à l'Histoire de l'Art, qui ont été répandus par la traduction portugaise de l'ouvrage du célèbre historien allemand, et qui sont peu connus et peu lus.

Albuquerque (Luiz da Silva Mousinho de).

Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha. — Leiria, **1854** — 8.º de X-38 pag. — 2me ed. — Lisbonne, 1867 — 8.º de 47 pag. (incl. X d'Introd.).

Ce fut un veritable patriote qui dans ce court mais excellent rapport sur l'état du monument et la marche à suivre pour sa conservation, a tracé, sans le vouloir, son propre éloge. C'est aussi le meilleur éloge du Roi D. Fernando, encore bien mérité, comme un protecteur qu'il a été du couvent de Batalha.

Relvas (Carlos).

Album da Batalha. — A peu près 40 photographies in fol. — Nous possédons cet album obtenu à la vente de la Bibliothèque du Marquis de Sousa-Holstein. — Par la dédicace imprimée en or sur la reliure de l'album nous pensons que c'était un exemplaire unique. — Il est daté de **1870-75** et c'est une belle collection qui semblait destinée à une monographie quelconque.

Barbosa (Ignacio de Vilhena).

Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos por ..... Lisbonne **1886**, 8 gr. Castro, irmão, editores. Le premier mémoire se rapporte à Batalha, 73 pag., avec des gravures assez démodées. Le texte est pour ainsi dire, et à peu de chose près, la répétition du mémoire du Cardinal Saraiva. Cependant

primeiramente no *Archivo Pittoresco;* e que a filiação não pára ahi, porque o *Panorama* já o editára. Onde isso vae! E por ultimo, o fallecido archeologo tinha uma arte singular de occultar cuidadosamente todas as suas fontes de estudo. Será isto ensinar proficuamente?

Anonymo. — *A Batalha* — Memoria dirigida ao snr. Conselheiro Emygdio Julio Navarro. Seguida de uma noticia ácerca do estado d'este monumento em 1876. — Lisboa, **1887** — 8.º de 36 pag.

É util, sob certos pontos de vista, consultal-o.

Visconde de Condeixa.

O mosteiro da Batalha em Portugal — Monographia ornada de vinte e seis gravuras heliographicas. Lisboa e Paris, Firmin Didot & C.ie. **1892,** 30 de Março, fol. de VII-207 pag. Com texto em portuguez e francez.

Este esplendido volume, cujo preço era de 13$500 reis, reduzido depois a 9$000 reis, foi hyperbolicamente elogiado por espertos amadores, jornalistas e pseudo-criticos que aspiravam ao respectivo presente. É natural, n'este caso, o elogio. Como não recebemos a obra graciosamente, mas a obtivemos pagando o justo preço, primitivo, estamos á vontade, para a apreciar imparcialmente. Não havia, em 1889, illustrações mais formosas, nem mais rigorosamente exactas; a impressão era (e é ainda) um primor d'arte. As estampas serão vencidas em breve pela magnifica collecção da casa Biel & C.ª que acompanhará a nossa futura monographia. São 48. Texto e illustrações ficarão assentes em novos fundamentos. N'este Album damos apenas uma amostra.

Voltemos ao auctor. O Visconde de Condeixa, deixando o trabalho de Murphy, que não percebe, em paz, deixando tambem em paz as estampas, de que diz mal (mas copiando-as para os elementos decorativos do seu volume!), haveria sido discreto e justo. Acha em Murphy só esboços? onde? Acha-os inexactos e incaracteristicos; onde? quando? e como? *Words — Words*...... Não nos dá *plantas* novas, nem um unico desenho technico novo; só aspectos exteriores, photographias, reproducções mechanicas. Nenhum desenho seu, nenhuma nota pessoal e do seu lapis. E já que fallámos de *plantas* architectonicas, que o leitor leigo não sabe lêr, geralmente, concluiremos esta rapida apreciação affirmando e provando o seguinte: que o nobre Visconde não nos fornece uma unica *planta,* que não seja copiada de Murphy; e dispensa-se de todo e qualquer alçado, córte ou perfil! No texto revela novidades singulares, que honram apenas a sua phantasia. É porém grande admirador do nosso fallecido amigo, o archeologo Vilhena Barbosa.

Haupt (Albrecht).

Na sua obra sobre a architectura da Renascença em Portugal (**1890-95**) bem conhecida, este auctor não procedeu nem com a seriedade, o rigor de estudo e a analyse segura que estamos habituados a encontrar em especialistas allemães; diremos mais: nem com a boa fé que todo o escriptor honesto deve ao publico, mórmente quando se trata de um assumpto difficil e novo, e se está fallando a um publico desprevenido. Novidades ha, dispersas pela obra, mas é o caso de dizer-se: *rari nantes in gurgite vasto.*

Joaquim de Vasconcellos. 1904 (no presente estudo, precursor de uma monographia).

* * *

Entro n'um assumpto de capital importancia para a historia da arte nacional em condições que exigem algumas palavras de esclarecimento prévio.

Embora auctores dos mais distinctos, nacionaes e estrangeiros, tenham escripto sobre o monumento, desde Frei Luiz de Sousa (1622) até ao allemão Haupt (1895), comtudo ainda ha a resolver uma serie de problemas iniciaes de caracter historico e artistico e de capital importancia. O symbolismo que se occulta sob os lavores de uma flora decorativa sobremodo interessante, só excedida pela admiravel plasticidade de uma fauna surprehendente; os elementos heraldicos tão abundantes, tão eloquentes e altivos, que uma nova geração de cavalleiros traçou em escudos e broqueis invenciveis; as divisas e emblemas, sentenças e tenções, que resumem por vezes, n'uma ou duas palavras, a alma heroica da cavallaria que se juntou na *Ala dos namorados* e alli morreu por seu Rei, sem recuar — *malo mori quam foedari*...... tudo isto é ainda para a immensa maioria dos visitantes, quer nacionaes, quer estrangeiros, como o livro de sete sellos, ou os rôlos da Sybilla.

. . . .

Passou o tempo, passaram mais de cinco seculos; e o saber, a erudição, a critica sagaz de nacionaes e estranhos investigou, inquiriu com amor; e de pesquiza em pesquiza foi erguendo lentamente

comme il présente beaucoup d'illustrations qui font défaut dans l'autre, l'illustre archéologue a rendu un bon service au pays en publiant cette étude. Je dois encore remarquer que l'étude est une reproduction d'un travail paru premièrement dans le *Archivo Pittoresco;* et que la filiation ne s'arrête pas là parce que le *Panorama* l'avait déjà publié. Où est ce temps là! Et dans les derniers temps, cet archéologue déjà décédé avait un art singulier de cacher soigneusement les sources où il puisait ses études. Est-ce une manière profitable d'enseigner?

Anonyme. — *A Batalha* — Mémoire adressé à Mr. le Conseiller Emygdio Julio Navarro. Suivi d'une notice à propos de l'état de ce monument en 1876. — Lisbonne, **1887** — 8º de 36 pag.

Utile à consulter, sous certains points de vue.

Visconde de Condeixa.

O mòsteiro da Batalha em Portugal — Monographie ornée de vingt six gravures héliographiques. Lisbonne et Paris, Firmin Didot & C.ie. **1892,** le 30 Mars, fol. de VII-207 pag. Avec texte en portugais et français.

Ce splendide volume dont le prix de 13$500 reis [1] fut depuis réduit à 9$000 reis [2] a été hyperboliquement glorifié par de malins amateurs, journalistes et pseudo-critiques qui aspiraient à sa possession. L'éloge dans un tel cas, est tout naturel. Comme nous n'avons pas reçu l'ouvrage à titre gracieux, mais l'avons acheté à sa juste valeur primitive, nous sommes tout à fait à l'aise pour l'apprécier avec impartialité. En 1889 il n'existait pas de plus belles illustrations, ni aussi rigoureusement exactes; l'impression était et est encore des plus artistiques. Les gravures seront bientôt supplantées par la magnifique collection de la maison Biel & C.ª qui accompagnera notre future monographie. Elles sont au nombre de 48. Le texte et les illustrations seront fondés sur de nouvelles bases dont nous donnons à peine un aperçu dans cet Album.

Mais revenons à l'auteur. Le Vicomte de Condeixa a-t-il été discret et juste en laissant de côté et en paix le travail de Murphy qu'il ne comprend pas, méprisant aussi les gravures, dont il parle mal, mais en les copiant néanmoins comme éléments décoratifs de son volume? Comment ne trouve-t-il dans le travail de Murphy que des ébauches? Où? Il les trouve encore incaractéristiques et inexactes: en quel endroit et comment? *Des mots — des mots*...... Il ne nous présente pas de nouveaux *plans,* pas un seul dessin technique; rien que des aspects extérieurs, des photographies, des reproductions mécaniques. Aucun dessin de lui, aucune note personnelle et de son crayon. Et puisque nous parlons de *plans* d'architecture, que le lecteur illettré ne sait généralement pas lire, nous terminerons cette courte appréciation en affirmant et en prouvant: que le noble Vicomte ne nous fournit pas un seul *plan* qui ne soit copié de Murphy et qu'il laisse dans l'oubli tout ce qui concerne les élévations, coupes et profils! Dans le texte il nous révèle de singulières nouveautés qui font à peine honneur à sa fantaisie. Il est d'ailleurs un grand admirateur de notre regretté ami, l'archéologue Vilhena Barbosa.

Haupt (Albrecht).

Dans son ouvrage bien connu sur l'architecture de la Renaissance en Portugal **(1890-95),** cet auteur n'a pas procédé avec la sincérité, la rigueur d'étude et l'analyse assurée, que nous sommes habitués à trouver dans les travaux des spécialistes allemands, et nous dirons aussi, ni avec la bonne foi que tout écrivain honnête doit au public, surtout lorsqu'il s'agit d'un sujet difficile et nouveau et qu'on s'adresse à un public pris au dépourvu. Dans ce travail il y a bien quelque chose de neuf par-ci par-là, mais c'est bien le cas de dire: *rari nantes in gurgite vasto.*

Joaquim de Vasconcellos. 1904 (dans la présente étude, précurseur d'une monographie).

* * *

J'aborde un sujet d'une importance capitale pour l'histoire de l'art national et dans des circonstances qui exigent auparavant quelques paroles d'éclaircissement.

Quoique des auteurs des plus distingués, portugais et étrangers, aient écrit à propos du monument, depuis Frei Luiz de Sousa (1622) jusqu'à l'allemand Haupt (1895), il y a toutefois encore à résoudre une série de problèmes initials de caractère historique et artistique de la plus grande importance. Le symbolisme qui se dissimule sous le fouillis d'une flore décorative des plus intéressantes, et qui n'est surpassée que par l'admirable plasticité d'une faune étonnante; les éléments héraldiques si abondants, si éloquents et altiers, qu'une nouvelle génération de chevaliers avait tracés sur des boucliers et des rondaches invincibles; les devises, les emblèmes, les sentences et les maximes qui résument souvent en un ou deux mots, l'âme héroïque de la chevalerie qui composa la *Ala dos Namorados* et

---

[1] 13$500 reis, 75 francs.
[2] 9$000 reis, 50 francs. *(N. du trad.)*

o véo, illuminando as sombras que os contemporaneos nos legaram, e os proprios chronistas da ordem de S. Domingos não lograram dissolver, confessando já no principio do sec. XVII, com vaga e temerosa hesitação, as suas duvidas sobre tantos problemas de estudo, tantos enigmas.

Fundação de um inclito principe, o *de Boa Memoria,* em lembrança de uma victoria immarcescivel e decisiva para a sorte de Portugal, o mosteiro e a egreja são como o incomparavel feito de armas que illustram, o symbolo de uma victoria popular — popular no melhor sentido! — pois nos campos de Aljubarrota foi sepultada com a flôr da nobreza castelhana, a onda revolta dos grandes fidalgos portuguezes, adversarios d'aquelle que apodavam de *Bastardo.*

Surgiu uma nova geração de cavalleiros sedentos de gloria, porque para isso lhes sobejava a virtude, ambiciosos das corôas de louro que cingem o capitão moribundo sobre as andas, porque os Deuses concedem cedo a morte aos heroes que mais amam.

A todos, senhores e peões, appareceu a visão do poeta, o sonho acariciado pelo humanista no seu gabinete de estudo e fixado no poema: *De Patientia* (*scil. De Gloria*) *christiana,* porque em tudo haviamos de ser discipulos amados dos mestres latinos e realisar os preceitos que constituiam o credo erudito de uma nobreza duplamente nobilitada pelas armas e pelas letras: *n'uma mão a espada, n'outra a penna:*

PATRIA — SALVS VITÆ
AMOR — VITÆ SALVS [1]

O santo e a senha foram então em toda a parte a mesma: *De nobilitate et gloria* [2]. E se não fôra a erudição paciente que guia, sempre desinteressada, no labyrintho da tradição, o artista e o artifice andariam semi-cegos, hospedes dentro da propria obra, procurando debalde a suprema harmonia do plano fundamental, o symbolismo occulto que dá vida e sentido á menor pedra.

Em face do monumento tendes pois de indagar dos collaboradores anonymos, de homens doutos, artifices da ideia, porque o gabinete do sabio tambem é officina.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Para o leitor entender o que significa este duplo lemma nosso, deve lêr a extensa e valiosa nota de José do Canto no livro de Jorge Coelho: *De Patientia christiana* (Lisboa, 1540) que, como é sabido, contém o singular tratado de Luciano *De Dea Syria Liber unus.* Esse rarissimo livro vimól-o e extractamol-o na Bibliotheca Real da Ajuda (1877) por causa do estudo das Cartas latinas de Damião de Goes; mas aqui o confessamos francamente: só a José do Canto cabe a gloria das importantes descobertas e revelações que o livro de Jorge Coelho traz para a vida de Camões. Vid. *Collecção Camoniana* de José do Canto. Tentativa de um Catalogo methodico e remissivo. Lisboa, Imp. Nacional, 1895, pag. 329-332.

[2] Não penso só em Jeronymo Osorio, o *Cicero portuguez;* não penso apenas em Jorge Coelho, esclarecido secretario do Cardeal D. Henrique, em Damião de Goes e André de Rezende; lembro-me d'esses e dos que, como o ultimo citado, reuniram em torno de si em Academias eruditas, para sério, arduo e proficuo estudo, a flôr da nossa nobreza; Nicolau Clenardo, o bom e jovial flamengo; Gaspar Barreiros, o incansavel viajante; Heitor Pinto, seu émulo nas viagens e nas letras; Jeronymo Cardoso, o preceptor, por excellencia, da nossa fidalguia. E quem remontar aos tempos de D. João III e D. Manoel, aos reinados de D. João II, D Affonso V, o fundador da primeira Bibliotheca regia, e mesmo D. Duarte, o promotor das *Capellas Imperfeitas,* o escriptor do *Leal Conselheiro,* encontrará factos e nomes parallelos; sómente os mestres ahi são ás vezes italianos.

qui mourût là, sans reculer, pour son Roi, *malo mori quam foedari......* tout cela est encore pour la plupart des visiteurs, nationaux et étrangers, comme le livre sept fois scellé, ou les rouleaux de la Sybille.

. . . .

Mais le temps a marché, plus de cinq siècles se sont passés, et le savoir, l'érudition et la critique éclairée des compatriotes et des étrangers a fureté, et recherché avec passion; de recherche en recherche on a soulevé lentement le voile, éclairant les ombres laissées par les contemporains et que les propres chroniqueurs de S. Domingos n'avaient pas dissipées, quoique au commencement du XVIIme siècle il eussent déjà laissé percer, avec une vague et craintive hésitation, leurs doutes sur tant d'énigmes et de problèmes d'études.

Fondés par un prince insigne, surnommé de *Boa-Memoria* [1], en souvenir d'une bataille rude et décisive pour la destinée du Portugal, le monastère et l'Eglise sont, comme l'incomparable fait d'armes qu'ils glorifient, le symbole d'une victoire populaire dans le meilleur sens du mot! — car sur les terres d'Aljubarrota avec la fleur de la noblesse castillane, a été ensevelie l'onde révoltée des grands nobles portugais, adversaires de celui qu'ils apostrophaient de *Bâtard.*

On vit surgir une nouvelle génération de cavaliers assoiffés de gloire, méritée par leurs vertus, ambitieux des lauriers qui ceignaient leur capitaine mourant sur les brancards, parce que les Dieux donnent plus tôt la mort aux héros qu'il aiment le mieux.

La vision du poète, le rêve caressé par l'humaniste dans son cabinet d'étude et fixé dans le poème: *De Patientia* (*scil. De Gloria*) *christiana,* apparût à tous, seigneurs et vassaux, parce qu'en tout il nous fallait être les disciples bien aimés des maitres latins et réaliser les préceptes qui constituaient le *credo* érudit d'une noblesse deux fois annoblie par les armes et par les lettres: *d'une main l'épée, de l'autre la plume.*

PATRIA — SALVS VITÆ
AMOR — VITÆ SALVS [2]

Le mot d'ordre fut alors partout le même: *De nobilitate et gloria* [3]. Et si ce n'était la patiente érudition toujours désintéressée qui guide l'artiste et l'ouvrier, à travers le labyrinthe de la tradition, ils marcheraient à demi aveugles, comme des hôtes dans leur propre demeure, cherchant en vain l'harmonie suprême du plan fondamental, le symbolisme caché qui donne un sens et une vie à la moindre pierre.

Devant le monument vous devez donc recourir aux collaborateurs anonymes, aux hommes savants ouvriers de la pensée, parce que le cabinet d'un savant est aussi un atelier.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Bon-souvenir.

[2] Pour que le lecteur comprenne la signification de ce double lemme qui est nôtre, il doit lire la longue et précieuse note de José do Canto dans le livre de Jorge Coelho: *De Patientia christiana* (Lisbonne 1540) qui, comme on le sait, contient le singulier traité de Luciano *De Dea Syria Liber unus.* Ce livre très rare a été vu et consulté à la Bibliothèque Royale da Ajuda (1877) à cause de l'étude des lettres latines de Damião de Goes; mais nous l'avouons franchement, c'est seulement à José do Canto que revient la gloire des découvertes importantes et des révélations que le livre de Jorge Coelho nous fournit pour la vie de Camões. Vid. *Collecção Camoneana* de José do Canto, tentative d'un catalogue historique et comparé. Lisbonne, Imp. Nationale, 1895, pag. 329-332.

[3] Je ne pense pas seulement à Jeronymo Osorio, le *Cicéron Portugais;* je ne pense pas seulement à Jorge Coelho, le sécrétaire éclairé du Cardinal D. Henrique, ni à Damião de Goes et André de Rezende; je me souviens de ceux là et de ceux qui, comme le dernier cité, ont réuni autour d'eux en de savantes Académies la fleur de notre noblesse, pour des études sérieuses, tenaces et profitables: Nicolau Clenardo, le bon et jovial flamand; Gaspar Barreiros, l'infatigable voyageur; Heitor Pinto son émule dans les voyages et les lettres; Jeronymo Cardoso, le véritable précepteur de notre noblesse. Et si l'on remonte aux temps de D. João III et D. Manuel, aux règnes de D. João II, D. Affonso V le fondateur de la première bibliothèque royale et même à D Duarte le promoteur des *Capellas Imperfeitas* (*a*), l'écrivain du *Leal Conselheiro* (*b*), on trouvera des faits et des noms semblables; seulement les maitres sont parfois des italiens.

(*a*) Chapelles imparfaites.
(*b*) Conseiller loyal.
(N. du trad.)



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral do Mosteiro

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada principal do Moste.ro

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Porta principal da Egreja

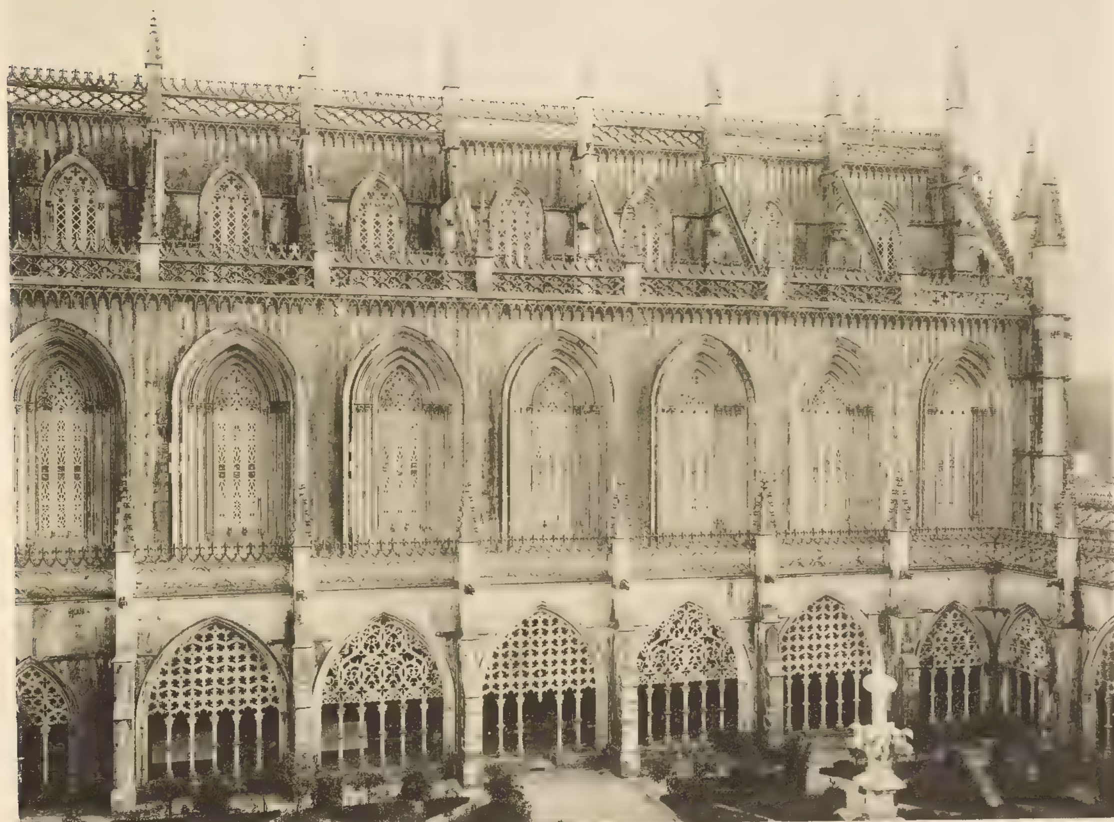
BATALHA



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta lateral da Egreja

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Exterior da Egreja, lado norte

BATALHA

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Continuação, vid. n.º 49)



E um extraordinario feito de armas foi a causa immediata da fundação da Batalha, nem por isso devemos olvidar que o mosteiro representa tambem para a historia da civilisação lusitana a synthese de um saber elevado, divino e profano, das regras da arte e da erudição portugueza.

Trabalhou-se ahi durante seculos, esculpindo-se a historia de grandes feitos, quando estava ainda fresco o sangue com que foram sagrados.

O que vêdes traduzido na pedra não foram sonhos, não! Factos, acções, não fabulas sonhadas, mentirosas. Não póde negal-o a inveja, pois ahi estão a historia severa e a arte idealisada, de mãos dadas, inseparaveis, n'um amplexo fraterno sob o prestigio de uma corôa popular; ahi estão as grandes fundações regias: a Batalha, Thomar, os Jeronymos, e mais além os memoriaes da nobreza, os templos cheios de sarcophagos e de cenotaphios, verdadeiros primores d'arte; as inscripções heroicas de S. Marcos de Tentugal, primores de entendimento; as sombrias, mas gloriosas recordações do Espinheiro, ás portas de Evora, tapetado de brazões, qual archivo heraldico talhado no marmore; S. Francisco *inter muros;* e, espalhados por todo o reino tantos testemunhos da alliança do povo com a nobreza e com o clero: Santa Maria do Castello em Estremoz, as Sés de Silves e de Miranda do Douro, de Elvas e de Lisboa, de Vizeu e da Guarda, as Collegiadas de Guimarães e de Barcellos, S. João do Alporão e Santa Maria de Almacave; as formidaveis defezas de Palmella e Leiria, duas sentinellas grandiosas cujo peito encerra uma egreja; as fortalezas de Estremoz e de Alvito, do Crato com a Flôr da Rosa, de Leça do Bailio, com serventias que parecem um acampamento. A lista seria interminavel!

Nada d'isto era possivel se um élo da cadeia se rompesse, se o povo faltasse ao seu juramento, se a nobreza olvidasse a lealdade, o clero a sua missão augusta; emfim se o rei, como pastor supremo esquecesse o seu rebanho para o deixar nas garras de lobos roazes, porque *um fraco rei faz fraca a forte gente.*

Eu serei visionario quando os vejo atravez das arcarias da Batalha, percorrendo os claustros silenciosos, descendo e subindo escadas, orando junto dos nichos ou estendidos sobre carcomidas lapides, soluçando preces em abono de passadas culpas, proprias ou alheias: um *Padre Nosso, uma Ave Maria, por amor de Deus;* quando os vejo, esses que foram nossos, em heroica procissão ás nossas mais puras glorias [1].... Saúdo-os e emmudeço!

*
* *

Embora o poeta diga: *quem não sabe a arte, não a estima,* eu creio, por honra nossa o creio firmemente, que nenhum portuguez deixará de amar, de venerar esse incomparavel monumento, de o entender bem no dia em que lh'o expliquem com amor, com carinho, em claros termos. Todo elle é uma formosa e contínua visão, uma imagem que tem um feitio, um traço (embora ás vezes quasi imperceptivel) de cada um de nós. E de imagens disse alguem: *in ipsa legunt qui litteras nesciunt.* Por ellas leram os pobres, os humildes, os ignorantes, desde os tempos da *Biblia pauperum.* . . . .

---

[1] Basta recordar um Damião de Goes, por muitos dos que na Batalha arrastaram a pesada cruz de um martyrio immerecido. Depois de condemnado por uma iniqua sentença da Inquisição, foi-lhe mais tarde diminuida a pena; mandaram-n'o em penitencia para o mosteiro da Batalha (16 de dezembro de 1572).

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le nº 49)



I un fait d'armes extraordinaire a été la cause immédiate de la fondation de Batalha, nous ne devons cependant pas oublier que le monastère représente aussi pour l'histoire de la civilisation lusitane, la synthèse des connaissances les plus élevées, divines et profanes, des règles de l'art et de l'érudition portugaise.

On y a travaillé pendant des siècles et l'histoire de grandes actions d'éclat y a été sculptée lorsque le sang qui les avait consacrées était encore fraîchement répandu.

Non, ce ne sont pas des rêves qui l'on voit reproduits sur le marbre! Ce sont des faits, des actions et non des fables menteuses et imaginaires. L'envie ne peut les renier car on y trouve l'histoire sévère et l'art idéalisé, réunis, inséparables, fraternellement enlacés sous le prestige d'une couronne populaire; voilà aussi les grandes fondations royales: Batalha, Thomar, Jeronymos et plus loin les souvenirs de la noblesse, les temples remplis de sarcophages et de cénotaphes, véritables chefs d'œuvres artistiques; les inscriptions héroïques de S. Marcos de Tentugal, chefs d'œuvres de l'intelligence; les sombres mais glorieux souvenirs de Espinheiro, aux portes de Evora, tapissés de blasons comme un archive héraldique taillé dans le marbre; S. Francisco, *inter-muros,* et répandus dans tout le royaume tant de témoignages de l'alliance du peuple avec la noblesse et le clergé; Santa Maria do Castello, à Extremoz, les Cathédrales de Silves et de Miranda du Douro, de Elvas et de Lisbonne, de Vizeu et de Guarda, les Collégiales de Guimarães et de Barcellos, S. João de Alporão, et Santa Maria de Almacava; les formidables fortifications de Palmella et Leiria comme deux sentinelles grandioses dont le sein renferme une église; les forteresses de Extremoz et de Alvito, de Crato avec la Flôr da Rosa, de Leça do Bailio, avec des dépendances semblables à un camp, et combien d'autres dont l'énumération serait interminable!

Rien de cela n'aurait été possible si un seul anneau de la chaîne s'était rompu, si le peuple avait manqué à son serment, si la noblesse avait oublié la loyauté et le clergé son auguste mission, si, enfin, le roi, comme pasteur suprême avait négligé son troupeau pour le laisser dans les griffes de loups voraces, car *um fraco rei faz fraca a forte gente* (un roi faible rend faibles les fortes gens).

Serai-je visionnaire lorsque je les évoque à travers les arceaux de Batalha, où il me semble les voir parcourir les cloîtres silencieux, descendant et montant des escaliers, priant devant les niches ou étendus sur les tombes vermoulues, sanglottant des oraisons pour leurs fautes passées, et celles des autres: *Un Pater, un Avé pour l'amour de Dieu;* quand il me semble les voir, ceux qui fûrent à nous, former un cortège héroïque à nos gloires les plus pures [1].... Je les salue et je retombe dans mon mutisme!

*
* *

Quoique le poète dise: *qui ne sait l'art, ne peut l'estimer,* je suis intimement convaincu à notre honneur, que tous les portugais aimeront et vénèreront cet incomparable monument, et pourront bien le comprendre lorsqu'on prendra la peine de le leur expliquer avec amour, avec tendresse et en termes clairs et précis. Tout en lui est une magnifique et continuelle vision, une image qui a une forme, un trait (quoique parfois imperceptible) de chacun de nous. Et en fait d'images quelqu'un a dit: *in ipsa*

---

[1] Il suffit de rappeler un Damião de Goes, parmi beaucoup d'autres qu'à Batalha, ont porté la lourde croix d'un injuste martyre. Après avoir été condamné par une sentence inique de l'Inquisition, sa peine fut plus tard amoindrie; on l'envoya comme pénitent au monastère de Batalha (16 Décembre 1572).

O rei victorioso creou uma nobreza nova e n'ella se fundiu o mais generoso, o mais genuino sangue popular, o mais leal amor que brotou algum dia do coração de um povo. Por um momento — não! por todo um longo governo de quarenta e oito annos se manteve a maravilhosa alliança dos tres Estados. Fidalgos, clerigos, populares rivalizaram em devoção pela patria, sob o sceptro d'aquelle que escolheu para si a formosa divisa: *Il me plait, pour bien* [1].

Essa alliança não devia, infelizmente, durar muito: o curtissimo reinado de D. Duarte (1433-1438), só cinco annos, e logo depois da regencia gloriosa do Infante D. Pedro, o desastre de Alfarrobeira (1449), uma desgraça nacional, porque esse inquieto, turbulento e impulsivo D. Affonso v, que escolheu para seu emblema o rodizio de um moinho em contínuo movimento, conduz a nação á derrota de Toro (1476), e fornece ao rei de Castella ensejo para contrapôr á Batalha a formosa fabrica de *San Juan de los Reyes,* symbolo tambem de uma victoria, a d'elles, e de uma derrota, a nossa. O monumento, a intenção e a desforra fazem grande honra ao valor, ao brio e ao genio artistico dos nossos adversarios.

. . . .

As funestas discordias que custaram a vida ao Regente, tristissimo preludio de um cesarismo interno, que a gloria das conquistas africanas de D. Affonso v não pôde encobrir, levam-nos naturalmente, logicamente, ás tragedias de Evora, ao governo, movido a ferro e fogo, do *Principe perfeito.* Sómente quatorze annos! — mas que annos, á moda de Luiz xi de França. Nenhum principe portuguez fez mais em tão curto tempo, se é que algum fez tanto.

Repare o leitor n'estes tres ultimos governos, desde D. Duarte, na sua curtissima duração, e nas calamidades que envolvem, e terá a explicação das difficuldades sem conta que obstaram á conclusão das Capellas Imperfeitas e determinaram a transformação da capella-mór de Belem, em estylo do Renascimento puro e rigoroso, quando a traça primitiva foi certamente concebida e executada em estylo gothico florido [2]. As mesmas causas determinaram, primeiro, as successivas interrupções na obra da Batalha; depois o abandono rapido da grande fabrica, onde cada um começou a devanear ao sabor de seus caprichos estheticos — *arte nova* de então — traçando riscos e debuxos *d'aventure.*

Para mim é evidente que o monumento na sua parte mais complexa — as *Capellas Imperfeitas* — é bem o testemunho de um estado de alma angustiado, hoje immerso n'um vago anceio, n'uma aspiração infinita de fazer bem, tão bem como os antepassados, e melhor ainda, se possivel fosse. *Désir* diz

[1] Capella do fundador: São dois grandes moimentos tão juntos, que parecem hum só: O marmore muito alvo, e fino, lavrados todos em roda de um silvado de meyo relevo com seus espinhos, e amoras, e a espaços huma letra Franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* He a empreza de fundamento tão alto, que nos dá n'ella este Principe hum conhecido penhor de seu bom juizo. Porque se a tomamos na verdadeira significação do nome Latino: *Rubus,* que he silva, ou sarça, representanos hum Moyses libertador do seu povo, chamado por Deos do meyo della, e não refusando a empreza, como elle: mas obedecendo sem tardança com a palavra: *Il me plait,* como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a todo o trance, e trabalho polo bem dos seus, e amor de quem o mandava. E se o tomamos polo Rhamno misterioso e parabolico do texto sagrado, que tambem he genero de sarça ou silva: confessase por outro Abimelech, no que toca a seu nacimento, e principios: mas como meyos, e obras de tanto valor e virtude, e com fins tão cheyos de prosperidades que foy nellas hum Abimelech ás vessas. Porque este pera reynar só matou aleyvosamente setenta irmaons filhos legitimos de seu pay, sendo elle bastardo: e o nosso esteve tão longe de ambição, que reconhecendo por mais proximos, e mais dignos herdeyros do Reyno, a dous hirmaons seus que andavão ausentes, não pretendeo mais que libertallo pera elles, com o nome de defensor: e o de Rey não tomou, se não despois que o povo junto, e a falta dos hirmaons lhe fez força. (Frey Luiz de Sousa).

[2] Vide no *Livro de Horas* (i. é: de reza) de El-Rei D. Manoel, a pagina com a scena do seu enterro, segundo diz a tradição, e a vista da capella-mór de Belem, ainda gothica. Foi de El-Rei D. Fernando; hoje na posse do monarcha reinante. Pudemos não só vêr, mas estudar pacientemente este admiravel livrinho, com o nosso amigo Ramalho Ortigão, lauda por lauda em 1895, na exposição de arte sacra do Centenario Antonino. Ha mais livros de Horas valiosissimos nos nossos archivos, mas duvidamos que se encontre outro tão elucidativo para os problemas da historia da arte nacional e dos costumes da vida portugueza, nas varias classes sociaes. É para nós, por isso mesmo que n'elle collaboraram duas gerações de artistas, entre outros os dous Hollandas, pae e filho, uma especie de *Breviarium Grimani,* guardadas as devidas proporções. Vide o *Catalogo* da Sala d'El-Rei na referida exposição, organisado por Ramalho Ortigão. No *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes* (2.ª serie, tomo iv, n.º 1) vem uma bella photographia do Real saimento de D. Manoel, com o aspecto da primitiva capella-mór de Belém. No mesmo numero encontra o leitor o Prospecto extenso de uma publicação (com parecer da Real Associação) que aspirava a realisar em 1883 o que esta, em que escrevo, iniciou com melhor fortuna em 1901.

legunt qui litteras nesciunt. C'est par elles qu'ont appris les pauvres, les humbles et les ignorants, depuis les temps de la *Biblia pauperum.*

. . . .

Le roi victorieux créa une nouvelle noblesse avec laquelle se fusionna le plus généreux, le plus pur sang populaire, et l'amour le plus loyal qui germa un jour dans le cœur d'un peuple. Et cette alliance ne fut pas momentanée; elle se maintint aussi longtemps que celle des trois États, pendant tout un long gouvernement de quarante huit années. La noblesse, le clergé et le peuple rivalisèrent en dévouement à la patrie, sous le sceptre de celui qui avait choisi pour lui la belle devise: *Il me plait,* pour bien [1].

Malheureusement cette union ne devait pas durer toujours: le règne trop court de D. Duarte (1433-1438) fut à peine de cinq ans, et aussitôt après la glorieuse régence de l'Infant D. Pedro, survint le désastre de Alfarrobeira (1449) qui fut un malheur national, parceque cet inquiet, turbulent et impulsif D. Affonso v, qui avait choisi comme emblème la poulie d'un moulin en mouvement perpétuel, conduisit la nation à la défaite de Toro (1476) et procura au roi de Castille l'occasion d'opposer au monument de Batalha, la magnifique fabrique de *S. Juan de los Reyes,* symbole aussi d'une victoire, la leur, et d'une défaite, la nôtre. Le monument, l'intention et la revanche font le plus grand honneur au courage, à la dignité et au génie artistique de nos adversaires.

. . . .

Les dissentions funestes qui coûtèrent la vie au Régent, triste prélude d'un césarisme intérieur, à peine dissimulé par la gloire des conquêtes africaines de D. Affonso v, nous conduisent naturellement et logiquement aux tragédies de Evora et au gouvernement de feu et de fer du *Principe Perfeito.* Tout cela dura seulement quatorze années, mais des années, dans le genre de celles de Louis xi en France. Aucun prince portugais n'en fit plus, ni même autant dans un si court délai.

Que le lecteur remarque bien ce qui se passa dans ces trois derniers règnes, depuis celui de D. Duarte, de si courte durée, et en pensant aux calamités qui se passèrent alors, il aura l'explication des innombrables difficultés qui empêchèrent la conclusion des Chapelles Imparfaites et qui déterminèrent la transformation du sanctuaire de Belem en style Renaissance rigoureux et pur, lorsque le tracé primitif avait certainement été conçu et executé dans le style gothique fleuri [2]. Ces mêmes causes déterminèrent d'abord les interruptions successives dans l'œuvre de Batalha, et puis l'abandon

[1] Chapelle du Fondateur: Ce sont deux grands mausolées si rapprochés qu'ils semblent un seul: le marbre très blanc et fin est fouillé tout autour, d'une haie en demi relief figurant des épines et des mûres et d'espace en espace des lettres françaises signifiant: *Il me plait pour bien.* La pensée en est si élévée qu'elle nous révèle aussitôt tout le haut jugement de ce Prince. Si nous la prenons dans la véritable acception du mot Latin: *Rubus,* qui est ronce ou haie, elle nous représente un Moïse libérateur de son peuple, appelé par Dieu et ne refusant pas la charge, comme lui, mais obéissant aussitôt avec les mots: *Il me plait,* comme s'il voulait dire qu'il s'offrait joyeusement à courir toutes les chances, pour le bien des siens et par amour pour celui qui l'envoyait. Et si nous le considérons comme le Rhamno mystérieux et parabolique du texte sacré qui est également dans le genre de haie ou ronce, il nous apparait un autre Abimelech par rapport à sa naissance et à ses principes: mais avec des moyens et des œuvres de telle valeur et à des fins si pleines de prospérités qu'il fût plutôt un Abimelech à rebours, puisque celui-ci afin de régner ne fit que tuer perfidement soixante dix frères, fils légitimes de son père, dont il était un bâtard; et le nôtre fut si dépourvu d'ambition, que, reconnaissant comme héritiers plus proches et plus dignes du royaume, deux de ses frères qui étaient absents, il ne prétendit que de délivrer pour eux le royaume, sous le simple nom de défenseur et ne prît le titre de roi, que lorsque l'absence des frères et le peuple réuni, le forcèrent à l'accepter. (Frei Luiz de Sousa).

[2] Voyez le *Livre d'Heures* (c'est-à-dire de prières) du roi D. Manuel la page où se trouve la scène de son enterrement, selon la tradition, et la vue du sanctuaire de Belem, encore gothique; ce livre a appartenu au Roi D. Fernando et se trouve maintenant en possession du Roi actuel. Avec notre ami Ramalho Ortigão nous avons pu, non seulement voir, mais étudier patiemment cet admirable petit livre, page à page en 1895, lors de l'Exposition d'art religieux du Centenaire Antonino. Il y a dans nos archives, d'autres livres d'Heures très précieux, mais il est douteux qu'on y trouve un autre aussi explicatif quant aux problèmes de l'histoire de l'art national et des mœurs de la vie portugaise dans les diverses classes sociales. Et, comme il été travaillé par deux générations d'artistes entre autres les deux Hollandas père et fils, il est pour nous une espèce de *Breviarium Grimani,* sauf les proportions. Voyez le *Catalogo* de la Salle du Roi dans cette même exposition, organisé par Ramalho Ortigão. Dans le *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes* (2me série, tome iv, nº 1) on voit une belle photographie du convoi funèbre de D. Manuel, avec l'aspect du Sanctuaire primitif de Belem. Dans le même numéro le lecteur trouvera le Prospectus détaillé d'une publication (autorisée par la Real Associação) qui prétendait devenir en 1883 ce que celle-ci où j'écris, a initié en 1901 sous de meilleurs auspices.

o Regente, e um seu fiel servidor accrescenta: *L'ardent Désir!* e cae varado, como elle, em Alfarrobeira. E perde tudo: fortuna e vida por seu amo, com o desejo de servir bem [1]. Tudo alli é symbolico no admiravel monumento. Só a interpretação completa, cabal e convincente d'essas paginas de pedra daria para um volume: dous claustros [2] formosos, frescos, florescentes, perfumados como um rosal sempre vivo; no ambito do grande mausoleu imperfeito, sete capellas, todas differentes nos lineamentos, sobretudo nos emblemas heraldicos, nas divisas, na linguagem que fallam, nas ideias que despertam [3].

Na capella do fundador doze nichos para receberem outros tantos sarcophagos de principes, todos de diverso lavor no desenho ornamental, na fauna e na flora decorativas, nas inscripções e nos monogrammas, nos emblemas e nos tropheus. Rivalisam ahi, á sombra de uma technica prodigiosa, a poesia do trovador com o realismo e o *humour* do jogral, o engenho subtil do erudito humanista com a varonil intenção do perfeito cavalleiro, que de longes terras trouxe recordações de piedosa romagem ou o echo de atrevidos lances de guerra, emfim, os suspiros de amorosas aventuras; n'uns symbolos a analogia, n'outros o contraste, mas em todos a affirmação de uma fé inquebrantavel nos nossos destinos. Assim foram os principes juntando uma capella a outra capella, n'uma collaboração febril com o architecto, dando tambem ás vezes o seu debuxo, ora bem inspirados, ora levados por um capricho, ora guiando, ora confundindo o alvenel obediente, estimulando, premiando pelo Vedor das obras ou seus agentes. E n'esta empreza andaram seculos, se sommarmos os dez ou onze collaboradores [4] da dynastia de Aviz. N'este afan, n'este estado torturado de doce, febril e sublime paixão, n'um pathos, n'uma ancia concentrada, de que hoje não fazemos ideia, consumindo-se n'um culto, n'uma aspiração que nunca dorme, o coração em chammas — *queimar y callar!* — andaram todos: os principes, os artifices, os carregadores, os olheiros, o povo mesmo que, em ondas, vindo de longes terras, acudia a vêr a grandiosa obra, em contínua romaria, desfallecido hoje, exaltado ámanhã, sobretudo quando passada a maré de ouro de D. Manoel, extincta a chuva de perolas e rubis do Oriente, apenas ficaram como lagrimas crystallisadas, annunciando um occaso proximo, os modestos aljofares que D. João III olhava com melancholia, medindo, pesando os enormes dotes de que era devedor a seus cinco irmãos [5] e á Infanta

---

[1] Sepultura de Ayres Gomes da Silva, Governador de Lisboa, (falleceu em 1454) em S. Marcos de Tentugal, na nave do lado da epistola.

[2] Eram no tempo de Murphy (17 de maio de 1792) quatro! Vide adiante as nossas declarações sobre a planta geral das construcções no seu estado actual. Quem estudou as transformações d'essa planta durante o seculo IX ?!

[3] «*Com as armas ás costas* revia traças, consultava Architectos, buscava officiaes: e ganhando por uma parte á força logares rebeldes, que lhe resistião, hia por outra edificando paredes sagradas.» (Frei Luiz de Sousa, cap. XII). É talvez allusão á romaria de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e ás grandes obras que alli fez, ao thesouro que lá deixou.

E no capitulo seguinte, terminando uma passagem ainda mais significativa: «Avia muito dinheiro, e fidelidade nos Ministros; *voava a obra, não, só corria*»..... Á voz da grandeza da obra acodio de todo o Reyno numero infinito de pionagem, a servir e trabalhar e ganhar jornaes, que este bem tem as obras grandes, manter muitos pobres.»

[4] 1. D. João I — 2. D. Duarte — 3. O Regente — 4. D. Affonso V — 5. D. João II — 6. D. Manoel — 7. D. João III — 8. A Regente D. Catharina — 9. O Cardeal Regente — 10. D. Sebastião — 11. O Cardeal Rei.

[5] Precisamente quando falleceu D. Manoel (aquelle que havia roubado a noiva ao filho), o fiel da balança começava a oscillar. Ora a ultima data inscripta nas Capellas Imperfeitas é 1533 (Vide o fasc. especimen d'esta publicação). Os chronistas mais notaveis e independentes: Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Francisco de Andrade, concordam n'este ponto capital: a ruina proxima do thesouro regio, a crise economica, a exhaustão das forças vitaes do povo. E comtudo D. João III ainda fez prodigios de resistencia durante trinta e seis annos (Dezembro de 1521 a Julho de 1557). D'este singular e desventurado principe, d'este monarcha inspirado pelos melhores intuitos, mas que recebeu uma das mais espinhosas heranças que o destino legou algum dia a um herdeiro da corôa portugueza, tem-se dito e escripto tanta injustiça, que parece impossivel fazer ouvir a voz serena e imparcial da historia no meio de tanto desconcerto!

Não foram cinco irmãos e uma irmã que teve de proteger e contrariar em tantos negocios particulares e do Estado; as irmãs eram tres, pois além da citada, tinha de attender a D. Isabel, Imperatriz, mulher de Carlos V; de olhar por D. Brites depois Duqueza de Saboia; pelas sobrinhas, filhas de seu irmão D. Duarte; pela viuva de seu pae D. Manoel, pela nora tambem viuva, pela sua propria e numerosa geração onde a morte ceifava cruelmente; viu morrer todos os nove filhos e filhas legitimas, inclusive o herdeiro da corôa; viu morrer todos os oito irmãos e irmãs (menos o Cardeal Infante D. Henrique); emfim, viu morrer mais dois filhos naturaes. Ficou-lhe só uma vergontea, uma criança, um neto, D. Sebastião, com dois annos, no momento em que El-Rei fallecia!

rapide de la grande fabrique, où chacun commença à divaguer au gré de ses caprices esthétiques — *l'art nouveau* d'antan — en traçant des plans et des dessins *d'aventure*.

Pour moi, il est évident que le monument dans sa partie la plus complexe — les *Chapelles Imparfaites* — est le plus sûr témoignage d'un état d'esprit angoissé, plongé en ce moment dans une vague anxiété, dans une aspiration infinie de bien faire, de même que les antécesseurs, ou mieux encore si c'était possible.

Le Régent dit *Désir*, mais un fidèle serviteur ajoute: *L'ardent désir* et tombe transpercé à côté de lui, à Alfarrobeira. Et il perd tout, fortune et vie, pour son maître, avec le désir de bien servir [1]. Là dans cet admirable monument tout est symbolique. L'interprétation complète, précise et convaincante de ces pages de pierre, formerait à elle seule un volume; deux cloîtres [2] beaux, frais, fleuris et parfumés comme une roseraie toujours épanouie; dans l'enceinte du grand mausolée imparfait sept chapelles, toutes différentes dans leurs linéaments, surtout dans les emblèmes héraldiques, devises, dans le langage qu'elles expriment, dans les pensées qu'elles suggèrent [3].

Dans la chapelle du fondateur douze niches pour recevoir autant de sarcophages de princes, toutes différemment travaillées dans le dessin ornemental, dans la faune et la flore décoratives, dans les inscriptions, les monogrammes, les emblèmes et les trophées. À l'ombre d'une prodigieuse technique on voit là rivaliser, la poésie du troubadour avec le réalisme et l'*humour* du bouffon, le génie subtil de l'humaniste érudit avec la bravoure virile du chevalier accompli, qui aurait apporté de pays lointains des souvenirs de pieux pélerinages, l'écho de hardies actions guerrières ou les soupirs de tendres aventures; des symboles présentent l'analogie, d'autres le contraste, mais en tous on trouve l'affirmation d'une foi inébranlable dans notre destinée.

Ainsi les princes réunirent au fur et à mesure une chapelle à l'autre, dans une collaboration fièvreuse avec l'architecte, donnant aussi parfois les dessins, tantôt bien inspirés, tantôt mûs par un caprice, guidant, ou embarassant l'ouvrier obéissant, stimulant, récompensant par les mains de l'entrepreneur des travaux ou de ses agents. Et dans cette entreprise on passa des siècles, si nous comptons les dix ou douze collaborateurs [4] de la dynastie de Aviz. Ils vivaient tous dans cette anxiété, dans cet état torturant de passion fièvreuse douce et sublime, dans un pathos, dans une angoisse concentrée, inconcevable de nos jours, se consumant en un culte, en une aspiration toujours en éveil, le cœur enflammé — *queimar y callar!* (brûler et se taire): les princes, les artisans, les portefaix, les surveillants, le peuple même qui venu de loin, accourait en foule en un pélerinage continuel pour voir l'œuvre magnifique, découragé aujourd'hui, exalté demain, surtout lorsqu'on vit tarir le flot d'or et s'éteindre la pluie de perles et de rubis d'Orient, et qu'il ne resta, comme des larmes cristallisées, annonçant une fin prochaine, que les modestes petites perles que D. João III contemplait avec mélancolie en pesant les sommes énormes qu'il devait à ses cinq frères [5] et à l'Infante D. Ma-

---

[1] Sepulture de Ayres Gomes da Silva, gouverneur de Lisbonne (mort en 1454), à S. Marcos de Tentugal, dans la nef du côté de l'Epître.

[2] Au temps de Murphy (le 17 Mai 1792) il y en avait quatre! Voir plus loin nos déclarations sur le plan général des constructions à leur état actuel. Quel est celui qui a étudié les transformations de ce plan pendant le IXme siècle?!

[3] «*Avec les armes au dos* il revoyait des tracés, consultait des architectes, cherchait des ouvriers; et s'emparant d'un côté et de force, de places revoltées qui lui resistaient, il allait d'autre part édifiant des murs sacrés». (Frei Luiz de Sousa, chap. XII). C'est peut-être une allusion au pélerinage de Notre Dame de Oliveira à Guimarães aux grands travaux qu'il y a faits et au trésor qu'il y a laissé.

Et dans la chapitre suivant terminant un passage encore plus significatif: «Il y avait beaucoup d'argent et de fidélité aux Ministres; *l'ouvrage ne courait pas, il volait*»..... En entendant parler de la grandeur de la construction on vit accourir de tout le royaume un nombre infini d'ouvriers, pour travailler, servir et gagner journellement, car c'est le bon côté des grandes œuvres, que de soutenir bien des pauvres.

[4] 1. D. João I — 2. D. Duarte — 3. Le Régent — 4. D. Affonso V — 5. D. João II — 6. D. Manuel — 7. D. João III — 8. La Régente D. Catharina — 9. Le Cardinal Régent — 10. D. Sebastião — 11. Le Cardinal Roi.

[5] Précisement à l'occasion de la mort de D. Manuel (celui qui avait enlevé la fiancée à son fils) l'aiguille de la balance commençait à osciller. Or la dernière date inscrite dans les chapelles Imparfaites est 1533 (Voir le fasc. spécimen de cette publication). Les chroniqueurs plus indépendants et remarquables: Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Francisco de Andrade sont d'accord sur ce point capital: la prochaine ruine du trésor royal, la crise économique, l'épuisement des forces vitales du peuple. Et cependant D. João III fit encore des prodiges de résistance pendant trente six ans (Décembre

D. Maria[1], a dos *Serões*, alinhando as enormes dividas da corôa em Flandres, onde a feitoria de Portugal fallira, fechando as portas[2].

Para mim a Batalha e as suas capellas, perfeitas ou imperfeitas, pouco importa, têm esta significação, porque repito: vejo essa fabrica monumental ligada á sorte dos Jeronymos, enlaçada no seu incomparavel destino tambem á sorte de Thomar e do Convento de Christo[3]. Vejo-a estendendo os braços para a sua irmã da Guarda, que vigia a fronteira, para a de Silves que vigia o mar. Tudo coberto com o mesmo lábaro *in hoc signo vinces!*

No symbolo da Cruz vencerás, mas não á sombra de uma vil cubiça.

*
* *

Muito de proposito ligamos aqui em estreita relação de parentesco os tres grandes mosteiros historicos aos templos de Silves e Guarda, porque formando, sob mais de um ponto de vista, contraste, ajudam a completar a analyse historica e artistica de um grande cyclo, que foi talvez o mais fecundo em obras de arte primorosas.

Cingindo-nos, por emquanto, á Batalha, Guarda e Silves, peço ao leitor que abstraia de uma duvida que o poderá assaltar.

Para que ir em busca de uma trilogia tão distante? Procuro typos de construcção do mesmo rei e do mesmo reinado que se completam sob o ponto de vista da intenção do edificador, da fórma escolhida pelos architectos e do material empregado, sendo esse material typico e aproveitado n'uma execução profundamente caracteristica, nacional.

Comquanto duas creações (Silves e Guarda) sejam egrejas cathedraes e uma (Batalha) sómente conventual, é todavia esta ultima que nos serve de ponto de partida, porque representa o feito nacional por excellencia. Não esqueceremos porém, as outras.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

Errata. *No fasciculo anterior deve emendar-se na citação da obra de Carlos Relvas em vez de 40 photogr. — 20.*

---

[1] A tragica sorte d'esta illustre senhora é bem o pathetico commentario da situação afflictiva d'El-Rei. Ao terminar, em 1557, parece que todas as dissonancias se agrupam em doloroso e confuso rythmo, como se ao dobre funebre de Belém se ajuntassem os bronzes do longinquo mosteiro, as vozes das capellas imperfeitas, abandonadas. O magico pincel de Moro e, além de magico na feitura, veridico, a ponto de commover hoje tanto como na hora em que o mestre lhe poz o ultimo toque — creou um retrato, que vale por uma elegia. Segurando, apontando symbolicamente para uma perola peregrina — perolas significam lagrimas — parece dizer como o Poeta, apesar dos labios firmemente cerrados, impenetraveis, vede:

Hum mover de olhos, brando & piadoso,
De qualquer alegria duvidoso....

[2] «A feitoria de Portugal em Flandres» (Maio de 1885). Memoria repetida em J. de Vasconcellos. — Damião de Goes. *Novos estudos*, 1897, pag. 51.

[3] Se certo Cardeal-Legado, vindo da rejuvenescida Italia, e um dia hospede dos monges da Batalha, confessou aos seus patricios attonitos, suspensos de seus labios: *vidimus alterum templum Salomonis* — que diremos nós, portuguezes, escutando as graves harmonias, o suave canto que enche as naves mysteriosas, ao cahir da tarde, quando o sol poente doura as arcadas, illuminando o alvo marmore com as mil côres do arco Iris; quando as visões deslizam rapidas, vaporosas atravez das vidraças córadas, e afagam a dolorida phantasia do romeiro?

ria[1], celle des *Serões*, et qu'il mettait en ligne de compte les lourdes dettes de la couronne en Flandres, ou la factorerie de Portugal, avait clos ses portes et fait banqueroute[2].

Pour moi le monastère de Batalha et ses chapelles, parfaites ou imparfaites, peu importe, ont cette signification, comme je le redis: je vois cet edifice monumental relié au sort de Jeronymos, enlacé dans son incomparable destin à celui de Thomar et du couvent du Christ[3]. Je le vois étendre les bras à son frère de Guarda qui surveille la frontière, à celui de Silves qui surveille la mer[4].

Et tous couverts du même étendard *in hoc signo vinces!*

Par le symbole de la Croix tu vaincras, mais pas par celui d'une basse convoitise.

*
* *

C'est bien intentionnellement que nous avons reuni ici dans une étroite relation de parenté les trois grands monastères historiques, aux temples de Silves et de Guarda, parce que en étant opposés sous plus d'un point de vue, ils contribuent toutefois à compléter l'analyse historique et artistique d'un grand cycle, qui a été peut-être le plus fécond en œuvres d'art remarquables.

En nous bornant pour le moment à Batalha, Guarda et Silves, je recommande au lecteur de faire abstraction d'un doute qui lui est peut-être venu.

Pourquoi aller rechercher une trilogie si éloignée? Je cherche des types de construction du même roi et du même règne qui se complètent au point de vue de l'intention de l'édificateur, de la manière choisie par les architectes et du matériel employé, celui-ci étant typique et contribuant à une exécution profondément caractéristique et nationale.

Quoique deux créations (Silves et Guarda) soient des églises cathédrales et une (Batalha) seulement conventuelle, c'est toutefois celle-ci qui nous sert de point de départ, parce qu'elle représente le fait national par excellence. Nous n'oublierons pas cependant les autres.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

Erratum. — *Dans le fascicule antérieur on doit corriger, dans la citation de l'ouvrage de Carlos Relvas au lieu de 40 photogr. — 20.*

1521 à Juillet 1557). On a dit et écrit tant d'injustices à propos de ce prince si malheureux et singulier, de ce monarque inspiré des meilleures intentions, mais qui reçut un des héritages les plus épineux que le sort a légué à un héritier de la couronne portugaise, qu'il nous semble impossible de faire entendre la voix calme et impartiale de l'histoire au milieu d'un tel désordre! Ce ne furent pas cinq frères et une sœur qu'il eût à protéger et à contrarier en tant d'affaires particulières et de l'Etat. Les sœurs étaient trois, car outre celle dont on a parlé, il lui fallait écouter D. Isabel, Impératrice épouse de Charles v; surveiller D. Brites, plus tard Duchesse de Savoie; il devait encore s'occuper des nièces, filles de son frère D. Duarte, de la veuve de son père D. Manuel, de sa bru égalemente veuve, de sa propre et nombreuse descendance que la mort fâuchait cruellement; il vit mourir tous ses neuf enfants légitimes, filles et garçons, y compris l'héritier de la couronne; il vit mourir tous ses huit frères et sœurs (sauf le Cardinal Infant D. Henrique); enfin il vit mourir encore deux fils naturels. Il ne lui resta qu'un seul rejeton, un enfant, son petit-fils D. Sebastião, âgé de deux ans, au moment de la mort du roi.

[1] Le sort tragique de cette dame illustre est bien le commentaire pathétique de la situation pénible du Roi. Vers sa fin en 1557, il semble que toutes les dissonances se groupent en un rythme douloureux et confus, comme si au glas funèbre de Belem, venaient s'ajouter les bronzes du monastère éloigné, les voix des chapelles imparfaites, abandonnées. Le pinceau magique de Moro, et non seulement magique, mais véridique au point de nous émouvoir aujourd'hui autant qu'à l'heure où le maître y posa la dernière touche, a créé un portrait qui vaut une élégie. Tenant dans ses doigts et montrant symboliquement une perle exquise — les perles signifient des larmes — à travers ses lèvres closes impénétrables, il semble dire comme le Poète

Hum mover de olhos, brando & piadoso,
De qualquer alegria duvidoso....

[2] La factorerie de Portugal en Flandres (Mai 1885). Mémoire répété par J. de Vasconcellos. — Damião de Goes. *Novos Estudos,* 1897, pag. 51.

[3] Si un Cardinal-Légat, venu de l'Italie renaissante, hôte passager des moines de Batalha, a avoué à ses compatriotes étonnés, attentifs à ses mots: *Vidimus alterum templum Salomonis* — que dirons-nous donc, portugais, en écoutant les graves harmonies, le chant suave qui remplit ces nefs mystérieuses, à la tombée du soir, quand le soleil couchant dore les arcades, illuminant le marbre blanc de mille couleurs irisées; lorsque les visions passent rapides, vaporeuses à travers les vitraux coloriés et caressent la dolente fantaisie du pélerin?

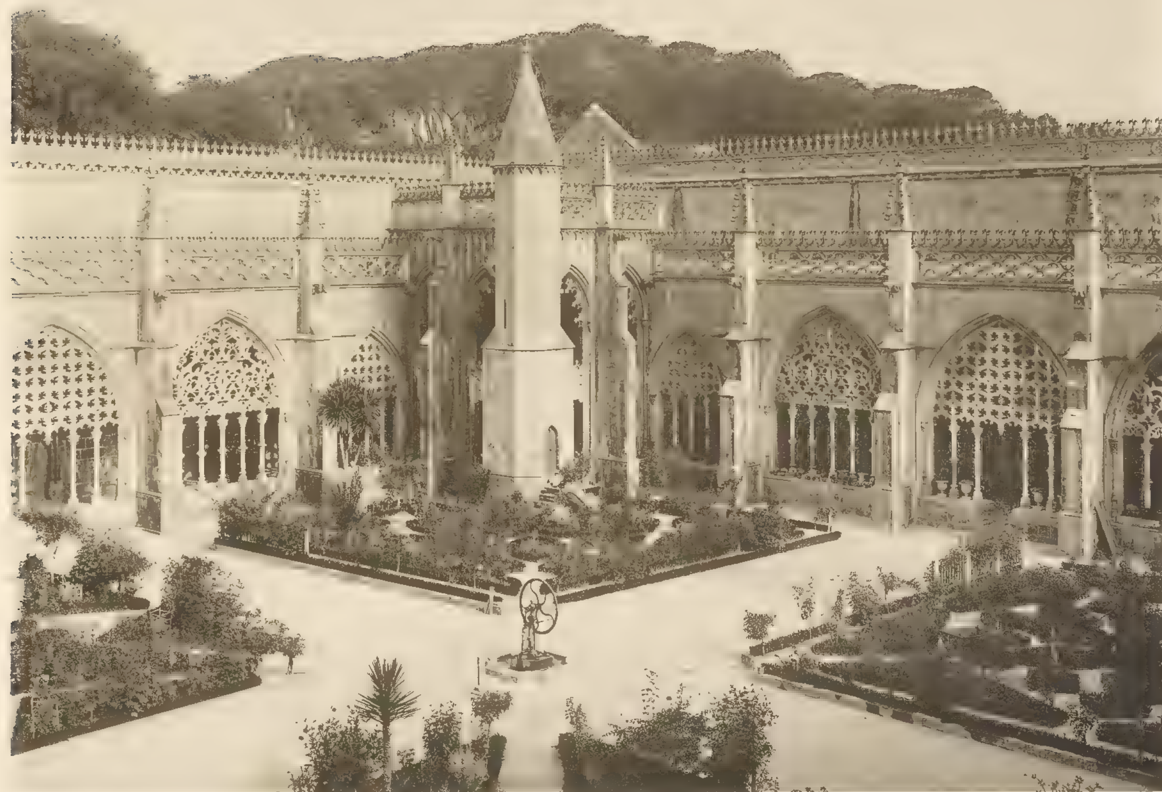
[4] Un regard plein de douceur et de piété, qui doute d'une joie quelconque. — (*N. du trad.*)



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG SIADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Egreja
BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Claustro Real

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior do Claustro Real

BATALHA





EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Uma porta e uma janella do Claustro Real

BATALHA

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Continuação, vid. n.º 50)



PODIA um templo como o da *Batalha* ser delineado e construido por artistas exclusivamente nacionaes? Esta questão inicial da paternidade póde e deve lisongear o espirito dos patriotas. Não fugirei á resposta, mas não m'a peçam á custa da verdade.

Comtudo, ha ainda outro problema não menos importante:

Ha ou havia precedentes artisticos, monumentos portuguezes, gothicos, anteriores á Batalha que nos autorizem a affirmar, á falta de documentos insuspeitos, (e não os ha) ser o grande templo producto da inspiração nacional?

Ha ou havia em Portugal escóla ou escólas de canteiros? as *Bauhütten* [1], as officinas-escólas da Edade Média europeia, porque a Batalha foi começada [2], note-se bem, quando o estylo gothico batia em retirada perante a Renascença triumphante, nos paizes que dictavam as leis da Arte e impunham as novidades da phantasia aos discipulos maiores ou menores, tributarios da Italia sempre fecunda?

A segunda pergunta é, pois, verdadeiramente a primeira.

Tenho corrido o meu paiz ha quasi quarenta annos com o lapis na mão — lapis de amador, é certo, mas com os claros olhos e a reflexão paciente de quem aprendeu o methodo de estudar com os mestres da litteratura d'arte, sobretudo com os allemães e francezes. Tenho, como poucos portuguezes, prestado ha mais de trinta annos á Arte hespanhola em todas as suas manifestações a mais seria e leal attenção; tenho tributado o mais sincero e affectuoso estudo ao que escrevem e publicam e traduzem em admiraveis monumentos e não menos admiraveis publicações, os nossos visinhos hespanhoes, a quem devo tambem muita lição proveitosa, a quem admiro no meu gabinete, a quem confesso ainda uma vez o mais vivo reconhecimento. Entendi e ainda entendo que devemos estudar juntos a arte peninsular. O meu gabinete não é uma arca de segredos nacionaes; tem portas e janellas e, portanto, algum horizonte. Vi e vejo presentemente como n'um panorama os templos do estylo gothico primario, dispersos pelo paiz [3]; vi e vejo os que marcam em época ainda anterior, o periodo de transição do

---

[1] Muito de proposito não traduzimos o termo allemão pelo equivalente francez: *loge maçonique*, porque o leitor enganar-se-ia. A officina-escóla da Edade-Média nada tem absolutamente com a *maçonaria*, no sentido moderno (o da philantropia e fraternidade geral), posto que esta use e abuse dos signaes e, ás vezes, dos emblemas convencionaes dos antigos canteiros. Convem accentuar aqui o seguinte: os signos que cobrem as paredes de certos monumentos europeus (incluindo os peninsulares) não são siglas secretas, mas designam apenas a tarefa de cada operario, ou grupos de operarios, sob a direcção de determinado mestre. Não ha a menor duvida que as corporações de operarios da Edade-Média (Confrarias ligadas por Compromissos ou Estatutos) cuidavam admiravelmente dos interesses da classe, sob formulas convencionaes; mas, d'estas só mui poucas eram secretas e não tinham geralmente senão uma utilidade technica. Vid. o nosso Estudo sobre a Architectura manoelina (1885) e o que ahi dissemos sobre as *Bauhütten*, pag. 11; sobre os mestres constructores e desenhadores, pag. 29 e seg. Vid. a Memoria, tão interessante, de J. P. N. da Silva, sobre os signaes gravados nos monumentos de Portugal. Lisboa, 1868.

Veja-se o vol. IV de Schnaase: *Gesch. der bildenden Künste im Mittelalter*, pag. 205 e seg. *Symbolik der Mittelalterl. Architektur*. E para a theoria da construcção, o tratado mais antigo de Villard de Honnecourt (sec. XIII), edição de Lassus. A questão technica tem sido tratada, de resto, em varias publicações minhas desde 1877 e 1879, com relação a Portugal e á visinha Hespanha. O tratado theorico mais antigo é, alli, o de Juan Gil de Ontañon, que corre tambem sob o nome de Juan Garcia (princ. do sec. XVI). Vide J. de Vasconcellos, *Albrecht Dürer e sua influencia na peninsula*. Porto, 1877; e *Reforma do Ensino de Desenho*, Porto, 1879, passim.

[2] No anno de 1388, segundo outros já em 1386.

[3] É difficil apresentar uma lista de edificios que corresponda rigorosamente ao que no texto se affirma: de um lado, monumentos do *gothico primario puro;* do outro, construcções do periodo de transição *romanico-gothico*. Entre nós construiu-se geralmente devagar, com modestos recursos, que não correspondiam ao intento bem peninsular: fazer obra grandiosa. Contava-se com a esmola dos fieis, ou com donativos incertos de padroeiros generosos, que a morte ceifava aos centos, nas conquistas do Oriente. D'ahi, interrupções frequentes das obras, e como o tempo trazia novidades e os mestres canteiros tambem morriam, lá iam os desenhos primitivos para o limbo e appareciam debuxos novos, gente nova do officio. A lista dos edificios, segundo a chronologia da sua construcção, está feita, mas por falta de espaço é aqui supprimida.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le nº 50)



UN temple comme celui de *Batalha* aurait-il pu être tracé et construit par des artistes exclusivement nationaux? Cette question de paternité peut et doit flatter l'esprit des patriotes; je ne me déroberai pas à la réponse, mais qu'on ne me l'exige pas aux dépens de la vérité.

Cependant il existe encore un autre problème non moins important:

Y-a-t-il ou y avait-il quelques précédents artistiques, des monuments gothiques antérieurs à Batalha qui puissent nous porter à croire, faute de documents insuspects, (et il n'y en a pas) que le grand temple est le produit de l'inspiration nationale?

Existe-t-il ou existait-il en Portugal une école ou des écoles de marbriers? les *Bauhütten* [1], les écoles-ateliers du moyen âge européen, parce que le couvent de Batalha a été commencé [2], qu'on le remarque bien, lorsque le style gothique battait en retraite devant la Renaissance triomphante, dans les pays qui dictaient les lois de l'Art et qui imposaient les nouveautés de fantasie aux élèves majeurs et mineurs, tributaires de l'Italie toujours féconde?

La deuxième question est donc véritablement la première.

Il y a presque quarante ans que je parcours mon pays le crayon à la main — un crayon d'amateur certainement, mais avec des vues éclairées et la réflexion patiente de quelqu'un qui a appris la méthode d'étudier avec les maîtres de la littérature d'art, surtout avec les allemands et les français. Comme peu de portugais, j'ai depuis plus de trente ans prêté l'attention la plus sérieuse et plus loyale à l'Art espagnol dans toutes les manifestations; j'ai voué l'étude la plus affectueuse et sincère, à ce qu'écrivent, publient et traduisent en d'admirables monuments et de non moins remarquables publications, nos voisins espagnols, auxquels je dois beaucoup de leçons profitables, que j'admire dans le recoin de mon cabinet, et à qui je consacre encore une fois ma plus vive reconnaissance. J'ai toujours pensé et je pense encore que nous devons étudier ensemble l'art péninsulaire. Mon cabinet n'est pas un coffre de secrets nationaux, il a des portes et des fenêtres et partant quelque horizon. J'ai vu et je vois actuellement, comme en un panorama, les temples de style gothique primaire dispersés dans le pays [3]; j'ai vu

---

[1] C'est bien intentionnellement que nous n'avons pas traduit le terme allemand par son équivalent français: *loge maçonique* parce le lecteur s'y serait trompé. L'atelier-école du Moyen-âge n'a absolument rien avec la *franc-maçonnerie*, dans le sens moderne (celui de philantropie et de fraternité générale), bien que celle-ci use et abuse des distinctifs, et quelquefois des emblèmes conventionnels des anciens marbriers. Il faut bien signaler ce qui suit: les signes qui couvrent les murs de certains monuments européens (y compris ceux de la péninsule) ne sont pas des marques secrètes, mais ils désignent simplement la tâche de chaque ouvrier ou groupe d'ouvriers sous la direction d'un certain maître. Il est hors de doute que les corporations d'ouvriers du Moyen-âge (confrèries liées par des Compromis ou des Statuts) soignaient admirablement les intérêts de leurs classes, d'après des formules conventionelles; mais il y en avait bien peu de secrètes et elles n'avaient ordinairement qu'une utilité technique. Voir notre Estudo sobre a Architectura manoelina (1885) et ce que nous y avons dit à propos des *Bauhütten*, pag. 11; à propos des maitres constructeurs et dessinateurs pag. 29 et suiv. Voir le Mémoire, si intéressant, de J. P. N. da Silva sur les signes gravés sur les monuments de Portugal. Lisbonne, 1868.

Voir le vol. IV de Schnaase: *Gesch. der bildenden Künste im Mittelalter*, pag. 205 et suiv. *Symbolik der Mittelalterl. Architektur*. Et pour la théorie de la construction, le traité plus ancien de Villard de Honnecourt (sec. XIII), edition de Lassus. La question technique a été traitée, d'ailleurs, en quelques unes de mes publications, depuis 1877 et 1879, relativement au Portugal et à notre voisine l'Espagne. Le traité théorique plus ancien est en Espagne celui de Juan Gil de Ontañon, qui a paru aussi sous le nom de Juan Garcia (commencement du XVIme siècle). Voir J. Vasconcellos, *Albrecht Dürer e sua influencia na peninsula*, Porto, 1877; et *Reforma do ensino de desenho*, Porto, 1879, passim.

[2] L'année 1388, d'après d'autres déjà en 1386.

[3] Il est difficile de présenter une liste d'édifices qui corresponde exactement à ce que l'on assure dans le texte; d'un côté, des monuments du *gothique primaire pur*, de l'autre, des constructions de la période transitoire *romane-gothique*. Entre nous on a construit généralement, très lentement, avec de modestes ressources, qui ne correspondaient pas à l'intention bien péninsulaire: faire des œuvres grandioses. On comptait sur les aumônes des fidèles, ou sur des donations incertaines de protecteurs généreux, que la mort faûchait par centaines dans les conquêtes d'Orient. De là, les fréquentes interruptions des travaux et comme le temps amenait des innovations et les maitres marbriers mouraient aussi, les dessins pri-

estylo romanico para o ogival. Pois bem: em qualquer dos cyclos houve boas obras, levantadas por mãos habeis, bem disciplinadas e bem conduzidas. E essas qualidades dos canteiros portuguezes e dos mestres do officio ou da fabrica revelam-se com igual amor e concentrada devoção artistica, tanto nos grandes templos, como nas mais modestas egrejas de desconhecidas freguezias, occultas entre os pinheiraes, onde o gemer da rôla brava ou o grito estridulo do gaio são o unico signal que saúda o antiquario.

Em qualquer dos periodos encontramos ora em documentos, ora na pedra — o que vale bem mais — nomes de alveneis, operarios e mestres de obras, tudo misturado fraternamente. São raras estas testemunhas, se tivermos em conta o grande numero das edificações; mas lembremo-nos que todos elles trabalhavam sómente para maior honra e gloria de Deus e não para assoalhar vaidades.

Temos porém hoje obrigação de os tirar da sombra, de os filiar e agrupar. Escriptores pacientes, laboriosos, sabios e de honestas intenções têm desde os tempos do Visconde de Juromenha [1] desenterrado milhares de documentos escriptos, que fallam de artistas e citam nomes sem conta, mas á custa de tanto rebuscar em archivos, esqueceram os paleographos que, além dos velhos pergaminhos, ha sobretudo os proprios monumentos, de que parecem ter receio; ha pedras, symbolos, debuxos que sabem responder a quem os interroga com criterio e com essa paixão paciente de que falla um velho proverbio: *amor patiens solus amor est.* Ora, eu não encontro muitos d'esses antiquarios devotos que saibam gastar uma vida laboriosamente, para saldar uma divida de gratidão a essas esphinges de pedra, que resumem os capitulos mais gloriosos da nossa arte nacional e da historia da nação. São productos de combinações de linhas, anteriores a toda a paleographia dos archivos.

Ainda ha outro motivo que diminue, a meus olhos, muito sensivelmente o valor dos velhos documentos para a historia da arte e das industrias nacionaes: a abundancia de homonymos; ás vezes n'um periodo curtissimo, e até dentro do governo do mesmo principe encontrámos cinco ou seis Alvares, outros tantos Vascos, Domingos e Joões, tres ou quatro *mestres* Antonios, uma duzia de Vedores de Obras sem nome definido; mas os papeis velhos dizem ser «o de Thomar», agora, mas que foi o de Belém (sic). E assim por diante. Já o sabio allemão Peschel, que era uma authoridade, disse, escreveu e provou que a chronologia, a clareza nas datas era o lado fraco, mas muito fraco, dos nossos chronistas, (aliás distinctissimos) com excepção de Damião Goes e do grande João de Barros.

Que é conveniente que marchemos todos juntos, d'accôrdo; mas não venham impôr-nos processos exclusivos, como se o pó da papelada dos armarios fosse o unico remedio para a ignorancia quasi geral que se manifesta com uma audacia infrene em tudo o que interessa á historia da arte nacional. Todos fallam, porque todos acham a lampada de Aladino quando querem.

Aquillo que nos diz o nosso modesto candieiro de azeite é, em resumo, o seguinte:

1.° Que é muito provavel que o plano geral da Batalha seja o resultado de uma discussão realisada em Junta [2] ou concurso de architectos;

2.° Que um, o preferido, désse o desenho definitivo das tres naves, do cruzeiro e das cinco capellas absidaes (capella-mór e quatro lateraes).

3.° Que a *Capella do Fundador* pertence ao primeiro traçado ou planta primitiva.

4.° Que o *Claustro Real* está nas mesmas condições.

5.° Que a *Casa do Capitulo,* ligada organicamente ao Claustro Real, assim como o está ao templo por intermedio da *Sacristia,* está comprehendida n'essa mesma planta.

Tudo o mais, e ainda é muito, como veremos, são additamentos architectonicos mais ou menos bellos, florescencias, phantasias, caprichos ou casas uteis de serventia (officinas proprias de todos os conventos, por exemplo: celleiros, adégas, etc.), estas, ás vezes, sem a menor significação artistica.

---

[1] Os documentos que elle forneceu a Raczynski não têm conta. Assim m'o disse ainda em 1872 o venerando ancião. O Conde tambem francamente o confessou nos seus volumes. Ultimamente, o snr. Sousa Viterbo (*Diccionario dos Architectos,* etc. e em outras obras), tem-se dedicado á pesada tarefa que Juromenha, por incidente, desempenhou junto de Raczynski.

[2] As Juntas de architectos estavam na ordem do dia em toda a Hespanha medieval. Porque fariamos nós excepção? Vide G. E. Street, *Gothic architecture in Spain.* London, 1869, sec. edit. passim. Vide tambem o nosso estudo sobre a *Architectura manoelina,* pag. 11, 12, 22, 23, etc. De resto, as palavras do chronista Fr. Luiz de Sousa não contraríam o que allegamos.

et je vois ceux qui, à une époque encore plus reculée, marquent la période transitoire du style roman au style ogival. Eh bien: dans tous ces cycles il y a eu de belles œuvres, élevées par des mains habiles, bien disciplinées et bien dirigées. Et ces qualités des marbriers portugais et des maîtres de fabrique ou de métiers se révèlent avec le même amour, avec le même dévouement artistique concentré, autant dans les grandes temples que dans les modestes églises de paroisses ignorées, cachées dans les sapinières, où le roucoulement de la tourterelle sauvage et le cri strident du geai sont les seuls signes qui saluent l'antiquaire.

Dans chacune de ces périodes nous trouvons tantôt dans des documents, tantôt sur la pierre — ce qui vaut bien mieux — des noms de maçons, d'ouvriers et d'architectes tous fraternellement réunis. Ces temoignages sont rares surtout en considérant le grand nombre d'édifications; mais nous devons rappeler qu'ils travaillaient tous seulement pour la plus grande gloire et l'honneur de Dieu, et non pour tirer vanité de leurs œuvres.

Mais aujourd'hui nous devons les faire sortir de l'ombre, les classer et les grouper. Des écrivains patients, laborieux, érudits et pleins d'honnêtes intentions, depuis les temps du Vicomte de Juromenha [1], ont déterré des milliers de documents écrits qui parlent d'artistes et citent une infinité de noms, mais à force de tant rechercher dans les archives, les paléographes ont oublié que, outre les vieux parchemins, il y a encore les propres monuments dont ils semblent avoir peur; il y a des pierres, des symboles, des dessins qui savent répondre à ceux qui les interrogent avec discernement et avec cette passion tenace dont parle un vieux proverbe: *amor patiens solus amor est.* Or, je ne trouve pas beaucoup de ces antiquaires dévoués qui sachent dépenser laborieusement une vie, pour acquitter une dette de reconnaissance à ces sphynx de pierre qui résument les chapitres les plus glorieux de notre art national et de l'histoire de la nation. Ce sont des produits de combinaisons de lignes, antérieurs à toute la paléographie des archives.

Il y a encore une autre raison qui amoindrit très sensiblement à mes yeux, la valeur des vieux documents pour l'histoire de l'art et des industries nationales: l'abondance des homonymes; bien des fois dans une courte période, et même sous le règne d'un même prince nous trouvons cinq ou six Alvares, autant de Vascos, Domingos et Joões, trois ou quatre *maîtres* Antonios, une douzaine de surveillants sans nom défini; mais les vieux papiers disent que c'est celui de «Thomar», maintenant, mais qui avait été celui de Belem (sic). Et ainsi de suite. Le savant Peschel, qui était une autorité, avait déjà dit, écrit et prouvé que la chronologie, la clarté des dates était le côté faible mais très faible de nos chroniqueurs, (d'ailleurs très distingués) excepté Damião de Goes et le fameux João de Barros.

Je suis d'avis qu'il est convenable de marcher tous ensemble; mais qu'on ne vienne pas nous imposer des procédés exclusifs, comme si la poussière des paperasses des armoires était le seul remède pour l'ignorance presque totale qui se manifeste avec une audace effrénée en tout ce qui se rapporte à l'histoire de l'art national. Tout le monde parle parce que tous trouvent la lampe d'Aladin quand ils le veulent.

En résumé, voilà ce que nous dit notre modeste lampe à huile:

1° Qu'il est probable que le plan général de Batalha ait été le résultat d'une discussion réalisée en une Assemblée [2] ou concours d'architectes;

2° Que l'un d'eux, le préféré, aurait donné le dessin définitif des trois nefs, du transept et des cinq chapelles de l'abside (le maître autel et quatre latérales).

3° Que la *Capella do Fundador* (Chapelle du Fondateur) appartient au premier tracé ou plan primitif.

---

mitifs s'en allaient à l'abandon et on voyait paraître de nouveaux plans, de nouveaux ouvriers. La liste des métiers, d'après l'ordre chronologique de sa construction, est faite, mais faute d'espace elle est ici supprimée.

[1] Les documents qu'il a fournis a Raczynski sont innombrables. C'est ce que m'a dit encore en 1872 le vénérable vieillard. Le Comte l'a aussi avoué franchement dans ses volumes. Dernièrement, Mr. Sousa Viterbo (*Diccionario dos architectos,* etc. et en d'autres ouvrages) s'est dévoué à la tâche ardue dont Juromenha, par incident, s'était acquitté avec Raczynski.

[2] Les Juntas (assemblées) d'architectes étaient à l'ordre du jour dans toute l'Espagne du Moyen-âge. Pourquoi aurions nous fait exception? Voyez G. S. Street, *Gothic architecture in Spain* — London, 1869, sec. edit. passim. Voir aussi notre étude sur l'*Architectura manoelina,* pag. 11, 12, 22, 23, etc. Du reste les paroles du chroniqueur Fr. Luiz de Sousa ne contrarient pas nos allégations.

Quizeram alguns criticos, e não são os menos instruidos, reconhecer na Batalha reminiscencias d'esta ou d'aquella cathedral ingleza. Citaram-se até nomes, *soi-disant* inglezes ou irlandezes — mas esqueceram esses senhores, aliás de muito respeito, de olhar para o que tinham bem perto — para a *Cathedral de Burgos.*

O que vou dizer é o resultado novo de um estudo que a critica classificará como o merecer, digo: a critica dos que souberem o pouco ou muito que aprendi. É o resultado do estudo rigoroso de dezenas de plantas e de uma multidão infinita de desenhos e argumentos technicos, que não tenho nenhuma duvida de discutir com os profissionaes. (Aqui falta-nos o espaço).

1.º É imitada de Burgos, Capella do Condestavel Velasco, a ideia das *Capellas Imperfeitas* e sua ligação á egreja por meio de um atrio de abobada elegantemente artezoada.

2.º Em Burgos, como na Batalha, tres naves; cinco grandes divisões no vasto cruzeiro, como na Batalha. A analogia da planta seria ainda mais sensivel, se as naves lateraes de Burgos terminassem, arredondando-se á altura correspondente, em vez de formarem *charola,* circumdando a capella-mór.

3.º O que em Burgos é a Capella do Condestavel Velasco apresenta-se como um polygono de oito lados; na Batalha temos igualmente a mesma figura interna (vide Murphy, lettra R), repetindo-se nas oito grandes capellas que abrem sobre o polygono. Systema do *artezoado,* o mesmo.

A cathedral de Toledo [1], está relacionada intimamente com a de Bourges (França); a de Burgos (Castella) com o mesmo modelo; a de Leon com Chartres. Os criticos allemães acham em Burgos ainda muita analogia com a esplendida Cathedral de Rheims (Champagne). Os francezes demonstram a concordancia entre a cathedral de Colonia e a sua formosa construcção anterior de Amiens. Ha muitos outros casos de predominio francez, citados por Enlart (pag. 473 e seg.). Em Burgos, as torres são obra de dois allemães, pae e filho, da cidade de Colonia (Allemanha); o plano é, na essencia francez; a obra gothica, florida e plateresca, pertence essencialmente á Hespanha e a borgonheses nacionalisados. Os grandes templos inglezes tornaram-se tambem tributarios do *opus francigenum,* que estendeu os braços até ao Oriente (China). Como havia a nossa arte de permanecer isolada?

Abreviamos n'este logar a demonstração em detalhe, porque o leitor não a entenderia sem desenhos. O material que temos sobre a mesa não é accessivel á maioria dos leitores; no emtanto, é possivel que a relativa pobreza das nossas bibliothecas publicas em obras modernas — (a dotação do governo é quasi irrisoria!) seja um dia... supprida por dotação de particulares. N'este caso poderão affluir alli as obras que vamos citar; grande publicação allemã: A. Junghaendel und Gurlitt, *Die Baukunst Spaniens,* Dresden, Gilbers editor; B. Uhde, *Baudenkmaeler in Spanien und Portugal,* Berlin, Ernst Wasmuth, editor; C. Lübke, *Denkmaeler der Kunst,* Stuttgart, Ebner & Seubert, editor. Convém comparar e conferir o que allegamos, nas respectivas plantas, córtes e alçados dos edificios citados. É certo que Gurlitt e Uhde trabalharam sobre os *Monumentos arquitectonicos de España,* honra e gloria da nação hespanhola e do seu governo, mas os estrangeiros vêem, ás vezes, mais do que os nacionaes. O nosso amigo Pedro de Madrazo ampliou ainda o já notavel trabalho de Junghaendel, com um Supplemento, no mesmo editor allemão. Veja o leitor ainda para a verificação do que allegamos sobre a construcção technica das abobadas, na architectura gothica, e dos elementos que as sustentam: pilares, columnas, columnellos (enfeixamentos), systema de artezoados, etc., os seguintes estudos no jornal da Associação dos architectos de Vienna d'Austria: *Allgemeine Bauzeitung.* Wien, 1878, editor Waldheim. Anno XLIII, artigos dos seguintes autores: R. Redtenbacher, *Aphorismen über Baugeschits schreibung;* Fr. Steiner & Th. Hübl, *Ueber graphische Behandlung des Bogenträgers* ohne Gelenk bei konstantem Querschnitt und Bestimmung der Stützlinie bei Gewölben. (Lições da Escóla polytechnica de Vienna); L. Trzeschtik, ajudado pelos estudos anteriores de Mothes, Kugler e Schnaase: *Ueber die franzözische, spanische, italienische und englische Gothik,* etc., sobre a arte gothica franceza, hespanhola, italiana e allemã, etc. (e possibilidade do seu desenvolvimento em sentido moderno e com applicação moderna).

Não se imagine, porém, que pretendemos filiar toda a construcção da Batalha na cathedral de

[1] Vid. n'este templo a capella-sepulchral do Condestavel Alvaro de Luna ligada á dupla charola; a de S. Ildefonso, considerada como prolongamento evidente da Capella-Mór (Junghaendel est. 72).

4º Que le *Claustro Real* (Cloître royal) est dans les mêmes conditions.

5º Que la *Casa do Capitulo* (Salle du Chapitre) liée organiquement au Cloître Royal, de même qu'elle l'est au temple par la *sacristie,* est comprise dans ce même plan.

Tout le reste, et c'est encore beaucoup, comme nous le verrons, sont des accroisements architecturaux plus ou moins soignés, des floraisons, des fantaisies, des caprices ou des appartements de service, comme il en existait dans tous les couvents, des greniers, des caves, etc., très utiles, mais la plupart des fois sans la moindre signification artistique.

Quelques critiques, et non des moins instruits, ont prétendu reconnaître dans la Batalha, des reminiscences de telle ou telle cathédrale anglaise. On a même cité des noms anglais ou irlandais — mais ces messieurs d'ailleurs fort respectables, ont oublié d'observer ce qui était plus près d'eux — *la Cathédrale de Burgos.*

Ce que je vais avancer est le résultat récent d'une étude que la critique classera selon son mérite, c'est-à-dire, la critique de ceux qui reconnaissent la valeur de ce que j'ai appris. C'est le résultat de la rigoureuse étude de quelques dizaines de plans et d'une multitude infinie de dessins et d'arguments techniques que je suis prêt à discuter avec les professionnels (Ici l'espace nous manque).

1º L'idée des *Capellas Imperfeitas* (*Chapelles Imparfaites*) et leur liaison à l'église au moyen d'un parvis à voûte élégamment nervurée, est imitée de Burgos, Chapelle du Connétable Velasco.

2º A Burgos, comme à Batalha, trois nefs; cinq grandes divisions du vaste transept aussi qu'à Batalha. L'analogie du plan serait encore plus sensible si les nefs latérales de Burgos terminaient en s'arrondissant à la distance correspondante au lieu de former *niche,* autour du sanctuaire.

3º Ce qui à Burgos est la chapelle du Connétable Velasco, présente un polygone à huit faces; à Batalha nous avons aussi la même figure intérieure (voyez Murphy, lettre R) se répétant dans les huit grandes chapelles qui ouvrent sur le polygone. Le système de nervures est le même. La cathédrale de Toledo [1] se rapporte intimement à celle de Bourges (France); celle de Burgos (Castille) avec le même modèle; celle de Léon avec Chartres. Les critiques allemands trouvent encore à Burgos beaucoup d'analogie avec la splendide cathédrale de Reims (Champagne). Les français remarquent la ressemblance entre la cathédrale de Cologne et leur belle construction antérieure, d'Amiens. Il y a encore beaucoup d'autres cas de prédominance française, cités par Enlart (pag. 473 et suiv.). A Burgos les tours sont l'ouvrage de deux allemands, père et fils, de la ville de Cologne (Allemagne); le plan est, en essence, français; le travail gothique fleuri et plateresque, appartient essentiellement à l'Espagne et à des Bourguignons nationalisés. Les grands temples anglais ont été également tributaires de l'*opus frangenum,* qui étendit les bras jusqu'à l'Orient (Chine). Comment notre art aurait-il pu rester isolé?

Nous avons abrégé ici notre démonstration en détail, parce que le lecteur ne l'aurait pas comprise sans dessins. Les éléments que nous possédons ne sont pas accessibles à la plupart des lecteurs; cependant il est possible que la pauvreté relative de nos bibliothèques publiques en ce qui concerne des ouvrages modernes — (la dotation officielle est presque dérisoire! — soit un jour suppléée par des donations particulières. Dans ce cas on pourra acquérir les ouvrages cités ici dans le texte portugais. Il est convenable de comparer et d'analyser ce que nous avançons, dans les plans, élévations, et coupes respectifs, des édifices mentionnés. Il est certain que Gurlitt et Uhde ont travaillé à propos des *Monumentos arquitectonicos de España,* qui font l'honneur et la gloire de la nation espagnole et de son gouvernement, mais les étrangers voient quelquefois plus que les nationaux. Notre ami Pedro de Madrazo a amplifié encore le remarquable travail de Junghaendel, avec un supplément, chez le même éditeur allemand. Que le lecteur voie encore pour bien vérifier nos allégations à propos de la construction technique des voûtes d'architecture gothique et des éléments qui les soutiennent: piliers, colonnes, colonnelles (faisceaux), système de nervures, etc., les études suivantes parues dans le journal des architectes de Vienne, en Autriche: *Allgemeine Bauzeitung.* Wien, 1878, éditeur Waldheim. Année XLIII, des articles des auteurs suivants: R. Redtenbacher, *Aphorismen über Baugeschits schreibung;* Fr. Steiner & Th. Hübl, *Ueber graphische Behandlung des Bogenträgers* ohne Gelenk bei konstantem Querschnitt und Bestimmung der Stützlinie bei Gewölben. (Leçons de l'École Polytechnique de Vienne); L. Trzeschtik aidé par les études antérieures de Mothes,

[1] Voyez dans ce temple la chapelle-sépulcrale du Connétable Alvaro de Luna liée à la double niche; celle de St. Ildefonso, considérée comme une prolongement du sanctuaire (Junghaendel est. 72).

Burgos [1]. Indicamos as analogias sensiveis para achar a filiação do plano das Capellas imperfeitas, a razão da sua collocação e determinar o seu mysterioso destino. Sabemos conhecer perfeitamente as differenças essenciaes que separam Burgos e a Batalha, a irmã mais velha [2] da mais nova. O nosso intuito é e será sempre accordar, *finalmente*, o leitor e o escriptor portuguez, que não vê, nem lê, nem observa além da fronteira, onde todos temos tanto que aprender. Foi esse o nosso principal intuito ao traçar os lineamentos do nosso estudo sobre a *Architectura manoelina* (Coimbra, 1885) que, sendo uma conferencia, uma palestra amena, resume os esforços de bons quinze annos [3] de trabalho, de viagens, de exame pessoal sobre monumentos que poucos haviam visto e que rarissimos haviam medido, palpado *con amore*. Vejo e estudo essas modestas reliquias nossas (no seu genero, na sua technica primorosas, que são um encanto), com o mesmo affecto com que estudei e me ajoelhei nas grandes cathedraes da França, Inglaterra e Allemanha. Os templos como os homens, não se medem ao metro.

Sei o que muitos sabem a respeito da analogia entre a cathedral de York (Inglaterra) e a Batalha, mas essa face da questão não póde ser examinada aqui. Raczynski e outros, antes d'elle, lançaram essa ideia e não provaram quasi nada. Seria forçado a envolver algumas cathedraes francezes na discussão, por exemplo Saint-Ouen na cidade de Ruão, Notre Dame de l'Epine (Marne), Saint Vulfran d'Abbeville, etc.; e naturalmente voltaria á Hespanha (como fui da Batalha a Burgos), voltaria á incomparavel cathedral de Leon, que os especialistas francezes relacionam intimamente com o esplendido templo de Chartres. E que diria o leitor se eu lhe demonstrasse a relação d'essa cathedral de Leon com a modesta egreja de S. Francisco de Guimarães? com o que alli resta da época de D. João I? Diria que não se póde, nem deve fallar de *uma* influencia preponderante na peninsula no periodo do estylo gothico primario, do gothico florido e do gothico manoelino (scil. plateresco). Qualquer das phases d'esses periodos representam influencias diversas, que se entrecruzam, triumphando umas das outras em alternativas caprichosas. É quasi inutil procurar sempre, teimosamente, determinados nomes, como sendo os unicos responsaveis; procuremos antes escólas: *Bauhütten, fabric-houses, loges maçoniques,* as familias ambulantes. Estudemos a organisação do ensino, na arte e nas confrarias dos officios. Venho dizendo isto e provando-o, ha trinta annos.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Comparem-se as estampas de Uhde com as estampas: 57, 57ª, 95, 54 e 54ª, Planta geral de Junghaendel; sobretudo esta, com as plantas de templos francezes, citados por Caumont, Viollet-le-Duc, Enlart, Kugler e Schnaase.

[2] Basta lembrar a edade relativa de Burgos, que tem alguns elementos do periodo de transição romanico-gothico. Fundação em 1221 por Fernando III; o cabido faz a sua entrada na egreja em 1229 e em 1238 estava terminado o corpo interior do templo. No exterior temos por exemplo: Puerta del Sarmental 1250; Puerta del Claustro 1350, ambas puramente gothicas e do gothico puro; torres da frente por Simão de Colonia, construidas de 1442-1456; torreão na intersecção da nave e do Cruzeiro, obra de Juan de Vallejo, terminado em 1567, de estylo plateresco. Como o grande torreão (zimborio de pedra de Ontoria) está intimamente ligado, na planta, com todo o Cruzeiro, devemos entender que este cahiu em 1539, apesar de ser traçado por um mestre, Felipe de Borgonha (Vigarni); Vallejo começou a reconstrucção logo em 1539 e Juan de Castanheda terminou-a debaixo de suas ordens em 1567. A capella-mausoleu do Condestavel (Pedro Hernando de Velasco † 1492), quasi uma egreja, é de gothico florido e plateresco; os admiraveis tumulos do Condestavel e de sua mulher D. Maria Mendoza, são obra italiana de 1540. Temos, portanto, obras, n'uma sequencia de tres seculos e meio! E que obras! Consulte-se sobre Burgos, que tem para nós, portuguezes (como Salamanca e Santiago) excepcional importancia, além das obras allemãs referidas, os estudos de Caveda, os preciosos trabalhos de Llaguno y Amirola, vol. I; á falta d'estes dois ultimos, o artigo *Burgos* do *Diccion. enciclop. hisp. americ.* vol. III, e o notavel Guia de Valverde y Alvarez sobre Hespanha e Portugal, vol. I, pag. 252 e seg. O guia antigo inglez de Ford, 2 vol. ed. de 1845, contém ainda muitas noticias aproveitaveis d'arte, que debalde se procuram e encontram n'outra obra de consulta: *A Handbook for travellers in Spain and readers at home.*

[3] As notas do pequeno opusculo dizem isso: *quinze annos*, para quem sabe lêr e adivinhar o enigma: «o que se diz é apenas uma amostra do que se sabe».

Kugler el Schnaase: *Ueber die französische, spanische, italienische und englische Gothic,* etc., sur l'art gothique français, espagnol, italien et allemand, etc. (et la possibilité de son développement dans le sens moderne et avec une application moderne).

Qu'on ne croie pas cependant que nous prétendons faire remonter l'origine de toute la construction de Batalha à la cathédrale de Burgos [1]. Nous avons indiqué les analogies sensibles pour trouver la filiation du plan des Chapelles Imparfaites, la raison de leur emplacement, et déterminer leur mystérieuse destination. Nous savons parfaitement reconnaître les différences essentielles qui séparent Burgos et Batalha, la sœur ainée [2] et la cadette. Notre intention est, et sera toujours, de réveiller *enfin*, le lecteur et l'écrivain portugais qui ne voit pas, qui ne lit pas et qui n'observe rien au delà de la frontière, où nous avons tous tant de choses à apprendre. Telle a été notre intention lorsque nous avons tracé les linéaments de notre étude sur l'*Architectura manoelina* (Coimbra, 1885) laquelle, sous la forme de conférence, ou de délectable causerie, est un résumé de nos travaux pendant quinze ans [3], de nos voyages, et de l'examen personnel de monuments que peu de personnes connaissaient et que encore moins de rares voyageurs avaient mesuré, tâté *con amore*. Je vois et j'étudie ces modestes reliques qui sont à nous, (et dans leur genre présentent une technique parfaite, des plus charmantes) et je leur voue la même affection avec laquelle j'ai étudié et me suis agenouillé dans les grandes cathédrales de France, d'Angleterre et d'Allemagne. Les temples, de même que les hommes ne se mesurent pas à l'aune.

Je sais ce que beaucoup de personnes savent, à propos de l'analogie entre la cathédrale de York (Angleterre) et la Batalha, mais ce côté de la question ne peut pas être débattu ici. Je me verrais obligé à faire entrer en discussion quelques cathédrales françaises, par exemple Saint-Ouen, dans la ville de Rouen, Notre Dame de l'Épine (Marne), Saint-Vulfran d'Abbeville, etc., et naturellement je reviendrais à l'Espagne (comme j'ai été de Batalha à Burgos), je reparlerais de l'incomparable cathédrale de Léon que les spécialistes français relationnent intimement avec le splendide temple de Chartres. Et que dirait le lecteur si je lui démontrais la relation de cette cathédrale de Léon avec la modeste église de S. Francisco de Guimarães? avec ce qui existe encore là de l'époque de D. João I? Il dirait qu'il n'est pas permis de parler d'une influence prépondérante dans la péninsule, dans la période du style gothique primaire, du gothique fleuri et du gothique *manoelino* (scil. plateresque). Chacune des phases de ces périodes représente des influences différentes qui s'entrecroisent, en triomphant les unes des autres, en de capricieuses alternatives. Il est presque inutile que chercher toujours, avec entêtement des noms déterminés, comme les seuls responsables; cherchons plutôt des écoles: *Bauhütten, fabric-houses, loges maçoniques,* les familles ambulantes. Etudions l'organisation de l'enseignement, dans l'art et les associations ouvrières. Il y a trente ans que je redis cela et que je le prouve.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Comparer les estampes de Uhde avec les estampes 57, 57ª, 95, 54, 54ª, Plan général de Junghaendel; surtout celui-ci avec les plans de temples français, cités par Caumont, Viollet-le-Duc, Enlart, Kugler et Schnaase.

[2] Il suffit de rappeller l'âge relatif de Burgos qui posséde quelques éléments de la période de transition romane-gothique. Fondation de Fernando III em 1221; en 1229 le chapitre fit son entrée dans l'église et en 1238 la partie intérieure du temple était terminée. A l'extérieur nous avons par exemple: Puerta del Sarmental 1250; Puerta del Claustro 1350, toutes deux purement gothiques et du gothique pur; tours de la façade par Simão de Colonia, construites de 1442-1456; grosse tour à l'intersection de la nef et du transept, œuvre de Juan de Vallejo terminée en 1567, de style plateresque. Comme la grosse tour (dôme en pierre de Ontoria) est intimement reliée dans le plan, à tout le transept, nous devons penser que celui ci est tombé en 1539, malgré qu'il ait été tracé par un maitre, Felipe de Borgonha (Vigarni); Vallejo commença la reconstruction aussitôt, en 1539 et Juan de Castanheda la termina sous ses ordres en 1567. La chapelle mausolée du Connétable (Pedro Hernando de Velasco † 1492) presque une église, est du gothique fleuri et plateresque; les admirables tombeaux du Connétable et de sa femme D. Maria Mendoza, sont de travail italien en 1540. Nous avons donc des travaux pendant une séquence de trois siècles et demi. Et quels travaux! A propos de Burgos, qui a pour nous portugais (ainsi que Salamanca et Santiago) une importance exceptionelle, il faut consulter, outre les ouvrages allemands cités, les études de Caveda, les précieux travaux de Llaguno y Amirola, vol. I; faute de ces deux derniers, l'article *Burgos* du *Dicc. encyclop. hisp. americ.*, vol. III, et le remarquable guide de Valverde y Alvarez sur l'Espagne et le Portugal, vol. I, pag. 252, et suiv. L'ancien guide anglais de Ford, 2 vol., ed. de 1845, contient encore beaucoup de profitables nouvelles artistiques qu'on chercherait en vain dans d'autres ouvrages à consulter: *A Handbook for travellers and readers at home.*

[3] Les notes du petit opuscule disent quinze ans, pour ceux qui savent lire et deviner l'énigme: « ce qui est dit est àpeine l'échantillon de ce que l'on sait ».



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta e janella da Casa do Capitulo

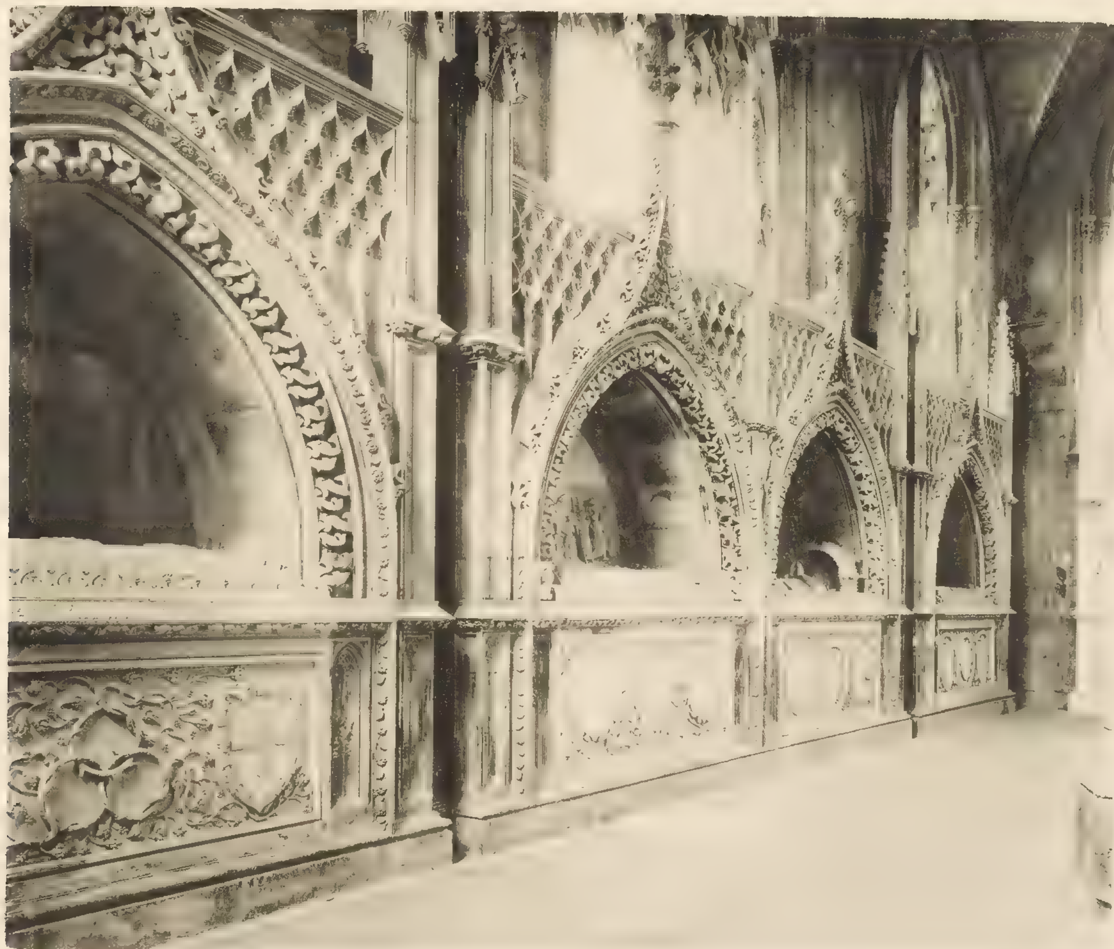
BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella e Mausoléo do Fundador
BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella do Fundador Tumulos dos Infantes

BATALHA

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Concluido do n.º 52)



ESUMINDO a chronologia do edificio — egreja e convento — apuram-se os seguintes factos:

Não ha documento official da fundação. Presume-se que os trabalhos começaram, como era tradicional, pela abside (Capella-mór e collateraes) em 1386, cêrca de um anno depois de ferida a batalha de Aljubarrota, durante a qual El-rei D. João I fizera o voto a Nossa Senhora (festa da Assumpção a 15 de agosto). A egreja ficou, pois, com a invocação de Santa Maria da Victoria, titulo condensado posteriormente na unica palavra: *a Batalha,* quando em volta da construcção se foi agrupando a casaria dos servidores do convento, transformada em breve em uma povoação nova.

El-rei doou o edificio á Ordem de S. Domingos, estando occupado no cêrco de Melgaço. A carta de doação foi passada no Porto, a 4 de abril de 1388. N'ella affirma o monarcha que o mosteiro já estava começado. Portanto, entre 14 de agosto de 1385 — dia da Batalha — e janeiro de 1388 está, com certeza, a data da fundação.

Trabalhou-se com grande energia, poderosos recursos e exemplar probidade durante trinta annos, pois a 15 de outubro de 1416 foram trasladados para a Capella-mór os restos mortaes da Rainha D. Felipa, fallecida em Lisboa a 19 de julho de 1415. Devia, pois, estar terminada em outubro de 1416 a abside, com as capellas collateraes e conjunctamente as naves da egreja. O corpo de D. Felipa foi transferido com o de El-rei, fallecido em agosto de 1433, para a Capella do Fundador em 1434. O testamento do illustre principe, escripto em 1426, recommenda que se «acabe a Crasta (Claustro Real), casarias e todolos outros edificios que a bom comprimento do mosteiro forem necessarios». Pouco antes declara para sua sepultura a capella-mór, onde estava sua esposa, ou a «outra que Nós ora mandamos fazer, depois que fôr acabada». É natural que de 1426 a agosto de 1433 as obras na Capella do Fundador estivessem terminadas, para D. Duarte poder realisar a solemne transferencia dos esposos em 1434. O curto reinado do sympathico principe, a que a historia deu o nome de *Eloquente* (1433-1438), não foi parco de obras, na Batalha. Um documento passado a 10 de maio de 1436, dá providencias sobre a serventia de aguas para o Claustro Real e a sua bella fonte monumental, que fazem presumir a conclusão das obras n'elle, tão desejadas por seu pae. O obediente filho ainda encontrou recursos para inaugurar a obra das Capellas Imperfeitas, cuja iniciativa lhe pertence, segundo a expressa declaração de El-rei D. Manoel, no seu testamento de 1517. Este ultimo, recommendando ao successor que se acabassem, não quiz, porém, terminal-as, posto que vivesse ainda quatro annos depois de escripta a ultima vontade. Estava todo entregue ás construcções de Belem. A inscripção latina do *atrio* das Capellas Imperfeitas, que dá como terminada essa obra em 1509, é preciosa quando posta em confronto com a da varanda da *Loggia* superior (1533), porque prova que em 24 annos se caminhou com muita preguiça, a que alludem talvez certos *caracoes* symbolicos da ornamentação interior! Vingança de alvenel? Quem sabe! O muito que se construiu em 30 annos, sob o impulso energico de D. João I, 1386 a 1416, contrastaria com esses 24 annos de doce somnolencia, se não soubessemos quanto D. Manoel se esforçou em Belem, quanto D. João III se esmerou em Thomar, em bellissimas obras!

Depois de 1533 afrouxa muito sensivelmente o interesse artistico que podemos ligar á parte architectonica do mosteiro. Já dissemos mais atraz (n.º 50, pag. 3) que n'esta empreza — a da construcção da Batalha — «andaram seculos, se sommarmos os dez ou onze collaboradores da dynastia de Aviz». Em nota os apontei todos; e de todos ha documentos que revelam protecção e concedem mercês, mais ou menos valiosas para pequenas obras, até ao governo do Cardeal-rei D. Henrique, inclusivè. Mas os tempos aureos haviam passado. E não voltaram mais, senão em nossos dias, de 1840 em diante, sob a direcção de Mousinho de Albuquerque (vid. *Fontes* n.º 49).

A ordem em que o leitor deve examinar as estampas (são 16) para coordenar as suas impressões, antes e depois da visita, deve ser a seguinte, corrigindo e completando os titulos, como segue:

O Mosteiro exterior: 1. Vista geral do mosteiro, lado Sul — 2. Fachada principal — 3. em duas metades *a)* Porta principal; *b)* Porta lateral, lado Sul — 4. Exterior da egreja, lado norte e lanço do Claustro Real.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le numéro 52)



résumant la chronologie de l'édifice — église et couvent — on déduit les faits suivants:

Il n'existe pas de document officiel de la fondation. On suppose que les travaux commencèrent, comme de juste, par l'abside (Sanctuaire et collatéraux) en 1386, à peu près un an après la bataille d'Aljubarrota, pendant laquelle le Roi D. Jean I fit le vœu à notre Dame (fête de l'Assomption le 15 Août). L'église resta donc sous l'invocation de Sainte Marie de la Victoire, condensée plus tard dans le seul mot: la *Batalha,* quand, autour de la construction, fut groupée toute la maisonnée des serviteurs du couvent, qui devint bientôt une population nouvelle.

Le Roi, occupé au siège de Melgaço, fit don de l'édifice à l'Ordre de S[t] Dominique. La lettre de donation fut passée à Porto, le 4 Avril 1388 et le monarque y assure que le monastère était déjà commencé. La date de sa fondation doit donc être forcément entre le 14 Août 1385 — jour de la Bataille — et le mois de Janvier 1388.

On a dû y travailler avec beaucoup d'énergie, de puissantes ressources et une probité exemplaire pendant trente ans, puisque le 15 Octobre 1416, la dépouille mortelle de la Reine D. Felipa, décédée à Lisbonne le 19 Juillet 1415, y a été ensevelie. L'abside, avec les chapelles collatérales ainsi que les nefs de l'église, devait donc être terminé en Octobre 1416. Le corps de D. Felipa fut transféré à la chapelle du Fondateur en 1434, avec celui du Roi mort en Août 1433. Le testament de l'illustre prince, fait en 1426, recommande que l'on «finisse le Cloître Royal, les maisons et tous les autres édifices nécessaires à l'achèvement complet du monastère». Un peu avant il destine pour sa tombe le sanctuaire où reposait déjà son épouse, ou alors «un autre tombeau que nous avons maintenant fait construire, lorsqu'il sera terminé.» Il est probable que de 1426 jusqu'à Août 1433, les travaux de la chapelle du Fondateur aient été finis, pour que D. Duarte aît pu réaliser la translation solennelle des deux époux en 1434. Le règne si court de ce prince sympathique, auquel l'histoire a donné le surnom d'*Éloquent* (1433-1438), ne fut pas avare en travaux, à Batalha. Un document passé le 10 Mai 1436, règle la servitude des eaux du Cloître Royal et sa belle fontaine monumentale, qui rend présumable la conclusion de ces travaux, si désirés par son père. Le fils obéissant trouva encore des ressources pour inaugurer l'œuvre des Chapelles Imparfaites, dont il a eu l'initiative, selon la déclaration formelle du Roi D. Manuel, dans son testament de 1517. Ce dernier, tout en recommandant leur conclusion à son successeur, ne voulut pas cependant les terminer quoiqu'il vêcût encore quatre ans après avoir écrit sa dernière volonté. Il était alors tout entier aux constructions de Belem. L'inscription latine du *parvis* des Chapelles Imparfaites, qui reporte la conclusion de ce travail à 1509, est précieuse, surtout lorsqu'on la confronte avec celle de la *verandah* de la *Loggia* supérieure (1533), parce qu'elle prouve que pendant 24 ans on chemina très paresseusement, et peut-être certains *colimaçons* symboliques des ornements intérieurs prétendent y faire allusion! Ou qui sait, si cela représente tout simplement une vengeance de maçon? L'impulsion énergique de D. Jean I, de 1386 à 1416, imprimée à ce que l'on a construit pendant 30 ans marquerait un contraste sensible avec ces 24 ans de somnolence, si on ne pensait à tout ce que D. Manuel fit à Belem et D. Jean III à Thomar en fait de travaux magnifiques!

L'intérêt artistique que nous pouvons porter à la partie architecturale du monastère diminue sensiblement depuis 1533. Nous avons déjà dit plus loin (n.º 50, pag. 3) que dans la construction de Batalha «on peut compter des siècles, si on additionne les dix ou onze collaborateurs de la dynastie de Aviz»! Je les ai tous notés; et il y a des documents qui révèlent leur protection et la concession de privilèges, plus ou moins importants pour de petits travaux, jusqu'au temps du Cardinal-Roi D. Henri inclusivement. Mais le bon temps était passé et il ne revint désormais que de nos jours depuis 1840, sous la direction de Mousinho de Albuquerque (vid. *Fontes,* nº 49).

La marche à suivre pour que le lecteur puisse examiner ces gravures (16) et coordonner ses impressions, avant et après la visite, en corrigeant et complètant les titres, doit être la suivante:

Le Monastère extérieur: 1. Vue générale du monastère, coté sud — 2. Façade principale — 3. en

Vista geral, projecção longitudinal, lado Sul. Na linha da fachada, abrangendo o espaço do 1.º ao 4.º botareu ou gigante, vemos a Capella do Fundador, mas sem o corucheu, uma pyramide octogona que Murphy ainda desenhou em 1795. Percebe-se bem a nave central construida em oito tramos, que dão sete janellas, estando no logar da oitava os contrafortes que reforçam os gigantes do cruzeiro; no respectivo massiço de cantaria occulta-se uma das duas escadas que dão accesso ao primeiro e segundo terraço horizontal do templo; a outra escada está no lado opposto.

A bella porta lateral, de desenho archaico (estampa 3. *b*) collocada no cruzeiro debaixo da unica, mas grandiosa janella, fica occulta pelas casas da villa; apenas se avista parte da graciosa empena. Segue-se a Capella-mór, o atrio das Capellas Imperfeitas accusado pela escura janella sem vidraça, de elegante moldura; por cima os arcos-botantes que, partindo da abside central, vem apoiar-se nas grossas columnas cylindricas das Capellas Imperfeitas. Estes tambores têm uma dupla funcção: fornecem os elementos constructivos para o enfeixamento do grandioso portico das Capellas e encerram as escadas em espiral que conduzem á *Loggia*, no segundo andar; identica disposição encontra-se em Thomar no Convento de Christo (cantos do Claustro dos Felipes) e em Belem na Capella-mór dos Jeronymos.

A ideia da collocação da escada em tambores massiços de cantaria foi talvez copiada da Cathedral de Burgos, que reflecte identico motivo, usado tambem na cathedral de Toledo (*Portada del Reloj*) e em Saint-Maclou de Ruão (França).

A estampa da fachada principal 2. completa-se com o n.º 3 que offerece as duas portas em ponto maior. A ornamentação da archivolta da porta principal com seis ordens (seis arcos reintrantes) de estatuas de santos, prophetas e reis, dispostos em nichos n'uma especie de amphitheatro, é de uma rara formosura, de grande riqueza, mas sem excesso, traçada n'um desenho claro, sem prejudicar a composição principal do timpano: o Padre Eterno abençoando o mundo. Sublinhamos mais uma vez o archaismo sobrio, o traçado severo, o ornato da porta lateral, todo *romanico* (3. *b*) na archivolta e o traçado, ainda romanico, da columnata. Os desenhos heraldicos do triangulo interno da empena são finissimos, quasi lavor de ourives. As proporções de todos os elementos do portal accusam na sua admiravel e casta simplicidade a obra de um mestre consummado.

O elemento decorativo vegetal que predomina é a folha de carvalho; o elemento decorativo geometrico é o trilobulo, construido sobre o triangulo.

Ainda na parte exterior devemos chamar a attenção do visitante para a estampa n.º 4. É externa emquanto á nave da egreja (lado do Evangelho); apresenta todas as sete janellas; da oitava, supprimida na construcção, já fallamos. É interna emquanto ao lance Norte do Claustro Real, que produz, combinado com as vidraças, o effeito grandioso de tres andares sobrepostos. O lado Sul não provoca esta illusão; a casaria da villa prejudica-o, mas esse lado offerece-nos a incomparavel janella, aberta sobre a porta lateral, a qual corta os dois andares do templo em toda a altura, e vae expirar no friso rendilhado da cobertura.

O Mosteiro interior: 5. Nave central — 6. Claustro Real, vista geral — 7. Interior do claustro, ou passeio de um dos lanços; está á vista o systema do artezoado da abobada, com suas laçarias ou artezões. — 8. Uma porta e janella do Claustro Real. A ogiva é egual em ambas as aberturas, construida sobre um triangulo de lados deseguaes (vide Murphy, Plate I, Fig. 2). A *bandeira*, isto é a renda de pedra, é de estylo *manoelino*, e foi intercalada no vão, provavelmente no primeiro decennio do seculo XVI (1500-1510). Repare-se na pequena *esphera armillar* (emblema de D. Manoel), na segunda linha do entrelaçamento da porta; repare-se egualmente na janella, nas duas *Cruzes da Ordem de Christo*, milicia sagrada das conquistas, symbolo do Mestrado do Infante D. Henrique, e talvez allusão ainda ao monarcha D. Manoel que reuniu o prestigio, o poder e a riqueza das Tres Ordens Militares (Christo, S. Thiago e Aviz) na sua pessoa, e á corôa, para sempre. A laçaria seria classificada em Hespanha de *mudéjar*. O systema gothico de ornamentação, propriamente *lobular* e rigorosamente geometrico, está dissolvido n'um *vegetabilismo* todo naturalistico, com reminiscencias de estylisação arabe ou antes *mourisca*. É de presumir que primitivamente as portas e janellas do Claustro Real tivessem columnas e maineis de perfil gothico, em vez dos supportes redondos, que ora vemos, os quaes assentam todavia ainda sobre bases polygonaes e terminam em capiteis tambem polygonaes.

Como prova do que acabamos de allegar, ahi está a estampa 9. *Porta e Janella da Casa do Capitulo*, casa ligada organicamente ao Claustro Real; lá vemos os pilares polystylos com os seus enfeixa-

deux parties, *a*) Porte principale; *b*) Porte latérale, côté sud — 4. Extérieur de l'église, côté nord et lancement du Cloître Royal.

Vue générale, projection longitudinale, côté sud. Sur la ligne de façade, comprenant l'espace du 1er au 4me arc-boutant, nous voyons la chapelle du fondateur, mais sans la flèche, une pyramide octogonale dessinée encore par Murphy en 1795. On aperçoit bien la nef centrale construite en huit travées qui donnent sept fenêtres, et à la place de la huitième les contreforts qui renforcent les arcs-boutants du transept; dans ce massif de pierre se trouve un des deux escaliers qui donnent accès à la première et à la deuxième terrasse horizontale du temple; l'autre escalier est situé du côté opposé.

La belle porte latérale, de dessin archaïque (grav. 3. *b*) placée au transept sous l'unique et majestueuse fenêtre, est cachée par les maisons du bourg et on aperçoit qu'une partie du joli fronton. Ensuite le sanctuaire, le parvis des Chapelles Imparfaites reconnaissable par l'obscure fenêtre sans carreaux et d'élégante moûlure; au dessus les arcs-boutants qui, partis de l'abside central, viennent s'appuyer sur les grosses colonnes cylindriques des Chapelles Imparfaites. Ces tambours ont double fonction: ils fournissent les éléments constructifs pour l'assemblage du majestueux portique des chapelles et ils renferment les escaliers en spirale qui menent à la *Loggia*, au deuxième étage; on trouve la même disposition à Thomar aux coins du Cloître des *Filippes* du Couvent du Christ, et à Belem au sanctuaire des Jeronymos.

L'idée de placer les escaliers dans ces massifs de pierre a été peut-être empruntée à la cathédrale de Burgos qui répète le même motif employé à la cathédrale de Toledo (*Portada del Reloj*) et à St. Maclou de Rouen (France).

La gravure de la façade principale 2. se complète avec le nº 3 qui présente les deux portes en plus grandes dimensions. L'ornement de l'archivolte de la porte principale avec six arceaux rentrants et six rangées de statues de saints, de prophètes et de rois, disposées en niches comme une espèce d'amphithéatre est de rare beauté, de grande richesse, mais sans exagération, d'un dessin clair que ne nuit pas à la composition principale du tympan: le Père Éternel bénissant le monde. Nous soulignons encore une fois l'archaïsme sobre, le dessin sévère, l'ornement de la porte latérale, de l'archivolte tout *roman* (3. *b*) et le dessin, également roman, de la colonnade. Les dessins héraldiques du triangle intérieur du faîteau sont presque aussi fins qu'un travail de joaillier. Les proportions de tous les éléments du portail révèlent dans leur admirable et chaste simplicité l'œuvre d'un maître éminent.

L'élément décoratif végétal qui prédomine est la feuille de chêne; l'élément décoratif géométrique est le trilobule, construit sur le triangle.

Dans la partie extérieure nous devons encore faire remarquer au visiteur l'estampe nº 4; elle présente extérieurement ce qui se rapporte à la nef de l'Eglise, côté de l'Evangile, et montre les sept fenêtres, la huitième étant supprimée, comme nous l'avons dit. Intérieurement c'est la partie nord du Cloître Royal, qui produit avec les vitraux l'effet grandiose de trois étages superposés. Le côté sud ne fait pas cette illusion; les maisons du bourg lui nuisent, mais il nous offre l'incomparable fenêtre percée au dessus de la porte latérale, et qui coupe les deux étages du temple en toute la hauteur, se terminant à la frise dentelée de la toiture.

Le monastère intérieur: 5. Nef centrale — 6. Cloître Royal, vue générale — 7. Intérieur du Cloître ou trottoir d'un des côtés; on voit le système de nervures de la voûte, avec ses arètes et entrelacs — 8. Une porte et une fenêtre du Cloître Royal. L'ogive des deux ouvertures est semblable, construite sur un triangle à faces inégales (voir Murphy. Plate I, fig. 2). L'imposte en pierre dentelée est de style *manoelino* et a été intercalée dans l'ouverture, probablement pendant les dix premières années du XVIme siècle (1500-1510). Qu'on remarque, la petite *sphère armillaire* (emblème de D. Manuel) sur la deuxième rangée des entrelacs de la porte, ainsi que sur la fenêtre les deux *Croix de l'Ordre du Christ*, milice sacrée des conquêtes, symbole de la *Maîtrise* de l'Infant D. Henrique et peut-être aussi allusion au roi D. Manuel qui réunit le pouvoir et la richesse des trois Ordres militaires (Christ, S. Thiago et Aviz) en sa personne, et les attacha pour toujours à la couronne. Les entrelacs seraient en Espagne classés comme *mudéjar*. Le système d'ornementation gothique proprement *lobulaire* et rigoureusement géométrique est fondu dans un *végétabilisme* tout naturalisé, avec des touches de style arabe ou plutôt *mauresque*. Il est probable que les portes et fenêtres du Cloître Royal aient eu primitivement des colonnes et des meneaux au profil gothique, au lieu des supports arrondis que nous

mentos (columnas, meias columnas e columnellos); a bandeira da janella, construida em trilobulos e quadrilobulos dentro de tres circulos, varios triangulos e um lozango. Os artezões da abobada nascem organicamente dos feixes inferiores, cujo prolongamento são. Em tudo reina uma harmonia perfeita, um lavor subtil no ornato dos capiteis, em todos os estribos e molduras, emfim, summa perfeição na esquadria dos silhares da abobada. É tudo gothico genuino e puro, ainda no começo do seculo XV! E toda esta graça senhoril não exclue a força, accentuada no stylobato ou parapeito das janellas, na possante formação das bases polygonaes dos pilares, força que põe em maior evidencia uma energia e elegancia resistentes traduzidas com suprema *sveltezza* no lançamento das nervuras que se abraçam, se ajudam e se amparam, como se abraçaram e ajudaram os irmãos que a Fé, o Amor e a Caridade reuniu outr'ora n'essa formosissima Sala capitular. — É a apotheose da ideia redemptora de uma união indissoluvel: *Patria, salus vitæ — Amor, vitæ salus.*

10. **Capella e Mausoleu do fundador**. No centro o cenotaphio (sarcophago, mausoleu) de D. João I e D. Felipa de Lencastre, sua esposa; a extensa inscripção latina é quasi uma biographia dos conjuges, que se dão a mão mutuamente, na vida e na morte. O Rei está sem barba, como no retrato do seculo XV, que descobrimos em 1875 n'um dos museus imperiaes de Vienna d'Austria (*Ambraser-Sammlung*), retrato notavel pela inscripção allusiva á Batalha de Aljubarrota e que indicámos a Oliveira Martins (reproduzido em *A Vida de Nun'Alvares*, pag. 87). No fundo da estampa avistam-se os cenotaphios dos Infantes D. Fernando e D. João, *abertos*, sem o frontal.

11. **Tumulos dos Infantes.** D. Pedro e sua esposa D. Isabel de Aragão-Urgel; D. Henrique (unico que apresenta a figura de corpo inteiro; a cabeça sob um docel); D. João e sua esposa D. Isabel (Barcellos-Bragança); D. Fernando, só, porque morreu solteiro, como D. Henrique. Os nomes com que a historia consagrou a «inclyta geração dos altos Infantes», o *Regente* — o *Navegador* — o *Condestavel* — o *Santo*, captivo em Fez, a quem Calderon immortalisou no *Principe constante*, apregoam eternamente a sua fama. O terceiro, menos conhecido, foi, por sua filha, avô da grande Rainha D. Isabel a *Catholica*, que unificou a Hespanha. Estes tumulos e seu incomparavel desenho, composição architectonica, decoração florida, lavor technico e symbolismo historico serviram de modelo a outros que a grande nobreza levantou em pedra semelhante, calcarea.

Os Menezes no convento de S. Francisco de Santarem; os Almeidas em Santa Maria do Castello de Abrantes, os jazigos de outros senhores que havia em S. Domingos de Santarem (destruidos) reflectem com a mais clara evidencia uma *emblemaria*, ou arte singular de combinar motes e emprezas, copiada sem duvida da Batalha, cheia de mysteriosas allusões, que estão pedindo ha muito o subtil engenho de um Alciato ou de um Giovio lusitano para as revelar. Mais tarde, o que é ainda relativa clareza nos tumulos dos Infantes, transforma-se, nas Capellas Imperfeitas, em enigmas quasi indecifraveis!

12. **Capellas Imperfeitas**; exterior lado Sul — 13 a 15. Idem, vistas internas, sendo 13: Aspecto exterior do grande portico — 14. Aspecto interior do mesmo — 15. Angulo no segundo andar das Capellas, no qual se desenha a formação das grandes janellas que esse andar deveria ter (uma em cada um dos oito lados; vide a lanterna da Capella do Fundador) e o *arranque* dos artezões entre os dous nichos vazios. Os artezões deveriam, quando continuados, formar a laçaria ou artezoado da abobada, occulta exteriormente por uma pyramide octogonal (vid. projecto de Murphy). Devo advertir que o capitel junto ao arranque, é quasi inutil, quando posto sobre um fuste que, devendo accusar força e solidez, é formado (suprema ironia ou capricho infantil do debuxador) por um enfeixamento de linhas quebradas (*batons rompus*) em zig-zag!

16. **Campanarios e terraços do mosteiro.** No fundo vê-se o telhado de tres cumes da Casa Capitular, formando pyramides baixas de quatro faces; tem ossatura especial e não assenta sobre a abobada interior delgadissima, que é uma das maravilhas do mosteiro. Esse esqueleto merece exame especial; entra-se por um postigo aberto ao nivel do terraço. O visitante vê então a abobada pela parte superior, como se fossem os gommos de uma laranja, no vão que a separa da armação.

Joaquim de Vasconcellos.

Erratas e pequenas emendas. — N.º 49, pag. 4, nota 1: nota de José do Canto no livro de Jorge Coelho; leia-se, ao livro. N.º 50, pag. 3: durante o sec. IX; leia-se XIX. N.º 52, pag. 4, nota 2: obra italiana; emende-se: lavor italiano.

voyons actuellement, et qui reposent toutefois sur des bases polygonales se terminant par des chapiteaux aussi polygonaux.

La gravure 9 est une preuve de ce que nous venons de dire. *Porte et fenêtre de la salle du Chapitre;* reliée organiquement au Cloître Royal; nous y voyons les piliers polystyles avec leurs faisceaux (colonnes, demi-colonnes et colonnettes); l'imposte de la fenêtre construite en trilobules et quadrilobules dans trois cercles, quelques triangles et un losange; les nervures de la voûte partent des faisceaux inférieurs, dont elles présentent le prolongement. Une harmonie parfaite règne sur tout celà, l'ornement des chapiteaux est délicieusement fouillé, de même que les moulures et les consoles, l'équerrement des arêtes de la voûte est, en somme, le comble de la perfection, tout du gothique le plus pur, encore à l'aube du XVme siècle! Et toute cette gracilité n'exclue pas la force, accentuée dans le stylobate ou balcon des croisées, dans la puissante formation des bases polygonales des piliers, mettant en évidence une résistance énergique et élégante, qui s'epanche avec une suprême sveltesse dans le lancement des nervures qui s'embrassent, s'aident et se soutiennent comme se sont embrassés et soutenus les Frères que la Foi, l'Amour et la Charité a autrefois réunis dans cette belle Salle capitulaire. — C'est l'apothéose de l'idée rédemptrice d'une union indissoluble: *Patria, salus vitæ — Amor, vitæ salus.*

10. **Chapelle et Mausolée du Fondateur.** Au centre le cénotaphe (sarcophage, mausolée) de D. Jean I et D. Felipa de Lencastre, son épouse; la longue inscription latine est presque une biographie des époux, qui se donnent la main mutuellement, dans la mort comme dans la vie. Le roi n'a pas de barbe, comme son portrait du XVme siècle, que nous avons découvert en 1875 dans un des musées impériaux de Vienne (*Ambraser-Sammlung*), remarquable par l'inscription relative à la bataille de Aljubarrota, et que nous avons indiqué à Oliveira Martins. Au fond de la gravure on voit les cénotaphes des Infants D. Fernando et D. João, ouverts, sans la partie antérieure.

11. **Tombeaux des Infants.** D. Pedro et son épouse D. Isabel d'Aragon-Urgel; D. Henrique (le seul dont l'image est en corps entier et la tête sous un baldaquin); D. João et son épouse D. Isabel (Barcellos-Bragança); D. Fernando, seul, parce qu'il mourut garçon, ainsi que D. Henrique. L'histoire a consacré cette «célèbre génération d'illustres Infants» par des surnoms qui rappèlent éternellement leur gloire: *le Régent — le Navigateur — le Connétable — le Saint*, captif à Fez et que Calderon a immortalisé dans le *Principe constante*. Le troisième moins renommé, fut par sa fille, aïeul de la grande Reine D. Isabel la *Catholique*, qui unifia l'Espagne. L'incomparable dessin de ces tombeaux, leur composition architecturale, la décoration fleurie, le travail technique et le symbolisme historique ont servi de modèle à d'autres que la haute noblesse fit élever en pierre calcaire semblable.

Les Menezes au couvent de S. François de Santarem; les Almeidas à Santa Maria do Castello à Abrantes, les tombes d'autres seigneurs existant à S. Domingos de Santarem et qui sont detruits, présentent d'une manière évidente une *emblemarie* ou un art singulier de combiner des devises et des maximes, copié sans doute à Batalha, avec de mystérieuses allusions qui demandaient depuis longtemps la subtile intelligence d'un Alciato ou d'un Giovio lusitain pour les déchiffrer. Mais ce qui ici est encore relativement clair, devient, dans les Chapelles Imparfaites, d'indéchiffrables énigmes.

12. **Chapelles Imparfaites.** Extérieur côté sud — 13 a 15. Vues intérieures, dont 13.: Aspect extérieur du grand portail — 14. Aspect intérieur du même — 15. Angle du deuxième étage des chapelles, où se dessine la formation des grandes fenêtres que cet étage devait avoir (une à chacun des huit côtés: voir la lanterne de la Chapelle du Fondateur) et *l'arrachement* des nervures entre les deux niches vides. Les nervures en se continuant devaient former l'entrelacement de la voûte, cachée extérieurement par une pyramide octogone (voir le projet de Murphy). Je dois avertir que le chapiteau près de *l'arrachement* est presque inutile, reposant sur un fût qui devrait présenter de la force et de la solidité, mais qui (par une ironie ou caprice enfantin du dessinateur), est formé par un faisceau de *bâtons rompus* en zig-zag.

16. **Clochers et terrasses du monastère.** Au fond on voit la toiture, en trois parties, de la Salle du Chapitre, formant des pyramides basses à quatre faces: la charpente est spéciale et n'appuie pas sur la voûte intérieure très mince, qui est une des merveilles du monastère. Cette charpente mérite une analyse particulière, et on y entre par une petite porte percée au niveau de la terrasse. Le visiteur voit alors la voûte par la partie supérieure, comme des quartiers d'une orange, dans l'espace qui la sépare de la charpente.

Joaquim de Vasconcellos.

As Capellas Imperfeitas

e a Lenda das devisas gregas



M obras portuguesas, quer quatrocentistas, quer pertencentes á época aurea da litteratura, encontramos a miudo referencias ás devisas de D. João I, D. Felipa de Lencastre e toda a inclita geração dos Infantes seus filhos — devisas que se conservam insculpidas na muito perfeita capella do Fundador: *Il me plait* (D. João I) — *Por bien* (D. Felipa) — *Desir* (D. Pedro) — *Talant de bien fere* (D. Henrique) — *Ieay bien raison* (D. João) — *Le bien me plait* (D. Fernando).

Redigidas, segundo o estylo da idade-media, no idioma que desde o seculo XII fôra a linguagem internacional das côrtes, todas essas *letras*, inspiradas pelo mesmo nobre espirito cavalheiresco e pela mesma aspiração á virtude ou ao summo bem, são de uma singeleza e transparencia encantadoras e nunca suscitaram duvidas ou discussões.

Com as Capellas Imperfeitas, muito impropriamente chamadas *Mausoleo de D. Manoel* por alguns auctores modernos, não acontece o mesmo. Não me consta que qualquer dos numerosos pregoeiros quinhentistas da fama e fortuna do rei Venturoso se tenha referido ás empresas ou inscripções emblematicas, entalhadas com insistencia provocadora em quatro dos sete cordões que contornam o altivo portico de entrada, erguido n'esse reinado durante o qual se fizeram tambem as portas do atrio, marcadas com a data 1509.

Frei Luis de Sousa, o primeiro que, depois de um estudo demorado, tratou extensamente d'esses «hieroglyphos egypcios» ou «oraculos sibyllinos» tomou a palavra um seculo depois da morte do monarca, quando já não existia pessoa capaz, não direi de saber de sciencia certa, mas de pelo menos ter alcançado por tradição, como foi que os mestres que dirigiram as obras de 1495 a 1521 e os officiaes que então lavraram o fino calcário da Batalha haviam interpretado o lemma *tãyas erey*, com o qual cobriram, de alto a baixo, quatro dos cordões externos da portada.

Segundo o erudito frade, os inquilinos mais idosos por elle consultados nem mesmo liam bem o gothico minusculo, dizendo *Tangas e Rey*, sem interpretação alguma. Pessoa de fóra, de grande juizo e vasto saber, não achando aos dois vocabulos conformidade com a lingua patria, nem com as mais vulgares da Europa, opinava, porém, que, lidas *tanyas erey* eram... gregas, significando: *buscai, inquiri novas regiões e climas!* — como se o Altissimo fallasse a D. Manoel, animando-o a não desistir dos seus valorosos pensamentos: «porque *tanyas* he accusativo do nome grego *tanya* que he o mesmo que *região*, e *erey* he o imperativo do verbo *ereo*, cuja significação he *buscar, inquirir, investigar.*» E persuadiu-o d'isso.

Contemporaneos e posteros acolheram com applausos esta curiosa interpretação e juraram *in verba magistri*, sem a submetterem a exame critico. Faria e Sousa, propagador-mór de quantas fábulas phantasticas, fingidas, mentirosas, ha na historia portuguesa, repetiu a these, modificando os pormenores arbitrariamente, sem mesmo mencionar o facundo dominicano. Frei Fortunato de S. Boaventura, pelo contrario, louva-o, adopta seu parecer, e adverte que *tãyas erey* — por elle transposto em caracteres gregos que dizem *tamias erei!* — era allusivo ao que naquelles tempos «dava mais que entender aos Portugueses, a saber: o descobrimento de novas terras e novos mares.» Em seguida promette uma *Memoria* especial para quando discutisse a etymologia do nome *Lusitania*. O bispo-conde Frei Francisco de S. Luis concorda igualmente. Convencido da boa atticidade das duas palavras, chama-as indubitavelmente gregas e allusivas ao empenho «de indagar novos e remotos paizes.» Modernamente o Visconde de Condeixa, propensíssimo a explicações metaphysicas, quer convencer o leitor de que Frei Luis de Sousa sabia coisas muito mais profundas do que dizia, mas calava-se por não se achar auctorizado a desatar um nó gordio urdido por um rei. E imita essa discreção!

Les Chapelles Imparfaites

et la Légende des devises grecques



ANS des ouvrages portugais du quinzième siècle, ou appartenant à l'apogée de la littérature, nous trouvons souvent des références aux devises de D. Jean I, D. Felipa de Lencastre et de toute la noble lignée des Infants leurs fils, — devises qui sont sculptées dans la chapelle si parfaite du Fondateur:

Il me plait (D. Jean I) — *Por bien* (D. Felipa) — *Désir* (D. Pedro) — *Talant de bien fere* (D. Henrique) — *Ieay bien raison* (D. João) — *Le bien me plait* (D. Fernando).

Écrites, d'après le style du moyen âge — dans la langue qui depuis le XIIme siècle avait été le langage international des cours, toutes ces *lettres*, inspirées par le même noble esprit chevaleresque et par la même aspiration à la perfection, sont d'une simplicité et d'une transparence charmantes, et n'ont jamais soulevé de doutes ni discussions.

Il n'en est pas de même des Chapelles Imparfaites, très improprement nommées *Mausolée de D. Manuel* par quelques auteurs modernes. Il me semble que pas un seul des nombreux prôneurs du seizième siècle louant la renommée et la fortune du roi *Venturoso* (Heureux) aît fait allusion aux légendes ou inscriptions emblématiques, entaillées avec une insistance provocante sur quatre des sept cordons qui contournent le superbe portique d'entrée, élevé pendant ce règne, à la même époque que les portes du parvis marquées de l'année 1509.

Frei Luis de Sousa fut le premier qui après une longue étude, s'occupa minutieusement de ces «hiéroglyphes égyptiens» ou «oracles sibyllins» et prit la parole un siècle après la mort du roi, lorsqu'il n'existait plus personne qui fut capable de savoir de source certaine, ou même d'avoir appris par tradition, comment les maîtres qui avaient dirigé les travaux de 1495 a 1521 et les ouvriers qui travaillèrent alors la fine pierre calcaire de Batalha, avaient interprêté le lemme *tãyas erey*, qui recouvre de haut en bas quatre des cordons extérieurs du portail.

D'après ce moine érudit les habitants plus âgés qu'il consulta ne savaient même pas bien lire le gothique minuscule, disant *Tangas e Rey*, sans aucune interprétation. Quelqu'un du dehors, de grand jugement et de vaste savoir, ne trouvant à ces deux mots aucune corrélation avec notre langue, ni avec les plus vulgaires de l'Europe, était cependant d'opinion que, en lisant *tanyas erey* c'était du grec, dont la signification était *cherchez, enquérissez vous de nouvelles régions et climats!* comme si Dieu parlait à D. Manuel pour l'encourager à ne pas renoncer à ses nobles pensées: «parce que *tanyas* est l'accusatif du nom grec *tanya* qui signifie *région*, et *erey* est l'impératif du verbe *ereo*, dont la traduction est: *chercher, s'enquérir, rechercher.*» Et il l'en persuada.

Cette curieuse interprétation fut accueillie par les contemporains et ceux qui s'ensuivirent, avec approbation. Jurant *in verba magistri*, personne ne la soumit à un examen critique. Faria e Sousa, grand propagandiste de toutes les fables fantaisistes, imaginaires et menteuses qui existent dans l'histoire portugaise, répéta la thèse en modifiant les détails à son gré, sans même parler du savant dominicain. Frei Fortunato de S. Boaventura, au contraire, loue et adopte son opinion en avertissant que *tãyas erey*, traduit par lui en caractères grecs qui disent *tamias erei!* — était une allusion à ce qui dans ce temps, «préoccupait le plus les portugais, c'est-à-dire la découverte de nouvelles régions et de nouvelles mers». Ensuite il promet un *mémoire* spécial à l'occasion où il discuterait l'étymologie du nom *Lusitania*. Le Comte-Évêque Frei Francisco de S. Luis est du même avis. Convaincu de l'hellénisme parfait des deux mots, il les nomme indubitablement grecs, et allusifs à l'intérêt de «rechercher des pays nouveaux et lointains».

De nos jours, le Vicomte de Condeixa, très enclin aux explications métaphysiques, veut convaincre

Entre os estrangeiros notaveis, o arquitecto inglês Murphy (1795) communica em versão um tanto livre a exegese do historiador de S. Domingos, não sei se jurando na sua excellencia, ou com certa reserva irónica. O allemão Haupt, que certamente havia procurado debalde nos diccionarios tanto o verbo *ereo* como o substantivo *tanya* (ou *tania* conforme quer Frei Luis de Sousa, inculpando os canteiros de haverem substituido *i* por *y*) falla de grego «corrupto».

Apesar d'essas adhesões e d'essa harmonia nunca perturbada, rejeitei como inconsistente e absurda a these grega, logo que a minha attenção foi chamada em 1877 para o curioso problema, na certeza de que nunca houve, nem ha, nem ha de haver hellenistas dignos de fé que a adoptem e patrocinem.

Eis as minhas razões, philologicas, estheticas e geraes.

1) Na lingua de Homero não existiu nem existe o tal substantivo *tanyas* (acc. pl. de *tanya*) ou *tanias*, nem tão pouco o imperativo *erey* ou *erei*, comquanto existam, naturalmente, reconheciveis tanto pelo som como pelo sentido, as duas *raizes* que Frei Luis e o seu informador tinham em mente. Penso, de um lado, nos verbos τανυω τανύομαι; τεινω τεινομαι *extender-se* e no adj. τανα *extenso*; pelo outro lado, em ἔρομαι *preguntar, procurar, investigar.*

2) Uma devisa grega que não fosse mero treslado de axiomas muito citados como Γνῶθι σεαυτόν (*Nosce te ipsum*) ou Μηδὲν ἄγαν (*Ne quid nimis*), só podia ser da lavra dos mais cultos entre os conselheiros da coroa, émulos do subtil Antonio de Lebrija, que havia inventado para os Reis Catholicos o *Tanto monta* e o symbolo das *coyundas* e *settas*, — em bom castelhano, como se vê. Attribuir a um Cataldo Siculo, a D. João Manoel, a Luis Teixeira, ou por ventura a João Rodriguez de Sá e Menezes, um grego espúrio, mascavadíssimo, seria injuriá-los a elles e ao monarca.

3) Escrever em gothico minusculo uma devisa grega, em obediencia ao desejo estrambotico de espantar o publico pelo exotismo da novidade, seria o cumulo da incoherencia, tanto mais que, para canteiros analphabetos, tão gregos eram e são os caracteres gothicos como os hellenicos!

4) Embora no tempo de D. Manoel e do antecessor immediato o saber clássico já fosse altamente cotado, desde que sabios como Angelo Policiano (1489) e Lebrija haviam doutrinado lá fóra (em Florença e Alcalá) alguns fidalgos estudiosos, como os que citei, o enthusiasmo humanista, provocado pelo esplendor da Renascença, não attingiu o seu auge em Portugal senão no reinado de D. João III.

Em especial, o estudo do grego, iniciado mesmo lá fóra só após a tomada de Constantinopla pelos turcos, não se propagou a esta ultima Thule senão depois de Aires Barbosa haver sido chamado (entre 1520 e 1526) de Salamanca pelo successor de D. Manoel, para ser mestre dos infantes mais novos.

5) Mas presumindo mesmo que o conhecimento, não digo da civilização, mas da lingua grega, fosse, no fim do seculo XV e principios do XVI, prenda menos rara em Portugal do que supponho — nem por isso se torna provavel a redacção de *letras* na lingua de Homero.

Em parte alguma da Europa era praxe. Nem mesmo em coisas intimas e pessoaes como escudos, cimeiras, armas, brasões, timbres, sellos, sinetes, medalhas. Muito menos em objectos e lugares publicos, patentes a toda a nação, e destinados a nella actuarem. Um especialista francês apontava no meado do seculo XVII entre tres mil devisas de franceses illustres apenas tres gregas; Paolo Giovio só conhecera duas. Não chegam a duas duzias as que laboriosamente colligi. A lingua materna de cada um, e além d'ella o latim e francês, são os unicos idiomas empregados.

6) É inverosimil que D. Manoel — ramo novo da dynastia — quisesse eternizar na Batalha, que elle não fundara e que rememora o triumpho sobre Castella, o seu amor ás empresas do Ultramar, mesmo se durante algum tempo nutriu o plano de lá ter o seu jazigo. — Inverosimil que para impellir o seu povo a novas façanhas... lhe fallasse em grego! Nem antes, nem depois da fabrica de Belém!

7) Pela fórma e pelo espirito, a ordem imperativa *Buscai regiões* (ou antes *Busca regiões*), quer dada pelo Omnipotente ao monarca, (incumbido pelas ultimas vontades dos antecessores de continuar e terminar a obra das Capellas Imperfeitas, começada entre 1433 e 1438 por seu avô) quer dirigida por esse continuador ao seu povo, não corresponde bem ás leis da *Emblemaria*, estabelecidas por italianos e franceses.

Mas nesse caso, o que são e que querem dizer os dez ou onze caracteres gothicos, insculpidos «infinitas» vezes no pórtico das Capellas Imperfeitas?

le lecteur que Frei Luis de Sousa savait des choses bien plus approfondies qu'il ne le disait, mais qu'il se taisait, ne se croyant pas autorisé à dénouer un nœud gordien attaché par un roi. Et il imite cette discrétion.

Parmi les étrangers remarquables, l'architecte anglais Murphy (1795) rapporte en une traduction assez libre l'exégèse de l'historien de S. Dominique, je ne sais si avec une certaine réserve ironique, ou si admettant ses opinions. L'allemand Haupt qui certainement avait cherché en vain dans les dictionnaires le verbe *ereo* et le substantif *tanya* (ou *tania* comme le prétend Frei Luis de Sousa, accusant les marbriers d'avoir mis un *y* au lieu d'un *i*) parle de grec «corrompu».

Malgré toutes ces adhésions et cette harmonie jamais troublée, j'ai rejeté la thèse grecque comme absurde et inconsistante, aussitôt que mon attention a été attirée en 1877 vers le curieux problème, et postérieurement j'ai acquis la certitude que jamais elle n'a été, ni ne sera adoptée par aucun helléniste digne de foi.

Voici mes raisons, philologiques, esthétiques et générales.

1) Dans la langue d'Homère ce substantif *tanyas* (acc. pl. de *tanya*) ou *tanias*, n'a jamais existé et n'existe pas, de même que l'impératif *erey* ou *erei*, quoique naturellement, reconnaissables par le son comme par le sens, il y ait les deux *racines* que Frei Luis et son informateur avaient dans l'idée. D'une part, je pense aux verbes τανυω τανύομαι; τεινω τείνομαι *s'étendre* et à l'adj: τανα *étendu*; d'autre part je trouve ἔρομαι *demander, chercher, s'enquérir.*

2) Une devise grecque qui ne serait pas une simple traduction d'axiomes très cités comme Γνῶθι σεαυτόν (*Nosce te ipsum*) ou Μηδεν ἄγαν (*Ne quid nimis*), ne pourrait avoir été l'œuvre que des plus sages conseillers de la couronne, émules du savant Antonio de Lebrija, qui avait inventé pour les Rois Catholiques le symbole des *coyundas* et *settas* et le *Tanto monta*, — en bon castillan comme on le voit. Ce serait faire injure au roi et aux Cataldo Siculo, D. João Manuel, Luis Teixeira, ou même à João Rodriguez de Sá e Menezes, que de leur attribuer un grec bâtard, dégénéré.

3) Écrire une devise grecque en gothique minuscule, pour obéir à l'étrange désir d'étonner le public par l'exotisme de la nouveauté, serait le comble de l'incohérence, d'autant plus que pour des ouvriers analphabètes, les caractères gothiques et les helléniques étaient et sont aussi grecs les uns que les autres!

4) Quoique au temps de D. Manuel et de son antécesseur immédiat, le savoir classique ait été déjà hautement apprécié, depuis que des savants comme Angelo Policiano (1489) et Lebrija avaient enseigné à l'étranger quelques nobles studieux, comme ceux que j'ai cités, l'enthousiasme pour les humanités, provoqué par la splendeur de la Renaissance n'atteignit son apogée en Portugal que sous le règne de D. Jean III. Surtout, l'étude du grec, initié même à l'étranger seulement après la prise de Constantinople par les turcs, ne s'étendit jusqu'à cette dernière Thule, que lorsque Aires Barbosa fut appelé de Salamanca (entre 1520 et 1526) par le successeur de D. Manuel, pour être précepteur des plus jeunes infants.

5) Mais en admettant même, que la connaissance, je ne dis pas de la civilisation, mais de la langue grecque, fut à la fin du XVme et au commencement du XVIme siècle, moins rare en Portugal que je ne le pense, la rédaction de *légendes* dans la langue d'Homère n'en est pas pour cela plus probable.

Elle n'était d'usage en aucun lieu de l'Europe, pas même pour des choses plus intimes et personnelles comme écussons, cimiers, armes, blasons, timbres, sceaux, seings et médailles, et encore moins sur des objets et en des lieux publics visibles à toute la nation, et destinés à l'influencer. Un spécialiste français indiquait au milieu du XVIIme siècle, trois devises grecques à peine, parmi trois mille de français illustres; Paolo Giovio n'en avait connu que deux. Après beaucoup de peine, je ne suis pas arrivée à en collectionner deux douzaines. La langue maternelle de chacun, et puis le latin et le français, voilà les seules langues employées.

6) Il n'est par croyable que D. Manuel, nouvelle branche de la dynastie — ait voulu éterniser à Batalha, qu'il n'avait pas fondée et qui rappèle le triomphe sur la Castille, son amour pour les expéditions d'outremer, même en supposant qu'il ait eu l'idée d'avoir là son tombeau. Il est invraisemblable que pour encourager son peuple à de nouvelles actions d'éclat... il lui parla en grec! Ni avant ni après la construction de Belem.

7) Par la forme et par l'idée, l'ordre impératif *Cherchez des régions* (ou mieux *Cherche des ré-*

Em primeiro lugar devo declarar que contando uma a uma as repetições entalhadas nos quatro cordões, encontrei duzentas e quatro, com mais tres no fecho da abobada de uma das sete capellinhas que constituem a rotunda oitavada.

E logo depois assentarei que, sem duvida alguma, os canteiros analphabetos da Batalha não haviam percebido bem as explicações que lhes foram dadas pelo mestre das obras, nem copiaram a rigor os modelos que lhes foram entregues, — *fosse qual fosse o seu teor e a sua significação,* — visto não haver lingua europeia em que *tanyas erey* ou *tanya serey* dê sentido.

Examinando as empresas de perto, vê-se que em todas as tarjetas temos sempre, lindamente cinzeladas, bastas ramagens de *heras* (folhas e corymbos de flores) cujas hastes formam dois circulos entrelaçados. E todas as vezes a legenda está repartida em duas metades. Mas essas não são sempre iguaes.

A segunda ora diz *erey*, ora... *ferey*. Em 98 circulos lê-se *erey;* em 106, *ferey*. Tal maioria, embora pequena, auctoriza-nos a preferir esta lição, comquanto até hoje ninguem a considerasse digna de reparo. *Erey* não dá sentido; *e rey* não combina com *tanyas*. *Serey,* pelo contrario, é português castiço! E a primeira pessoa do futuro do verbo *ser* serve na perfeição para qualquer promessa, votada pelo inventor da *Empresa* perante a propria consciencia e perante o mundo inteiro. Comparem os Motes: *Je maintiendrai — Je parviendrai — Je le ferai — Je percerai — Superabo — Tuebor — Defendam* — todos elles votos de perseverança e firmeza, num emprehendimento especial, ou em todos os actos essenciaes da vida.

Resta explicar a primeira metade: o *nome* em que deve residir o sentido principal.

Ella começa sempre com as letras *tã = tan,* mas acaba ora com *a,* ora com *af* — inexactidão que se explica pelo contacto immediato com *ferey: tãya ferey* ou *tãyaf erey*. No meio é que está o busilis e o erro mais grave e perturbador, commettido pelos officiaes. Estragando a devisa e difficultando a sua comprehensão, talvez — quem sabe? — desgostassem D. Manoel tão profundamente que o erro inhibiu o acabamento da obra, a que já não ligava interesse muito vivo desde a inauguração da fabrica de Belém. *Kleine Ursachen, Grosse Wirkungen.*

O que eu lá vejo entre *tã* e *af,* lido *g* pelos frades velhos da Batalha e *y* por Frei Luis de Sousa, é (em quatro typos um tanto variados) o mesmo signal que figura em *erey ferey*. Esse, pode realmente ser um *y*-grego estilizado; sei mesmo apontar alguns *yy* semelhantes em moedas da epoca. Mas tambem pode ser a parte figurativa da empresa. Imagem de um instrumento vulgar, utilizado nas industrias populares: a *tenaz* ou *tanaz* (como antigamente dizia a nação inteira, e hoje ainda pronuncia o vulgo), composta de duas peças de ferro, mais ou menos recurvas e unidas por um eixo. *Tanaz,* não no feitio de um oito, aberto encima e em baixo, mas na forma mais arcáica de *y*-grego, a qual apparece em outras esculpturas e em quadros, e subsiste até o dia de hoje em diversas regiões (p. ex. na Maia e em Bragança).

Na orthographia cahotica dos quinhentistas *tãaf* equivale a *tanaz*. A figura emblematica mettida entre as duas syllabas, diz tambem *tanxx*. Por isso leio *tanaz ferey.*

Os artifices deveriam ter destacado a figura emblematica claramente das letras, quer pondo a tenaz no circulo superior e *ferey* no inferior, quer (se a leitura prevista era *tan tanaz ferey*) *tã* no de cima, a *tenaz* no oval formado pelo cruzamento das coroas de hera, e *ferey* no circulo de baixo. Mal instruidos e mal vigiados pelo mestre velho, occupado por ventura em outras fabricas de D. Manoel, o Edificador, elles confundiram e baralharam na sua ignorancia os caracteres dos vocabulos e os desenhos das tenazes, executando imperfeitamente a ordem de collocar a figura no meio das heras. Na sua representação inexacta lê-se *tan* (*tanaz*) *af ferei.*

Rectificada, a devisa *tanaz ferey* satisfaz em todos os sentidos. Creio que não lhe teriam regateado os epithetos de «delicada e escolhida, curta e justa», os que no seculo XVI se occuparam da *Emblemaria,* essa parte mais interessante e poetica da Heraldica. Composta dos dois elementos que constituem a empresa perfeita — *corpo* e *alma,* figura e letra — ella apresenta-as combinadas, de sorte que uma não seja completa sem a outra. A parte figurada é pouca na obra e facil de fazer, comquanto difficil de achar. A legenda, laconica, discreta e reservada, pois não publica, qual o assunto principal da tenacidade promettida, é ao mesmo tempo escura, bizarra e enigmatica, embora redigida na lingua da patria! O «entendimento geral», esse então combina admiravelmente com o emblema envolvente das

gions), qu'il soit adressé par l'Omnipotent au monarque, (chargé par les dernières volontés des antécesseurs de continuer et de terminer l'œuvre des Chapelles Imparfaites, commencée entre 1433 et 1438 par son aïeul) ou qu'il soit adressé par ce même continuateur à son peuple, ne se rattache pas bien aux lois *emblématiques,* établies par des Italiens et des Français.

Mais alors, que signifient les dix ou onze caractères gothiques sculptés des fois *infinies* sur le portique des Chapelles Imparfaites?

D'abord je dois déclarer que, en comptant une à une les répétitions entaillées dans les quatre cordons, j'en ai trouvé deux cents quatre, avec trois en plus à la clef de voûte d'une des sept petites chapelles qui composent la rotonde octogone.

Et j'ajouterai aussi que sans doute les marbriers ignorants de Batalha n'avaient pas bien compris les explications données par l'entrepreneur, et n'ont pas copié rigoureusement les modèles qu'on leur avait donnés — *quelqu'ait été leur contenu et leur signification* — parce qu'il n'y a pas de langue en Europe ou *tanyas erey* ou *tanya serey* aient un sens.

En examinant les légendes de près, on voit que dans toutes les bordures il y a beaucoup de branches de lierre: des feuilles et des corymbes de fleurs, dont les tiges forment deux cercles entrelacés.

Et la légende est toujours partagée en deux parties. Mais elles ne sont pas toujours égales.

La deuxième dit tantôt *erey,* tantôt *ferey*. En 98 cercles on lit *erey,* en 106 *ferey,* et cette majorité, quoique petite, nous porte à préférer cette manière, malgré que jusqu'à nos jours, personne ne l'ait jugée digne d'attention.

Erey n'a pas de sens: *e rey* ne s'accorde pas avec *tanyas*. *Serey,* au contraire, est du plus pur portugais! Et la première personne du futur du verbe *être* sert parfaitement pour une promesse quelconque faite par l'inventeur de la devise, par devant sa conscience et le monde entier. Comparez les devises: *Je maintiendrai — Je parviendrai — Je le ferai — Je percerai — Superabo — Tuebor — Defendam* — tous des vœux de persévérance et de fermeté, pour une entreprise spéciale ou en toutes les actions essentielles de la vie.

Il nous reste à expliquer la première partie: le *substantif* où doit siéger le sens principal.

Elle commence par les lettres *tã = tan,* mais finit tantôt par *a,* tantôt par *af* — inexactitude qui s'explique par le contact immédiat avec *ferey: tãya ferey* ou *tãyaf erey*. C'est au milieu que se trouve le *hic* et la plus grave et troublante erreur, commise par les ouvriers. En gâtant la devise par la difficulté de la faire comprendre, ils ont peut-être chagriné si profondément D. Manuel qu'ils l'ont dégoûté de l'achèvement de l'œuvre à laquelle d'ailleurs il n'attachait plus un très vif intérêt depuis l'inauguration des travaux de Belém. *Kleine Ursachen, Grosse Wirkungen.*

Ce que je vois là entre *tã* et *af,* lû comme *g* par les vieux moines de Batalha e *y* par Frei Luis de Sousa, c'est (en quatre types un peu variés) le même signe qui figure en *erey ferey,* et qui peut être réellement un *y* stylé; je saurais même citer quelques *yy* semblables sur des monnaies de cette époque. Mais c'est peut-être aussi la partie figurée de la légende, l'image d'un outil vulgaire, employé pour les industries vulgaires: la *tenaz* ou *tanaz* (comme toute la nation prononçait autrefois, et actuellement le peuple), composée de deux tiges en fer plus ou moins recourbées et réunies par un axe. Pas avec la forme d'un huit ouvert en haut et en bas, mais plutôt *tanaz* de forme archaïque comme un *y* qu'on voit en d'autres sculptures et en quelques tableaux, et qui subsiste encore en certaines régions, comme par exemple à Maia et Bragança.

Dans l'ortographe cahotique du seizième siècle *tãaf* équivaut à *tanaz*. L'image emblématique placée entre les deux syllabes dit aussi *tanaz*. Donc je lis *tanaz ferey.*

Les ouvriers auraient dû détacher clairement la figure emblématique des lettres soit en mettant la tenaille dans le cercle supérieur et *ferei* dans l'inférieur, ou alors (si la lecture prévue était *tan tanaz ferey*) *tã* en haut, *la tenaille* dans l'ovale formé par le croisement des branches de lierre, et *ferey* dans le cercle d'en bas. Peu instruits et mal surveillés par le vieux maître, occupé peut-être en d'autres constructions de D. Manuel, l'Edificateur, ils ont confondu et mélangé dans leur ignorance les caractères des mots et les dessins des tenailles, exécutant imparfaitement l'ordre de placement des figures au milieu du lierre. Dans leur présentation inexacte on lit *tan* (*tanaz*) *af ferei.*

Après avoir été rectifiée, la devise *tanaz ferey* satisfait de toutes les manières. Je pense que ceux

heras, symbolo inequivoco da constancia, fidelidade, firmeza, ambição e *tenacidade.* Além d'isso é muito conforme á propriedade da pessoa. Quintessencia reflectida da somma de intenções ethicas (ou de moralidade) a que um individuo chegou pelas experiencias da sua vida, foi escolhida por isso mesmo para, como maxima, guiar de ahi em diante todos os seus actos. *Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito,* dissera de D. Manoel um embaixador veneziano. O dynasta precisava, portanto, de se ligar e de estimular a si proprio por votos solemnes, para que as suas forças de volição não se esvaissem antes de tempo.

Se referirmos o voto á realização dos magnos emprehendimentos maritimos, iniciados pela dynastia joannina, e em especial pelo avô adoptivo de D. Manoel, o Infante Navegador, é de presumir que fosse pronunciado logo no principio do reinado, antes da expedição de Vasco da Gama. Se o applicarmos exclusivamente á fabrica das Capellas Imperfeitas, podiamos imaginar que veio á luz, em geração espontánea, por ensejo da trasladação de D. João II. Ou talvez depois do regresso feliz de Vasco da Gama, quando a obra dos Jeronymos já estava decidida e começada — no momento em que um leal servidor, bemquisto, e com o direito de fallar franco, enunciava duvidas sobre a possibilidade de seu amo e senhor levar simultaneamente a cabo a construcção da igreja de Belém, a da Batalha e tantas outras que encommendára. Apontando para *heras* que robustas e viçosas haviam coberto os muros do mosteiro, trepando até ao corucheo da cegonha, o monarca replicaria: *Descanse! hei de ser tanaz! tanaz como aquellas heras que não mais largam o que uma vez agarraram!* E o leal e sagaz cortesão — supponhamos que fosse D. João Manoel, filho da sua ama, e seu camareiro-mór, por este ser bom latinista e ter aproveitado com arte e engenho *o pitagorico y* em uma das suas poesias, — replicaria: «*Pois faça V. S. voto de tenacidade naquellas pedras que vão ser apparelhadas para o portico da entrada e nas outras destinadas a fechar os jazigos dos reis!*» E citando de improviso o *hedera sequax* do poeta Persio, o *tenax hedera* de Catullo, e motes afamados como: *Je meurs où je m'attache — Et arida tecum,* traçaria ou mandaria traçar pelo mestre de obras em qualquer taboa o esboço da *Empresa da Tanaz,* insistindo em que a devisa havia de encher o portico de alto a baixo, tal qual o *Tanto monta* com as *coyundas* e *settas* dos Reis Catholicos enchia e enche o pateo do Collegio de S. Gregorio em Valhadolid.

Uma fábula, em lugar de uma demonstração? Bem o sei. Mas não se esqueçam de que opponho hypotheses *fundadas* a hypotheses *infundadas,* e emendas e interpretações acreditaveis a emendas impossiveis.

Quem, apesar de tudo quanto deixo dito, duvidar da legitimidade de assim lermos motes de principes como se fossem charadas ou *rebus pueris,* lembre-se da antiquissima devisa de Sevilha. D. Affonso, o Sabio, honrou essa unica cidade que nas guerras civis lhe ficára fiel, com o titulo de *muy noble y muy leal* e com a significativa empresa da *Madeixa,* ou do *Nodo.* Uma madeixa, em figura de 8 fechado, está collocada entre os monosyllabos *No do,* hieroglypho emblematico que se traduz: *No m'a dexado — Sevilha não me abandonou!*

Nem faça sombra que D. Manoel havia usado antes de 1495 e continuou sempre a usar da bellissima devisa ambígua da *Espera,* symbolo do astrolabio e ao mesmo tempo nome da Esperança, e ainda imperativo do verbo *esperar.* Mais de um principe escolheu lemma novo para empresas novas. Felipe, o Bom, de Borgonha, adoptou *Autrui n'auray,* no dia em que se consorciou com D. Isabel de Portugal. O Infante D. Henrique juntou as iniciaes I. D. A. com que costumava assignar, no vocabulo *Ida* quando na côrte se ventilou a ideia da expedição de Ceuta. D. João I levava inscripto no seu estandarte a exclamação *En bon point!* na jornada de Aljubarrota; D. Sebastião, na infausta de Alcacer-Quebir, as palavras *Amor, fé, amor.* O filho do grande Alfonso de Napoles ostentava em outra batalha, *tres diademas* e o vocabulo *valer,* para que a soldadesca lesse: *dia de mas valer.*

Quer-me parecer que o principe prudente e previdente que *esperou* até ter alcançado os seus fins mais ambicionados, subindo ao throno e realizando o descobrimento do caminho da India, teria tido muitissima razão em querer *perseverar* em todas as demais empresas iniciadas pelos ascendentes. E tambem me parece que *Tanaz ferey* é um bello complemento de *Espera,* e que ambas são d'aquellas empresas *boas de matar* (no dizer de Francisco de Hollanda) que enchem a medida, tocam nas estrellas e se erguem como aguias sobre as outras.

qui au XVIme siècle se sont occupés de la science emblématique, cette partie si intéressante et si poétique de l'Héraldique, ne lui auraient pas marchandé les épithètes de «délicate et choisie, courte et juste». Composée des deux éléments qui constituent la légende parfaite — *corps et âme,* figure et lettre — elle les présente combinés de manière à se compléter mutuellement. La partie figurée est de travail limité et facile à faire, quoique difficile à trouver. La légende laconique, discrète et réservée, puisqu'elle ne dit pas quel est l'objet principal de la ténacité promise, est en même temps obscure, bizarre et énigmatique, bien qu'elle soit écrite dans la langue nationale! La «compréhension générale» aussi est parfaitement d'accord avec l'emblème enveloppant de feuilles de *lierre,* symbole évident de constance, fidélité, fermeté, ambition et *ténacité.* Outre celà elle est très appropriée à la personne. Quintessence étudiée de toutes les intentions morales qu'un individu à pu acquérir par son expérience de la vie, elle paraît avoir été choisie justement comme maxime qui devait guider dorénavant tous les actes de D. Manuel.

Un embassadeur vénitien avait dit de lui: *Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito.* Le roi avait donc besoin de se lier et de se stimuler ainsi par des vœux solennels pour que ses forces de volonté ne s'évanouissent pas avant le temps.

Si nous voulons mettre le vœu d'accord avec les grandes entreprises maritimes, initiées par la dynastie *joannina,* spécialement par l'aïeul adoptif de D. Manuel, l'infant navigateur, il est présumable qu'il ait été prononcé dès le commencement de son règne, avant l'expédition de Vasco da Gama. Si nous l'appliquons exclusivement à l'édification des Chapelles Imparfaites, nous pourrions supposer qu'il ait été formulé spontanément, à l'occasion de la translation de D. Jean II, ou peut-être après l'heureux retour de Vasco da Gama, lorsque la construction des Jeronymos était dejà décidée et commencée; au moment peut-être où un serviteur loyal et bien vu, ayant son franc-parler, aurait émis quelques doutes sur la possibilité de voir son seigneur et maître mener simultanément à bonne fin la construction de l'église de Belem, celle de Batalha et tant d'autres qu'il avait commandées. Désignant le *lierre* robuste et verdoyant qui avait couvert les murs du monastère, grimpant jusqu'à la flèche de la cigogne, le monarque aurait ajouté: *Soyez tranquille, je serai tenace* (*tanax*), *tenace comme ce lierre qui ne se détache plus de ce qu'il a saisi!* Et le courtisan loyal et rusé, — supposons que ce serait D. João Manuel, fils de sa nourrice, et son grand chambellan, reconnu comme bon latiniste, et qui avait employé avec grand art le *pitagorique y* en une de ses poésies — aurait repliqué: «*Eh bien, faites donc vœu de tenacité sur ces pierres qui vont être travaillées pour le portail d'entrée, et celles qui sont destinées à fermer les tombes des rois!*» Et citant de mémoire l'*hedera sequax* du poète Persan, le *tenax hedera* de Catulle, et des devises remarquables comme: *Je meurs où je m'attache — Et arida tecum,* il aurait tracé ou fait tracer par l'entrepreneur sur une planche quelconque l'esquisse de la *légende de la Tenaille,* insistant en ce qu'elle devait remplir le portique du haut en bas, tout à fait comme le *Tanto monta* avec les *coyundas e settas* des Rois Catholiques qui remplissait et remplit la cour du collège de St Grégoire à Valladolid.

Je sais que je présente une fable au lieu d'une démonstration, mais n'oubliez pas que j'oppose des hypothèses *fondées* à des hypothèses *infondées,* et des corrections et interprétations croyables à des corrections impossibles.

Ceux qui, malgré tout ce que j'ai dit, douteraient encore de la véracité avec laquelle je lis des devises de princes comme des charades ou des *rébus enfantins,* doivent se souvenir de l'ancienne devise de Séville. D. Affonso, le Sage, honora cette ville, la seule qui lui resta fidèle lors des guerres civiles, avec le titre de *muy nobre y muy leal* e avec la légende significative de la *Madeixa* ou du *nodo.* Une *madeixa* en forme de 8 fermé est placée entre les monosyllabes *no do,* hieroglyphe emblématique qui se traduit: *No m'a dexado — Séville ne m'a pas abondonné!*

On sait bien aussi que D. Manuel avait adopté avant 1495 et même après, la belle devise ambigüe de *Espera,* symbole de l'astrolabe, nom de l'Espérance et l'impératif du verbe *espérer.* Beaucoup de princes ont choisi de nouveaux lemmes pour de nouvelles entreprises. Philippe le Bon, de Bourgogne, adopta *Autrui n'auray* le jour où il épousa D. Isabel de Portugal. L'infant D. Henrique réunit les initiales I. D. A., qui formaient sa signature, dans le mot *Ida,* lorsqu'on commença à la cour, à parler de l'expédition de Ceuta. D. João I portait sur son étendard l'exclamation *En bon point!* à la bataille

Ao sentido inequivoco e muito humano da *tanaz* foi, de resto, dada forma poetica por mais de um vate. Citemos o cantor dos *Lusiadas* que tambem prometteu

. . . . mas eu firme estarei
no que emprendi . . . .
(Ode xii, verso 78)

. . . . pois é fraqueza
desistir-se da cousa começada.
(*Lusiadas*, i, 40)

Cruel ironia da sorte foi que o voto de perseverança, feito por D. Manoel, em portuguès arcaïco e castiço, não fosse cumprido, saisse deturpado das mãos de pedreiros analphabetos (tratados um pouco injusta e rudemente de idiotas por Frei Luis de Sousa), e passasse a ser *grego* para os ouvidos e os entendimentos dos posteros!

Falta dizermos duas palavras sobre as restantes inscripções das Capellas Imperfeitas. No topo da magestosa *portada das tanazes,* ha mais uma, muito mal legivel por causa da altura em que fica e da pouca luz que recebe, mettida como está entre os cordões segundo e terceiro, nuns taboleiros em forma de losangos, á direita e á esquerda e sobre o cume do arco reentrante. D. Frei Francisco de São Luis, o unico escriptor que reparou nella, lendo *pantes taray* ou *pante taray,* tem-na em conta de grega, mas diversa do *tanyas erey,* a cuja tenção «responde». Está claro que não a traduz, nem indica qual a sua significação.

Embora a homophonia, evidentemente fortuita, evoque na minha memoria a famosa maxima positivamente grega de Heraclito, o Escuro, de Epheso — aquelle *panta rei = tudo se move, tudo fluctua de incerto e inconstante,* que tanto se presta a ser considerado como resposta ironica de um eco intelligente ás vans aspirações de tenacidade de D. Manoel — estou de fé que os dez a doze caracteres, em gothico minusculo, desenhados exactamente como o *tanaz ferey,* repartidos como elle em duas metades, e como elle cercados de heras, e pertencentes á decoração do mesmo portico, não são outra coisa do que variantes d'essa devisa, ainda mais adulteradas do que as duzentas e quatro repetições entalhadas nos cordões a que dão remate.

Independente d'ellas e collocada nas duas portas baixas e lateraes do atrio, que ostentam a inscripção *Perfectum fuit anno 1509* e a Cruz de Christo, existe entre duas Esferas Armillares a letra *E,* emmoldurada num arabesco muito parecido a um *C* em cuja ponta estivesse um *y*-grego, ou segundo outros, os tres caracteres *C E y.* Juntas, essas não perfazem dicção alguma, ficando expostas como meras iniciaes ou symbolos numeraes, a quantas interpretações os adevinhadores lhes queiram applicar. O historiador de S. Domingos acredita na identidade da sigla mysteriosa com o ambiguo *Ei,* inscripto no templo apollineo de Delphos, que tanto deu que fazer aos sabios antigos, tradu-la por *tu és,* e reconhece nesta affirmação a resposta philosophica e profunda del Rei ao Senhor que o mandava descobrir novos mares e novas terras.

Outros vêem no *E* simples abreviatura de *Emanuel* (e *Manuel Rei* no *M R* coroado das pilastras do segundo andar), interpretação que approvo e aceito.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

de Aljubarrota; D. Sebastião, dans la malheureuse journée d'Alcacer-Quebir, portait les mots *Amor, fé, amor.* Le fils du grand Alphonse de Naples dans une autre bataille présentait *trois diadèmes* (diademas) et le mot *valer,* pour que les soldats pussent lire : *dia de mas valer.*

Il me semble que le prince avisé et prévoyant qui *espéra* jusqu'à arriver à ses fins les plus ambitionnées, montant sur le trône et réalisant la découverte du chemin de l'Inde aurait eu bien raison de vouloir *persévérer* en toutes les autres entreprises commencées par ses antécesseurs. Et il me semble aussi que *Tanaz ferey* est un beau complément de *Espera* et que ce sont deux légendes *deux fois bonnes* (comme dit Francisco de Hollanda), parce qu'elles emplissent la mesure, touchent aux étoiles et s'élèvent comme des aigles au dessus des autres.

Du reste, le sens inéquivoque et très humain de *tanaz* a été rimé, par plus d'un poète. Nous citerons le chanteur des *Lusiades* qui a dit aussi

. . . . mas eu firme estarei
no que emprendi . . . .
(Ode xii, vers 78)

. . . . pois é fraqueza
desistir-se da cousa começada.
(*Lusiades*, i, 40)

Par une cruelle ironie du sort, le vœu de persévérance fait par D. Manuel en portugais archaïque et pur, n'a pas été accompli et les mains d'ouvriers analphabètes (rudement et injustement traités d'idiots par Frei Luis de Sousa) l'ont abîmé, ce qui l'a fait passer comme du *grec* aux oreilles et aux jugements de la postérité!

Il nous reste à dire deux mots sur les autres inscriptions des Chapelles Imparfaites. Au sommet du majestueux *portique des tenailles,* il y a encore une légende à peine lisible à cause de la hauteur où elle est placée et du peu de lumière qu'elle reçoit, enchassée entre le deuxième et le troisième cordon, sur des plaques en forme de losanges, à droite et à gauche tout en haut de l'arceau rentrant. D. Frei Francisco de S. Luis, le seul écrivain qui l'a remarquée, en lisant *pantes taray* ou *pante taray,* la prend pour du grec, mais différente du *tanyas erey* dont elle «*complète*» l'intention. Il va sans dire, qu'il ne la traduit pas et n'indique pas sa signification.

Quoique l'homophonie, évidemment fortuite, évoque dans ma mémoire la fameuse maxime, positivement grecque, de Héraclite, l'Obscur, d'Ephèse — ce *panta rei — tout se meut, tout flotte incertain et inconstant* qui se prête si bien à être considéré comme réponse ironique d'un écho intelligent aux vaines aspirations de ténacité de D. Manuel — je suis persuadée que les dix ou douze caractères en gothique minuscule dessinés exactement comme le *tanaz ferey,* partagés de même en deux moitiés, et également entourés de lierre, appartenant à la décoration du même portique, ne sont que des variantes de cette même devise, encore plus corrompus que les deux cents quatre répétitions incrustées dans les cordons et auxquelles ils servent de terminaison.

Outre ces devises et placée sur les deux portes basses latérales du parvis, qui présentent l'inscription *Perfectum fuit anno 1509* et la Croix du Christ, on voit entre deux Sphères Armillaires la lettre *E,* encadrée d'une arabesque très semblable à un *C* au bout du quel serait un *y;* ou, d'après d'autres, les trois caractères *C E y.* Réunies, ces lettres ne présentent aucun sens, et restent exposées comme de simples initiales ou des symboles numériques, à toutes les interprétations que les déchiffreurs voudront leur assigner. L'historien de S. Domingos croit à l'identité du signe mystérieux avec l'ambigu *Ei,* inscrit au temple d'Apollon de Delphos, qui donna tant de fil à retordre aux anciens savants, et il la traduit comme *tu es,* reconnaissant dans cette affirmation la réponse philosophique et profonde du Roi à notre Seigneur qui lui ordonnait de découvrir de nouvelles mers et de nouveaux pays.

D'autres voient dans l'*E* une simple abréviation de *Emmanuel,* et *Manuel Roi* dans l'*M R* couronné des pilastres du deuxième étage. J'admets et j'approuve cette interprétation.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

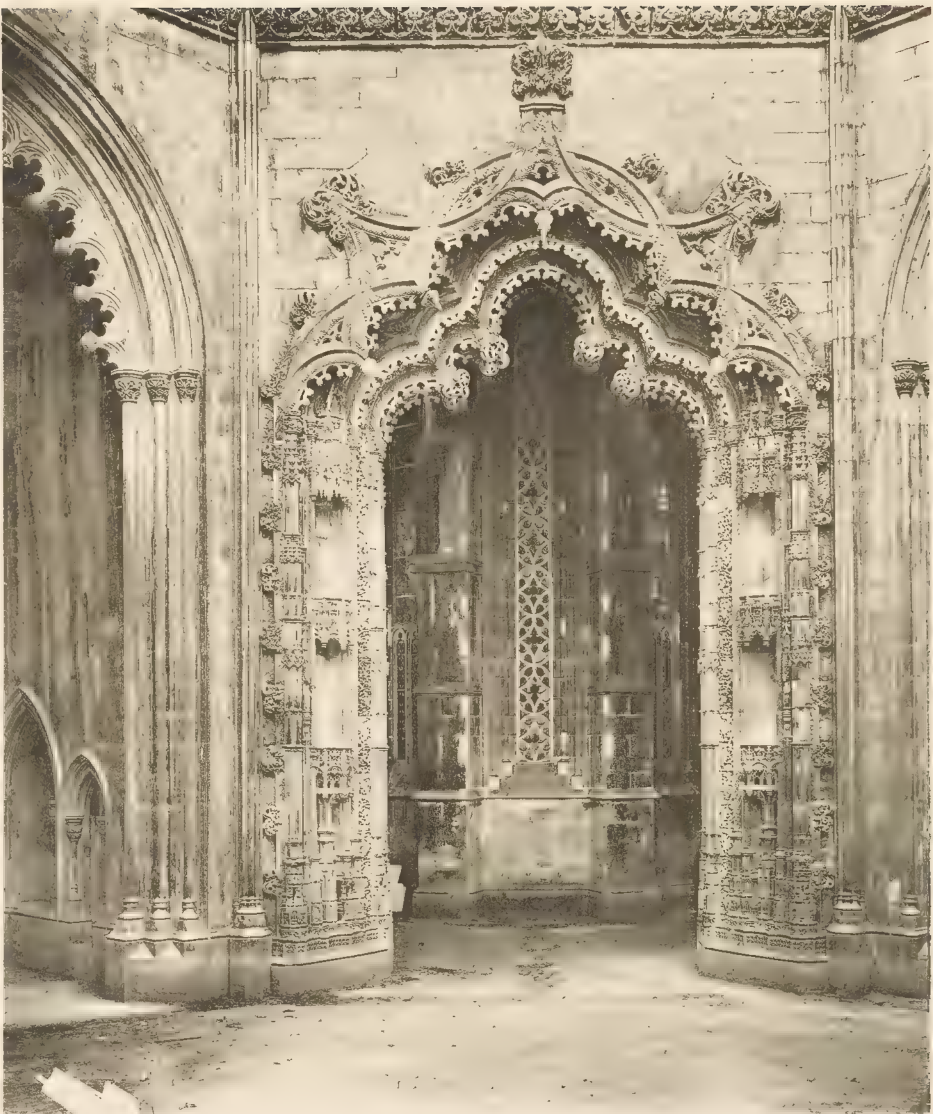


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capellas imperfeitas (lado sul)

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG. STADO
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta das Capellas imperfeitas
BATALHA

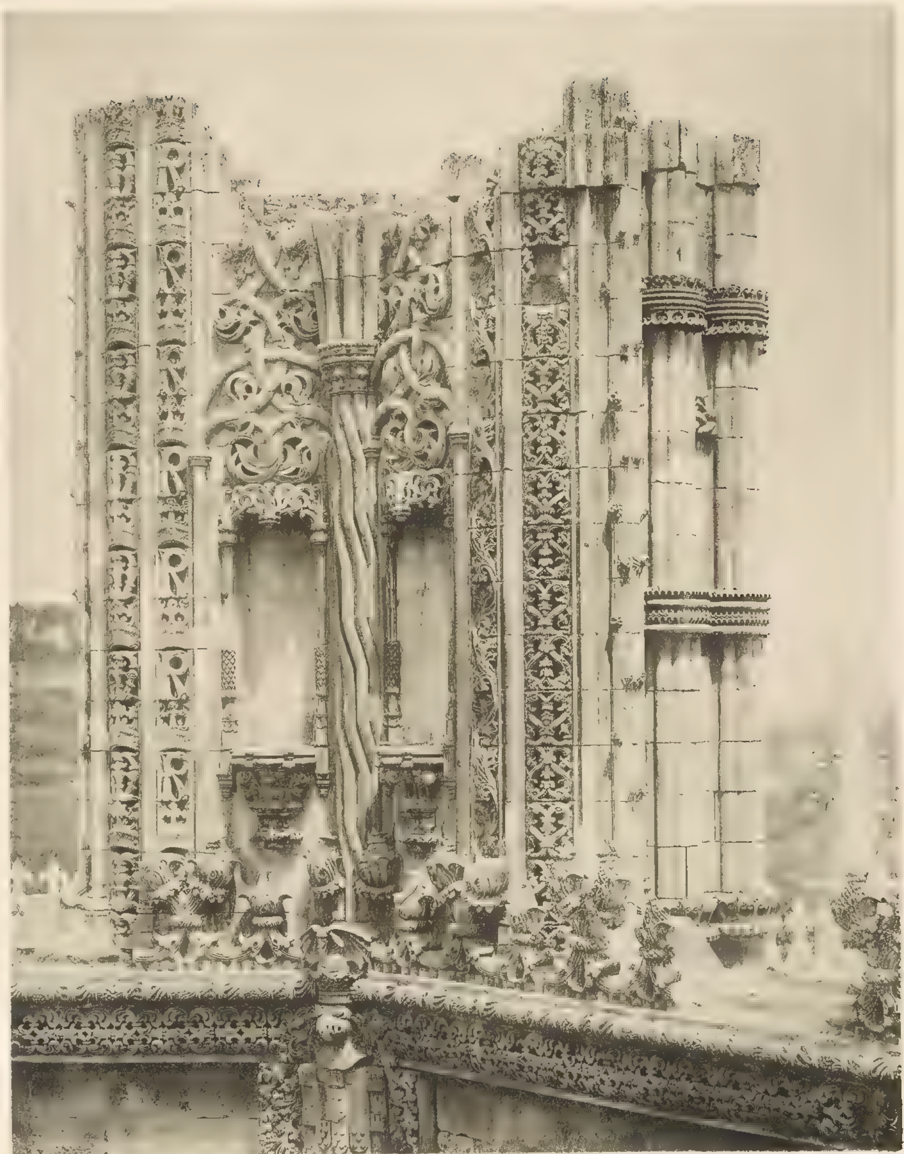


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta das Capellas imperfeitas

BATALHA

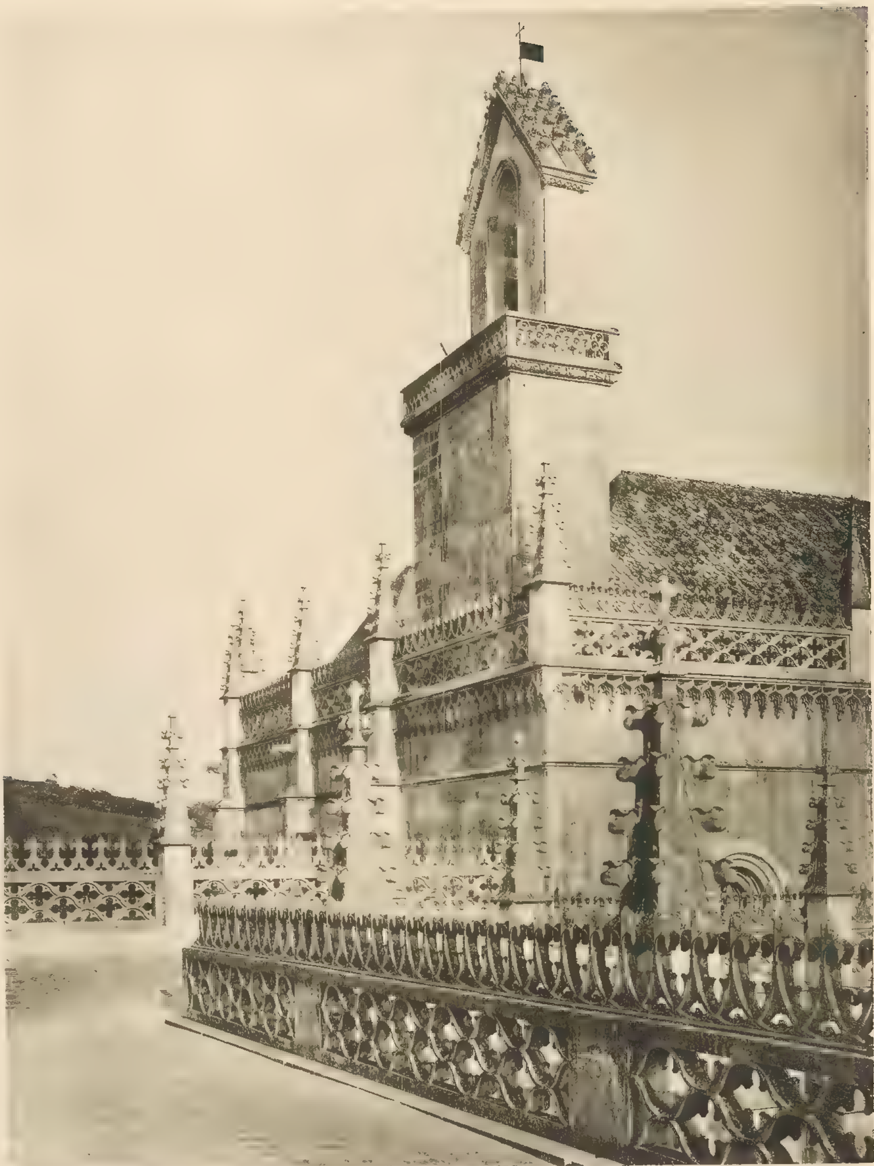


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG STADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Detalhe d'uma columna das Capellas imperfeitas

BATALHA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG STADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Campanario e terraços do Mosteiro
BATALHA

Algarve

Villa Nova de Portimão e Monchique



Quasi cume da cabeça da Europa toda é o reino lusitano, como disse o nosso Camões, e a parte sul d'este paiz, constituida por uma facha de terreno de algumas leguas de largura, é o antigo reino, hoje provincia do Algarve.

Extremam-na pelo norte, do resto do paiz, as serras do Caldeirão e Monchique, são-lhe limites pelas costas occidental e meridional as aguas do oceano, e pelo nascente divide-o da Espanha, o Guadiana, um dos rios mais importantes da peninsula iberica.

Quando começou a ser habitado este tracto de terreno, que povos ahi estabeleceram morada e progrediram, seria materia longa a deduzir; faltam-nos para isso forças, cabedal e espaço. E, singularidade notavel, — emtanto que se nos deparam pela sua superficie abundantes testemunhos das idades da pedra e do bronze e do periodo da dominação romana, escassos vestigios nos apresenta não só dos tempos da maior elevação da sua cultura sob o dominio musulmano, como até, — o que é mais extraordinario — da época do mais alto grau do desenvolvimento da actividade portuguêsa, isto é, desde o meado do seculo XIII até o seculo XVI.

Se não existissem ainda a Sé de Silves, os restos das muralhas d'essa vetusta cidade, a cruz de Portugal, e aqui e além um ou outro portal ou janella de alguma egreja, dir-se-ia que similhante paiz não havia sido habitado durante esses oito seculos. Pois se até a capella-mór da egreja do Convento de S. Francisco do Cabo de S. Vicente, onde ainda ha dez annos existiam os azulejos [1], provavelmente da primitiva edificação do infante D. Pedro, desappareceu pelas ordens de um apontador espanhol, que o governo (ou quem quer que foi) incumbiu de ir fazer uma reconstrucção no farol d'aquelle Cabo [2].

Se Granada, Cordova, Sevilha principalmente, sédes de alguns reinos musulmanos, encerram tantos documentos da alta e luxuosa civilisação de suas famosas côrtes, que nos conservas tu, Silves, do brilhantismo dos teus faustosos soberanos? que sons retens ainda das *Kasidas* inspiradas de Mohamed Benammar [3], ou d'essa illustre Mariam, filha de Abu-Jacub-el-Faisoli, que deixando esse teu sólo foi adextrar nas sciencias e poesia as donzellas da côrte de Sevilha? [4] Que foi do teu magico alcazar de Seradsjib, onde os leões de marmore e formosas esculpturas augmentavam o encanto das decorações brilhantes e sumptuosas? [5] ou d'esses jardins encantados onde o perfume das sempre-verdes larangeiras alliado ao das rosas, jasmins e outras flôres pelas tardes e noites calmosas convidavam ao solaz e amor? Oh! que nem guardaste um ecco sequer das deliciosas *poesias* do suave Al-Motamid que, na sua mocidade, ahi passou tão deleitosos momentos, e que por ti se derramava em saudosas e sentidas elegias, quando, cahido da sua antiga fortuna e captivo do feroz Jusef-ben-Taxfin, curtiu o resto de seus angustiosos dias nas masmorras d'Agmat! [6]

Por mais de quarenta annos, Algarve, foram o teu littoral e os teus portos o viveiro das caravelas que iam devassar o oceano, descobrir novas ilhas, novas plagas, ou transportar as hostes lusitanas que haviam de infligir aos arabes ou berbéres do Algarve d'além, o castigo da sua intrusão de sete seculos no sólo iberico; mas se perguntarmos a esses portos, a essas ribas, a esses povoados pelas memorias dos homens d'esses tempos, apenas alguma campa nos dirá que encerra os restos de um ou outro. Dos Côrte-Reaes, dos Barretos, dos Monizes, dos Athaydes, dos Simões, dos Pessanhas, dos Gil Eanes, etc., não nos saberão dizer onde viveram. Nem do proprio infante D. Henrique nos poderão indicar com certeza os locaes onde residira, e a mesma egreja, onde primeiramente foi sepultado, jaz por

---

1 *Villa do Infante*, no XVII vol. da revista illustrada *O Occidente*.

2 Braamcamp Freire, *O Conde de Villa-Franca*, etc., Lisboa, 1899, pag. XI.

3 David Lopes, *Textos de aljamia portugueza*, 1897, pag. IX. — Conde, *Hist. de la domin. de los arab. en Esp.*, 1840, pag. 330.

4 Conde, *op. cit.*, pag. 241.

5 Schack, *Poesia e Arte dos Arabes em Hespanha e Sicilia*, cap. X.

6 Id. id. — e Conde, *op. cit.*, 3.ª part., cap. XX.

L'Algarve

Villa Nova de Portimão et Monchique



Le royaume lusitanien, qui forme presque le sommet de la tête de l'Europe, suivant la description du Camões, a au sud une bande de territoire de quelques lieues de largeur, qui constituait l'ancien royaume, aujourd'hui province de l'Algarve. Bornée au nord par les montagnes du *Caldeirão* et de *Monchique*, cette province a ses côtes occidentales et méridionales baignées par les eaux de l'Atlantique, tandis qu'elle est séparée de l'Espagne par le Guadiana, un des fleuves les plus notables de la péninsule ibérique.

Dire quand ce pays a commencé à être habité et quels furent les peuples qui s'y établîrent et s'y développèrent serait matière très longue à déduire, et pour le faire, il nous manque, — non seulement les forces, mais aussi les connaissances et l'espace. — Puis, par une remarquable singularité, pendant que nous y trouvons, en divers endroits, de nombreux témoins des âges de pierre et de bronze, et aussi de la domination romaine, — nous n'y découvrons que de très légères empreintes des époques de la plus haute grandeur de la civilisation et de la domination musulmane, et — ce qui est plus étonnant, — du plus haut degré du développement de l'activité portugaise, c'est-à-dire: depuis le milieu du XIIIème jusqu'au XVIème siècle.

Si la vieille cathédrale, quelques pans de murailles de l'ancienne ville de Silves, et la nommée croix du Portugal, n'existaient pas, — puis par ci par là, un portail ou une fenêtre de certaines églises, — on dirait que ce pays n'aurait pas été habité durant ces trois siècles et demi.

Même, dans la chapelle majeure de l'église Saint-François, du cap Saint Vincent, où il y a dix ans on voyait encore des carreaux de faïance, remontant probablement à la construction primitive de l'Infant D. Pedro, — ceux-ci ayant été enlevés par ordre d'un entrepreneur espagnol, que le gouvernement, — où qui que ce fût, — avait chargé de quelques réparations à faire au phare de ce cap.

Si Grenade, Cordoue et Séville, sièges principaux de quelques royaumes musulmans, ont conservé tant de documents de la haute et luxueuse civilisation de leurs cours fameuses, que nous gardes-tu, Silves, de la splendeur de tes fastueux souverains? Retiens-tu encore le son des Kassidas inspirées, de Mohamed ben Ammar, ou de cette Mariam, fille d'Abu-Yacub el Faisoli, laquelle quittant son sol, alla instruire les demoiselles de la cour de Séville, dans les sciences et la poésie? Qu'est-il devenu, ton féerique Alcazar de Seradsjib, où les lions de marbre et les belles sculptures augmentaient le charme de ses décorations somptueuses et brillantes? Et ces jardins enchantés, où le parfum des orangers toujours verts, s'alliant à celui des roses, des jasmins et de tant d'autres plantes odoriférantes, durant les soirées et les nuits ardentes, invitait tout le monde à la reverie et à l'amour? Oh! tu n'as même pas, au moins, conservé un écho des délicieuses poèsies du doux Al Motamid, qui après avoir passé dans sa jeunesse de si délicieux moments dans ton sein, épancha vers toi de si plaintives élégies, quand déchû de son ancienne fortune et prisonnier du farouche Yussef ben Taxfin, il passa meurtri le reste de ses tristes jours dans les cachots d'Agmat!

Pendant plus de quarante ans le littoral et les ports de l'Algarve furent la pépinière des caravelles qui allaient dévoiler l'Océan à la découverte de nouvelles îles, ou de côtes inconnues, ou bien, conduisant les phalanges chrétiennes qui devaient infliger aux Arabes ou Berbères de l'Algarve d'au delà du détroit, le châtiment de leur intrusion de sept siècles sur le sol ibérique. Si, cependant, nous allons demander à ces ports, à ces rives, à ces bourgades, la mémoire des hommes de ce temps-là, à peine trouverons-nous quelque tombeau nous disant qu'il garde la dépouille de l'un ou de l'autre. Des Corte-Real, des Barreto, des Moniz, des Athaide, des Simões, des Pessanha, des Gil Eannes, etc., ils ne sauront nous dire où ils ont vécu. Ni même à l'égard de l'Infant D. Henri, ils ne pourront nous indiquer avec certitude les endroits où il a séjourné. L'église où il fût d'abord inhumé est tout à fait rasée, et les quelques pierres qu'on en a retirées, sont encore gardées dans une chaumière quelconque, attendant le moment ou une main peu scrupuleuse s'en empare, pour les transformer en quelque cheminée, ou décoration de cuisine, comme cela a eu lieu autrefois à Evora, pour la sépulture de Garcia de Rezende!

terra e algumas pedras que d'ella se recolheram, estão guardadas e occultas em certo escondrijo de Lagos, á espera que algum dia mão pouco escrupulosa d'ellas se apodere, para construir alguma chaminé, poial ou mesa de cozinha, como aconteceu outr'ora em Evora á campa de Garcia de Rezende.

Proximo á foz do rio, que banha as plantas d'essa velha Silves, existia de tempos antigos uma pequena povoação de pescadores, insignificante e pouco conhecida. As emprezas maritimas, porém, tendo não só feito descer ás costas do mar muita gente das terras sertanejas, mas tambem attrahido a ellas alguns estrangeiros de varias partes da Europa, fizeram engrossar e desenvolver essas povoações do littoral. Entre ellas coube a sorte a esse nucleo que pelo meado do seculo xv foi feito villa, com o nome de *Villa Nova de Portimão,* e cujo senhorio em 1476 foi dado a Gonçalo Vaz de Castello Branco, pelos serviços prestados ao paiz. Posteriormente foi elevada a Condado, quando em 1514 foi publicada a mercê do titulo de Conde [1] feita a D. Martinho de Castello Branco, neto d'aquelle, a cujo pae havia já sido conferido o titulo de *Dom.*

Como já dissemos, Villa Nova de Portimão está assente sobre a margem direita do rio, em sitio plano, que se eleva um pouco para o interior. Apesar de ter tido a sua éra de prosperidade, havia decahido, como todo o Algarve, até os tempos modernos, em que novas vistas, nova orientação a tem feito reflorir, e, parece-nos, que com maior vigor e pujança do que nos tempos já passados.

As suas antigas ruas estreitas, tortuosas e pouco asseiadas, estão mostrando a sua origem medieval; e dos ultimos seculos anteriores á sua renovação hodierna apenas se podem assignalar n'esta localidade, a egreja do convento outr'ora dos jesuitas, depois dos Camillos, convento fundado em 1660 por Diogo Gonçalves, e os Castellos de Santa Catharina na margem esquerda, junto á barra, e fronteiro a elle o de S. João.

Hoje está em completa transformação. Um magnifico caes se desdobra perante a villa, que sobre elle se ostenta, apresentando novos e regulares edificios. Uma obra importantissima tambem, é a ponte sobre o rio, cujo taboleiro se abre e gira, para dar passagem aos navios. A estrada que a ella conduz é muito agradavel e arborisada, e d'ella partem, para um e outro lado novas vias, que são outras tantas ruas largas e direitas que têm já formada como que uma nova villa. Os seus arredores têm bellezas que attrahem. A estrada que da villa conduz ao sitio da Rocha acha-se quasi toda bordada de casas e *chalets* elegantes, que tornam agradavel o seu percurso á vista. Chegados á Rocha, deliciosa e desaffectada estação balnear, então ahi a arte alliada á natureza, constituem um formosissimo quadro que os olhos não se cançam de admirar, e os curiosos e amigos das bellezas naturaes têm reproduzido em photographias caracteristicas, que podem ser variadas por multiplices pontos de vista. Alli o mar ora socegado e languido, lambendo como que a descuido os rochedos immoveis, ora alteroso e rugidor galgando-os e espedaçando-se em flocos alvejantes pelos seus flancos escarpados, desdobra-se por espaços sem fim, deslumbrando a nossa phantasia com o majestoso espectaculo das suas scenas variadas.

Mais perto da villa, aqui e além novas fabricas de conserva e de distillação emtanto que espalham em torno de si a abundancia e conforto, exportam, ao mesmo tempo para longe os productos da região, e os fartos recursos que lhes offerece o providente oceano.

Percorramos porém as estradas que nos levam a outros pontos. Se o fizermos nos principios do anno, veremos as viridentes amendoeiras esmaltadas de flôres alvejantes, cujas petalas, ao cahir se espalham pelo sólo adjacente formando um tapete gracioso, e em todo o tempo a formosa alfarrobeira sempre verde e copada, estabelece como que uma correspondencia ao castanheiro, sobreiro ou carvalho das outras provincias.

É ingreme, vae por entre fraguedos e charnecas essa estrada que conduz a Monchique e quão differentes se acham esses contornos do paraiso em que os havia de ter transformado a cultura musulmana! [2] Mas não importa, não deis por mal empregada essa fadiga de quatro ou cinco horas de jornada, pelo quadro soberbo que vos desenfadará ao fim d'ella.

Se Cintra, S. Pedro do Sul, Vidago, a Granja, Espinho, Gerez e outras estações thermaes, bal-

[1] Vid. a historia da creação d'este condado. *Livro segundo dos Brasões da sala de Cintra,* do snr. Braamcamp Freire, pag. 434.

[2] Dozy, *Histoire des musulmans d'Espagne,* III, 91.

Près de l'embouchure de la rivière qui baigne les pieds de la vieille ville de Silves, existait depuis des tempes les plus reculés, une petite bourgade de pêcheurs, insignifiante et peu connue. Cependant les entreprises maritimes, ayant donné lieu à ce que des habitants de l'intérieur vinssent s'établir sur ses côtes et que des étrangers de divers pays de l'Europe se laissèrent attirer en ces endroits, firent grandir et développer les bourgades du littoral. Entre elles, le sort protégea ce petit noyau, de telle façon, que, vers le milieu du quinzième siècle, il fût élevé au rang des petites villes, sous le nom de Villa Nova de Portimão, dont le domaine fût accordé em 1476, à Gonçalve Vaz de Castello Branco, en récompense des services qu'il avait rendus au pays. Quelque temps après, cette ville fût érigée en comté en 1514, quand fût octroyé le titre de comte à D. Martim de Castello Branco, son petit fils, dont le père avait déja reçu le titre de Dom.

Comme nous l'avons déja dit, Villa Nova de Portimão est assise sur la rive droite du fleuve, sur un emplacement plat, s'élevant légèrement vers l'intérieur. Après avoir joui d'une certaine prospérité à son début, elle était déchue, comme tout l'Algarve, jusqu'aux temps rapprochés de nous, quand des vues plus larges et une nouvelle orientation l'ont fait refleurir et selon ce qu'il nous semble, avec plus de sève et de vigueur qu'autrefois.

Les anciennes rues, étroites, tortueuses et peu soignées, révèlent encore son origine du moyen-âge; mais, de ces premiers temps de sa fondation, à peine peut-on remarquer l'Eglise du couvent, qui fût d'abord des Jésuites, puis des Camilles, — couvent fondé em 1660 par Jacques Gonçalves, — et les forteresses de Sainte Catherine, commandant l'entrée du fleuve, sur la rive droite, et celle de Saint Jean lui faisant pendant de l'autre côté.

La ville est aujourd'hui en voie d'une complète transformation. Un quai magnifique se déroule devant elle, sur lequel s'étalent des édifications modernes très régulières. Le pont, dont le tablier s'ouvre et tourne, afin de donner passage aux navires, est un travail très important. La route qui conduit au pont est très agréable, tant du côté de la gare, que de celui de la ville, où elle est bordée de constructions neuves formant presque une nouvelle ville. Les alentours renferment d'attrayantes beautés. La route, qui partant de la ville conduit à la plage de la Rocha, est très pittoresque et est bordée sur presque tout son parcours, de coquettes maisons et de châlets, qui charment les regards. Lorsqu'on est arrivé à la Rocha, — simple mais délicieuse station balnéaire, — ici l'art allié à la nature offre un si beau tableau, qu'on ne se lasse de l'admirer, et que des amateurs de beautés naturelles ont reproduit en photographies caractéristiques, qui pourraient être variées sous d'autres points de vue.

Là, la mer parfois tranquille et languissante lèche presque à l'abandon les rochers immuables, et d'autres fois, agitée et mugissante, elle les recouvre de ses blancs flocons, en se fracassant sur leurs flancs escarpés, se déroulant sur des espaces sans fin et éblouissant notre fantaisie du majestueux spectacle de ces scènes variées.

Aux abords de la ville, existent par ci, par là, de nouvelles usines de conserves et des distilleries, qui, tandis qu'elles répandent autour d'elles l'abondance et le bien-être, exportent au loin les produits de la région et les ressources qui nous offre l'inépuisable océan.

Mais, parcourons les routes qui nous conduisent aux environs. Si nous les suivons au commencement de l'année, nous trouvons les amandiers verdoyants, émaillés de fleurs blanches, dont les pétales jonchant le sol en tombant, forment un tapis gracieux; puis, en toute saison, le caroubier, toujours vert et touffu, remplace dans le sud, le chataignier, le chêne-liège et la yeuse des autres provinces.

La route qui aboutit à Monchique a des pentes fort raides et traverse un terrain rude couvert de broussailles. Ces contrées doivent avoir perdu le charme que leur avait donné la culture musulmane, — mais, qu'importe, ne craignez point la fatigue de quatre heures environ de parcours, vous y trouverez à la fin un tableau superbe qui vous en soulagera.

Si Cintra, São Pedro do Sul, Vidago, la Granja, Espinho, le Gerez et d'autres stations thermales balnéaires, ou simplement d'air pur, sont renommés comme étant des séjours agréables, doux et ravissants, où l'on trouve le charme de la nature, qui verse un certain énivrement dans l'âme, en nous faisant oublier les mesquineries et les ennuis qui nous entourent, que dirons-nous de Monchique, qui pourrait devenir un paradis terrestre, si on y faisait converger les efforts, les capitaux, les bonnes volontés, le goût qui, en divers endroits du monde, ont converti des déserts et des recoins, d'abord inconnus, en

neares, ou de bons ares gozam da reputação de sitios amenos e formosos, onde se encontram os encantos da natureza que inebriam a alma e fazem esquecer as mesquinhezas e semsaborias que nos cercam, que diremos de Monchique, que não cede a nenhuma, e podia ser um trecho do paraizo, se para alli convergissem os esforços, os capitaes, a vontade e o gosto que, em toda a parte do mundo, converte ermos e recessos, outr'ora desconhecidos, em deleitosas estancias, que não só nos retemperam o organismo alterado, mas nos offerecem quadros de attrahente enlevo?

Não sabemos bem desde quando Monchique é conhecido da humanidade, nem nos demoraremos a investigar d'onde se deriva tal nome, sabemos sim que já no tempo do dominio musulmano na peninsula existia no districto ou *amelia* de Silves (*Xelb*) um castello que vemos escripto por uns *Merjec*, por outros *Mrdjìc*, *Muragec* ou *Maradjie* [1] que, com toda a probalidade, é o nosso Monchique.

Ora n'esta localidade ha dois pontos diversos, mas que se arream com a mesma designação: um é a *Villa*, outro as *Caldas*, ou como se diz hoje — as *thermas:* designação com pretenções aristocraticas, do mesmo modo que muitos nomes vulgares se vão occultando sob titulos de nobreza, o que é engraçado.

Está a villa assente n'um valle ou bacia no recosto das montanhas da Foia e Picota, que a protegem e abrigam. Não obstante a sua situação e proximidade das Caldas, esse burgo foi-se desenvolvendo tão lentamente, que só quasi ao fim do XVIII seculo, em 1773 foi elevado a villa. E comtudo esse pequeno trecho do Algarve é dos mais mimosos que encerra a provincia, porque além dos seus edificios, singelos sim, mas correctos, é terra assaz fertil, dando-se n'ella não só toda a qualidade de arvores fructiferas da Europa, mas igualmente as dos paizes tropicaes, como a bananeira, e até nos dizem que já se tentou a cultura do ananaz. O que podemos assegurar é que toda a fructa d'esta localidade é saborosissima, competindo a laranja com a de Silves, uma das mais reputadas do reino. As formosas serías tambem não tem rival.

A serra que abriga do norte a risonha villa é um dos pontos, não dizemos do paiz, mas da Europa, de mais surprehendente, encantador e admiravel horizonte. As duas montanhas já mencionadas da Foia e Picota, a primeira de uma altitude de 900 metros e a outra um pouco menos elevada, merecem menção especial. Se até agora estes locaes nos não têm manifestado vestigios bem assignalados da passagem ou habitação dos romanos ou dos arabes, alguns nos tem descoberto dos povos das idades neolithica e do bronze por todo esse tracto, desde a serra em os restos de um dolmen proximo da Foia e na famosa necropole de Alcala nos confins da freguezia de Monchique e da Mexilhoeira grande.

Desde a base da serra até aos seus cumes a variedade e differença da vegetação são notaveis. Se a Picota de uma legua de extensão de leste a sul em vertente escarpada é improductiva, em compensação do lado do norte e oeste é toda coberta de castanheiros, vinhas e terras de lavoura; a Foia é toda revestida de vegetação similhante que vae diminuindo de corpulencia da base para o vertice. D. João II havia concedido a serra para logradoiro commum dos habitantes da localidade, mas em 1826 foi dividida em coirellas.

Em 1841 dizia Silva Lopes na sua *Chorographia do Algarve* que a arte ainda alli não havia posto o dedo, é lamentavel e triste que sessenta e tres annos depois, quasi se possa repetir completamente a mesma phrase sem receio de um desmentido. O que se tem feito é pouquissimo. E que outra estancia do paiz merecia o emprego de todos os recursos da arte do que a Foia? Apesar de um certo incommodo ide alli, subi como melhor puderdes esse elevado cabeço e não tereis que vos arrepender. Olhae á direita e á esquerda, vereis d'alli toda a immensidão do mar desde o Cabo da Rocca até Cadix, isto é, toda a costa de Portugal e de Hespanha entre aquelles dois pontos! Onde encontraes outra estancia que vos possa proporcionar quadro similhante?

A alguns kilometros da villa deparam-se-nos as *Caldas* que, segundo a opinião do já citado snr. Seybold, devem ter sido um banho dos musulmanos. Agua por toda a parte, ferrea, sulphurica, quente, frigida, frigidissima, abundante e proficua; se, porém já se não póde repetir com absoluta verdade a referida asserção de Silva Lopes, o que se tem feito alli é tão pouco, que não deixaremos de incitar os que desejam fazer de Monchique o que deve ser, a que appliquem o mais breve e o mais largamente

[1] Conde, *op. cit.* — Seybold, no *Archeologo port.*, vol. VIII, pag. 123.

des séjours de délices, qui non seulement restaurent l'organisme épuisé, mais nous présentent aussi des tableaux d'un charme attrayant.

Nous ne savons pas très bien depuis quelle époque Monchique est connue de l'humanité, et ne nous arrêtons même pas à rechercher d'où vient ce nom; nous avons cependant la certitude, qu'au temps de la domination musulmane, il existait déjà dans la province ou *amelia* de Silves (*Xelb*) un château que nous trouvons désigné par *Merjec*, *Mrdjìc*, *Muragec* ou *Maradgie* et sous d'autres noms encore, et qui probablement serait notre Monchique actuel.

Or, dans cette localité, il y a deux points différents qui se décorent de la même désignation: l'un c'est la ville, l'autre ce sont les *Caldas*, où comme on dit maintenant: les *thermes*, par prétention aristocratique, comme bien des noms vulgaires se cachent sous des titres de noblesse, ce qui est assez plaisant.

La ville est assise dans un vallon, ou espèce de bassin, au pied des coteaux des deux pics de la *Foia* et de la *Picota*, qui l'abritent et la protègent. Malgré cette heureuse situation et la proximité des thermes le bourg s'est développé si lentement, que ce n'est que vers la fin du XVIIIème siècle, en 1773, qu'il fût élevé au rang des petites villes. Et néanmoins, ce petit coin de l'Algarve est un des plus pittoresques que renferme la province. Non seulement la ville est décorée de constructions quoique simples assez correctes, mais cet endroit est aussi très fertile, puisqu'il produit tous les fruits de l'Europe et même ceux des pays tropicaux, tel que le bananier; — on nous a même assuré qu'on y a essayé la culture de l'ananas. Ce que nous pouvons certifier, c'est que tous les fruits de cette région sont très savoureux et certes l'orange soutient bien la compétence avec celle de Silves, une des plus renommées du royaume. Les jolies «SERÍAS» (grénades spéciales) n'ont point de rivales.

Le pic, qui abrite la riante petite ville, du coté nord, est un des points, non seulement du pays, mais certainement de l'Europe, qui offre le plus surprenant horizon, à la fois enchanteur, grandiose et admirable. Les deux montagnes déjà citées: *Foia* et *Picota*, la première de 900 mètres d'altitude, la seconde un peu moins élevée, méritent qu'on s'y arrête un moment. Si ces parages ne nous ont pas offert jusqu'à présent des traces bien marquées du passage et du séjour des Romains, ni des musulmans, ils nous ont présenté des sujets des âges néolithique et du bronze. Dans la montagne, et proche de la Foia, on a constaté quelques vestiges d'un ancien dolmen, de même que dans la fameuse nécropole d'Alcalá, aux confins des paroisses de Monchique et de Mexilhoeira Grande.

De la base de ces montagnes à leur sommet, la variété de la végétation est remarquable; si la Picota a son versant E. et S. escarpé et improductif, sur une étendue d'environ une lieue, elle est en compensation entièrement recouverte, du coté N. O., de maronniers, de vignes et de terres cultivées. La Foia, aussi, est complètement revêtue d'une végétation semblable, mais qui va diminuant de grandeur quand on s'approche du sommet. Le roi D. Jean II avait donné la montagne aux habitants de la localité, en jouissance commune, mais en 1826, on l'a partagée entre eux par parcelles.

Silva Lopes, disait en 1841 — dans sa *Chorographie de l'Algarve* — que l'art n'avait pas encore mis le doigt en ces lieux; il est triste et lamentable, que soixante ans plus tard, on puisse répéter presque entièremente cette phrase, sans crainte d'un démenti. Ce qu'on a fait est si peu! Et cependant, quel autre endroit du pays mérite plus l'emploi de toutes les ressources de l'art, que la Foia?

Bien qu'avec manque de commodité, allez-y; gravissez de votre mieux cette montagne élevée, vous n'aurez pas à vous en repentir. Regardez autour de vous, vos yeux distingueront toute l'immensité de l'Océan depuis le cap de Rocca, jusqu'à Cadix, c'est-à-dire: toute la côte du Portugal et de l'Espagne, entre ces deux points. Où trouverez-vous un autre piédestal qui puisse vous permettre un tableau semblable?

Les thermes sont situés à quelques kilomètres de la ville de Monchique que selon l'opinion du precité mr. Seybold elles doivent avoir été un bain des musulmans; il y a de l'eau partout: — ferrugineuse, sulphureuse, chaude, froide, glacée, à profusion et très utile. Mais, si on ne peut plus répéter ici avec une justesse absolue la phrase de Silva Lopes, ce qu'on a fait est si peu que nous ne pouvons nous abstenir d'inciter ceux qui veulent faire de Monchique ce qu'il doit être, à appliquer le plus tôt et le plus largement possible tout l'effort, l'énergie et l'activité que nous savons avoir été appliqués, — nous ne dirons pas en Allemagne et en France, — mais en Espagne, et dans ces endroits privilégiés du nord du pays, d'où jaillissent de si puissants éléments thérapeuthiques.

possivel a essas Caldas todo o esforço, energia e actividade, que se tem empregado — já não diremos na Allemanha ou na França, — na Hespanha e em o norte de Portugal a esses recessos privilegiados, que brotam do seu seio tão poderosos elementos therapeuticos. O que ha feito póde-se dizer, que é nada, o que ha para fazer é quasi tudo, e precisa ser executado com muita rapidez e não a passo de formiga ou de carangueijo como até aqui. Hoje, depois da applicação do vapor ás communicações acceleradas terrestres e maritimas, depois que a electricidade transmitte rapidamente os pensamentos, as palavras e até os sons a distancias enormes, não se póde nem deve esperar, nem demorar ou retardar qualquer melhoramento; é necessario marchar avante com passo largo, firme e decidido. Quem ficar atrazado soffrerá as desagradaveis consequencias do seu descuido e inacção. Infelizmente as noticias que d'alli nos chegam não nos deixam prevêr que se siga a verdadeira orientação.

Se não fossem os bispos Barreto e Avellar, a quem os pobres devem tantos desvelos, esse mesmo enfesado estabelecimento — que é uma vergonha não haver tido ainda uma decorosa transformação — talvez que nunca houvesse sido fundado.

A gente d'esta localidade é em geral forte, robusta e sadia, sendo as mulheres elegantes e formosas.

Quando D. João II ou por causa do veneno que lhe ministraram na fonte coberta em Evora, ou da doença opilatoria que o atacou, andou discorrendo por varias localidades á procura de ares e aguas puras, foi por fim aconselhado a ir experimentar as das Caldas de Monchique. Em que casebre se alojou o famoso monarcha não nos dizem os chronistas, de certo que não poderia dar-se por muito bem accommodado; o facto incontroverso é que se deu alli mal, o que o levou a deixar as Caldas e ir para a Villa d'Alvor, onde pouco tempo depois exhalou o ultimo alento a 25 de outubro de 1495. Dizia um distincto clinico que é essa a caracteristica d'aquellas Caldas, produzirem, ao principio, um effeito que parece contrario, mas insistindo-se, colhem-se em seguida os beneficios desejados. Foi essa experiencia que faltou ao grande rei, e é esse o processo que devem seguir todos aquelles que quizerem tirar resultado d'aquellas aguas thermaes.

O melhor, porém, é não precisar do seu uso, nem tão pouco dos banhos na praia da Rocha, apesar de todo o encanto d'essas privilegiadas estancias, que devem ser apreciadas por todos que não soffrem.

Brito Rebello.

On peut dire que ce qu'on a fait n'est rien; ce qui reste à faire est beaucoup et doit être fait avec rapidité et non au pas de fourmi ou d'écrevisse, comme jusqu'à ces temps-ci. Aujourd'hui que nous sommes en pleine époque de la vapeur appliquée aux rapides communications terrestres et maritimes; que l'électricité transmet les pensées, les mots et même les sons, avec toute rapidité et à de grandes distances, on ne peut, ni on ne doit attendre ni retarder quelque amélioration. Il faut marcher en avant d'un pas franc, ferme et decidé; ceux qui restent en arrière souffriront les conséquences désagréables de leur négligence ou inaction. Sans les évêques Barreto et Avellar, auquels les pauvres doivent beaucoup de soins, ce rachitique établissement, même, — que c'est une honte de ne pas avoir encore été transformé par qui que ce soit qui dirige les bains, — n'aurait peut-être pas été fondé. Les gens de cette localité sont, en général, forts, robustes et d'un caractère agréable; les femmes sont belles.

Quand D. Jean II, soit par l'effet du poison qu'on lui aurait administré dans la «Fonte Coberta» à Evora, soit par l'effet d'une maladie opilative, dût parcourir plusieurs endroits à la recherche d'air et d'eau pure, on lui conseilla d'aller prendre les eaux de Monchique. Nous ne savons pas en quelle chaumière a pu s'abriter le fameux souverain; les chroniqueurs n'en font point mention, mais certainement il n'y pouvait pas être très bien logé. Ce qui n'admet aucun doute, c'est qu'il s'y trouva mal, ce qui le poussa à quitter les thermes pour se rendre à Alvôr, où peu de temps après il exhala son dernier soupir, le 25 octobre 1495.

Un médecin très distingué assurait que la caractéristique de ces eaux, était précisement de produire d'abord un effet contraire, mas qu'en insistant, on en recueillait les bienfaits. Cette expérience a manqué au grand Roi; cependant, c'est le procédé que doivent suivre ceux qui veulent retirer tout le profit de ces eaux thermales. Nous trouvons, toutefois, préférable de n'avoir besoin, ni de leur usage, ni de celui des bains de mer de la Rocha, malgré tout le charme de ces sîtes privilégiés, qui doivent être surtout goûtés, par tous ceux qui ne souffrent pas.

Brito Rebello.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista tirada da ponte

VILLA NOVA DE PORTIMÃO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Praia da Rocha
VILLA NOVA DE PORTIMÃO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral da villa
MONCHIQUE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paisagem nas Caldas
MONCHIQUE

Algarve

Lagos e Nossa Senhora da Luz



Quem dobrando o Cabo de Sagres se dirige para o oriente, encontra a seis leguas, pouco mais ou menos á sestra uma grande enseada ou bahia, cuja abertura é bastante larga. Formam-lhe como que os humbraes: da parte occidental a *Ponta da Piedade,* morro muito notavel, por n'elle estar assente a capella de Nossa Senhora d'essa invocação: da parte oriental a *Ponta dos tres irmãos,* ou mais verdadeiramente a do *Carvoeiro,* no concelho de Albufeira.

Ao fundo da bahia, no reconcavo mais occidental d'ella, e quasi encoberta pelo forte da Ponta da Bandeira, que uma das nossas photographias representa, jaz a cidade de Lagos.

Occupa ella uma das mais bellas posições maritimas do nosso paiz e que poderia ser a Napoles portuguêsa se os seus habitantes tivessem um pouco de gosto e sentimento estetico.

Comquanto a existencia da antiga *Lacobriga,* de que a actual Lagos é successora, seja conhecida desde remota antiguidade, é provavel que a posição d'aquella, segundo se affirma, fosse em um monticulo ao sul da nova, que parece já occupava o assento actual nos principios da monarchia, segundo resulta de varias referencias documentaes.

Não é grande a cidade e só nos apresenta um aspecto acanhado e pobre. Dos tempos anteriores, isto é, desde o dominio romano, visigothico, musulmano, até o seculo XVI, rarissimos vestigios se deparam ao olhar perscrutador do viajante, pois a não serem os restos de uma janella escondida n'um recanto do quartel, que durante muitos annos alojou o regimento de infanteria n.º 15 — que uma estulta e incompreensivel medida removeu d'aquella cidade, — e algumas pedras que existiam na antiga egreja de Santa Maria, e que, por indicação de varios curiosos, entre os quaes me conto, foram recolhidas por occasião d'ella ser demolida, não se poderia affirmar ter essa povoação oito ou dez seculos de existencia.

Recostada sobre tres ou quatro collinas, como uma sultana sobre os seus coxins, não ostenta, como esta, galas deslumbrantes; é, comtudo, uma das poucas povoações que conserva a antiga cinta de muralhas que a cercava. Guarnecida aqui e alli pelos seus baluartes, alguns dos quaes têm desapparecido por effeito de melhoramentos, ou se acham na posse de alguns particulares. Assim tem sido tambem destruidas todas as suas portas, restando apenas a que chamam o arco de S. Gonçalo.

Era defendida do lado do mar por varios fortes, como o da Ponta da Bandeira, já mencionado, que ainda se conserva perfeito, posto que sem importancia alguma para a defeza actual, o do Pinhão que se acha de ha muito tempo tambem em ruinas, sendo porém aquelle recinto um local assaz deleitoso; ao nordeste sobre um areal que se estende desde a cidade até o rio de Alvor, o forte da meia praia, assim chamado talvez por estar situado proximamente a meia distancia entre aquelles dois pontos. Este forte acha-se egualmente arruinado.

Se nos edificios particulares predomina a ausencia de gosto e uma apoucada simplicidade, nos edificios publicos, comquanto mais vastos, tambem não ha muito a notar que se pareça com decoração architectonica. São os principaes o quartel, ao fim da rua do Castello, pequeno para o regimento, mas com proporções para se poder alargar convenientemente; o hospital militar, sobre a praça da Constituição, de grandeza regular; os paços do concelho, na praça de Gil Eanes (antiga do Cano) com o fundo sobre o mar, construido de novo, depois do fatal incendio de 1885, que reduziu a cinzas o antigo edificio; o hospital civil da Misericordia na rua do Castello, tambem de construcção moderna, devida pela maior parte aos donativos de D. Maria Judice Biker Cañete, ha pouco fallecida, que assim cumpria as disposições testamentarias de seu marido.

Passando aos edificios religiosos, mencionaremos a egreja de S. Sebastião situada n'um alto ao extremo norte da cidade, em uma posição dominante; é de tres naves, espaçosa, mas de singela architectura; a de Santa Maria, que assentava sobre outro alto, d'onde foi tirada a nossa segunda photographia, depois de haver sido destruida pelo terremoto referido e começada a reconstruir, foi demolida completamente ha poucos annos, como já dissemos. Se tivessemos alguma auctoridade, visto ser n'ella que o

L'Algarve

Lagos et Nossa Senhora da Luz (Notre Dame de la Lumière)



Celui qui doublant le Cap de Sagres se dirige à l'Orient, rencontre, environ six lieues à gauche, une assez vaste baie, à large ouverture, dont les bornes sont marquées à l'occident par la pointe de Piedade, coteau assez remarquable à cause de la chapelle de Notre Dame de la Piété (*Piedade*), edifiée sur son sommet, au levant par la pointe des trois frères (*tres irmãos*) ou plus sûrement par celle du Carvoeiro, dans la commune d'Albufeira.

Au fond de la baie, dans son recoin le plus occidental et presque cachée par le fort de la Ponta da Bandeira (*pointe du drapeau*) representé par notre première photographie, est assise la ville de Lagos. La ville occupe une des plus belles situations maritimes de notre pays, qui pourrait en faire la Naples portugaise, si ses habitants possédaient quelque goût et de sentiment esthétique.

Quoique l'existence de l'ancienne *Lacobriga,* dont la ville actuelle est le successeur, soit connue depuis l'antiquité la plus reculée, il est probable que celle-là, selon ce qu'on assure, était édifiée sur une petite montagne au nord de la ville nouvelle, qui certainement occupait déjà son emplacement actuel aux premiers temps de la monarchie, selon il appert de quelques références documentales.

La ville n'est pas grande et se présente sous un aspect tant soit pauvre. Elle ne laisse apercevoir au voyageur observateur, que des traces assez rares des époques de la domination romaine, wisigothique, musulmane, et même jusqu'au XVIme siècle. On les trouve dans une fenêtre cachée dans un recoin de la caserne, autrefois du 15me d'infanterie — qu'une mesure insensée et inconvenable a retiré de la place qu'il occupait depuis près d'un demi-siècle, — et dans quelques pierres qui existaient dans la vieille église de Sainte Marie, qui ont été recueillies au temps de sa demolition, selon l'indication de quelques curieux, parmi lesquels nous nous comptons. Sans celà on ne pourrait assurer que cette ville compte huit ou dix siècles d'existence.

Nonchalament couchée sur trois ou quatre collines, tel qu'une sultane sur ses coussins, elle n'étale point, comme celle-ci des atours éblouissants. Cependant c'est une des villes qui conserve l'ancienne enceinte de murailles, garnie çà et là de ses bastions, dont quelques uns ont disparu en raison des améliorations publiques, ou sont devenus propriété particulière. De même presque toutes les portes ont été démolies, et il ne reste plus que celle qu'on nomme l'Arche de Saint Gonçalve. La ville était défendue du coté de la mer par une série de forts, comme celui déjà nommé de la pointe du drapeau, qui est encore en bon état, quoique sans aucune importance aujourd'hui par rapport à la défense; celui du Pinhão, se trouve depuis longtemps en ruines, nonobstant la beauté de cet endroit assez gracieux. Au nordest sur une plage sablonneuse qui s'étale depuis la ville jusqu'à la rivière d'Alvor, se dresse le fort da meia praia (de la *demi-plage*), ainsi nommé probablement parce qu'il est situé à peu près à mi-distance de ces deux points là; il est aussi un peu ruiné.

Si dans les bâtiments particuliers on remarque l'absence de goût et une étroite simplicité, dans les monuments publics, en dépit de leur grandeur, on ne trouve aucune chose qui ressemble à une décoration architectonique. Nommons les principaux: d'abord la caserne du régiment au bout de la rue du Castello (*du château*), un peu petite pour le régiment, mais ayant des proportions qui lui permettaient un développement convenable; l'hôpital militaire sur la place de la Constitution, d'une étendue régulière; l'Hotel de Ville sur la place de Gil Eannes (autrefois dite du *Cano*) ayant le côté postérieur sur la mer, reconstruit de nouveau après le fatal incendie de 1885, qui a mis en cendres l'ancien édifice; l'Hôpital de la Miséricorde sur la rue du Chateau, aussi d'une construction moderne, due en sa plus grande partie aux libéralités de D. Marie Judice Biker Cañete, décédée il y a peu de temps, qui accomplissait de cette façon les dispositions testamentaires de feu son époux.

Passant aux édifices religieux nous citerons l'église de Saint Sebastien, assise sur un coteau à l'extrémité nord de la ville, dans une position dominante; elle est à trois nefs de largeur convenable, mais d'une architecture sans caractère; — celle de Sainte Marie qui autrefois s'élevait sur un autre coteau — d'où a été prise notre seconde photographie, — mais qui ayant été detruite par le tremblement

celebrado infante D. Henrique teve a sua primeira sepultura, e ter sido Lagos a base central das suas operações maritimas, lembrariamos a conveniencia de commemorar este facto e época por um monumento n'aquelle local, que attestasse aos vindoiros o reconhecimento da cidade ao grande homem, a quem a patria, a humanidade e a civilisação tanto devem.

A egreja da Misericordia, onde por um accordo ficou funccionando a fabrica da freguezia de Santa Maria desde o terremoto, sobre a praça da Constituição, fronteira ao hospital militar, por um lamentavel descuido foi reduzida a cinzas em 1888, quando nos achavamos n'aquella cidade exercendo funcções officiaes, em cuja occasião prestamos os serviços que pudemos. Foi posteriormente reconstruida, na maxima parte a expensas da referida senhora, para alli ficar a séde da freguezia.

Ainda existe em outra eminencia a egreja das freiras Carmelitas, pequena e sem coisa que a torne recommendavel.

Em baixo, ao fundo da rua Direita com a frente para um pequeno largo, vê-se a capella do Espirito Santo pertencente aos maritimos. N'ella têm estes estabelecida a sua confraria, famosa em todos os tempos, pelos seus privilegios, isenções e vetusto compromisso, hoje completamente alterados e reduzidos, mas sem duvida ainda a mais rica e prestimosa. A valente corporação sustenta as suas antigas tradições e a sua capella tem ornamentos dignos de apreço.

Proximo a esta, na rua da Cadeia, e junto á torre do relogio, que avulta na nossa photographia, levanta-se a capella de Santo Antonio, pertencente á corporação militar. De um exterior modesto é sumptuosa no seu interior, e digna de ser vista e admirada. É toda de talha dourada, da mais bella execução, desde a cimalha em tres quartos da sua altura, não havendo parte alguma que não seja assim revestida, inclusivè o interior dos confessionarios, voamento das portas, etc. Os quadros que adornam as paredes, de mediano merecimento e que se julga serem obra de um dos Rasquinhos, pintores algarvios de certa nomeada, representando passagens da lendaria vida do Santo lisboeta, são emmoldurados por esplendida talha. O pulpito é leve, elegante e gracioso. A capella-mór luxuosa, e a tribuna galhardamente ladeada por dois grupos de bellas columnas salomonicas, é profusa e ricamente ornatada. As imagens são de muito regular esculptura, o que se nota em quasi todas dos templos de Lagos. Não se conhece a época exacta da sua fundação, mas a actual reconstrucção, pois julgamos que já devia existir muito antes, parece ser do seculo XVII, alludindo naturalmente a ella a data de 1769 que se lê sobre um arco do lado norte.

Ao meio d'ella existe a sepultura do coronel Hugo Beaty, que commandou o regimento de Lagos desde 15 de setembro de 1774 até 2 de janeiro de 1789 em que falleceu. Este official irlandez que veio, como muitos outros, prestar os seus serviços a Portugal por occasião da guerra com a Hespanha, em 1762, deixou-se depois d'ella ficar no paiz.

Além de outras ha ainda a capella de Santo Amaro, em sitio elevado, a qual conserva as suas fórmas antigas, por ser a unica que nada soffreu, por occasião do já mencionado terremoto de 1755, pelo que passou a funccionar n'ella a parochia de S. Sebastião, até a reconstrucção da respectiva egreja; a de S. João no extremo do Rocio e alameda d'essa designação, onde se faz a romaria ao popular santo; a do Senhor dos Afflictos, além da ponte, cuja vigilia e festividade no ultimo domingo de agosto, são muito concorridas; e a da Senhora da Gloria, em ruinas mas em cujo convento hoje restaurado existe um asilo de pobres.

Pelo lado de terra é a cidade contornada por alguns logares ou aldeias, cujos campos de cultura, aliás pouco aprimorada, ao passo que abastecem a cidade de vegetaes alimenticios e fructas no tempo proprio, proporcionam passeios agradaveis aos que podem distrair-se com esse hygienico passa-tempo.

A Piedade é o primeiro que se offerece ao visitante, pela sua proximidade da cidade e situação. O caminho é estreito e em partes mal cuidado, mas chegando-se alli goza-se um panorama encantador.

Se fôr na vasante, e descerdes á borda do mar, tereis occasião de encontrar e observar umas furnas curiosas. Não é grande a capella que se ergue sobre esta ponta, mas a imagem da Senhora da Piedade é muito regular. Outr'ora era de grande devoção, e invocada pelos famosos marinheiros algarvios quando se encontravam nos altos e longinquos mares em lances arriscados e afflictivos; hoje é apenas saudada pelos que maream os calões e barcas de pesca, que comtudo d'ella se não esquecem com os seus votos e donativos.

Outro passeio interessante é até a praia de Porto de Mós, onde está estabelecida a carreira de tiro

de terre déjà cité, puis en commencement de reconstruction, a été finalement démolie, il y a peu d'années, comme nous avons déjà dit. Si notre voix pouvait avoir quelque autorité, considérant que c'est dans son enceinte que le célèbre infant D. Henrique — *le Navigateur* — a été d'abord inhumé, et que Lagos a été la base centrale de ses operations maritimes, nous rappelerions la convenance de signaler ce fait et cette époque, par un monument élevé à cet endroit, qui certifierait aux âges futurs, la reconnaissance de la ville au grand'homme à qui la patrie, l'humanité et la civilisation doivent tant de services. — L'église de la Miséricorde, sur la place de la Constitution, ou siège la paroisse de Sainte Marie, d'après une convention, depuis le tremblement de terre de 1755, est située en face de l'Hôpital militaire; par une lamentable négligence elle fut incendiée en 1888, époque où nous nous trouvions dans cette ville en fonction officielle, et à cette occasion nous avons rendu les services que nous avons pu. Quelque temps après elle a été reconstruite, en majeure partie aux dépens de la dame Judice Biker déjà citée, afin de pouvoir y établir le siège de la paroisse. Sur une autre éminence s'élève encore l'église des anciennes sœurs carmélites; elle est petite et n'a presque rien digne de notre attention. Là bas, au fond de la rue *Direita*, la façade sur une petite place, on voit la chapelle du Saint Esprit, appartenant à la corporation des marins. Ils y ont établi leur confrérie, fameuse en toutes les époques par ses privilèges, ses exemptions et ses vieux et vénérables statuts, aujourd'hui tout-à-fait transformés et réduits, mais encore, malgré tout, la plus riche et profitable. Cette vaillante corporation là maintient toujours ses anciennes traditions, et sa chapelle conserve des ornements dignes de mention.

Près d'elle, à l'entrée de la rue de la Prison (*da Cadêa*) mitoyenne à la tour de l'Horloge qui se distingue bien sur notre photographie, s'élève la chapelle de Saint-Antoine, appartenant à la corporation militaire. D'un extérieur assez modeste, elle est somptueuse à l'intérieur, digne pourtant d'être vue et admirée. Ses murs sont tout-à-fait recouverts de sculptures en bois richement doré et du plus beau travail, depuis la corniche de l'entablement, jusqu'aux trois quarts à peu près de sa hauteur, ne présentant aucun endroit non revêtu de cette façon, pas même l'intérieur des confessionaux et des portes. Les tableaux qui décorent les murs, de médiocre valeur, et qu'on croit l'œuvre d'un des Rasquinho, peintres algarviens d'une certaine renommée, représentant quelques traits de la vie légendaire du saint lisbonnais, sont encadrés par des sculptures splendides. La chaire est légère, élégante et gracieuse. La grande chapelle luxueuse, avec son rétable gentillement garni des deux cotés par deux groupes de colonnes salomoniques, est richement et profusément décorée. Les images sont d'une sculpture très régulière, ce qui se remarque en presque tous les temples de Lagos. On ne connait pas l'époque exacte de sa fondation, cependant la reconstruction actuelle, — puisque nous croyons qu'elle devait exister bien avant et pendant le XVIIme siècle, — peut-être a-t-elle été terminée em 1769, date qu'on lit sur une arche du coté nord. Au milieu de la nef on trouve la tombe du colonel Hugo Beaty, qui a commandé le régiment de Lagos dès le 15 septembre de 1774 jusqu'au 2 janvier de 1789, jour de son décès. Cet officier irlandais, qui, comme beaucoup d'autres, était venu prêter ses services au Portugal à l'occasion de la guerre avec l'Espagne en 1762, s'est conservé dans notre pays après qu'elle fut terminée.

Il y a encore d'autres chapelles, comme celle de Saint Amer sur un endroit élevé qui conserve ses formes anciennes, parce que c'est la seule qui n'a rien souffert à l'occasion du tremblement de terre de 1755, déjà cité, motif pour lequel la paroisse de Saint Sébastien y a fonctionné depuis ce jour-là, jusqu'à la reconstruction de son église. — La chapelle de Saint Jean à l'extrémité du *rocio* et des allées dites du nom du saint, où on fait une fête et un pélérinage au saint populaire; celle du Seigneur des affligés au delà du pont qui la veille comme le jour de la fête, au dernier dimanche du mois d'août y attire beaucoup de monde; celle de Notre Dame de la Gloire, en ruines, mais dont le couvent attenant a été restauré depuis peu de temps, afin d'y établir un asile pour les pauvres.

Du coté de la campagne la ville est entourée de quelques petits villages dont les champs d'une culture pas très bien soignée, de même qu'ils fournissent la ville de végétaux potagers et de fruits de saison, offrent plus d'une promenade agréable à ceux qui peuvent jouir de ce soulagement hygiénique.

Le site de Notre Dame de la Piété est le premier qui attire le visiteur par sa situation proche de la ville. Le chemin, qui y conduit, est étroit et mal soigné en quelques endroits, mais quand on arrive au bout, quel charmant panorama se déroule devant vous! Si c'est au moment de la marée basse, en descendant au bord de la mer, on a l'occasion de parcourir et d'observer quelques grottes assez curieuses. La chapelle qui y siège n'est pas grande, mais l'image de Notre Dame est très régu-

do regimento. O caminho é similhante ao que vai á Piedade, talvez um tanto mais alegre de certo ponto em deante. A praia é extensa e bonita, mas ha uns treze annos, as marés vivas foram tão violentas que lamberam na resaca toda a areia, deixando a descoberto o fundo pedregoso.

Para o lado opposto, pelo rocio de S. João, segue uma estrada muito regular que nos conduz a Bensafrim, freguesia limitrophe, viçosa e sadia, onde a vegetação é abundante e variada.

Alli encontramos a singularidade de se nos deparar um templo, modesto sim, mas elegante, de construcção recente, a qual se deve ao actual parocho o reverendo Antonio José Nunes da Gloria, que tem sido o architecto, o estucador, o esculptor, o entalhador, o pintor, o dourador, etc., de modo que só as paredes, o madeiramento e telhado não são obra de suas mãos; assim o que custaria alguns contos de reis, como a egreja da Misericordia de Lagos, só importou em alguns centos de mil reis. É um assombro e cabe bem áquelle sacerdote o appellido, porque é uma verdadeira gloria da sua terra, coroada por uma incomparavel modestia. Ficámos tomados de admiração perante um tal prodigio de dedicação, boa vontade e abnegação, quando tivemos a honra de, em companhia do arcebispo-bispo do Algarve, Exc.mo Snr. D. Antonio Mendes Bello, fazer uma visita, bem que rapida, áquella freguezia, visita de que conservamos gratas e inolvidaveis recordações.

Se vos interessaes pelas antiguidades pre-historicas ou romanas, o mesmo parocho vos poderá indicar o local da notavel necropole explorada por Estacio da Veiga.

Se d'esse rocio de S. João atravessardes a ponte, não vos enfadareis indo até a Torre e povoação de Odeáxere, que, se não encerram grandes bellezas, offerecem porém algum trato de terreno de agradavel vista e ares puros.

Mas está-nos chamando outra estrada, talvez mais bella, toda orlada de amendoeiras formosas, que ainda antes da primavera se esmaltam de flôres alvissimas, que, soltando as suas petalas mimosas, atapetam de tal maneira o solo, que nos parece caminharmos por sobre uma alcatifa oriental. Os quadros vão-se succedendo. Aqui varzeas breves verdejando de hortas ou searas; alli quintas onde a vide e as arvores de fructo cercam hortejos e plantações.

Ao chegar proximo ao logar de Nossa Senhora da Luz, onde essa estrada nos guia, principiam a apparecer algumas grandes herdades, e a encontrar-se varias construcções modernas, já um pouco menos monotonas que as da cidade, distinguindo-se alguns *chalets* que vão começando a dar ao logar uma feição mais sugestiva.

Eis-aqui a egreja, que nada tem que a recommende, salvo a imagem da Senhora, que é objecto de uma grande festividade com romaria e arraial, aonde concorre gente de grandes distancias, especialmente maritimos.

Lá vemos ao fundo o que foi velho forte, de aspecto singular, pois nem nos patenteia as caprichosas fórmas medievaes, nem tão pouco as rigorosas linhas de Vauban ou Cormontaigne. Quando ha treze ou quatorze annos fizemos, por ordem do governo, arrendamento d'essa vetusta fortaleza a João Marreiros Neto, e este nos declarou que era seu intento compral-a ao Estado, emitimos logo a opinião de que, se tal conseguisse, ao convertel-o em casa para residencia ou para outro qualquer fim, não devia alterar-lhe as fórmas, mas accommodal-as como fosse possivel ao effeito para que o destinasse. Effectivamente aquelle proprietario, fallecido ha poucos tempos, seguiu o nosso parecer, segundo mais tarde nos disse, transformando-o em uma residencia elegante conservando-lhe o feitio geral. Vemos porém, que não aproveitou o que elle tinha de mais original, que era a torre central e que lhe dava um aspecto completamente fóra do vulgar.

É espaçosa e formosa a praia da Luz que no tempo proprio é concorrida por bom numero de banhistas, e se vos permittirem subir ao terraço superior d'essa fortaleza de outr'ora, que delicioso panorama se desdobrará á vossa vista!

Mas se deixando o logar voltardes á esquerda e vos encaminhardes pela encosta arborisada que se vos defronta, e subindo, subindo a pé ou a cavallo chegardes ao ponto mais elevado do cabeço, chamado de Santo Estevão, ficareis surprehendido, porque o caminho que seguistes, não vos deixa sequer suspeitar o espectaculo que de subito se deparará deante de vossos olhos! É a planicie immensa e sem fim do mar, ora ondeando ligeiramente como uma seara bafejada de leve pela brisa, ora rugindo e debatendo-se em éstos tumultuosos, como se as vagas irritadas travassem entre si uma batalha gigantesca.

N'esse sitio da Luz, como em muitos outros de que temos fallado, fez o nosso fallecido amigo Es-

lière. Elle était autrefois le centre d'une grande dévotion, parce qu'elle était invoquée par les fameux marins de l'Algarve, quand ils se trouvaient sur les hautes et lointaines mers en des moments d'angoisse et de dangers; aujourd'hui elle est saluée à peine par les marins qui la contemplent de leurs bateaux de pêche, quoiqu'ils ne l'oublient pas dans leurs vœux et dans leurs offrandes.

Une autre promenade agréable est jusqu'à la plage de Porto de Mós, où est établie l'école de tir du régiment. Le chemin est à peu près semblable à celui qui conduit à la Piété, mais il est un peu plus gai sur une partie de son parcours. La plage est large et jolie, cependant les marées vives sont parfois si violentes, que, il y à treize ans, en se retirant elles ont enlevé presque tout le sable, laissant le fond pierreux à découvert.

Du coté opposé, suivant l'esplanade (*rocio*) de Saint Jean on trouve une route assez régulière qui nous mène à Bensafrim, paroisse limitrophe, saine et productive, où la végétation est abondante et variée. Là nous trouvons la singularité de regarder un temple, modeste il est vrai, mais élegant, construit depuis peu de temps par le curé actuel, le prêtre Antoine Joseph Nunes da Gloria, qui en a été l'architecte, le plafonneur, le ménuisier, le sculpteur, le peintre, le doreur, etc., de façon que seuls les murs, la charpente et les briques ne sont pas œuvre de ses mains. Ainsi ce qui coûterait de quarante à soixante mille francs, comme celà est arrivé pour l'église de la Miséricorde de Lagos, n'a coûté tout au plus que mille à deux mille francs. C'est étonnant; et son nom lui sied très bien à ce curé, car il est une gloire de sa contrée, gloire couronnée par une incomparable modestie. Nous avons été saisis d'une profonde admiration devant un tel prodige de dévouement, d'abnégation et de bon vouloir, quand nous avons eu l'honneur de faire une visite, quoique rapide, à cette paroisse-là en compagnie du vénérable archevêque-évêque de l'Algarve, monseigneur Dom Antoine Mendes Bello, visite dont nous gardons les plus agréables et inoubliables souvenirs.

Si vous vous intéressez aux antiquités préhistoriques ou romaines, le même curé pourra vous indiquer l'endroit de la remarquable nécropole explorée par feu monsieur Estacio da Veiga.

Si de la même esplanade de Saint Jean vous passez le pont, vous ne vous ennuierez pas en allant jusqu'à la Torre, ou à la peuplade d'Odiaxere, qui, quoique ne renfermant pas de grandes beautés, nous présentent quelques lambeaux de terrain d'agréable aspect, et un air assez pur.

Mais une autre route nous appelle, peut-être la plus belle. Toute bordée de beaux amandiers que même avant l'arrivée du printemps, on voit emaillés de fleurs très blanches, dont les pétales en tombant, jonchent le sol, de façon qu'il semble que nous marchons sur un tapis oriental.

Les tableaux se succèdent les uns aux autres; ici se sont des terres planes verdoyantes de jardins potagers et de blés; là des *quintas* (*métairies*) où la vigne et les arbres fruitiers bornent de petits jardins et d'autres plantations. En arrivant près du village de Notre Dame da Luz (*de la lumière*), où cette route nous conduit, on commence à apercevoir quelques grandes propriétés et diverses constructions d'un style moderne, un peu moins monotones que celles de la ville, on y rencontre déjà quelques châlets, qui prêtent à l'endroit des traits tant soit peu suggestifs. Voici l'église qui n'a rien qui la recommande, sauf l'image de la mère du Sauveur, qui est l'objet d'une grande vénération, qui a aussi sa fête, avec la veille, coïncidant avec une espèce de foire, où se réunit beaucoup de monde, notamment des marins, qui arrivent de longues distances. On voit sur la pointe, ce qui fut le vieux fort, d'une forme un peu singulière, puisqu'il ne nous présente ni les lignes capricieuses des forteresses du moyen âge, ni celles plus rigoureuses de Vauban ou de Cormontaigne. Il y a treize ou quatorze ans, lorsque nous avons fait, par ordre du gouvernement, le bail de ce vieux *castel*, à Mr. Jean Marreiros Neto, et que celui-ci nous dit alors, qu'il formait le projet de l'acheter à l'État, nous lui avons émis l'opinion que si cet achat se réalisait, il devait conserver le cachet et les formes du fort en les accommodant le mieux possible à la destination qu'il lui donnerait. Ce propriétaire, décédé il y a peu de temps, a suivi notre avis, selon ce qu'il nous a déclaré, quelques temps après, convertissant ce fort en une résidence particulière, tout en lui conservant les traits principaux. Nous voyons cependant qu'il n'a pas conservé la tour centrale, qui lui donnait un cachet tout-à-fait hors du vulgaire. La plage de Luz est large et pittoresque, et pendant la saison elle est assez concourue par les baigneurs et les baigneuses, et si l'on vous permet de monter sur la terrasse de ce qui a été une forteresse, quel delicieux tableau se déroulera alors devant vous!

Mais si, en quittant cet endroit, vous tournez à gauche, en suivant le coteau boisé qui se pré-

tacio da Veiga pesquizas archeologicas, e os vestigios que ahi encontrou, — que julgamos pertencerem á época da civilisação romana, não chegou, infelizmente, a consignal-os na sua obra — *Antiguidades monumentaes do Algarve*, — como havia promettido a pag. 73 do IV volume.

Pelo que acabamos de dizer se vê que o mais importante d'este logar da Luz pertence aos habitantes de Lagos, aos quaes se deve o desenvolvimento que tem tido a localidade, pelo estabelecimento de fabricas de conserva de sardinha, a primeira das quaes se deveu á iniciativa do nosso amigo dr. José Antonio Burquain Braklamy.

Não longe da Luz se encontram varias povoações, das quaes mencionaremos apenas Espiche, não só porque em tempo se descobriram n'ella largos vestigios de civilisações senão pre-historicas, pelo menos romanas, mas igualmente porque as suas aguas têm reputação de muito puras, sendo d'alli levadas a Lagos, onde são muito apreciadas.

É Lagos um dos pontos do Algarve onde a industria da pesca e suas derivadas tem adquirido maior desenvolvimento. São muitas as companhas de maritimos que se empregam n'esse exercicio, que, se ás vezes vêem mallogrados os seus esforços, as suas labutações e os riscos a que se expõem, outras muitas vêem recompensados esses trabalhos e perigos, por uma safra abundante que traz ás suas familias o conforto e a ventura.

São muitas as armações que bordam aquellas costas, e que produzem grande variedade de peixe, em que se salientam pela quantidade o carapau, a sardinha e o atum. A fertilidade de seu mar trouxe sempre a esta localidade exploradores estrangeiros, taes como os sicilianos que no seculo XVI vinham preparar o atum, constituindo uma colonia com a sua confraria e capella no sitio da Trindade, a qual pouco a pouco se foi extinguindo. No ultimo quartel do seculo passado vieram os francêses estabelecer fabricas de conserva de sardinha, e ha uns quatorze ou quinze annos uma familia austriaca veio proceder á salga d'este pequeno peixe pelo methodo italiano. Hoje são muitas as fabricas de conserva de sardinha e de outros pescados que fazem prosperar aquella cidade.

Como estação balnear seria Lagos de primeira ordem, se á posição que a natureza lhe concedeu, reunisse os commodos, confortos e distracções que a arte humana tem sabido crear e agrupar em outras localidades.

Lagos, que viu as frotas de Sancho I, Affonso III, João I, do infante D. Henrique e tantas outras, até D. Sebastião que não voltou, vê hoje sahirem do seu porto os modernos vapores carregados dos productos dos seus mares, preparados por uma industria diligente.

Se o troar do canhão accorda de tempos a tempos os echos dos seus valles e dos seus montes, é quando alguma esquadra estrangeira vem repousar na sua bahia, ou exercitar-se para os discrimes da guerra.

Ponto estrategico de consideravel importancia, — o que só myopes não conhecem, — falta-lhe um porto de abrigo, uma muralha que sirva de segurança e alargamento da cidade e de canalização ao rio açoreado, caminho de ferro que a ligue ao resto do paiz, e principalmente a boa vontade e zelo dos governantes, a união e perseverança nos seus naturaes, para levantarem a sua terra á altura que deve attingir pelas suas condições naturaes e exigencias do progresso e civilisação.

Brito Rebello.

sente en face de vous, montant, montant à pied ou à cheval, et que vous atteigniez le sommet de la colline, qu'on appelle de Sainte Étienne, vous serez surpris, car le chemin que vous avez suivi, ne vous aura pas preparé au surprenant spectacle qui se déroulera aussitôt sous vos yeux. C'est la plaine immense et sans fin de la mer, tantôt se courbant et se relevant comme un champ de blé légèrement effleuré par l'haleine de la brise, tantôt mugissant et s'agitant en chocs tumultueux, comme si les vagues irritées engagaient entre elles une bataille des géants.

Dans cet endroit de Luz, comme en beaucoup d'autres dont nous avons parlé, notre ami feu Mr. Estacio da Veiga, a fait des recherches archéologiques, et des traces qu'il y a trouvées, — que nous croyons appartenir à l'époque de la civilisation romaine, — il n'est malheureusement pas arrivé à les décrire dans son ouvrage — *Antiguidades monumentaes do Algarve* — comme il l'avait promis pag. 73 de son IVme volume.

De tout ce que nous venons de dire, on voit bien que le plus important de ce village de Luz, appartient aux habitants de Lagos, auxquels on doit le développement qu'a subi cette localité, notamment par l'établissement des usines de conserve de sardine dont l'initiative est due à notre ami Mr. le Dr. Joseph Antoine Bourquain Braklami.

Non loin de cet endroit on trouve quelques petits villages, dont nous nommerons à peine *Espiche*, non seulement parce qu'on y a découvert des traces de civilisation — sinon préhistorique, — du moins romaine, mais aussi parce que ses eaux ont la réputation d'être assez pures, et sont assez goutées par les habitants de Lagos, ou on les transporte.

Lagos est un des points de l'Algarve où l'industrie de la pêche et ses derivées ont acquis le plus grand développement. Les équipes de marins qui s'emploient en ces entreprises sont assez nombreuses; et si parfois leurs efforts, leurs travaux, les périls auxquels ils s'exposent, ne sont pas couronnés de succès, en d'autres cas, ils voient leurs efforts et leurs dangers récompensés par une récolte fructueuse, qui apporte l'abondance et le soulagement à leurs familles.

Il y a beaucoup de madragues sur ces côtes qui prennent une grande variété de poissons, dont les principales, par la quantité sont la sardine, les maqueraux et le thon. La fertilité de ces mers a appelé de tous les temps en cet endroit des explorateurs étrangers. Ainsi au XVIme siècle les siciliens vinrent à Lagos pour la préparation du thon. Ils y constituèrent une colonie avec sa confrérie dans une chapelle qu'ils érigèrent sur l'esplanade de la Trinité, mais cette colonie a disparu peu à peu. Au dernier quartier du XIXme siècle, les français sont venus établir des usines de conserve de sardines, et il y a quatorze ou quinze ans, deux familles autrichiennes ont commencé à procéder à la salaison de ce petit poisson d'après la methode italienne. Aujourd'hui il y a plusieurs usines pour la conserve non seulement de la sardine, mas aussi pour celle des autres poissons, ce qui a fait prospérer la ville.

Lagos pourrait être une station de bain, de premier ordre, si à la situation qu'elle a reçue de la nature, elle réunissait les commodités, le *confortable* et les agréments que l'art humain a su créer et grouper en d'autres localités.

Lagos qui a vu les flottes de Sanche Ier, d'Alphonse III, de Jean Ier, de l'infant D. Henri et tant d'autres jusque à D. Sebastien qui n'est pas revenu, voit aujourd'hui sortir de son port les modernes bateaux à vapeur, chargés des produits de ses mers, preparés par une industrie diligente.

Si le bruit du canon reveille de temps en temps les échos de ses vallons et de ses collines, c'est lorsque quelque vaisseau ou quelque flotte étrangère, vient chercher l'abri de sa baie, ou y faire des exercices pour se préparer aux aventures de la guerre.

Point stratégique d'une importance remarquable — ce que ne reconnaissent pas quelques myopes — il lui manque: d'abord un port d'abri; ensuite une muraille, qui servant à la sureté et à l'élargissement de la ville, serve aussi à la canalisation de sa rivière trop ensablée; un chemin de fer, qui la relie au reste du pays, et enfin non seulement la bonne volonté el le zèle des gouvernements, mais aussi l'union et la persévérance de ses habitants pour faire élever leur ville à la hauteur à laquelle elle doit atteindre par ses conditions naturelles, et par les exigences du progrès et de la civilisation.

Brito Rebello.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral

LAGOS

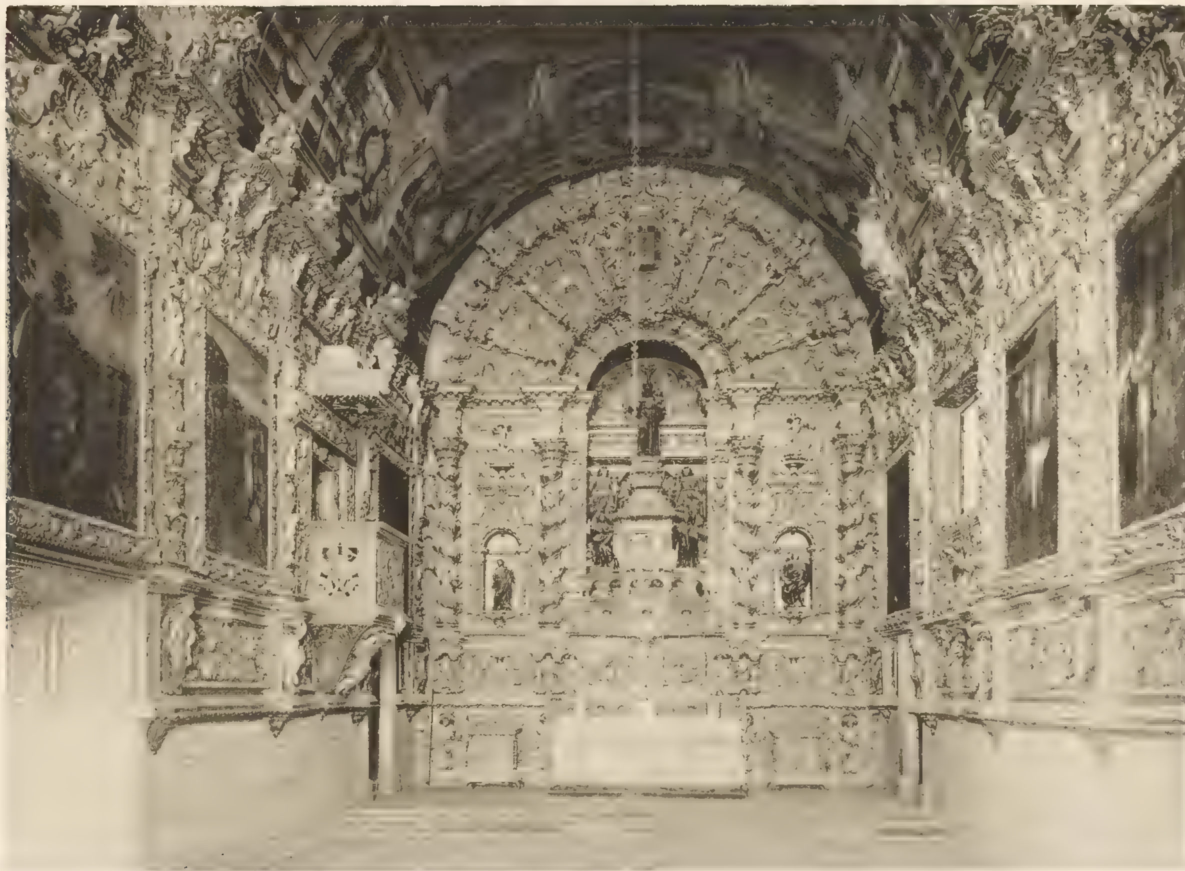


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Forte da Ponta da Bandeira

LAGOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Capella de Santo Antonio

LAGOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Praia de Nossa Senhora da Luz

LAGOS

Obidos



Quem vae de Lisboa pelo caminho de ferro d'Oeste, um pouco adiante da estação de S. Mamede começa a divisar á direita da linha uma elevada collina sobre a qual assentam extensos pannos de muralha antiga, coroados de ameias. Depois, transposta a estação d'Obidos em caminho para as Caldas, contempla em toda a sua altivez o soberbo castello sobranceiro á campina, e tem assim, em alguns minutos, a visão da existencia medieval, de batalhas de mouros, de saraus, de donas e pagens.

E se, descendo na estação, fôr visitar a villa, quasi se lhe transforma a visão em realidade. Não ha, creio eu, em todo o paiz, e pelo menos na Estremadura, povoação onde as construcções antigas tenham sido mais respeitadas... perdão, onde tenha havido menos *progresso*. Obidos conserva ainda intacto o seu recinto de muralhas; ainda é preciso entrar na villa por portas em ogiva; e nas suas ruas e viellas poucas serão as edificações que tenham menos de cem ou duzentos annos, e muitas datam do seculo XVI e de tempos anteriores.

Eu bem sei que a vida moderna tem exigencias indeclinaveis; os preceitos da hygiene, o mais simples conforto, as regras da boa policia, o desenvolvimento da população, a facilidade dos transportes, são tudo vantagens que não se coadunam com as povoações apertadas em cinto de muralhas e agglomeradas, lá dentro, em arruamentos estreitos e tortuosos. Mas junto d'esses velhos povoados ha muito terreno fóra dos muros, sem que seja sempre absolutamente necessario aproveitar o que estes occupam; mas esses arcos, esses castellos, essas egrejas e capellas, esses paços dos concelhos, esses pelourinhos, são padrões da nossa historia gloriosa e são por vezes puros modelos d'uma arte nobre e definida que a civilisação dos nossos tempos não logrou ainda substituir nem em originalidade nem em belleza. Quantas barbaridades se têm commettido, a titulo de progresso, no nosso querido Portugal, tão rico d'esses monumentos! Nem sirva de consolação dizer-se que não somos só nós, que ainda ha bem pouco tempo a municipalidade de Carcassone, em França, derrubou um lanço das soberbas e historicas muralhas d'aquella cidade para dar passagem a não sei que tramvia, caso esse que fez levantar os maiores protestos. Embora: de lesa-nação devem ser considerados taes sacrilegios, quando a mais absoluta necessidade não os justifique.

D'este crime não tem sido ré a municipalidade d'Obidos, e por isso tenho eu podido, mais de uma vez, percorrer aquellas ruas silenciosas, quedar-me enlevado deante das construcções seculares, subir ao castello, divagar pelas muralhas, esquecendo por momentos que sou do meu tempo para imaginar que sou do seculo XV. Ouço dizer que a camara d'Obidos não tem feito *obras* por falta de meios; abençoada pobreza! Receio, porém, que um dia lhe chegue a opulencia; e então, ai de nós!

Pois bem, para evitar futuros males eu proporia que a villa d'Obidos, de muralhas a dentro, fosse considerada, *toda ella,* monumento nacional; alli não se faria uma só edificação nova, antes seriam demolidas, precedendo a devida indemnisação, as poucas que datam de menos de cem annos; restaurar-se-ia o castello primeiramente, e depois os pequeninos paços e capellas que abundam na villa; um conservador de antiguidades seria o guarda zeloso d'aquellas joias de pedra, e faria prelecções aos estudantes de bellas-artes e aos excursionistas...

Mas isto é sonho. Despertemos e vamos vêr o castello.

*
* *

Diz a Historia que D. Affonso Henriques tomou Obidos aos mouros em 1148; mas é de toda a evidencia que não existia ainda então o castello tal como se vê na photogravura. Seria provavelmente aproveitado o local da fortificação sarracena, ampliando-se com as torres e cubellos que tornam o conjunto um dos exemplares mais perfeitos do typo da nossa fortaleza medieval. Porventura o principal da construcção foi ordenado por D. Diniz; mas ainda durante a segunda dynastia houve novos accrescentos e modificações até ao reinado de D. Manoel e talvez ainda no de D. João III, como o attestam a esphera armillar que se vê em alguns sitios, e os rendilhados de algumas portas e janellas da parte do castello que constituia propriamente o paço do alcaide. O contorno da vasta edificação está ainda

Obidos



Lorsqu'on sort de Lisbonne par le chemin de fer de l'Ouest, un peu plus loin de la station de S. Mamede, on commence à apercevoir à droite de la voie, une colline élévée sur laquelle reposent de longs pans de murs anciens, couronnés de créneaux. Ensuite, après avoir franchi la gare de Obidos, sur la route de Caldas, on contemple en toute sa majesté le superbe château dominant la plaine et on a pendant quelques minutes la vision de l'existence du moyen-âge, de batailles de maures, de soirées, de dames et de pages.

Et, si on visite la ville en descendant à la gare, cette vision devient une réalité. En tout le pays, ou du moins dans l'Extremadure, il n'y a pas, à ce que je pense, d'autre endroit où les constructions anciennes aient été plus respectées... pardon, où il y aît eu moins de progrès. Obidos conserve son enceinte de murailles encore intacte; on pénètre encore dans la ville par des portes en ogive; et dans ses rues et ruelles on trouve peu d'édifications qui aient moins de cent ou deux cents ans; beaucoup datent du XVIme siècle ou de temps encore plus reculés.

Je sais bien que la vie moderne a des exigences inévitables: les règles hygiéniques, le plus simple confort, les lois de bonne police, le développement de la population, la facilité des transports, tout cela représente des avantages qui deviennent impossibles dans des endroits resserrés, entourés de murs, et avec des populations entassées dans des quartiers tortueux et étroits. Mais auprès de ces vieux bourgs il y a de grands terrains hors des murs et il ne serait pas toujours nécessaire de tirer parti de l'emplacement de ceux-ci: ces arceaux, ces châteaux, ces églises, ces chapelles, ces hôtels de ville, ces piloris sont des documents de notre glorieuse histoire et sont aussi parfois des modèles purs d'un art noble et défini, que notre civilisation actuelle n'a pu encore parvenir à remplacer ni en beauté ni en originalité. Combien d'iniquités a-t-on commis, dans notre cher Portugal, si riche en monuments, sous prétexte de progrès! Il est vrai que ce n'est pas seulement chez nous, car il y a bien peu de temps la municipalité de Carcassonne, en France, a démoli une partie des magnifiques murs historiques de la ville afin d'y faire passer un tramway quelconque, ce qui a fait soulever de grandes protestations; mais ceci n'est pas une consolation. Ces sacrilèges doivent être considérés de lèse-nation lorsqu'ils ne sont pas justifiés par une nécessité absolue.

La municipalité d'Obidos n'est pas coupable d'un pareil crime, et c'est pour cela que j'ai pu souvent parcourir ces rues silencieuses, contempler avec ravissement ces constructions séculaires, divaguer dans ces murs, oubliant par moments que je suis de mon temps pour imaginer que je suis du XVme siècle. J'ai ouï dire que la municipalité d'Obidos ne fait pas de travaux faute de moyens et je bénis cette pauvreté! Je crains toutefois que l'opulence arrive un jour et alors que deviendrons nous!

Eh bien, pour éviter des maux à l'avenir, je proposerais que, à l'intérieur des murs, la ville d'Obidos fut considérée, *toute entière*, comme monument national; on n'y ferait pas une seule construction nouvelle, on démolirait même, moyennant une indemnité, toutes celles qui dateraient de moins de cent ans; on restaurerait premièrement le château, et ensuite les petits palais et les chapelles qui abondent dans la ville; un conservateur d'antiquités serait le gardien soigneux de ces bijoux de pierre et ferait des conférences aux étudiants de beaux arts et aux voyageurs...

Mais tout cela est un rêve. Réveillons-nous et allons voir le château.

*
* *

L'histoire dit que D. Affonso Henriques prît Obidos aux Maures en 1148; mais il est évident que le château tel que nous le voyons dans la photogravure n'existait pas alors. On a probablement profité de l'endroit où se trouvait la fortification des sarrasins, en l'augmentant avec les tours et les tourelles qui en font, dans l'ensemble, un exemplaire des plus parfaits du type de notre forteresse mediévale. Peut-être la partie principale de la construction a-t-elle été ordonnée par D. Denis, mais pendant la deuxième dynastie il y a eu de nouveaux accroissements et des modifications jusqu'au règne de D. Manuel et peut-être encore sous celui de D. João III, comme le prouvent la sphère armillaire qu'on voit dans quelques endroits, et les dentelures de quelques portes et fenêtres de la partie du château qui

completo e de pé; mas o interior cahe em ruinas; todos os madeiramentos e ferragens desappareceram; e as cantarias lavradas têm sido sacrilegamente partidas e dizem que roubadas. Conhecem-se comtudo ainda os principaes aposentos do paço, assim como se comprehende o systema das arrecadações, cavallariças e outras divisões do pavimento terreo, a que dava serventia o pateo interior.

Só a uma das torres quadradas é hoje facil o accesso pela escada de pedra que sobe até ao eirado; e em uma das voltas d'essa escada vê-se, aberta a cinzel na parede, a unica inscripção existente em todo o castello.

Das impressões ineditas d'uma senhora copio estes dizeres singelos: «O castello é um encanto. Deslumbram aquellas muralhas altas e denegridas, aquellas torres elegantissimas que a hera encobre a espaços, uma hera que deve ser bem antiga, com ramos mais grossos que um braço, e que familiarmente, como amigos de muitos annos, se embrenha pelas fendas e vem sahir pelas esguias frestas. Em cima a extensão que se avista, é immensa, soberba, para todos os lados, mas talvez mais para o poente, onde aquella vastissima planicie que se alastra deante de nós, parece ter sido disposta expressamente para d'alli se contemplar, com o arranjo bem cuidado d'aquelles campos, com os seus tons frescos e diluidos que se casam admiravelmente. Lá ao longe uma neblina mal distincta: é a Lagôa.»

Assim é: o panorama que se desfructa do alto do castello é vastissimo e deslumbrante; permitte observar um dos mais interessantes trechos da Estremadura, que tantos apresenta de superior belleza desde Torres Vedras até aos campos de Leiria. Alli em Obidos assenta primeiro a vista sobre a extensa *Varzea da Rainha,* cortada de ribeiros, dos quaes o Arnoia banha o sopé da collina, mosqueada de capellas, de palacetes de quintas, de ruinas de mosteiros, limitada ao norte pelo casario das Caldas; depois, mais para o poente, a tremulina de Lagôa e a seguir a fita do Oceano que se confunde com o céo; para o sul e para o nascente dobras de terreno que se vão esbatendo até ás serras no horizonte. Em baixo, aos pés do castello, a povoação apertada no cinto de muralhas, e ligada ás collinas mais proximas pelo aqueducto da Osseira que se desenvolve atravez dos campos.

Bem sei que os espectaculos da Natureza vemol-os nós pelos olhos da nossa phantasia; e assim elles nos impressionam diversamente consoante os *estados d'alma.* Pinheiro Chagas, observando o panorama d'Obidos, sentiu-se principalmente confrangido de melancolia; comprehende-se que um espirito exuberante de vida se entristecesse perante aquelle silencio magestoso, perante aquelle quadro immenso que, visto de tão alto, de tranquillo que é, quasi parece morto. Por mim, com inclinações diversas, é essa mesma paz e esse mesmo silencio que mais me encantam; não me incutem tristeza; enchem-me de serenidade.

*
* *

Para dar ideia resumida das numerosas antiguidades que no estreito ambito de Obidos se podem observar, bastam as seguintes palavras do snr. Ramalho Ortigão: «A cada passo temos que parar em frente de uma janella ogival, de uma aldrava de porta ou de um espelho de fechadura, em arabescos de ferro do seculo XVI encimado pela cruz de Christo. Arrumado á muralha, pelo lado de fóra, está o edificio da antiga gafaria, convertido hoje em habitação particular. Dentro do torreão que defendia a porta do Valle, vê-se a capella que, em substituição do antigo nicho da Senhora da Graça, mandou edificar no seculo passado (XVIII) o magistrado da India Bernardo da Palma, em cumprimento do voto de sua filha, morta aos vinte annos de idade, de paixão por um rapaz d'Obidos... Perto do castello acham-se as ruinas do convento das Donas de Santarem, transformadas em *merceeiras* pela rainha D. Leonor, fundadora do instituto e do edificio. Está ainda de pé a porta do celleiro, chamado o *celleiro da Rainha.* Chorando aqui a morte de seu filho unico, morto em Santarem da queda de um cavallo, a rainha viria frequentemente ao convento das merceeiras... A leste do castello está a rua da Mouraria e da Judiaria com a casa que substituiu a synagoga. Na praça ha um elegante pelourinho do tempo de D. João II, tendo no escudo a rêde de pesca que D. Leonor deu por armas á villa, em memoria d'aquella em que alguns pescadores do Ribatejo lhe trouxeram o cadaver do principe D. Affonso. Existe ainda a egreja de Santa Maria, matriz d'Obidos, anterior á monarchia; igualmente existia a antiga collegiada de Sant'Iago, sujeita ao convento de Val-Bemfeito, e a de S. Pedro, do seculo XIV. Em uma d'essas egrejas vi o tumulo de D. Fernando de Noronha e de sua mulher, um dos mais bellos especimens da esculptura em marmore do estylo da Renascença...»

était proprement le palais de l'alcade. Le pourtour de la vaste édification est encore complet et sur pied, mais l'intérieur tombe en ruines, toutes les boiseries et les ferrures ont disparu et les pierres sculptées ont été sacrilégement brisées et même volées, à ce que l'on dit. On reconnait cependant encore les principaux appartements du palais, de même que l'on se rend bien compte du système des dépendances, écuries et autres divisions du rez-de-chaussée, qui était desservi par la cour intérieure.

Il n'y a qu'une des tours carrées à laquelle on accède aujourd'hui facilement par l'escalier de pierre qui monte jusqu'à la plateforme; et à un des tournants de cet escalier on voit, gravée au ciseau dans la pierre, la seule inscription qui existe dans tout le château.

Nous copions, des impressions inédites d'une dame, cette simple opinion: «Le château est charmant. On est ébloui par ces murs hauts et noircis, par ces tours si élégantes que le lierre recouvre parfois, un lierre qui doit être bien ancien, avec ses branches grosses comme le bras, et qui, avec toute la familiarité d'un vieil ami, s'introduit dans les fentes pour ressortir par les étroites lucarnes. D'en haut, l'étendue qu'on embrasse est immense et superbe de tous les côtés, mais surtout vers le couchant, où la vaste plaine qui s'étend devant nos yeux semble avoir été disposée expressément pour être contemplée de là, avec ces champs bien soignés, dont les tonalités fraîches et atténuées s'harmonisent admirablement. Au loin on distingue à peine une brume: c'est l'Étang.»

Et c'est vrai: le panorama que l'on observe du haut du château est des plus vastes et éblouissants; il permet d'apprécier un des recoins les plus intéressants de l'Extremadure, qui en présente de supérieurement beaux depuis Torres Vedras jusqu'aux champs de Leiria. Ici à Obidos la vue se repose en premier lieu sur la longue *Varzea da Rainha,* coupée de ruisseaux, dont un, le Arnoia, baigne le pied de la colline, mouchetée de chapelles, de belles propriétés, de ruines d'anciens couvents, limitée au nord par les maisons de Caldas; ensuite, un peu vers le couchant la brume lointaine de l'Etang et puis la ligne de l'Océan qui se confond avec le ciel; vers le midi et le levant des plis de terrain qui s'estompent jusqu'aux montagnes à l'horizon. En bas, au pied du château, la ville resserrée dans son enceinte de murailles et reliée aux collines plus proches par l'aqueduct de Osseira qui se prolonge à travers les champs.

Je sais bien que les spectacles de la Nature sont entrevus par les yeux de notre fantaisie et ainsi ils nous impressionnent de manière différente selon notre *état d'âme.* Pinheiro Chagas, en observant le panorama d'Obidos, s'est senti pris de mélancolie; on comprend qu'un esprit regorgeant de vie se soit attristé devant ce silence majestueux, devant cet immense tableau, qui, vu de si haut, est si tranquille qu'il semble mort. Quant à moi, qui sens différemment, c'est cette paix et ce silence qui me ravissent; ils ne m'attristent pas, mais remplissent mon cœur de sérénité.

*
* *

Pour se faire une idée des nombreuses antiquités que l'on peut remarquer dans la petite ville d'Obidos, il suffit de lire les mots suivants de Mr. Ramalho Ortigão: «A chaque pas il faut nous arrêter devant une fenêtre ogivale, un heurtoir, ou un encadrement de serrure, orné d'arabesques en fer du XVIme siècle, surmonté de la croix du Christ. Adossé à la muraille, du côté extérieur, se trouve l'édifice de l'ancienne léproserie, devenu aujourd'hui une habitation particulière. A l'intérieur de la tour qui défendait la porte du Valle, on voit la chapelle qui remplace l'ancienne niche de Notre Dame de Graça et qui a été construite au dernier siècle (XVIIIme) par ordre du magistrat de l'Inde Bernardo de Palma en accomplissement d'un vœu de sa fille, morte à l'âge de vingt ans, d'amour pour un jeune homme d'Obidos... Près du château se trouvent les ruines du couvent des Donas de Santarem, transformé en *merceeiras* par la reine D. Leonor, qui a fondé l'institut et l'édifice. La porte du grenier nommé le *grenier de la Reine* existe encore. La reine, pleurant ici la mort de son fils unique, tué à Santarem d'une chute de cheval, serait venue souvent au couvent des merceeiras... A l'est du château sont les rues de Mouraria et de Judiaria avec la maison qui a remplacé la synagogue. Sur la place il y a un élégant pilori du temps de D. João II, ayant sur l'écusson le filet de pêche que D. Leonor donna pour armes à la ville, en mémoire du filet dans lequel quelques pêcheurs du Ribatejo, lui rapportèrent le cadavre du prince D. Affonso. L'église de Sainte Marie, paroissiale d'Obidos, antérieure à la monarchie, existe encore, ainsi que l'ancienne collégiale de Sant'Iago, soumise au couvent de Val-

Ora vejam se a villa d'Obidos, com as suas *cinco* ruas principaes que se percorrem n'um credo, não é um verdadeiro museu de arte nacional!

E ainda para mais d'ella tomou nome a famosa pintora portugueza D. Josepha d'Ayala de Figueira, mais conhecida como *Josefa d'Obidos*, que viveu no seculo XVII, quasi sempre na quinta da Capelleira, proximo da villa. Foi alli que ella pintou numerosos quadros de assumptos religiosos, sendo tambem eximia nos retratos, na pintura de flôres e na *gravura em metal*. Nas igrejas d'Obidos ha muitas das suas obras; o tecto da igreja da Misericordia de Peniche é todo coberto de pinturas de Josepha d'Obidos.

*
* *

Falta-me o espaço para me referir aos numerosos factos notaveis que enchem a historia da antiga villa, hoje adormecida quasi no esquecimento, e ainda ás suas lendas, que tambem são historia, escripta pela fé viva e pelo enthusiasmo patriotico. Lembrarei apenas que Obidos mereceu o titulo de *sempre leal* pela galharda resistencia que em 1246 oppoz ao cerco dos partidarios de D. Affonso III, conservando-se até ao fim da lucta fiel ao desditoso D. Sancho II, a quem prestára vassallagem; e que em 15 d'agosto de 1808 se travou junto dos seus muros o primeiro combate entre o exercito anglo-luso do commando de Wellesley e as tropas francezes capitaneadas por Delaborde, um dos logares-tenentes de Junot, as quaes no dia 17 haviam de ser derrotadas na batalha da Roliça, uma legua ao sul de Obidos.

Peniche

Rendas de linho — Rendas de pedra

Não sei por que singular contraste as povoações da beira-mar, onde mais se exerce o rude labor da pesca, são quasi sempre tambem as que produzem as mais delicadas obras femininas. Vianna do Castello, Villa do Conde, Peniche, Setubal, terras de pescadores, são desde tempos immemoriaes conhecidas pelas rendas que alli se fazem. Industrias tão oppostas, nos instrumentos, nos meios e nos fins a alcançar, são comtudo muitas vezes exercidas n'essas povoações por pessoas da mesma familia: os homens para o mar, para a lucta com os elementos, para a espera arguta do peixe; as raparigas, por ventura as mais franzinas que não podem ajudar os homens na preparação da pescaria colhida, para esse trabalho de paciencia e de cuidado que são as rendas de bilros. Quem sabe se a manufactura das rendas nos veio, como tantas outras industrias, da frequencia da nossa gente aos portos de Flandres, onde parece que ella foi inventada?

Ahi tendes um grupo d'essas *fabricantas* de rendas, de Peniche (em Vianna chamam-se *feitoreiras*), encruzadas á maneira dos arabes, diante das *almofadas* cylindricas; n'estas se pregam os *piques*, moldes de cartão assafroado com o desenho da renda a executar, picado nos pontos onde devem ser armados os *alfinetes;* pelos alfinetes, que se contam ás duzias, passam os fios que dos *bilros* se vão desenrolando; os bilros, de fórma bem careteristica, podem ser, consoante as posses da fabricanta, de pinho, de madeiras exoticas e até de marfim.

Assim se executam esses preciosos artefactos, enlevo das damas e delicado enfeite de suas galas, que ellas pagam por bom preço. Mas d'esse preço não recolhem as pobres fabricantas senão bem pequena parte; o melhor fica nas mãos dos *rendeiros*, negociantes que quasi sempre adiantam o mesquinho ganho das artifices em materia prima, em comestiveis e artigos de vestuario, cotados a valores exorbitantes, e nas dos *vendedores* ambulantes que a seu turno vão distribuir as rendas pelo paiz.

Dizem os entendidos que as antigas rendas de Peniche podiam hombrear com as famosas de Malines; mas ulteriormente a fabricação tinha decahido, e abandonára-se a feição antiga para descambar em desenhos de mau gosto. Por isso em 1887 foi instituida em Peniche a Escóla Industrial *Rainha*

Bemfeito, et celle de S. Pedro, du XIVme siècle. Dans une de ces églises j'ai vu le tombeau de D. Fernando de Noronha et de sa femme, un des plus beaux spécimens de sculpture en marbre du style Renaissance...»

Voyez donç si la ville d'Obidos avec ces cinq rues principales que l'on parcourt en un clin d'œil n'est pas un véritable musée d'art national!

Et encore son nom a été adopté par la fameuse peintre portugaise D. Josepha d'Ayala de Figueiredo, plus connue comme *Josefa d'Obidos*, qui a vécu au XVIIme siècle presque toujours dans le domaine de Capelleira, près de la ville. Ce fut là qu'elle peignit de nombreux tableaux de sujets religieux, étant aussi très remarquable pour ses portraits, peinture de fleurs et *gravure en métal*. Dans les églises de Obidos on voit beaucoup de ses travaux; le plafond de l'église de la Miséricorde de Peniche est tout recouvert de peintures de Josefa d'Obidos.

*
* *

Faute d'espace je ne puis pas citer de nombreux faits remarquables qui remplissent l'histoire de l'ancienne ville, aujourd'hui presque ensevelie dans l'oubli, de même que ses légendes qui sont aussi de l'histoire écrite par la foi la plus ardente et l'enthousiasme le plus patriotique. Je rappèlerai seulement que Obidos a mérité le titre de *sempre leal* (toujours loyale) par la noble résistance qu'elle opposa en 1246 au siége des partisans de D. Affonso III, se maintenant jusqu'à la fin de la lutte toujours fidèle au malheureux D. Sancho II, auquel elle avait juré fidélité; et que le 15 Août 1808 eut lieu sous ses murs le premier combat entre l'armée anglo-portugaise commandée par Wellesley, et les troupes françaises conduites par Delaborde, un des lieutenants de Junot, qui, la journée du 17, devaient être vaincus au combat de Roliça, une lieue au sud d'Obidos.

Peniche

Dentelles de fil — Dentelles de pierre

Je ne sais pas par quel singulier contraste, les endroits au bord de la mer où on se livre au rude labeur de la pêche, sont presque toujours ceux qui produisent les plus délicats ouvrages féminins. Vianna do Castello, Villa do Conde, Peniche, Setubal, villes de pêcheurs, sont depuis un temps immémorial renommés pour les dentelles qu'on y produit. Des industries si opposées, quant aux outils, aux moyens et aux fins à obtenir, sont toutefois exercées dans ces endroits par des personnes de la même famille: les hommes vont à la mer, lutter contre les éléments, pour l'attente rusée du poisson: les jeunes filles, surtout les plus faibles qui ne peuvent pas aider les hommes dans la préparation de la pêche obtenue se livrent à ce travail patient et soigné de la dentelle aux fuseaux. Qui sait si la manufacture des dentelles nous est venue, ainsi que tant d'autres industries, de la fréquentation de nos gens aux ports de Flandres, où il parait qu'elle a été inventée?

Voici un groupe de ces *fabricantes* de dentelles, de Peniche (à Vianna on les nomme *feitoreiras*) assises, croisées à la mode des arabes, devant les coussins cylindriques; sur ceux-ci on pique les *piques* (épingles), les modèles en carton jauni avec le dessin de la dentelle à faire, troué aux endroits où doivent être placées les épingles; entre ces épingles, que l'on compte par douzaines, passent les fils qui se déroulent des fuseaux; les fuseaux de forme caractéristique, peuvent être, selon les moyens de l'ouvrière, en sapin, en bois exotique et même en ivoire.

C'est ainsi que sont exécutées ces précieuses garnitures, qui garnissent si délicatement les toilettes de gala et qui sont si chèrement payées. Mais de ce gain, les ouvrières ne reçoivent qu'une faible partie; la plus grosse part reste aux mains des dentelliers, négociants qui avancent presque toujours le mince salaire des ouvrières, en espèces, en comestibles, en objets de toilette cotés à des valeurs

D. Maria Pia, com o fim muito especial de fazer resurgir a antiga originalidade dos productos, dando, porém, o necessario impulso para que elles podessem aperfeiçoar-se em qualidade e desenvolver-se em quantidade. Para dirigir a escóla foi nomeada a snr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, d'essa familia em que o superior instincto artistico é dote commum. Boa era a escolha; mas o amparo official affrouxou, e outras causas houve ainda que desgostaram a professora. Deixou ella a escóla e veio estabelecer-se na capital com algumas fabricantas de Peniche, ensinando depois outras de Lisboa que se têm tornado primorosas artifices; na sua officina se produzem hoje preciosas rendas, adquiridas, triste é dizel-o, principalmente por estrangeiros, e que ultimamente obtiveram um *grand prix* na Exposição de S. Luiz.

Perdeu muito a industria das rendas de Peniche, e mais ainda por serem as fabricantas levadas a produzir obra barata, a qual, apesar d'isso, não póde competir em preço com as rendas de tear. Pois bem mereciam ellas que se desse nova orientação aos seus trabalhos.

E agora uma nota curiosa. Os vendedores ambulantes das rendas de Peniche, para as exaltar, dizem que ellas são de D. Maria Augusta. Lisongeiro reclamo para o nome da artista, mas que esta renega, como é facil comprehender.

*
* *

As rendas de bilros são um producto da Arte. Mas a Natureza tambem é artista, tambem faz rendas. Para materia prima escolhe umas vezes as nuvens do céo ou a espuma do mar, e então a sua obra deslumbrante desfaz-se com o sopro da aragem ou com o quebrar da vaga em flôr; outras vezes, porém, executa obra mais duradoura, e transforma em rendas as negras penhas das arribas.

Toda a nossa costa nos apresenta frequentes trechos de tal maravilha. A acção persistente, durante seculos, do bater das ondas sobre as rochas realisou n'ellas os mais caprichosos desenhos e rendilhados que se podem imaginar. São castellos roqueiros, palacios de fadas, figuras encantadas e ás vezes até semelhanças de sêres humanos, de aves e d'outros animaes. Por noites de luar intenso, na maré baixa, parecem tomar vida as prodigiosas phantasias da Natureza; os recortes das pedras apresentam-se mais indecisos talvez, mas produzindo maiôr illusão; nas cavidades das lages batidas de luz rebrilham as aguas represadas; as sombras projectadas pelas saliencias deixam entrever grutas afestoadas de trepadeiras que não murcham, e fazem suspeitar fantasmas que espreitam e que se escondem; o *fabricante* millenario descança, parece adormecido; só a espaços a sua respiração alta interrompe o silencio universal; é a hora propicia, exhibem-se em todo o esplendor as rendas de pedra.

A peninsula de Peniche está rodeada de sitios assim; um d'esses é representado pela nossa photogravura, e como em muitos outros da beira-mar, tambem elle tem a sua lenda.

Em tempos que já lá vão, havia em Peniche dois homens nobres e opulentos que mutuamente se odiavam; mas, como tantas vezes acontece, Rodrigo, filho d'um d'esses homens, apaixonou-se por Leonor, filha do outro. Conhecedor do aborrecido affecto, o pae de Rodrigo obrigou este ao noviciado na ordem de S. Jeronymo, no mosteiro da Berlenga, fundado pela viuva d'El-Rei D. Duarte. A dôr dos dois amantes encontrou lenitivo na complacencia d'um velho pescador, que na sua barca, por horas mortas, trazia da Berlenga o louco enamorado a encontrar-se n'uma gruta da costa com a sua promettida. Uma noite Leonor, descoberta na saida da casa paterna, intenta fugir aos que a procuram; saltando de rocha em rocha, resvala e despenha-se nas ondas. Rodrigo, ao chegar, não vê o facho que devia assignalar a presença de Leonor; inquieto, não tarda a reconhecer o manto da sua amada que fluctuava sobre a agua; no desespero que o invade, lança-se ao mar e morre.

Ainda hoje mostram em Peniche uma gruta aberta na rocha e um trecho de penedia alcantilada: são os *paços de D. Leonor* e o *sitio de Frei Rodrigo*.

Lisboa, Março de 1905.

Vicente Almeida d'Eça.

exorbitantes, ou alors au profit des vendeurs ambulants qui à leur tour répandent les dentelles dans tout le pays. Les connaisseurs disent que les anciennes dentelles de Peniche pouvaient se comparer aux fameuses dentelles de Malines; mais après celà la fabrication a déchu et perdu son cachet antique pour tomber dans des dessins d'un goût douteux. C'est pour cela qu'en 1887 on a institué à Peniche l'École Industrielle *Rainha D. Maria Pia* afin de faire revivre l'ancienne originalité des produits, mais en lui accordant les moyens nécessaires au perfectionnement de la qualité et au développement de la quantité. La direction de l'école a été confiée à Madame Maria Augusta Bordallo Pinheiro, qui appartient à une famille entièrement douée des instincts les plus artistiques. Le choix était des plus heureux, mais l'aide officielle tomba en désuétude, sans parler d'autres raisons qui déplûrent à la directrice. Elle quitta l'école et vint s'établir à Lisbonne avec quelques ouvrières de Peniche et quelques autres qu'elle forma ensuite et qui sont devenues d'habiles artistes; dans son atelier on exécute actuellement des dentelles admirables, qui (il est triste de le dire) sont pour la plupart acquises par des étrangers et qui ont obtenu dernièrement un *grand prix* à l'Exposition de St Louis.

L'industrie des dentelles de Peniche a beaucoup baissé, d'autant plus que les *fabricantes* sont portées à faire de l'ouvrage à bon marché, quoique les produits ne puissent pas se vendre à un aussi bas prix que les dentelles tissées. C'est dommage, car elles mériteraient bien qu'on leur donna une nouvelle orientation.

Il est curieux de remarquer que les débiteurs ambulants de dentelles de Peniche afin de renchérir leurs marchandises, disent qu'elles sont de Dona Maria Augusta. C'est une flatteuse réclame pour le nom de l'artiste, mais qu'elle renie, comme on le comprend bien.

*
* *

Les dentelles aux fuseaux sont un produit de l'Art, mais la nature est aussi artiste et fait aussi ses dentelles. Comme matériel, elle prend parfois les nuages du ciel ou l'écume des flots, et alors son œuvre éblouissante se disperse au souffle de la brise, ou au brisement de la vague à peine formée; mais quelquefois elle présente des ouvrages plus durables et produit des dentelles avec les rochers noircis de la rive.

Sur toute notre côte on aperçoit de ces merveilles. L'action persistante pendant des siècles du choc des vagues sur les écueils produit les dessins et les dentelures les plus capricieux qu'on peut imaginer. On voit des châteaux rocailleux, des palais de fées, des figures enchantées et même des images semblables à des êtres humains, à des oiseaux et à d'autres animaux. Pendant les nuits de clair de lune, à la marée basse, les prodigieuses fantaisies de la nature semblent prendre vie; les découpures de pierre sont peut-être plus indécises mais l'illusion est plus grande; dans les cavités des rochers baignés de lumière, l'eau contenue scintille; les ombres projetées par les saillies laissent entrevoir des grottes enguirlandées de fleurs qui ne se fanent pas, et font penser à des fantômes qui se cachent et qui guettent; l'éternel artisan repose et semble endormi; à peine de temps en temps sa forte haleine brise le silence universel; c'est l'heure propice où les dentelles de pierre se présentent en tout leur splendeur.

La péninsule de Peniche est entourée d'endroits de ce genre; et notre photogravure en reproduit un, qui comme beaucoup d'autres a aussi sa légende.

On raconte qu'autrefois il y avait à Peniche deux hommes opulents et nobles qui se haïssaient mutuellement; mais, comme il arrive bien des fois, Rodrigo, fils de l'un deux, devint amoureux de Leonor, fille de l'autre. Informé de cet amour, le père de Rodrigo l'obligea à faire son noviciat dans l'ordre de S. Jeronymo, au couvent de Berlenga, fondé par la veuve du Roi D. Duarte. La douleur des deux amants fut un peu amoindrie par la complaisance d'un vieux pêcheur, qui à des heures indues, amenait dans sa barque l'amoureux fou qui venait trouver sa promise dans une grotte de la côte. Une nuit Leonor, découverte en sortant de la maison paternelle, essaya de fuir ceux qui la poursuivaient; sautant d'écueil en écueil elle roula et tomba dans les flots. Rodrigo, en arrivant, ne vit pas le flambeau qui devait lui annoncer la présence de Leonor; inquiet, il ne tarda pas à reconnaitre le manteau de sa bien aimée qui flottait sur l'eau; pris de désespoir il se jeta à la mer où il périt.

On montre encore à Peniche une grotte ouverte dans le rocher et un groupe de roches escarpées; c'est le *palais de D. Leonor* et le *site de Frère Rodrigo*.

Vicente Almeida d'Eça.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral

OBIDOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

O Castello

OBIDOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Penedias das arribas
PENICHE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fabricantas de rendas

PENICHE

Aveiro

(A Ria)



POUCAS regiões haverá no paiz onde a paizagem offereça uma tão larga escala de aspectos, uma tal mutabilidade de physionomia, como a região d'Aveiro. Em poucas horas, desce-se da serra ao mar. Lá em cima, nos primeiros contrafortes das Talhadas ou do Caramullo, é ainda uma zona alpestre, fortemente ondulada, sulcada de valles estreitos e profundos, onde d'entre a ossatura granitica dos montes irrompem as massas sombrias dos pinheiros, o tojo doirado, o nobre e robusto carvalho da Lusitania. Em baixo, é, primeiro, a campina indefinida e larga, cortada de esteiros e canaes que os salgueiros e os amieiros debruam — pastagens, searas de milho, terras alagadas onde o arroz verdeja n'um brilhante tom de esmeralda; depois é a gigantesca laguna da ria, com os seus cincoenta mil hectares de superficie liquida, as suas immensas ilhas, as suas praias eriçadas de junco e de caniço, as suas vastas marinhas de sal; depois a duna da costa, nua e branca, esbatida na palpitação luminosa da tremolina; depois, emfim, o mar, de arrebentação larga e violenta, estendendo na praia, arenosa e sem rochas, o seu fluido lençol de espumas.

Mas o que mais particularmente caracterisa essa paizagem e lhe dá um aspecto proprio e inconfundivel — é a ria. Montanhas, campinas, dunas, rios e suas margens, o mar e as suas costas — de tudo isso se encontra com abundancia na paizagem portugueza, com a diversidade de aspectos que a natureza do sólo, os seus relevos e accidentes, a sua constituição geologica e a sua flora condicionam e determinam. Esse braço de mar, porém, represado pela barreira das dunas, amplo como o estuario d'um grande rio, calmo e espelhado como um lago — não tem, me parece, nada de analogo em toda a zona maritima de Portugal.

Segundo os geologos, a nossa linha costeira avança lentamente pelo Atlantico dentro. O mar recúa. Assim todo esse terreno chato, essas enormes planicies que se estendem ao sopé da extensa cordilheira beirôa, não são mais do que velhas praias, sobre que se formaram vastissimas dunas, entre as quaes ficaram encravadas consideraveis massas d'agua, condemnadas a uma crescente reducção de area pela elevação continua dos seus fundos, ou alluviões de rios, cuja foz avançou sempre com a retirada da margem atlantica, e que, mais tarde, a cultura, d'origem já immemorial, invadiu e transformou, vagarosa, mas progressivamente.

A esta lenta evolução ainda assistimos hoje, porque ella não se interrompe um instante. A olhos vistos, o leito da ria sobe, a sua *calle* é obstruida pelos assoriamentos, as praias emergem das aguas, os lodos e o moliço transportados para os areaes fecundam-nos para uma cultura facil e productiva, a duna assoberba e ameaça o mar — e já a distancia, no seio das aguas, as sondagens revelam a formação de novos baixios que, d'aqui a seculos talvez, surgindo á flôr das vagas, formarão uma nova trincheira arenosa, dentro da qual ficará encerrado outro braço de mar, outra ria como a actual.

Quem olhar, n'uma carta chorographica, os contornos do immenso lago, terá, de relance, uma forte impressão da sua grandeza. Quarenta e sete kilometros do norte ao sul — de Ovar a Mira; sete kilometros na sua maxima largura, medidos da duna que se estende entre S. Jacintho e a Torreira, até aos fronteiros campos de Estarreja; ilhas extensissimas; ramificações de linhas caprichosas, bracejando para todos os lados; compridos esteiros correndo, como veias, atravez os campos e as praias; e a larga mancha das salinas, com a recticulação miuda e apertada dos seus taboleiros e dos seus muros de torrão.

Dentro d'esta dilatada area, o aspecto da paizagem é d'uma variedade extrema — apesar de ser a recta a linha dominante e de serem restrictos os seus elementos; mas, como com vinte e cinco lettras se formam milhares de palavras e, com essas milhares de palavras, o mais inconcebivel, vertiginoso e indefinido numero de expressões, assim, alli, com a agua, o ar, a luz, as linhas planas da campina, dois ou tres tons de verde, tres ou quatro variedades d'arvores, a mancha branca das velas e a mancha negra dos barcos, a fugitiva extensão dos *raccourcis* n'esse horizonte illimitado, as cambiantes da hora e da atmosphera, se compõe a mais rica galeria de marinhas que a imaginação d'um pintor póde conceber.

Aqui são recantos palustres, d'aguas quasi mortas, onde os barcos dormem amarrados aos mourões e onde, como no estanho d'um espelho, se reflectem, invertidos, os tufos marginaes dos caniços

Aveiro

L'estuaire



IL y a peu de régions, dans notre pays, où le paysage présente une si vaste gamme d'aspects, une telle mutabilité de physionomie, que la région d'Aveiro. Quelques heures suffisent pour descendre de la montagne à la mer. Là haut, sur les premiers contreforts des Talhadas ou du Caramullo, c'est encore une zone alpestre, fortement ondulée, sillonnée de vallons étroits et profonds; de la structure granitique des montagnes jaillissent les sombres masses des sapins, le genêt doré, le noble et robuste chêne de la Lusitanie. En bas, on voit premièrement la plaine large et infinie, coupée de ruisseaux et de canaux que bordent les saules et les aulnes, des pâturages, des champs de maïs, des terrains inondés où les rizières verdissent d'un ton brillant d'émeraude; ensuite c'est la lagune gigantesque de l'estuaire avec ses cinquante mille hectares de surface liquide, ses îles immenses, ses plages hérissées de joncs et de roseaux, ses vastes marais salins; plus loin la dune de la falaise blanche et nue, estompée dans la lumineuse palpitation de la brume, et puis enfin, la mer qui éclate large et violente, étendant sur la plage sablonneuse et unie sa fluide nappe d'écume.

Mais ce qui caractérise plus particulièrement ce paysage et lui donne un aspect personnel et unique — c'est l'estuaire. Montagnes, plaines, dunes, fleuves et berges, la mer et ses côtes on trouve de tout cela à foison dans le paysage portugais, avec la diversité d'aspect que la nature du sol, ses reliefs et accidents, sa constitution géologique et sa flore déterminent et assignent. Mais, ce bras de mer, endigué par la barrière des dunes, ample comme l'embouchure d'un grand fleuve, calme et miroitant comme un lac, n'a, ce me semble, rien d'analogue sur toute la zone maritime du Portugal.

D'après les géologues, notre ligne côtière avance lentement dans l'Atlantique. La mer recule. Ainsi, tout ce terrain plat, ces immenses plaines qui s'étendent au pied de la longue cordillière de Beira, ne sont que des anciennes plages, sur lesquelles se sont formées de très vastes dunes et entre lesquelles sont restées enclavées de considérables masses d'eau condamnées à une réduction croissante de leur dimension par la continuelle élévation de leurs fonds, ou les alluvions des fleuves dont les embouchures se sont avancées avec le recul de la côte atlantique, et qui plus tard ont été lentement mais progressivement envahis et transformés par la culture, d'origine déjà immémoriale.

Nous assistons encore aujourd'hui à cette lente évolution, qui ne s'interromp pas un instant. À vue d'œil, le lit de l'estuaire monte, sa *calle* est obstruée par les envasements, les plages émergent des eaux, les vases et les déchets transportés sur le sable le fécondent pour une culture facile et productive, la dune domine et menace la mer, et déjà à distance, au sein des eaux les sondages dénoncent la formation de nouveaux bas-fonds, qui peut-être dans des siècles, paraîtront à fleur d'eau et formeront une nouvelle tranchée sablonneuse, dans laquelle sera enserré un autre bras de mer, un autre estuaire comme l'actuel.

Lorsqu'on observe sur une carte chorographique, les contours de l'immense lac, on a aussitôt une forte impression de grandeur. Du nord au sud, de Ovar à Mira, quarante sept kilomètres; sept kilomètres dans sa plus grande largeur, pris de la dune qui s'étend entre S. Jacintho et Torreira, jusqu'aux champs d'Estarreja en face; d'immenses îles; des ramifications de lignes capricieuses, se déployant de tous les côtés; de longs ruisseaux qui courent comme des artères, à travers les champs et les plages; et la large tache des marines, avec l'alignement étroit et resserré de leurs plateaux et mottes.

Dans cette surface étendue, l'aspect du paysage est d'une extrême variété — quoique la ligne dominante soit droite et ses éléments restreints; mais de même qu'avec vingt cinq lettres on forme des milliers de mots et avec ces milliers de mots un nombre d'expressions le plus inconcevable, vertigineux et indéfini, ainsi, là, avec l'eau, l'air, la lumière, les lignes plates de la plaine, deux ou trois tons verts, trois ou quatre variétés d'arbres, la tache blanche des voiles et la tache noire des bateaux, l'étendue fugitive des raccourcis sur cet horizon illimité, les nuances de l'heure et de l'atmosphère, on compose la plus riche galerie de marais salins que peut concevoir l'imagination d'un peintre.

Ici ce sont des recoins palustres d'eaux presque stagnantes où les bateaux reposent amarrés aux poteaux et dans lesquels, comme sur l'acier d'un miroir, se reflètent en sens invers les touffes des bor-

ou um fuste esguio e derramado de pinheiro. Alli é a extensa recta, o alinhamento infinito d'um longo esteiro, que segue, entre as tamargueiras das mottas, como uma estrada d'agua, lançada a perder de vista atravez das praias onde o junco e a grama verdejam. Mas já do outro lado são as enseadas de curvas suaves e d'um azul de lapis lazuli, recortando a tira das dunas maritimas, fulvas e ardentes sob a reverberação intensa do sol. E agora, se, bolinando ao longo d'ellas, se sobe para o norte, lentamente se nos vae alargando deante da vista a grandiosa bacia, que, pela altura da Calle da Mó, attinge a sua maior amplitude. A oeste ficam os areaes da costa; a leste todo o campo d'Aveiro, em cuja verdura, as povoações densas e alvejantes traçam uma extensa e quasi continua pontuação branca: a Murtoza, longamente estirada á beira d'agua, Estarreja apinhada na sua pequena collina, Salreu, Canellas, Fermelã, Angeja, Cacia e Sarrazola, aninhadas entre arvores, em torno dos seus pequenos e lindos campanarios; do mesmo lado, fechando o horizonte n'um magestoso panno de fundo, as linhas soberbas das serras, desde a de Arouca á do Bussaco, bem visiveis nos seus relevos, nas suas massas de vegetação, nos seus grupos de villas e aldeias alcandoradas pela vertente, quando o leste abrazador do estio, evaporando toda a humidade, dá ao ar a translucidez d'um crystal; ao norte, o braço da ria que se estende até Ovar; ao sul as grandes ilhas baixas, de vegetação rasteira, a da Testada, a do Amoroso, a das Gaivotas, a do Ronca, a de Monte Farinha, a dos Ovos, afóra outras menores; mais para sudeste, emfim, a casaria de Aveiro, intensamente branca, surgindo entre os cones de sal das marinhas, como uma cidade sitiada por um vasto acampamento inimigo.

Como em todas as paizagens onde a agua predomina, a diversidade e os contrastes de expressão são aqui extremos. No grande espelho da ria, a atmosphera reflecte os seus variados aspectos, transmittindo-lh'os. Se a nortada sopra desabrida e rija, esse lago torna-se n'um mar revolto, cujas maretas d'um verde pardacento cachoam em *carneiradas* espumantes. Os barcos abordam, lançam ferro ou amarram aos mourões, e ficam bailando doidamente sobre a vaga: e só um ou outro, acossado do vendaval, corre ao largo vertiginosamente, com o panno nos rizes, e deixando atraz de si uma longa estria branca. Se reinam as frescas brisas mareiras e o tempo é claro, as aguas apenas suavemente arrepiadas são como uma seda azul *moirée*, lantejoulada d'oiro pelos raios do sol; e tudo em volta, praias, campos, pinhaes, casarias claras, palheiros sombrios, velas brancas, cascos alcatroados de barcos, nos apparece com uma expressão de calma feliz, n'uma divina espiritualisação luminosa. Mas nas manhãs ou tardes de completa calmaria, quando nem uma folha d'herva treme, toda essa vastidão aquatica é como uma placa enorme d'aço brunido, onde tudo se espelha em imagens invertidas, com a precisão de linhas e a intensidade de côr d'um esmalte brilhante e quente: as velas pannejam em molles pregas ao longo dos mastros, as varas ou os remos abrem feridas de prata na epiderme fluida da agua, todos os ruidos — um ranger de remo, uma vibração longinqua de sino, uma toada melancolica de cantiga, um toque de busio, annunciando a passagem do barco do moleiro — passam como boiando com lentidão na agua morta e expiram suavemente n'essa ambiencia d'ineffavel serenidade. E, conforme a hora e o scenario do céo, essa paizagem elysiamente calma, ao mesmo tempo movimentada e silenciosa, offerece tonalidades diversas; ora é toda em *nuances* de sanguinea, com toques e relevos d'oiro; ora em tons d'azul, frescos e transparentes como os das marinhas dos azulejos de Delft; agora é o verde que predomina em gradações successivas, desde o verde-negro dos pinhaes ao verde-marinho das aguas paradas; depois é o alaranjado dos poentes; depois o violeta dos crepusculos; depois os cinzentos desbotados, os pallidos tons de perola, as aguadas de nankim da noite que começa...

E se ha luar, se a lua cheia, surgindo atraz da cumeada das serras longinquas, vem banhar toda essa infinita extensão d'aguas e de planicies — então os aspectos que ella offerece têm qualquer coisa de maravilhoso, de irreal, como uma visão creada por um sortilegio magico. Entre o céo e a ria, a linha da terra fronteira é apenas um longo e fino traço escuro, um delgado filete de sombra. Os astros que scintillam no espaço, scintillam tambem nas aguas, como se o firmamento se desdobrasse ou se prolongasse em abysmo aos nossos pés. E de leste a oeste, sob a incidencia do luar, um grande leque de prata tremeluzente abre o seu enorme triangulo luminoso sobre a agua, a que a aragem apenas dá uma ligeira crispação. É um esplendor! Então, n'um grande silencio, em que só o monotono rumor do mar se ouve, uma pequena bateira de pesca movida a remos, um *moliceiro* velejando lentamente, uma *mercantel* impellida á vara, atravessam, lá ao longe, essa zona illuminada, n'um destaque nitido e cortante de pequenas sombras chinezas. E dir-se-ão visões de sonho, barquinhos de fadas, tripulados por

dures de roseaux ou le tronc élancé et inégal d'un pin. Là c'est la ligne droite et étendue, l'alignement infini d'un long ruisseau, qui court entre les tamariniers des mottes, comme une route d'eau, lancée à perte de vue à travers les plages où verdoient les ajoncs et le chiendent. Mais déjà de l'autre côté sont les baies aux courbes adoucies et d'un bleu de lapis lazzuli, découpant la bande des dunes maritimes, fauves et ardentes sous l'intense réverbération du soleil. Si en boulinant en leur longueur on monte vers le nord, devant les yeux on voit s'élargir lentement le bassin grandiose qui vers la hauteur de la Calle de Mó, atteint sa plus grande amplitude. A l'ouest sont les grèves de la côte, à l'est tous les champs d'Aveiro dont la verdure est pointillée presque continuellement, par les petits villages serrés et blanchissants; Murtoza nonchalamment étendu au bord de l'eau, Estarreja entassé sur sa petite colline, Salreu, Canellas, Fermelã, Angeja, Cacia et Sarrazola, nichés entre les arbres, autour de leurs gentils petits clochers; du même côté, fermant l'horizon comme une majestueuse toile de fond, la ligne superbe des montagnes, depuis celle d'Arouca jusqu'à Bussaco, bien visibles en leurs reliefs, leurs masses de végétation, leurs groupes de bourgs et de villages juchés sur le versant, lorsque le vent d'est de l'été embrasé, évaporant toute humidité, rend à l'air la translucidité d'un cristal; au nord le bras de mer qui s'étend jusqu'à Ovar; au sud les grandes îles basses, avec leur plate végétation, celle de Testada, d'Amoroso, des Gaivotas (Mouettes), du Ronca, de Monte Farinha, des Ovos (Œufs) et d'autres plus petites; encore vers le sud-est les maisons d'Aveiro, d'un blanc intense s'élevant entre les cônes de sel des marines, comme une ville assiégée par un campement ennemi.

Les contrastes et la diversité d'expression sont ici extrèmes comme il arrive en tous les paysages où l'eau domine. Sur le grand miroir de l'estuaire l'atmosphère reflète et transmet ses aspects si variés. Si le vent du nord souffle violent et rude, ce lac devient une mer houleuse, dont les vagues d'un vert grisâtre s'amoncellent écumantes. Les bateaux accostent, jettent l'ancre ou amarrent aux poteaux, et dansent follement sur la vague; parfois l'un ou l'autre poussé par la tempête court vertigineusement au large la voile repliée dans les ris, laissant derrière lui un long sillon blanc. Si le temps est clair et que règne la fraîche brise de mer, les eaux doucement frissonnantes semblent une soie bleue, moirée, pailletée d'or par les rayons du soleil, et tout autour, plages, champs, sapinières, maisons claires, hangars sombres, blanches voiles, vieux bateaux goudronnés, tout nous apparaît avec un air de calme heureux, dans une spiritualisation lumineuse et divine. Mais par les matinées et les soirées de calme plat, lorsque pas un brin d'herbe ne bouge, toute cette vastitude aquatique est comme une plaque énorme d'acier poli, où tout se mire en sens invers, avec la précision de lignes et le coloris intense d'un émail vif et brillant: les voiles palpitent en plis mous au long des mâts, les perches et les rames ouvrent des blessures d'argent dans l'épiderme fluide de l'eau, tous les bruits — un grincement de rame, la vibration d'une cloche lointaine, un refrain mélancolique de chanson, un coup de sifflet annonçant le passage d'un bateau de meunier — passent, comme s'ils flottaient lentement, dans l'eau tranquille et expirent doucement dans cette ambiance d'ineffable sérénité. Et, selon l'heure et l'aspect du ciel, ce paysage délicieusement calme, silencieux et mouvementé en même temps, présente des tonalités diverses; tantôt il est tout en nuances de sanguine, avec des touches et des reliefs dorés; tantôt en des tons bleus, transparents et frais comme ceux des marines des faïences de Delft; maintenant c'est le vert qui domine en de successives graduations, depuis le vert-noir des sapins, au vert glauque des eaux immobiles; après c'est l'orangé des couchers de soleil, puis le violet des crépuscules; et encore les gris déteints, les tons pâles de la perle, les aquarelles de nankin de la nuit qui s'approche...

Et s'il y a clair de lune, si la pleine lune, surgissant derrière le sommet des montagnes éloignées, vient baigner toute cette étendue infinie d'eaux et de plaines, alors l'aspect qui nous frappe a quelque chose de merveilleux, d'irréel, comme une vision créée par un sortilége magique. Entre le ciel et l'estuaire, la ligne terrestre en face, n'est qu'un sombre trait long et fin, comme un mince filet d'ombre. Ces astres qui scintillent dans l'espace, brillent aussi dans les eaux, comme si le firmament se dédoublait ou se prolongeait en abîme à nos pieds. Et de l'est à l'ouest, sous l'incidence du clair de lune un grand évantail d'argent tremblottant, ouvre son énorme triangle lumineux sur l'eau que la brise crispe légèrement. C'est splendide! Alors, en un grand silence, troublé à peine par la rumeur monotone de la mer, un petit bateau de pêche poussé à l'aviron, un *moliceiro* se dandinant lentement, un *mercantel* naviguant à la perche, traversent au loin cette zone illuminée, avec les traits nets et détachés de petites ombres chinoises. On dirait des visions de rêve, des petits bateaux de fées, gouvernés par des

minusculos gnomos, negras gondolas mysteriosas, deslisando sem ruido n'uma laguna d'aguas argentinas...

*

* *

Sobre estas vastas aguas, em meio d'esta larga paizagem, uma grande vida de trabalho, placido mas fecundo, se desenvolve continuamente sob diversas fórmas d'actividade.

A ria é um thesoiro: basta lançar-lhe uma pequena rede, dragar o seu fundo com um ancinho, deixar evaporar uma mão cheia da sua agua, para se obter um valor: um cabaz de peixe, um pouco de moliço, uns crystaes de sal. Como o Nilo para as planicies do Delta, com os seus nateiros fecundantes, a ria é para toda esta zona lacustre uma grande força creadora de riqueza e de uberdade. Todas essas terras em roda, n'uma extensão de muitos kilometros quadrados, vivem d'ella. Os seus fundos dão-lhes, com a mais inexgotavel abundancia, os moliços, essa vegetação sempre renascente d'algas que os alcatifa, e os lodos ricos em elementos fertilisantes, por meio dos quaes se tem transformado em campos productivos essa amplissima região arenosa. Nas suas praias ceifa-se o junco, que é a fofa cama dos gados nos estabulos, e a fresca esteira das casas terreas. Das suas marinhas, as maiores e as mais importantes do paiz, sae um sal precioso, que é um dos principaes artigos de exportação do commercio d'Aveiro. E do norte ao sul, de ao pé d'Ovar ao pé de Mira, em todos os seus braços e ramificações, nas suas *calles* profundas ou nos seus amplos espraiados, o peixe e os molluscos abundam, n'uma grande variedade de especies. E é por centenas de contos que, annualmente, se cifra o valor d'estes magnificos dons da ria generosa e tutelar.

De cada um d'estes productos que ella offerece ao homem, deriva uma industria: e cada uma d'essas industrias, que se exercem sobre a agua, creou o seu barco proprio. O elegante *moliceiro,* de grande prôa arqueada em papo de cysne e decorada de barbaras e curiosas polychromias, apanha o moliço e leva-o, ao longo dos canaes, pelas terras dentro — estranho carro fluvial d'esta raça de lavradores-barqueiros. A *saleira,* pesada e vasta, a maior barca d'estas aguas, transporta o sal das marinhas para os armazens e d'estes para bordo dos navios, que o vêm carregar até ao cáes d'Aveiro. As lindas e leves bateiras de pesca, murtozeiras ou ilhavas, a *labrega* e a *chinchorra* ou *esguicho,* desenham por toda a ria a sua fina *silhouette* em meia-lua, e ligeiramente perpassam de enseada em enseada, dando o lanço com a *chincha,* ou estendendo de estaca para estaca o *saltadoiro,* cuja malha fina reticula o azul da agua com a sua negra e tenue filigrana. E, além d'estas, ainda a rapida bateira *mercantel,* tirada á vara ou correndo, veleira, a todo o panno, vem á costa buscar a sardinha e os outros productos da pesca maritima, para os levar aos mercados d'Aveiro, d'Ovar, de Estarreja ou de Pardelhas, e a pequena *caçadeira* deslisa sobre as aguas baixas das corôas ou entre os esteiros das marinhas, procurando a caça ribeirinha, ou servindo apenas como um pequeno barco de passagem.

Estes barcos são aos milhares. E a muitos milhares de homens sobe, portanto, o numero dos seus tripulantes. Ora, comquanto estes não vivam n'elles permanentemente, assentando lá os seus lares, como em certas vias fluviaes do Extremo Oriente e mesmo da nossa Europa, é n'essas habitações fluctuantes que, todavia, passam uma grande parte do seu tempo. Os moliceiros e os pescadores da Murtoza são os que mais a povoam. Toda a semana, durante alguns mezes, vivem sobre essas aguas, apanhando o moliço ou lançando as redes, dormindo na prôa dos seus barcos, cozinhando n'elles ou perto d'elles, em terra, a sua frugal caldeirada. Ao sabbado, porém, a ria fica deserta: os barcos somem-se, todas essas frotas de centenas de velas dispersam. Moliceiros e pescadores *vão para casa.* A semana é da agua, o domingo é da terra. Mas logo na segunda-feira voltam para a sua faina. Em toda a vastidão das duas grandes bacias, a da Torreira ao norte, a da Costa Nova ao sul, as velas brancas despontam de novo, como azas de gaivotas, e os cascos negros das bateiras avançam ao bater dos remos, como bandos de grandes palmipedes cortando as aguas a nado.

Se, para cada uma d'estas industrias, os barcos differem, embora ligeiramente, o typo dos seus tripulantes não é tambem o mesmo. Toda essa gente usa, é certo, ainda que já muito adulterado, o tradicional vestuario da região: a carapuça de lã, a camisa e as curtas manaias d'algodão branco, a faixa preta, o gabão de briche, a grossa camisola de malha azul, interessantemente tecida. Os chapeus redondos, as boinas, as camisolas e as ceroulas de castorina em xadrez, adoptadas pelos embarcadiços e os

gnomes minuscules, de sombres gondoles mystérieuses, voguant sans bruit sur une lagune aux eaux argentées...

*

* *

Sur ces vastes flots, au milieu de ce large paysage, se développe constamment, sous diverses formes d'activité, une grande vie de travail, paisible et fécond.

L'estuaire est un trésor; il suffit d'y lancer un petit filet, drâiner le fond avec un râteau, laisser évaporer une main pleine de son eau, pour obtenir une valeur, un panier de poisson, un peu de frétin, des cristaux de sel. De même que le Nil pour les plaines du Delta, avec ses limons fécondants, l'estuaire est pour toute cette zone lacustre, une grande force créatrice de richesse et de fécondité. Tous les endroits d'alentour, sur une étendue de beaucoup de kilomètres carrés, en vivent. Ses fonds leur donnent, avec une abondance inépuisable, le frétin, cette végétation toujours renaissante d'algues qui les tapisse, et les vases, riches en éléments fertiles, au moyen desquels s'est transformée en champs productifs cette vaste région sablonneuse. Sur ses plages on cueille le jonc qui est le lit douillet des troupeaux dans les étables, et la fraiche natte des maisons au rez du sol. De ses marines, qui sont les plus grandes et les plus importantes du pays, sort un sel précieux, qui est un des principaux articles d'exportation du commerce d'Aveiro. Et du nord au sud, de près d'Ovar jusqu'auprès de Mira, en tous ses bras et ramifications, dans ses *calles* profondes ou dans ses amples débordements, le poisson et les mollusques, d'une grande variété d'espèces, abondent toujours. Et c'est par centaines de *contos de reis* que l'on évalue annuellement la valeur de ces magnifiques dons de l'estuaire généreux et tutélaire.

De chacun des produits qu'il offre à l'homme, découle une industrie; et chacune de ces industries qui s'exercent sur l'eau a créé son bateau approprié. L'élégant *moliceiro,* à la grande proue arquée en col de cygne et décorée de barbares et curieuses polychromies, recueille le frétin et le porte au long des canaux, dans l'intérieur des terres, étrange char fluvial de cette espèce de laboureurs bateliers. La *saleira,* vaste et lourde, la plus grande barque de ces eaux, transporte le sel des marines dans les magasins et de ceux-ci à bord des navires qui viennent le chercher jusqu'au quai d'Aveiro. Les jolis et légers canots de pêche, de Murtoza ou Ilhavo, la *labrega* et la *chinchorra* ou *esguicho,* dessinent sur tout l'estuaire leur fine silhouette en *croissant,* et passent légèrement de bassin en bassin, lançant le filet avec la *chincha,* ou étendant d'un pieu à l'autre le *saltadoiro,* dont les fines mailles, forment sur l'eau azurée un quadrillé de filigrane noire et ténue. Et, outre celles-là, la petite barque rapide *mercantel,* tirée à la perche ou courant à toutes voiles, vient à la côte chercher la sardine et les autres produits de la pêche maritime, pour les porter aux marchés d'Aveiro, Ovar, Estarreja ou Pardelhas, et la petite barque *caçadeira* glisse sur les eaux basses parmi les écueils et entre les conduits des marais salins, poursuivant le gibier du rivage ou servant simplement de petit bateau passeur.

Ces bateaux se comptent par milliers, et le nombre des hommes d'équipe atteint beaucoup de milliers. Or, quoique ceux-ci n'y vivent pas constamment, et n'y aient pas leurs foyers, comme il arrive sur certaines voies fluviales de l'Extreme Orient et même de notre Europe, c'est toutefois dans ces habitations flottantes qu'ils passent une grand partie de leur temps. Les pêcheurs et *moliceiros* de Murtoza sont ceux qui les peuplent davantage. Pendant quelques mois ils vivent toute la semaine sur ces eaux, attrappant le frétin ou jetant les filets, dormant sur la proue des bateaux, préparant leur matelotte frugale là même ou à terre mais tout près des bateaux. Mais le samedi l'estuaire reste désert: les bateaux disparaissent et toutes ces flottes de centaines de voiles se dispersent. *Moliceiros* et pêcheurs *s'en vont chez eux.* La semaine appartient à l'eau, le dimanche à la terre. Mais le lundi ils retournent aussitôt à leur besogne. Sur toute la vaste étendue des deux grands bassins, celui de Torreira au nord, celui de Costa Nova au midi, les voiles blanches pointent de nouveau comme des ailes de mouettes, et les coques noires des barques avancent à coups d'aviron, comme des bandes de palmipèdes coupant les eaux de leurs nageoires.

Si les bateaux diffèrent, quoique légèrement pour chacune de ces industries, le type des mariniers n'est pas aussi le même. Ils portent tous, il est vrai, le costume traditionnel de la région quoique déjà très vicié: le bonnet de laine, la chemise et les caleçons courts en coton blanc, la ceinture noire, le manteau de drap grossier, la grosse camisole de tricot bleu, capricieusement tissée. Les cha-

cezimbrões, corrompem já, d'uma fórma abominavel, a pureza do lindo traje classico; todavia, apezar d'isso, um pescador da Murtoza, um mercantel d'Aveiro, um moliceiro da Gafanha ou de Mira — não se confundem. Serão ramos ethnicos differentes? Haverá n'elles caracteristicas especiaes de sub-raças? A diversidade das profissões e a sua curiosa localisação em differentes zonas e terras, originar-se-ão em desconhecidas stratificações de velhos elementos colonisadores, cuja historia lentamente caíu n'um irreparavel olvido? Eis o que não é facil averiguar — mórmente para quem não tem a menor competencia em questões ethnologicas. Comtudo um observador, acostumado ao trato d'estas gentes, facilmente lhes extrema o typo e a physionomia.

O homem d'Aveiro ou d'Ilhavo é d'uma nobre esbelteza de linhas, d'uma airosa agilidade de movimentos. Vêr seis mercanteis, impellindo á vara a sua rapida bateira — é um dos mais bellos espectaculos que se póde offerecer a quem olha, como artista, o corpo humano e aprecia a belleza, a elegancia ou a energia das suas attitudes. Ora erectos e firmes sobre a prôa do barco, no movimento de lançar a vara, esses homens parecem de longe, nos seus trajos brancos, serenas estatuas de marmore: ora, correndo inclinados sobre a borda, a percha contra o peito, o thorax saliente, os rins violentamente dobrados, toda a rija musculatura das pernas contraída em relevos poderosos, elles offerecem por vezes aos nossos olhos essas linhas admiraveis em que o cinzel hellenico fixou, como n'um canon immortal, toda a esthetica do nobre esforço humano. E este traço de belleza physica bem póde ser uma herança atavica de sangue italo-grego. Além da tradição persistente d'uma remota colonisação de gente do Archipelago ou da grande Grecia, certas affinidades de estatura, linhas do rosto, côr da pelle ou dos cabellos, timbre da voz, e uma grande semelhança no trajar — approximam bem estes bellos homens e as suas formosas companheiras do typo d'algumas populações maritimas italianas, e, em especial, do pescador napolitano.

Se o homem propriamente da agua, o pescador, o marnoto, o mercantel, tem, assim, a elegancia agil e flexuosa d'um tritão, o barqueiro-lavrador, gafanhão ou mirão, talvez oriundo da Beira e descido remotamente das suas montanhas em demanda de terras melhores, ostenta, ao contrario, a massiça e tosca rudeza d'um satyro. É pesado, lento, desgracioso, de feições ordinarias e incaracteristicas. Um é bem o filho da onda, fluida e movediça; o outro o da gleba, espessa e immovel. Em compensação, é um trabalhador robusto e infatigavel. Das suas rudes mãos saíu uma das maiores maravilhas da agricultura portugueza: a transformação paulatina, mas obstinada, de desertos areaes estereis em fertilissimas campinas. A esses homens se deve a definitiva conquista pela terra d'esses velhos dominios marinhos. Elles semearam o pinhal que fixou a duna, colheram o moliço que a adubou, nivelaram e surribaram a areia, lançaram á leiva o milho, o feijão e a batata, cozeram o adobe ao sol para fazer o seu lar — e luctando contra o vento e a duna instavel e ameaçadora, navegando e lavrando, mourejando e amealhando, fundaram essas importantes povoações ruraes, que n'uma linha de muitas leguas se estendem sem interrupção ao longo da ria e onde de continuo prodigiosamente crescem a população, a riqueza, a productividade do solo e, portanto, o seu valor.

Já apertado nas suas areias, o lavrador da Murtoza ou da Gafanha, buscando empregar as crescidas sobras do seu pé de meia, que começam a não encontrar terras a que se appliquem — volta-se para o mar e faz-se pescador tambem. Proprietario ou socio de companhas, remador das pesadas *meias-luas* que vão ao largo lançar a rede, moço do gado que a arrasta para a terra, elle tem expulsado da costa o seu primitivo habitante, que ou emigra para trabalhar nas armações d'entre Tejo e Sado, ou se alista na tripulação dos navios de vela, de cabotagem ou de longo curso, ou embarca, já em crescido numero, para pescar o bacalhau na Terra Nova.

Mas quando esboçar o quadro de vida maritima d'esta região, melhor frisarei esta curiosa phase que presentemente se accentua na evolução das suas artes piscatorias.

Luiz de Magalhães.

peaux ronds, les bêrets, les camisoles et les caleçons de flanelle à carreaux adoptés par les hommes de mer de Cezimbra corrompent déjà d'une manière abominable la pureté du beau costume classique; mais malgré cela, un pêcheur de Murtoza, un mercantel d'Aveiro, un moliceiro de Gafanha ou de Mira, ne se confondent pas. Appartiennent-ils à de differentes branches ethniques? Y-aura-t-il en eux des caractères spéciaux de sous-races? La diversité des professions et leur curieuse localisation, en de differentes zones et pays, auront-elles leur origine en des stractifications inconnues d'anciens eléments colonisateurs, dont l'histoire est peu-à-peu tombée dans un irréparable oubli? Voilà ce qui n'est pas facile de rechercher, surtout lorsqu'on n'a pas la moindre compétence en des questions ethnologiques. Cependant un observateur habitué à fréquenter ces gens-là, distingue facilement leur type et leur physionomie.

L'homme d'Aveiro ou d'Ilhavo est d'une noble sveltesse de lignes, d'une élégante agilité de mouvements. Voir six *mercanteis,* poussant à la gaule leur rapide esquif, est un des plus beaux spectacles qui puisse s'offrir à ceux qui observent, en artistes, le corps humain, et qui apprécient la beauté, l'élégance ou l'énergie de ses attitudes. Tantôt droits et fermes sur l'avant du bateau, au moment de jeter la perche, ces hommes semblent de loin, avec leurs blancs vêtements, de paisibles statues de marbre; ou bien courant inclinés sur le bord, la gaule contre la poitrine, le thorax saillant, les reins fortement cambrés, les muscles solides des jambes roidis en de puissants reliefs, ils présentent parfois à nos yeux ces lignes admirables où le ciseau hellénique a fixé, comme en un immortel décret, toute l'esthétique du noble effort humain. Et il se peut bien que ce trait de beauté physique soit un héritage atavique de sang italo-grec. Outre la persistante tradition d'une civilisation reculée de peuples de l'Archipel ou de la Grande Grèce, il y a certaines affinités de taille, de lignes du visage, de teint, de couleur de cheveux, de timbre de voix, et une grande similitude de vêtement, qui rapprochent bien ces beaux hommes et leurs belles compagnes du type de quelques populations maritimes italiennes, spécialement du pêcheur napolitain.

Mais si l'homme proprement de l'eau, le pêcheur, le saunier, le *mercantel,* ont aussi l'élégance agile et flexible d'un triton, le batelier laboureur de Gafanha ou de Mira, originaires peut-être de Beira et descendus autrefois de ses montagnes en quête de meilleurs terrains, montre, au contraire, la massive et grossière rudesse d'un satyre. Il est lourd, lent, disgracieux, aux traits communs et incaractéristiques. L'un est bien l'enfant de l'onde fluide et mouvante; l'autre, celui de la glèbe épaisse et immobile. Mais aussi c'est un travailleur robuste et infatigable. De ses mains rudes est sortie une des plus grandes merveilles de l'agriculture portugaise: la transformation lente mais obstinée des landes stériles en des plaines fertiles, à laquelle on doit la conquête définitive de la terre sur ces vieux domaines maritimes. C'est eux qui ont semé la sapinière qui fixa la dune, qui ont recueilli le frétin qui la fumée, qui ont nivelé et labouré le sable, qui ont jeté à la glèbe le maïs, les haricots et les pommes de terre, qui ont recuit les briques pour faire leur foyer — et qui luttant contre le vent et la dune instable et menaçante, labourant et naviguant, travaillant et économisant, ont fondé et agrandi ces importantes bourgades rurales, qui sur une ligne de plusieurs lieues, s'étendent sans interruption au long de l'estuaire et où la population, la richesse, la production du sol, et partant sa valeur, augmentent continuellement et prodigieusement.

Déjà à l'étroit dans ses sablonnières, le cultivateur de Murtoza ou de Gafanha, cherchant à employer ses abondantes épargnes qui commencent à ne pas trouver de terres où être appliquées, se tourne vers la mer et devient aussi pêcheur. Propriétaire ou compagnon d'équipage, rameur des lourdes *demi-lunes* qui s'en vont au large jeter les filets, garçons des bœufs qui les traînent à terre, il a renvoyé de la côte son habitant primitif, qui émigre pour travailler avec les armateurs d'entre le Tage et Sado, s'enrôle comme marin des bateaux à voile, de cabotage ou au long cours, où s'embarque déjà en grand nombre pour aller pêcher la morue en Terre Neuve.

Mais lorsque j'ébaûcherai le tableau de vie maritime de cette région, je m'occuperai d'avantage de cette curieuse phase qui s'accentue actuellement dans l'évolution de l'art de la pêche.

Luiz de Magalhães.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Marnotos carregando o sal n'uma marinha

RIA D'AVEIRO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Barco moliceiro

RIA D'AVEIRO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Bateira labrega

RIA D'AVEIRO





EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Typos de pescadores

Typo de mulher d'Ilhavo

RIA D'AVEIRO

Braga



Sendo este o primeiro fasciculo consagrado á vetustissima Bracara Lusitana, capital da ridente provincia do Minho, e assaz limitado o espaço destinado á descripção dos mais notaveis monumentos que, por felicidade, ainda aqui se conservam a attestar a religiosidade, o heroismo e o gosto artistico da sua época, sou compellido a uma concisão que me penalisa sempre que se trate de assumptos da natureza d'este.

É certo que já um simples inventario de todos os monumentos representa o melhor serviço prestado á nossa terra; e só por isso a Empreza d'esta publicação tem jus aos mais calorosos elogios e sobretudo ao auxilio official que entre nós ninguem consegue, porque mal parece o Estado a subsidiar *bagatelas*. . .

Ficam portanto postos de parte os numerosos vestigios da dominação Romana, que aqui teve a séde do Convento Juridico Bracaraugustano, o mais notavel da provincia Tarraconense, bellamente representados nas columnas milliarias da alameda das Carvalheiras, nas muitas inscripções lapidares funerarias, votivas e honorarias, e ainda no notavel monumento protohistorico do *Idolo* dos Granjinhos.

Por egual motivo deixo de referenciar o pouco que nos resta da monarchia Sueva que durante 177 annos teve a sua Côrte em Braga, e dos Wisigodos que aqui permaneceram desde 585 até 714.

Quem foram os fundadores da cidade? Ninguem póde responder com precisão. E embora Justino nos diga que os proprios bracaros affirmavam procederem dos gregos, *gallaeci autem graecam sibi originem asserunt*, continuaremos a perguntar se os Phenicios, os Carthaginezes, os Ligures ou os Celtas seriam extranhos á fundação de Braga. O que apenas se sabe pelo testemunho de Appiano Alexandrino (*De Bello Hispaniensi*, pag. 956), é que no segundo seculo antes de Christo já as legiões Romanas, sob o commando do general Decio Junio Bruto, luctaram desesperadamente com os bracaros gallegos, assim denominados por pertencerem á Callaecia do sul ou seja ás actuaes provincias de Traz-os-Montes e Entre Douro e Minho.

Do dominio Arabe, que se seguiu ao Wisigotico, foi Braga libertada por D. Affonso I o Magno, devendo datar d'esta epocha o seu principal desenvolvimento impulsionado pelos respectivos prelados, que só principiaram a viver vida tranquilla depois que lhes foi permittido o regresso das montanhas das Asturias, onde se haviam refugiado, ao paço Episcopal.

A Sé Cathedral, cuja origem deve remontar aos primeiros seculos do christianismo, seria damnificada pelas contínuas irrupções dos barbaros, tornando-se por isso de necessidade urgente a sua restauração. Ainda hoje conserva preciosos vestigios architectonicos do seculo XII.

A actual fachada, pesadissima, concluida no anno de 1724 a expensas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, assenta sobre o portico romanico a que outro Arcebispo, D. Diogo de Sousa (1505-32), provavelmente para fazer desapparecer o tympano e a columna central, sotopoz um arco de sarapanel encimado pelo seu brazão.

A elegante galilé é formada de abobada de pedra com suas nervuras rematadas pelo escudo do Arcebispo D. Jorge da Costa II, irmão do notavel Cardeal de Alpedrinha, que a mandou construir desde 1488 a 1501. Tem na frente um arco rendado de volta inteira ladeado de mais dois ogivaes egualmente rendados, e ainda outro d'estes aberto no lado sul. Por cima d'estes arcos mandou o successor D. Diogo de Sousa construir sete nichos com seus baldaquinos que abrigam outras tantas estatuas bellamente esculpturadas em granito fino representando o Anjo da Guarda, S. Pedro, S. Paulo, S. Martinho, S. Fructuoso, S. Geraldo e S. Pedro de Rates. Estes arcos estão vedados por preciosas grades de ferro forjado que no seculo XVI o mesmo D. Diogo de Sousa mandou fazer para vedação da capella-mór e lateraes do cruzeiro da egreja, sendo d'alli removidas em 1722 para o logar que ora occupam.

A cupula de cada uma das torres é formada por quatro hastes que semelham dois arcos ogivaes encruzados, vendo-se suspenso da do lado direito o notavel *sino de S. Geraldo* que tem em relevo go-

Braga



Comme celui-ci est le premier fascicule consacré à la très ancienne Bracara Lusitana, capitale de la riante province du Minho, et comme l'espace destiné à la description des plus remarquables monuments qui par bonheur se trouvent encore ici pour prouver la piété, l'héroisme et le goût artistique de leur époque, est assez limité, je suis astreint à une concision que me désole toujours lorsqu'il s'agit de sujets de ce genre.

Il est certain que même un simple inventaire de tous les monuments représente dejà un service rendu à notre ville; et, quand ce ne serait que pour celà, cette publication mérite les plus chaleureuses louanges et aurait bien droit à l'aide officielle, qu'entre nous personne n'obtient, parce que l'État trouve méprisable de s'occuper de *bagatelles*. . .

Nous laisserons donc de côté les nombreux vestiges de la domination romaine, qui siégea ici dans le Couvent Juridique Bracaraugustano, le plus remarquable de la province Tarraconaise, et qui sont admirablement représentés par les colonnes milliaires de l'avenue des Carvalheiras, par la grande quantité d'inscriptions funèbres, honoraires et encore par le beau monument protohistorique de l'*Idole* des Granjinhos.

Pour la même raison je ne pourrai faire de références du peu qui nous reste de la monarchie Suève qui pendant 177 ans eut sa cour à Braga, et des Wisigoths qui habitèrent ici depuis 585 jusqu'à 714.

Quels furent les fondateurs de la ville? Personne ne peut répondre avec précision. Et, quoique Justin nous dise que les propres habitants de Braga, assurent qu'ils descendent des grecs, *gallaeci autem graecam sibi originem asserunt*, nous continuerons à demander si les Phéniciens, les Carthaginois, les Liguriens ou les Celtes auraient été étrangers à la fondation de Braga. Ce que l'on sait à peine, par le témoignage de Appiano Alexandrino (*De Bello Hispaniensi*, pag. 956) c'est que pendant le deuxième siècle avant Jésus Christ, les légions Romaines commandées par le général Decio Junio Bruto, avaient déjà lutté avec acharnement avec les *bracaros gallegos*, ainsi nommés parce qu'ils appartenaient à la Callaecia du Sud, soit aux provinces actuelles de Traz-os-Montes et Entre Douro e Minho.

Ce fut D. Affonso I le *Magno* qui délivra Braga de la domination romaine, qui suivit la Wisigothique, et c'est de cette époque que doit dater son principal développement, encouragé par les prélats respectifs, qui ne commencèrent à jouir d'une existence paisible, qu'après leur retour des montagnes des Asturies où ils s'étaient réfugiés, et leur rentrée au palais Episcopal.

La Cathédrale dont l'origine doit remonter aux premiers siècles du Christianisme, doit avoir été fort endommagée par les continuelles iruptions des barbares et sa restauration est d'une nécessité urgente. Elle conserve encore de précieux vestiges de l'architecture du XIIme siècle.

La façade actuelle, très lourde, terminée en 1724 aux frais de l'Archevêque D. Rodrigo de Moura Telles, repose sur un portique roman, auquel un autre Archevêque, D. Diogo de Sousa (1505-32), probablement pour faire disparaître le tympan et la colonne centrale, superposa un arc en voûte surbaissée surmonté de son blason.

L'élégant vestibule est formé par une voûte de pierre aux nervures terminées par l'écusson de l'Archevêque D. Jorge da Costa II, frère du célèbre Cardinal d'Alpedrinha, qui le fit construire depuis 1488 à 1501. Sur la face il présente un arceau entier, ajouré, flanqué de deux autres en ogive également ajourés, et encore un autre percé du côté Sud. Au dessus de ces arceaux le successeur de D. Diogo de Sousa fit construire sept niches avec leurs baldaquins qui abritent autant de statues très bien sculptées en granit fin représentant l'Ange Gardien, St Pierre, St Paul, St Martin, St Fructueux, St Gérald, et St Pierre de Rates. Ces arceaux sont garantis par de précieuses grilles en fer forgé que le même D. Diogo de Sousa avait fait faire pour séparer le sanctuaire et les bas-côtés, du transept de l'Eglise, et qui furent en 1722 transportées à l'endroit où elles se trouvent actuellement.

thico estes dizeres escrupulosamente lidos por mim, pela primeira vez na integra, e publicados no meu livro *Archeologia Christã,* pag. 55 sgg.:

1.ª linha: — MAGISTER MATRICALENSIS ME FESIT ANO DÑI MILESIMO.
2.ª linha: — ECCE CRVCEM DÑI FVGIT PARTES ADVERSE VINCIT LEO
DE TRIBV IVDA RRADIX DAVIT ALELVIA.
3.ª linha: — QVINGENTESIMO PRIMO AIVTORIV NOSTRIE IN NOMINE DNI
DEVS INCNE VENIT PRONOBIS CREDO.

A minha leitura, pela ordem que as linhas teem no sino desde os hombros ao bordo, é como segue: Mestre de Madrigal me fez no anno de mil do Senhor. Eis a cruz do Senhor; evitae as partes adversas; vence o leão da tribu de Judá, raiz de David. Quinhentos e um (numero de sinos fundidos, visto haver o desenho de um sino a servir de ponto entre *primo* e *ajutoriu?*). O nosso auxilio em nome do Senhor. Creio que Deus veio encarnar por nós.

Além d'este ha nas duas torres mais 11 sinos que nos dias solemnes martyrisam a visinhança.

A porta lateral Sul (ou do sol), que aqui se representa, é um dos mais interessantes exemplares do estylo romanico em Portugal. Os seus arcos reintrantes, bellamente esculpturados, dizem-nos, na sua mudez granitica, o quanto era productiva a inspiração que os artistas do seculo XII colhiam nos symbolos christãos, sem prejuizo de um ou outro do paganismo á mistura, como o swastika frequentemente gravado nos monumentos prehistoricos e nos sepulchros dos mortos deificados.

Pertencem á mesma epocha os modilhões figurados que correm ao longo do friso sobre a parte que esta porta primitivamente occupou.

A capella-mór, construida a expensas do Arcebispo D. Diogo de Sousa, pertence ao estylo manuelino de Varnhagen, «a manifestação da primeira Renascença nacional na arte de edificar», como lhe chama o eminente escriptor portuguez o snr. Ramalho Ortigão. O vasado da platibanda e a perfeição da esculptura dos variados emblemas peculiares a este estylo, contribuem para que todos os estudiosos lamentem a estreiteza das ruas que ladeiam o monumento. Tambem aqui, como em Thomar, Beja, Guimarães, etc., não faltam as gargulas e outras esculpturas immoraes allusivas ás heresias; era, ao que se vê, parte obrigada na architectura religiosa da epocha, inspirada na antiguidade classica.

Fica á parte Norte a porta lateral de ogiva rasgada n'um muro ameiado que liga pelo Nascente com a capella de Nossa Senhora da Gloria, construcção do seculo XIV quasi isenta de profanações.

Esta capella, que foi construida, com o seu castello ameiado, desde 1330 a 27 de abril de 1334, a expensas do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, progenitor da Serenissima Casa de Bragança, tem ao centro um formoso tumulo com estatua jacente de pontifical representando o fundador que em pessoa assistiu á sua conclusão em 1336, pois falleceu em 1348. Lê-se em toda a volta d'elle a seguinte inscripção:

1348

AQVI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER. AVO DO CONDE ESTABEL
DE PORTVGAL D. NVNO ALVARES PEREIRA DO QVAL PROCEDE O IMPERADOR
CARLOS QVINTO E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OV
OS REIS OV RAINHAS DELLES OV AMBOS. REFORMADA PELO DEAO
ADMINISTRADOR D. LVIZ NO ANNO DE 1789.

Logo que D. Gonçalo Pereira viu a obra concluida entregou a sua administração *in perpetuum* ao Deão da Sé não sendo de nação gallego ou castelhano; e no caso contrario passaria para o Chantre. Actuava ainda n'elle a lembrança da violenta entrada dos Castelhanos em Portugal, no anno de 1335, e a perseguição que elle, o Mestre de Christo, e o Bispo do Porto lhes moveram n'aquella cidade, matando-lhes um dos generaes e 300 soldados. Na batalha do Salado, em 1340, protegeu com denodo e valentia El-Rei D. Affonso IV, que por seus relevantes serviços lhe ficou afeiçoadissimo.

Interiormente a egreja cathedral de Braga, elevada á categoria de basilica por Breve Apostolico de Pio X, de 20 de março ultimo, sendo a egreja de S. Pedro de Guimarães a primeira da Archidio-

La coupole de chacune des tours est formée de quatre tiges qui semblent deux arcs en ogive croisés; dans la tour du côté droit se trouve la remarquable *cloche de St Gérald,* qui porte en reliefs gothiques, ces caractères scrupuleusement déchiffrés par moi, complètement à la première lecture, et qui sont publiés dans mon livre *Archeologia Christã,* pag. 55 e suiv.:

1ère ligne: — MAGISTER MATRICALENSIS ME FESIT ANO DNI MILESIMO.
2me ligne: — ECCE CRVCEM DNI FVGIT PARTES ADVERSE VINCIT LEO
DE TRIBV IVDA RRADIX DAVIT ALELVIA.
3me ligne: — QVINGENTESIMO PRIMO AIVTORĪV NOSTRIE IN NOMINE DNI
DEVS INCN̄E VENIT PRONOBIS CREDO.

Ma lecture, suivant l'ordre que les lignes ont sur la cloche depuis le haut jusqu'au bord est ainsi définie: Maitre de *Madrigal* j'ai été fait l'an mille du Seigneur. Voici la croix du Seigneur; évitez les parties adverses; le lion de la tribu de Juda, racine de David, est vainqueur. Cinq cents un (nombre des cloches fondues puisqu'il existe le dessin d'une cloche servant de point en *primus* et *adjutorium?*). Aidez-nous au nom du Seigneur. Je crois que Dieu est venu s'incarner par nous.

Outre cette cloche il y en a encore 11 dans les deux clochers, qui martyrisent les habitants aux jours de fêtes carillonnées.

La porte latérale côté Sud (ou du soleil), que nous voyons ici représentée, est un exemplaire des plus intéressants du style roman en Portugal. Ces arceaux rentrants magnifiquement sculptés, nous disent dans leur silence de pierre, tout ce que pouvait produire l'inspiration que les artistes du XIIme siècle puisaient dans les symboles chrétiens, avec l'une ou l'autre nuance de paganisme, como le swastika fréquemment gravé sur les monuments préhistoriques et sur les tombeaux des morts déifiés.

Les petits motifs figurés qui courent au long de la frise, sur la partie que cette porte a primitivement occupé, appartiennent à la même époque.

Le sanctuaire, construit aux frais de l'Archevêque D. Diogo de Sousa, est du style *manuelino* de Varnhagen, «la manifestation de la première Renaissance en Portugal dans l'art d'édifier», comme le nomme l'éminent écrivain portugais Mr. Ramalho Ortigão. Le beau travail de la balustrade et la parfaite sculpture des divers emblêmes péculiers à ce style, contribuent pour que les amateurs lamentent l'étroitesse des rues qui bordent le monument. Ici comme à Thomar, Beja, Guimarães, etc., on voit les gargouilles et d'autres sculptures immorales, allusives aux hérésies; c'était, à ce qu'on voit, une partie presque obligatoire dans l'architecture religieuse de cette époque, inspirée dans l'antiquité classique.

C'est au nord que se trouve la porte latérale en ogive percée dans un mur crénelé qui se relie au Levant à la Chapelle de Notre Dame da Gloria, construction du XVIme siècle presque libre de profanations.

Cette chapelle, avec son château crénelé qui fut construite, de 1330 au 27 Avril 1334, aux frais de l'Archevêque D. Gonçalo Pereira, ascendant de la Sérénissime Maison de Bragança, a au centre un superbe tombeau avec une statue couchée, dans ces vêtements pontificaux représentant le fondateur, qui assista en personne à sa conclusion en 1336, puisqu'il mourût en 1348. Tout autour du sarcophage on lit l'inscription suivante:

1348

AQVI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER.ᴬ AVO DO CONDE ESTABEL
DE PORTUGAL D. NVNO ALVARES PEREIRA DO QVAL PROCEDE O IMPERADOR
CARLOS QVINTO E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OV
OS REIS OV RAINHAS DELLES OV AMBOS. REFORMADA PELO DEÃO
ADMINISTRADOR D. LVIZ NO ANNO DE 1789.

Aussitôt que D. Gonçalo Pereira vit l'œuvre terminée il en remit la charge *in perpetuum* au Doyen de la Cathédrale dans le cas où il ne serait gallicien ni castillan; dans cette hypothèse elle passerait au chantre. Il se souvenait encore de la violente entrée des castillans en Portugal, l'année 1335, et de la persécution que lui, le Maître du Christ, avec l'Evêque de Porto, lui avaient faite dans cette

cese, por isso que foi elevada a essa categoria por Breve de Benedicto XIV de 26 de março de 1751, é dividida em tres elegantes naves de arcos ogivaes sustentados por grandes columnas de granito *pintado* com capiteis compositos de *madeira dourada,* visto os de pedra não resistirem á furia do picão que no seculo proximo findo tantos estragos fez em todo o paiz!

Os quatro ultimos arcos da nave central, contando de cima para baixo, são interceptados pelo riquissimo côro que o Cabido de 1737 mandou construir, enriquecendo-o em 1757 com as cadeiras de pau preto dourado. Os orgãos actuaes, que substituiram os anteriores feitos a expensas de D. Diogo de Sousa, construiram-se em 1737 (lado do Evangelho) e 1738 (lado da Epistola) sendo seu auctor o religioso Franciscano *F. R. Simon Fontanus Gallencianus.* No alto, sobre as estatuas da Fé, Esperança, Caridade, Religião, Concordia e Fortaleza, vê-se uma aguia com estes dizeres n'uma fita: QVIS VIDIT HVIC SIMILE? E outra aguia com estes: QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE? Referem-se, com algum exaggero, á magestade da obra. Estes dois orgãos, ornados de preciosa talha dourada, são sustentados por Satyros de correctissima esculptura.

Junto do anteparo, á direita de quem entra, vê-se em arco aberto na parede o precioso tumulo de cobre dourado com a estatua jacente do infante D. Affonso, filho primogenito de El-Rei D. João I, o qual, tendo nascido em Santarem a 30 de julho de 1390, falleceu em Braga a 22 de dezembro de 1400, por occasião da estada aqui de seu augusto pae, sendo então sepultado «entre as duas columnas que dividem a nave do meio da do Evangelho, começando do cruzeiro», como diz D. Rodrigo da Cunha, e trasladado annos depois.

O referido tumulo foi-lhe offerecido por sua irmã a infanta D. Izabel, casada em 1429 com Filippe V (o Bom), Duque de Borgonha e Conde de Flandres e de Henao, que o enviou para Braga. Á estatua do infante falta a perna direita, roubada como os quatro leões que sustentavam o tumulo, o cachorro que tinha aos pés e os dois anjos que se viam em adoração aos lados da cabeça!

O tumulo tem em volta esta inscripção truncada:

AQVI YAZ O YNFANTE DON AFONSO
DE PORTVGAL A QVEM DE .... FYLHO
DO NOBRE REY DOM YOAN DE PORTVGAL...

Provavelmente a leitura completa era esta: «Aqui jaz o infante D. Affonso de Portugal, a quem Deus perdoe; filho do nobre rei D. João de Portugal, o primeiro, e da rainha D. Filippa; falleceu aos 22 de dezembro de 1400».

Ao lado esquerdo está a pia baptismal ricamente esculpturada em pedra de Ançã (não em granito, como erradamente se tem dito), representando na base quatro leões que devoram creanças.

O frontal do altar do Sacramento é de uma só peça de riquissima talha, representando em primoroso relevo a Sagrada Eucharistia conduzida pelo Vigario de Christo em um carro triumphal que arrasta presos muitos herejes e despedaça outros sob as rodas. Na frente caminham os crentes enthusiasmados, empunhando palmas e tocando trombetas. Ao centro tem estes dizeres:

ECCLESIA PER S. EUCHARISTIAM TRIUMPHANS.

Outro frontal, o do altar-mór, em pedra de Ançã, representando Christo e os doze Apostolos aos pares entre ornatos, está truncado no lado direito, e talvez por isso encoberto com outro de madeira.

O thesouro é rico de preciosidades historicas e artisticas em prata e ouro, sendo digno de nota o pequenissimo *calice de S. Geraldo,* de 0^{m},11 de altura, todo coberto de ornamentação hispano-arabe, e o respectivo cofre de marfim do mesmo estylo.

Na capella dos reis, assim denominada por ter sido construida no local que serviu de cemiterio aos reis Suevos catholicos, existem os tumulos do Conde D. Henrique, fallecido em Astorga no anno de 1112, e da rainha D. Thereza, fallecida em Coimbra no 1.º de novembro de 1130, progenitores de D. Affonso Henriques, fundador da monarchia portugueza. O primeiro, que primitivamente esteve na ca-

ville, en tuant un de ses généraux et 300 soldats. À la bataille du Salado, en 1340, il protégea avec courage et bravoure le Roi D. Affonso IV, qui par ses importants services lui resta très affectionné.

La cathédrale de Braga fut élévée à la cathégorie de basilique par un Brévet Apostolique de Pie X, le 20 Mars dernier, l'église de S. Pierre de Guimarães étant la première de l'Archidiocèse, et ayant obtenu cette dignité par Brévet de Bénédict XIV le 26 Mars 1751; la basilique de Braga est partagée en trois élégantes nefs aux arcades ogivales soutenues par de grandes colonnes de granit *peint* et des chapiteaux composites en *bois doré,* car ceux de pierre n'ont pas échappé à la furie de la pioche qui pendant le dernier siècle a tant dévasté notre pays.

Les quatre dernières arcades en comptant du haut en bas, sont interrompues par le somptueux chœur que le Chapitre fit construire en 1737, en l'enrichissant encore en 1757 avec les chaises en bois noir doré. Les orgues actuels, remplaçant les antérieurs faits aux dépens de D. Diogo de Sousa, ont été construits en 1737 (côté de l'Evangile) et 1738 (côté de l'Epître) par le religieux Franciscain *F. R. Simon Fontanus Gallencianus.* En haut, au dessus des statues de la Foi, l'Espérance, la Charité, la Religion, la Concorde et la Force, on voit un aigle avec cette devise sur un ruban: QVIS VIDIT HVIC SIMILE? Et un autre aigle avec ceci: QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE? Ce qui avec un peu d'exagération se rapporte à la majesté de l'œuvre. Ces deux orgues ornés de précieuses boiseries dorées sont soutenus par des satyres correctement sculptés.

Auprès de l'éspèce de paravent à droite de l'entrée, dans un arceau ouvert dans le mur se trouve le precieux tombeau en cuivre doré avec la statue couchée de l'infant D. Affonso fils aîné du Roi D. Jean I, lequel étant né à Santarem le 30 Juillet 1390 mourût à Braga le 22 Décembre 1400, lors d'une visite que son auguste père fit à cette ville; il fut inhumé «entre les deux colonnes qui séparent la nef centrale de celle de l'Evangile, en venant du transept», comme dit D. Rodrigo da Cunha, et fut transféré quelques années après.

Ce tombeau lui fut offert par sa sœur l'infante D. Isabel mariée en 1429 à Filippe V (le Bon), Duc de Bourgogne et Comte de Flandres et de Henao, qui l'envoya à Braga. La statue de l'infant n'a plus la jambe droite, volée, ainsi que les quatre lions qui soutenaient le tombeau, le chien qui reposait aux pieds, et les deux anges qui l'on voyait en adoration aux deux côtés de la tête.

Autour du tombeau on lit cette inscription tronquée:

AQVI YAZ O YNFANTE DON AFONSO
DE PORTVGAL A QVEM DE........ FYLHO
DO NOBRE REI DOM YOAN DE PORTVGAL...

Probablement la lecture complète etait celle-ci: Ci-gît l'infant D. Affonso de Portugal à qui Dieu pardonne; fils du noble roi D. Jean de Portugal, le premier, et de la reine D. Filippa; décédé le 22 Décembre 1400.

A gauche sont les fonts baptismaux richement travaillés en pierre de Ançã (et non en granit comme on l'a dit par erreur) représentant à la base quatre lions qui dévorent des enfants.

Le devant d'autel du Sacrement est d'une seule pièce richement sculpté et représente en un magnifique relief la Sainte Eucharistie conduite par le Vicaire du Christ en un char triomphal qui entraîne beaucoup d'hérétiques et en écrase d'autres sous les roues. En avant cheminent les croyants enthousiasmés, empoignant des palmes et sonnant des trompettes. Au centre on lit ce qui suit:

ECCLESIA PER S. EUCHARISTIAM TRIUMPHANS.

Un autre devant d'autel, celui du maître autel en pierre d'Ançã, représente le Christ et les douze Apôtres deux à deux entre des ornements; il est tronqué du côté droit, et c'est peut-être pour ce motif qu'on l'a recouvert d'un autre en bois.

Le trésor est riche en préciosités historiques et artistiques d'or et d'argent, et on remarque entre autres le tout petit *calice de S*[t] *Gerald,* de 0^{m},11 de hauteur, tout recouvert d'ornements hispano-arabes et un coffre respectif en ivoire du même style.

Dans la chapelle des rois, ainsi nommée parce qu'elle a été construite à l'emplacement qui ser-

pella-mór, lado do Evangelho, tem esta inscripção mandada gravar por D. Diogo de Sousa que n'elle depositou os dois cadaveres envoltos n'um panno de damasco vermelho:

D. O. M.
DOMINO HENRICO HVNGARORVM REGIS
FILIO PORTVGALLIAE COMITI DOMINVS
DIEGVS SOVSA ARCHIEP VIRO CLARISSIMO
AQVO PORTVGALLIAE REGES ESSE REGNVMQ
ACCEPISSE CONSTAT DE REPVBLICA CHRISTIANA
PATRIAQ SVA OPTIME MERENTI POSVIT ANN.
Á CHRIST NA MDXIII.

O segundo, que o mesmo D. Diogo fez construir para si, collocando-o do lado da Epistola, foi em 1598, por ordem do Arcebispo D. Agostinho de Castro occupado com a ossada de D. Thereza, gravando-se-lhe então a inscripção seguinte:

D. O. M.
REGINAE TARESIAE ALFONSI CASTELLAE
ET LEONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI
FILIAE COMITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA
ARCHIEPISCOPVS BRACHAR HISP. PRIMAS M. P. AN
A CHRISTO NATO MDXIII

Estes dois tumulos, mandados fazer pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, foram removidos em maio de 1877 para o logar que ora teem, mas criminosamente cortados pelos joelhos das estatuas jacentes, adaptando-se os pés das mesmas ao logar do córte!

Na capella de S. Geraldo foi sepultado o alcaide-mór de Coimbra D. Martim de Freitas, gravando-se na tampa do seu moimento tres flôres de lis.

A egreja da Sé mede interiormente de comprimento, desde o cruzeiro á soleira da porta, 53^{m},20^{c} por 18^{m},10^{c} de largura. Nos intervalos dos altares lateraes tem 16 formosas estatuas de madeira em tamanho natural, representando: — S. Paulo, S. Thiago Maior, S. Thomé, S. Filippe, S. Matheus, S. Mathias, Santo Ambrosio, S. Jeronymo, S. Pedro, S. André, S. João, S. Thiago Menor, S. Bartholomeu, S. Simão, S. Gregorio Papa e Santo Agostinho.

Na egreja e suas dependencias existem 31 altares.

Albano Bellino.

vait de cimetière aux rois Suèves catholiques, on voit les tombeaux du Comte D. Henri mort à Astorga en 1112, et de la reine D. Thérèse, décédée à Coimbra le 1er Novembre 1130, père et mère de D. Affonso Henriques, le fondateur de la monarchie portugaise. Le premier qui était primitivement dans le sanctuaire, du côté de l'Evangile, porte cette inscription qu'y a fait graver D. Diogo de Sousa lorsqu'il y fit déposer les deux cadavres enveloppés d'un linceul de damas rouge:

D. O. M.
DOMINO HENRICO HVNGARORVM REGIS
FILIO PORTVGALLIAE COMITI DOMINVS
DIEGVS SOVSA ARCHIEP VIRO CLARISSIMO
AQVO PORTVGALLIAE REGES ESSE REGNVMQ
ACCEPISSE CONSTAT DE REPVBLICA CHRISTIANA
PATRIAQ SVA OPTIME MERENTI POSVIT ANN.
Á CHRIST NA MDXIII.

Le deuxième tombeau que le même D. Diogo fit construire pour lui, en le plaçant du côté de l'Épitre, fut en 1598, par ordre de l'Archevêque D. Agostinho de Castro, occupé par la dépouille mortelle de D. Thérèse, et l'on y grava alors l'inscription suivante:

D. O. M.
REGINAE TARESIAE ALFONSI CASTELLAE
ET LEONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI
FILIAE COMITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA
ARCHIEPISCOPVS BRACHAR HISP. PRIMAS M. P. AN
A CHRISTO NATO MDXIII

Ces deux tombeaux, faits exécuter par l'Archevêque D. Diogo de Sousa, furent déplacés en mai 1877 et mis à la place où ils sont maintenant, mais on coupa par les genoux les deux statues couchées en adaptant ensuite les pieds à l'endroit de la coupure!

L'alcalde de Coimbra D. Martim de Freitas fut inhumé dans la chapelle de St Gérald, et sur sa pierre tombale, on grava trois fleurs de lys.

La cathédrale mesure intérieurement en sa longueur, depuis le transept jusqu'au pas de la porte 53^{m},20^{c} sur 18^{m},10^{c} de largeur. Dans les intervalles des autels latéraux on voit 16 belles statues en bois de grandeur naturelle représentant: St Paul, St Jacques le Grand, St Thomas, St Philippe, St Mathieu, St Mathias, St Ambroise, St Jérôme, St Pierre, St André, St Jean, St Jacques Mineur, St Barthélémy, St Simon, St Gregoire Pape, et St Augustin.

Dans l'église et ses dépendances il y a 31 autels.

Albano Bellino.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sé Cathedral
BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Exterior da Capella-mór da Sé

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Porta principal da Sé



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta lateral da Sé

BRAGA

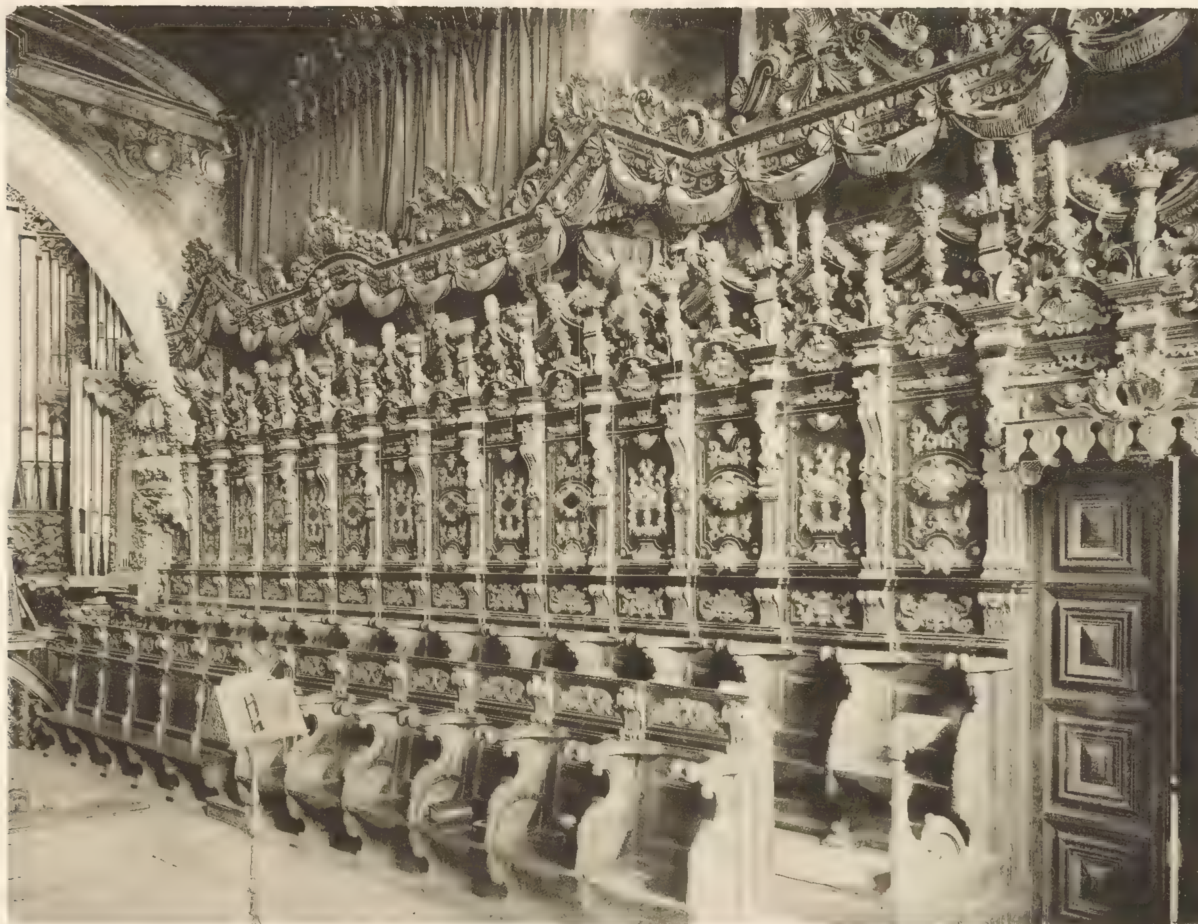


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Sé

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Côro da Sé
BRAGA

Capella de Nossa Senhora da Conceição



ERTENCE á segunda classe dos monumentos nacionaes a capella de Nossa Senhora da Conceição, que o Dr. João de Coimbra, provisor n'este Arcebispado, fez construir junto da parochial egreja de S. João do Souto, no anno de 1515 «em louvor d. noso shõr e de Sua Madre nosa Sñra», como se lê n'uma inscripção que se acha embebida na parede interior da *sala do archivo,* parte superior ameiada da referida capella quadrangular considerada unica no paiz pela sua estructura. O estylo pertence ao ultimo periodo da architectura gothica terciaria ou flammejante com vestigios bem accentuados da transição ou renascença que se inspirou na antiguidade classica; mas ninguem tal affirmaria desde ha meio seculo até maio do anno proximo findo em que o actual proprietario-administrador o snr. D. José Maria de Queiroz e Lencastre me encarregou da sua restauração. As duas janellas da frente e do lado esquerdo estavam do meio para cima tapadas a tijolo e cal; a estatua da padroeira encerrada n'um oratorio de ferro envidraçado; a galilé e parte da porta de arco perfeito ornamentado desfigurada com duas pequenas sacristias que apenas deixavam livre a entrada; os ornatos das grades truncados, as paredes e columnas cobertas de tinta de oleo; a cobertura desconjuntada, tudo emfim mascarado! Ordenei portanto a demolição das sacristias de tabique; a desobstrucção, reparo e envidraçamento das janellas; a retirada do oratorio de ferro; a reparação e pintura das grades; a lavagem da silharia da galilé e das estatuas de jaspe: — S. Paulo heremita, com um leão ao lado, S. Antão Abbade, o Centauro e o Satyro (influencia da antiguidade classica), que pousam sobre o frizo d'esta; e egualmente ordenei que fossem lavadas as restantes estatuas: — S. João, Virgem da Conceição, S. Paulo, S. Pedro e S. Thiago — que ladeiam exteriormente a capella. O retabulo da capella de Santo Antonio Esquecido, todo esculpturado em granito, foi tambem despojado das côres berrantes — azul, amarello e verde — que ha muitos annos o mascaravam. A bella imagem d'este santo pertence ao numero das que ladeiam a capella da Conceição, que lhe fica contigua, mas, infelizmente, lá está, como estava, pintada.

A estructura d'esta interessante capella parece indicar que em toda a volta d'ella foram primitivamente collocadas outras estatuas de jaspe do mesmo cinzel das existentes e que, pelo menos, na face do lado norte haveria outra janella igual ás duas actuaes. Pela simples inspecção das paredes interiores e exteriores verifica-se, porém, que o edificio nunca possuiu mais de duas janellas e que provavelmente na parte posterior o Santo Antonio Esquecido não estaria alli desacompanhado de mais dois habitantes do céo, essas almas ditosas que tiveram a gloria de fazer a vontade a Deus. Mas, n'esse caso, que destino levariam as referidas estatuas? Ninguem ainda o disse ou dirá.

Admitte-se que o lado norte, encostado desde a primitiva á egreja de S. João do Souto, fôsse sempre o que ainda hoje é, desprovido de janella e de estatuas. O certo é que em todo o paiz não apparece segundo exemplar d'esta construcção religiosa.

A interessante porta de madeira, esculpturada em alto relevo e com seis almofadas em medalhões representando symbolos christãos, foi accrescentada em todo o vão do arco, retirando-se a vidraça que lhe servia de bandeira. Para esses dois medalhões do accrescimo, que se executaram pelo modelo dos antigos, designei um cortiço de abelhas e uma esphera sobre a qual se vê um compasso, symbolisando aquelle o *segredo* e esta a *sabedoria.*

N'este meio *illustrado* em que vivemos, não faltou quem logo descobrisse no symbolo da sabedoria uma allusão maçonica! Eu, porém, que trabalhava com os olhos postos nos homens de sciencia, nunca olhei para traz, nem mesmo quando uns me aconselhavam a lavagem da cantaria denegrida pelos seculos, outros a reparação das bellas estatuas da galilé, e outros ainda a retirada dos parapeitos das janellas e dos vidros de côres que appliquei ao seu caixilho de pedra.

Braga

Chapelle de Notre Dame de la Conception



A chapelle de Notre Dame de la Conception, que le Docteur Jean de Coimbra, proviseur dans cet Archevêché, fit construire près de l'église paroissiale de St Jean du Souto, l'année 1515 «en hommage de notre Seigneur et de sa Mère Notre Dame», comme on lit sur une inscription gravée dans le mur intérieur de la *salle de l'Archive,* partie supérieure crénelée de la même chapelle carrée, considérée par sa construction comme unique dans le pays, appartient à la deuxième classe des monuments nationaux. Son style est de la dernière période de l'architecture gothique tertiaire ou flamboyante, avec des vestiges bien marqués de la transition ou renaissance, inspirée dans l'antiquité classique; mais personne ne s'en serait douté depuis un demi siècle jusqu'au mois de mai de l'année dernière, lorsque son actuel propriétaire et administrateur Mr. D. José Maria de Queiroz e Lencastre me chargea de sa restauration.

Les deux fenêtres de la façade et celle du côté gauche étaient depuis le milieu jusqu'en haut couvertes de briques et de chaux; la statue de la patronne enfermée dans un oratoire de fer vitré; le vestibule et une partie de la porte en arc parfait ornementé, défigurés par deux petites sacristies qui laissaient à peine l'entrée libre; les ornements des grilles tronqués, les murs et les colonnes couverts de peinture à l'huile; la toiture effondrée; tout enfin défiguré! J'ordonnai donc la démolition des sacristies en cloison; la désobstruction, la réparation, et le vitrage des croisées; l'élimination de l'oratoire en fer; la réparation et peinture des grilles; le nettoyage de la pierre du vestibule, et des statues de jaspe: — St Paul ermite, avec un lion à côté de lui, St Antonie Abbé, le Centaure et le Satyre (influence de l'antiquité classique, qui reposent sur la frise; je fis également procéder au lavage des autres statues: — St Jean, la Vierge de la Conception, St Paul, St Pierre et St Jacques — qui ornent les côtés extérieurs de la chapelle.

Le retable de la chapelle de St Antoine Esquecido (Oublié) tout sculpté en granit, a aussi été dépouillé des couleurs criardes, bleu, jaune et vert qui le masquaient depuis bien des années. La belle image de ce saint appartient au nombre de celles qui flanquent la chapelle de la Conception, qui est contigüe, mais malheureusement elle s'y trouve peinte comme elle était.

La structure de cette intéressante chapelle semble indiquer que tout autour il y avait primitivement d'autres statues de jaspe dues au même ciseau que celles qui existent, et que, du moins sur la façade du côté nord il devait y avoir une autre fenêtre, semblable aux deux que l'on voit actuellement; mais par la simple inspection des murs intérieurs et extérieurs on vérifie que l'édifice n'a jamais eu plus de deux fenêtres et que probablement sur la partie postérieure, St Antoine Esquecido, était accompagné de deux autres habitants du ciel, âmes bienheureuses qui eurent la gloire d'accomplir la volonté de Dieu. Mais dans ce cas, quelle aurait été la destinée de ces deux statues? Nul ne l'a dit ni ne le dira.

On admet que le côté nord appuyé depuis le commencement à l'église de St Jean du Souto aît été toujours comme il l'est maintenant, dépourvu de fenêtres et de statues. Ce qui est certain c'est que dans tout le pays on ne trouve pas un autre exemplaire de cette construction religieuse.

L'intéressante porte en bois, sculptée en haut relief avec six vanteaux à médaillons représentant des symboles chrétiens, a été rajoutée dans tout l'espace de l'arc, en remplacement du vitrage qui lui servait d'imposte. Pour ces deux médaillons ajoutés, et exécutés selon le modèle des anciens, j'ai désigné une ruche d'abeilles et une sphère, sur laquelle on voit un compas, comme symboles du *secret* et de la *sagesse.*

Dans ce milieu *éclairé* où nous vivons, on a tout de suite découvert dans le symbole de la sagesse, une allusion maçonique! Mais comme je travaillais avec les yeux fixés sur les hommes de scien-

Não se póde dizer que a restauração fôsse completa, porque para isso alguma coisa falta ainda. O que porém se fez creio que satisfará os entendidos em assumptos d'esta natureza.

A todos estes trabalhos, commemorativos do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da immaculada Conceição, refere-se a seguinte inscripção que fiz gravar no lado direito do interior da galilé:

D. JOSEPHVS MARIA DE QVEIROZ E LENCASTRE
QVINQVAGESIMVM IMMACVLATAE CONCEPTIONIS
BEATAE MARIAE DEFINITIONIS DOGMATICAE
ANNIVERSARIVM AGENS HOC SACELVM
INSTAVRARE FECIT ANNO DOMINI. M.DCCCC.IV

A moderna inscripção defronta com est'outra antiga referente á consagração da capella á Virgem Mãe de Deus, pelo fundador Dr. João de Coimbra, no anno de 1528:

DEIPARAE VIRGINI
SACRVM. JOANNES
CONNIMBRICENSIS
ANNO CHRISTI. MD
XXVIII. DICAVIT

Sobre o friso da galilé havia tambem ao centro uma columna encimada por um côrvo de pedra com cabeça de ferro e um pão no bico. Caiu ha bastantes annos estilhaçando-se tudo. É sobremodo curiosa a grimpa de ferro que encima a cupula da capella, constando de uma grande esphera, a lua e o sol com um dos raios em fórma de bandeira e n'ella as armas dos Coimbras, e a cruz rematada por uma pomba e um grande circulo de estrellas.

O interior d'esta interessante capella é abobadado de pedra fina com suas nervuras e ricos fechos dourados, rematando todas com o escudo do fundador. Do lado do Evangelho todo o espaço abre n'um grande arco rendado que communicava com a egreja de S. João do Souto accrescentada no tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-89) até facear com a capella. A talha e figurado do altar, bem como o interessante grupo do enterro, em tamanho natural, ao lado da Epistola, é tudo primorosamente esculpturado na mesma pedra jaspe.

O snr. D. José de Lencastre, accedendo aos meus desejos, mostrou-se bem disposto para brevemente mandar lavar toda a pintura que desfeia aquelles primores da estatuaria portugueza. Já se fez a experiencia no Centurião que está á esquerda de quem entra e, pelo resultado, parece não haver motivo para desanimo. Oxalá.

O Morgado foi instituido aos 16 de fevereiro de 1530, sendo a capella dotada com importantissimos bens de raiz, mediante auctorisação que el-rei D. João III havia concedido em 12 de março de 1527, alguns dos quaes constavam dos livros do Almoxarifado de Guimarães.

A instituição começa por estas palavras: «Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo e um só Deus Nosso Senhor e da bem aventurada Virgem Sagrada Santa Maria Nossa Senhora Sua Madre advogada dos Peccadores; á qual eu peço humildissimamente que rogue a seu Bemdito Filho Jesus Christo Nosso Senhor por mim que me queira perdoar meus peccados pela sua infinita Misericordia, e levar a sua santa Gloria á qual Senhora Virgem Santa Maria eu o Doutor João de Coimbra Provisor n'este Arcebispado de Braga tomo por valledora e advogada, etc.»

Ainda hoje se vê a pouca distancia da capella o palacete do instituidor, construcção dispendiosa pela sua vastidão e pela riqueza esculptural das grandes janellas, que fazem a admiração dos entendidos. Por permissão especialissima, visto haver intercepção pela antiga rua de S. Marcos, hoje de S. João do Souto, podia o fundador assistir d'estas janellas ás missas quotidianas celebradas na capella.

ce, je n'ai jamais regardé en arrière, même lorsque les uns me conseillaient le nettoyage de la pierre noircie par les siècles, les autres la réparation des belles statues du vestibule, et d'autres encore voulaient l'élimination des balcons des fenêtres et des vitraux que je fis appliquer dans les châssis de pierre.

On ne peut pas dire que la restauration ait été complète, car il manque encore assez de choses pour cela, mais ce qui a été fait doit satisfaire ceux qui s'entendent sur des sujets de ce genre.

L'inscription suivante que je fis graver du côté droit à l'intérieur du vestibule, se rapporte à tous ces travaux commémoratifs du cinquantième anniversaire de la définition dogmatique de l'Immaculée Conception:

D. JOSEPHVS MARIA DE QVEIROZ E LENCASTRE
QVINQVAGESIMVM IMMACVLATAE CONCEPTIONIS
BEATAE MARIAE DEFINITIONIS DOGMATICAE
ANNIVERSARIVM AGENS HOC SACELVM
INSTAVRARE FECIT ANNO DOMINI. M.DCCCC.IV

L'inscription moderne est placée vis-à-vis de cette autre ancienne, relative à la consécration de la chapelle à la Vierge mère de Dieu, par le fondateur D. João de Coimbra l'année 1528:

DEIPARAE VIRGINI
SACRVM. JOANNES
CONNIMBRICENSIS
ANNO CHRISTI. MD
XXVIII. DICAVIT

Sur la frise du vestibule il y avait aussi au centre une colonne surmontée d'un corbeau en pierre, avec la tête en fer et un pain dans le bec. Il est tombé, depuis bien des années et s'est complètement brisé. Très curieuse aussi la girouette en fer que l'on voit au dessus de la coupole de la chapelle et qui se compose d'une grande sphère, la lune et le soleil avec un des rayons en forme de drapeau avec les armes des Coimbras, et la croix terminée par une colonne et un grand cercle d'étoiles.

L'intérieur de cette interessante chapelle est voûté en pierre fine avec ses nervures et les clefs dorées, toutes terminées par l'écusson du fondateur. Du côté de l'Evangile tout l'espace ouvre sur un grand arceau à jour, qui communiquait avec l'église de S[t] Jean du Souto, ajoutée au temps de l'Archevêque D. Gaspar de Bragança (1758-89) jusqu'à venir au niveau de la chapelle. Les figures sculptées de l'autel ainsi que l'intéressant groupe de l'enterrement, en grandeur naturelle, à côté de l'Epitre, tout est précieusement sculpté dans la même pierre jaspe.

Mr. Don José de Lencastre, accédant à mes désirs, s'est montré très disposé à faire bientôt laver toute la peinture qui enlaidit ces beautés de la statuaire portugaise.

On a déjà fait l'expérience sur le Centurion qui est à gauche de l'entrée et le résultat n'a pas été pour nous décourager. Dieu le veuille. Le majorat a été institué le 16 Fevrier 1530 et la chapelle douée d'importants biens-fonds, par une autorisation que le Roi D. Jean III avait accordée le 12 Mars 1527, quelques uns même étant mentionnés dans les livres de l'Amoxarifado de Guimarães.

L'institution commence par ces mots: «Au nom du Père, du Fils et du Saint Esprit et un seul Dieu Notre Seigneur et de la Bienheureuse Vierge sacrée, Sainte Marie, Notre Dame Sa Mére Protectrice des Pêcheurs, à laquelle je demande très humblement qu'elle prie son Fils Béni Jesus Christ Notre Seigneur pour moi, pour qu'il veuille me pardonner mes péchés par sa miséricorde infinie, et me conduire à sa Sainte Gloire, laquelle Vierge Sainte Marie moi le Docteur João de Coimbra, Proviseur de cet Archevêché de Braga, je prends pour protectrice et patronnesse, etc.»

On voit encore aujourd'hui à peu de distance de la chapelle, le petit palais du fondateur, constru-

Local de S. João da Ponte

Quem nunca percorreu o Minho — as suas cidades, as suas villas, as suas aldeias — embora conheça *de visu* ou por tradição os encantos do Algarve, do Alemtejo, da Extremadura, do Douro, de Traz-os-Montes, das Beiras alta e baixa, mal póde ajuizar das bellezas paradisiacas esparsas por todo este jardim do nosso Portugal!

Parece porém que entre as demais localidades minhotas, Braga se distingue pela belleza topographica e primores de vegetação n'uma aria consideravel cortada de regatos e banhada pelos rios Cavado e Éste. Por todo o lado Norte da cidade, n'um horisonte vasto, estendem-se feracissimas campinas em que alveja o casario, capellas e egrejas de muitas freguezias servidas por magnificas estradas de macadam.

O notavel Sanctuario do Bom Jesus, o Sameiro, a lendaria Falperra com as capellas de Santa Maria Magdalena, Santa Marta e Santo Antonio, tomam todo o Nascente-Sul n'uma suave elevação cultivada e habitada até mais de meio, semelhando um extremo da cidade que domina e da qual está separada pelo referido rio Éste, hoje tão acanhado e tão pouco volumoso d'agua, que não parece ter sido o que deu a morte a 32 pessoas afogadas pela sua enchente no dia 30 de junho de 1779 e que, seculos antes, mereceu ao Infante D. Pedro, regente do Reino, uma referencia quando em 1443 coutou ao Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra «as perdizes com seus óvos, condemnando quem as caçasse por cada perdigão, perdiz ou ovo, vinte reaes brancos; e que á distancia de uma legua, meia acima da ponte de Guimarães e meia abaixo, ninguem pescasse no rio Éste, sob pena de pagar por cada peixe dez reaes brancos.»

Nas margens d'este pequeno rio, no sitio em que é cortado pelas pontes nova e velha de Guimarães, cidade que d'aqui dista 21 kilometros e que não é menos rica de arrabaldes formosos, realisam-se annualmente, desde ha seculos, os populares festejos em honra do Precursor de Christo, sobejamente conhecidos em todo o paiz e longe d'aqui pelo brilho que sempre revestem.

A uns oitenta metros da margem esquerda, n'uma ampla explanada onde os festejos se realisam foi construida em 1616 a actual capella de S. João com seu alpendre sustentado por seis columnas toscanas. Ha poucos annos foram derrubadas duas grandes arvores que lhe ficavam em frente engrinaldadas por velhas glycinias que annualmente, no mez de março, floresciam a ponto de lhes substituir por completo a folhagem desabrochante. A parte vedada em volta da capella foi em tempo ajardinada, tendo então a frequencia de um passeio publico principalmente na estação calmosa. Actualmente (vergonha é dizel-o!) esse local tão decantado, onde a Natureza e a Arte deviam dar-se as mãos, tem sido censuravelmente votado ao abandono e até destinado pela edilidade de Braga a receptaculo dos entulhos da cidade!

Ainda bem que os milhares de forasteiros alli reunidos na vespera do S. João, encontram quasi todo o espaço adornado de mastros, arcos e galhardetes das vistosas illuminações, e arruado por numerosas barracas de madeira, pipas de vinho e petiscos sob toldos, coretos de musicas, tudo emfim que constitue as decantadas romarias do Minho, onde os descantes, a musica e os bailados, os trajes das raparigas d'aldeia e os fogos de vistas, deleitam o espirito mais rebelde ás alegrias da vida.

Fóra d'esta occasião dos festejos, quaesquer dos nossos visitantes que alli vão sentem-se mal impressionados e lamentam a falta de patriotismo dos habitantes da capital minhota. É isto um facto sobejamente conhecido mas com que ninguem aqui se importa.

El-rei D. João I, querendo honrar o santo do seu nome, determinou que todos os municipios festejassem com grande luzimento S. João Baptista; e a avaliar pelo que ainda hoje se faz em Braga, é de suppôr que esta cidade se distinguisse na observancia das reaes ordens. Por um codice do seculo XVII, citado por Camillo Castello Branco no n.º 7 da *Gazeta Litteraria* do Porto, sabemos que estes festejos baptistinos tiveram antigamente, como parte mais interessante, a montaria que os bracarenses faziam ás féras acoitadas nos matagaes dos arredores da cidade. Seguiram-se as cavalhadas, e então os fidalgos de Braga substituiram as féras por porcos que lançavam na coutada dos Arcebispos, sendo por fim um dos mezarios da irmandade de S. João encarregado de manter um porco preto que, na madrugada de 24 de junho, depois das cavalhadas, era levado ao alto do Picoto, sobranceiro á coutada, e d'alli perseguido até á margem do rio onde o povo se achava reunido para o obrigar a atravessar a

ction somptueuse par sa grandeur et par la richesse sculpturale de ses grandes fenêtres qui font l'admiration des amateurs. Par une permission très spéciale, puisqu'il y avait une interception par l'ancienne rue de S[t] Marc, aujourd'hui de S[t] Jean du Souto, le fondateur pouvait de ces fenêtres assister aux messes quotidiennes célébrées dans la chapelle.

Sîte de S[t] João da Ponte

Ceux qui n'ont jamais parcouru le Minho — ses villes, ses bourgs, ses villages — même qu'ils connaissent *de visu* ou par tradition les charmes des autres provinces de notre pays, ne peuvent se faire une idée des beautés séduisantes éparses sur tout ce jardin de notre Portugal. Mais il semble encore que entre toutes les localités du Minho, Braga se distingue par sa belle situation topographique et par son exquise vegétation sur une étendue considérable coupée de ruisseaux et baignée par les fleuves Cávado et Éste. Sur toute la partie nord de la ville, en un vaste horizon, s'étendent des plaines fertiles où blanchissent ça et là des maisons, des chapelles et des églises de beaucoup de paroisses servies par de magnifiques routes modernes.

Le remarquable sanctuaire du Bon Jésus, le Sameiro, la légendaire Falperra avec les chapelles de Sainte Marie Madeleine, Sainte Marthe et Saint Antoine, occupent tout le Sud-Est en une pente très douce cultivée et habitée jusqu'à mi hauteur, semblable à une extrémité de la ville qu'elle domine, et dont elle est séparée par la rivière Éste, aujourd'hui si réduite et avec si peu d'eau qu'on ne peut se faire idée qu'elle ait donné la mort à 32 personnes, noyées lors de sa crue, le 30 Juin 1779; on peut à peine croire aussi que bien des siècles auparavant elle avait merité une référence de l'Infant D. Pedro, régent du royaume, lorsque en 1443 il défendit la chasse à l'Archevêque de Braga, D. Fernando da Guerra, «des perdrix avec leurs œufs, en faisant payer pour chaque perdreau, perdrix ou œuf, vingt réaux blancs»; et que à distance d'une lieue, la demie au dessus du pont de Guimarães et la demie au dessous, personne ne pêcherait dans le fleuve Éste, sous peine de payer dix réaux blancs pour chaque poisson».

Sur les rives de ce petit fleuve, à l'endroit où il est traversé par le vieux et le nouveau pont de Guimarães, ville aussi entourée de beaux environs et qui se trouve à 21 kilomètres d'ici, on réalise tous les ans depuis des siècles, des fêtes populaires en honneur du Précurseur du Christ, qui sont très renommées en tout le pays par leur splendeur.

À quatre vingt mètres à peu près de la rive gauche, sur une vaste esplanade où on celèbre les fêtes, la chapelle actuelle de S[t] Jean avec son portique soutenu par six colonnes toscanes, fut construite en 1616. Il y a quelques années on abatit deux grands arbres qui étaient en face, enguirlandées d'anciennes glycines qui tous les ans au mois de mars, fleurissaient au point de remplacer complètement tout leur feuillage naissant. La partie ménagée autour de la chapelle était autrefois un jardin public très frequenté pendant la belle saison. Maintenant (il est honteux de le dire) cet endroit si charmant où la Nature et l'Art auraient dû se réunir, est misérablement voué à l'abandon et même destiné par la municipalité de Braga à un réceptacle des ordures de la ville!

Heureusement les milliers de voyageurs qui viennent ici la veille de la S[t] Jean, trouvent cet espace presque entièrement garni de mâts, de drapeaux, de brillantes illuminations et divisé en rues par de nombreuses baraques de bois, des tonneaux de vin, des tentes où l'on vend des victuailles, des pavillons pour les musiques, tout enfin ce qui constitue les fêtes foraines ou pélerinages du Minho, où les chansons, la musique et les danses, les costumes des jeunes villageoises, les feux d'artifice, composent un spectacle à amuser les plus mysanthropes.

Mais les fêtes passées, tous les visiteurs se sentent mal impressionnés et lamentent le manque de patriotisme des habitants de la capitale du Minho. C'est un fait bien connu ici, mais dont personne ne se soucie.

Le roi D. Jean I, voulant honorer le saint de son nom, ordonna que toutes les municipalités fissent célébrer avec grande splendeur la fête de S[t] Jean Baptiste; et à en juger par ce que l'on fait encore aujourd'hui à Braga, il est probable que cette ville se soit distinguée dans l'observation des ordres royaux.

Par un code du XVII[me] siècle, cité par Camillo Castello Branco dans le numéro 7 de la *Gazeta*

ponte na qual, por seu turno, os moleiros dos antigos moinhos que uma das gravuras representa, forcejavam por lhe impedir a passagem para que atravessasse o rio a vau. Findo o divertimento o porco ficava pertencendo aos vencedores. Depois de tudo isto os cavalleiros dirigiam-se á alameda das Carvalheiras e alli recebiam de outro mezario de S. João os vistosos cestinhos de fructa, que tomavam toda a meza de pedra ainda hoje existente *in loco*, e lá os levavam alegremente ás pessoas da sua estima.

A scena do baptismo de Christo pelo propheta Judaico no Jordão, recordando o que em tempos remotissimos, muito anteriormente ao Santo Precursor, era praticado na Judeia para puderem ser considerados Judeus os extrangeiros que lá se estabeleciam, representa-se entre as duas pontes em improvisado jardim illuminado a grisetas cuja luz vivissima se espelha com extraordinario effeito na agua represada. Este quadro, composto de numeroso figurado, é um dos mais apreciados pela grande multidão que se apinha nas duas pontes e suas immediações. As illuminações das ruas de Franco Castello Branco e da Ponte, a grisetas e copinhos de papel de côres, ligam com a das proximidades da capella n'um lanço de vista verdadeiramente phantastico!

Ao centro do rio, em attitude de fazer a travessia, collocam a desproporcionada imagem de S. Christovam que se venera na capella de S. João e que em tempos muito afastados era conduzida em andor na procissão do *Corpus Christi* pelos lavradores da proxima freguezia de Ferreiros a quem a Camara concedia por isso certos privilegios.

Percorrem as ruas da cidade a vistosa e alegre comitiva do Rei David e o carro dos pastores, dois dos principaes motivos de enthusiasmo para o povo das freguezias ruraes que aqui concorre a animar com a sua alegria franca estas festas populares, entoando cantigas bréjeiras á mistura com outras que o não são, como por exemplo:

Ó meu S. João Baptista,
Ó meu bello marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

O S. João teima, teima
Em querer camisa lavada,
Pois que pague á lavadeira
Que eu não sou sua creada.

Abaixai-vos carvalheiras
Com a rama para o chão,
Deixae passar os romeiros
Que vão para o S. João.

Que é aquillo, que é aquillo
S. João a caçar um grillo.
Não é nada, não é nada
S. João a comer pescada.

Desde o anno de 1893 que as commissões promotoras d'estes festejos alteram o secular systema de concentrar em volta da capellinha as festas da vespera e do dia, promovendo desde então vistosas illuminações, certamens musicaes, orpheons, rifas, quadros dissolventes, fontes luminosas, etc., no jardim do Campo de Santa Anna. Este anno teve logar pela primeira vez, na encantadora estancia do Bom Jesus, um d'estes festivaes, sendo extraordinariamente concorrido.

Albano Bellino.

Litteraria de Porto, nous savons que ces fêtes eurent autrefois, comme partie plus intéréssante, la chasse que les habitants du pays faisaient aux fauves réfugiés dans les bois des environs de la ville. Il y eut ensuite des courses et alors les nobles de Braga remplacèrent les fauves par des cochons qu'ils lançaient dans la forêt des Archevêques, et plus tard un des membres de la communauté de St Jean fut chargé d'élever un cochon noir qui la matinée du 24 Juin, après les courses, était conduit au sommet du Picoto au-dessus de la forêt; de là on le poursuivait jusqu'au bord de la rivière où le peuple se trouvait réuni pour l'obliger à traverser le pont, sur lequel à leur tour les meuniers des anciens moulins, qu'une de ces gravures représente, tâchaient de lui barrer le passage pour qu'il traversât le fleuve à la nage. L'amusement fini le cochon appartenait aux vainqueurs. Après tout cela les cavaliers se dirigiaient à l'avenue des Carvalheiras et là ils recevaient d'un autre membre de la communauté les jolis petits paniers de fruits qui occupaient toute la table de pierre, qu'on voit encore au même endroit, et ils les portaient joyeusement aux personnes de leur amitié.

La scène du baptême du Christ par le prophète Judaïque dans le Jourdan, rappelant ce qui se passait dans les temps les plus reculés, bien avant le Saint Précurseur, montre ce qui se pratiquait en Judée pour que les étrangers qui s'y établissaient puissent être considérés Juifs, et se représente entre les deux ponts en un jardin improvisé, illuminé par des lumignons suspendus, dont la vive lumière se reflète brillamment dans l'eau tranquille.

Ce tableau composé de nombreuses figures est un des plus appréciés par l'énorme foule qui s'entasse sur les deux ponts et tout alentour. Les illuminations des rues Franco Castello Branco et du Pont, avec des lumignons et les petits verres en papier de couleur, vont se réunir à celles du voisinage de la chapelle et forment un coup d'œil vraiment fantastique.

Au centre de la rivière, et comme s'il allait la traverser, on place l'image disproportionnée de St Christophe que l'on vénère dans la chapelle de St Jean et qui autrefois était conduite sur un brancard à la procession de *Corpus Christi* par les cultivateurs de la paroisse voisine de Ferreiros, qui pour ce motif jouissait de certains privilèges accordés par la municipalité.

La brillante et joyeuse suite du Roi David et le char des bergers parcourent les rues de la ville, et ce sont encore deux causes d'enthousiasme pour le peuple des paroisses rurales qui accourt ici pour égayer encore ces fêtes populaires avec des chansons sérieuses d'autres piquantes comme par exemple:

Oh mon St Jean Baptiste
Oh mon beau marin
Menez-moi dans votre barque
Jusqu'à Rio de Janeiro.

St Jean s'entête, s'entête
à vouloir une chemise propre
Qu'il paie sa blanchisseuse
Car je ne suis pas sa servante.

Baissez-vous grands chênes
avec les branches jusqu'au sol,
laissez passer les dévots
qui vont fêter St Jean.

Qu'est-ce que je vois là bas?
St Jean à chasser un grillon.
Ce n'est rien, ce n'est rien
St Jean qui mange du merlan.

Depuis l'année 1893 les commissions organisatrices de ces fêtes ont altéré l'ancien système de concentrer autour de la petite chapelle les fêtes de la veille et celles du jour; maintenant on fait de brillantes illuminations, des concours de musiques, des orphéons, des loteries, des tableaux vivants, des fontaines lumineuses, etc., dans le jardin du Campo de Santa Anna.

Cette année on a organisé pour la première fois dans le charmant site du Bom Jesus, une de ces fêtes qui a attiré une foule considérable.

Albano Bellino.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG STADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella de Nossa Senhora da Conceição

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

S. João da Ponte

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Moinhos no rio Este
BRAGA

O Bom Jesus do Monte



' a leste de Braga e na encosta occidental do Monte Espinho, ramificação esbatida e distante do macisso geresiano, que se acha situado o Bom Jesus. Estas duas palavras d'uma doce expressão devota indicam na sua extrema singeleza, uma das mais bellas estancias de Portugal, devida áquella santidade milagreira, hoje um pouco obscurecida pela concorrencia da Senhora do Sameiro, sua visinha do andar superior.

Por documentos que um notavel investigador exhumou do esquecimento ou da ruina sabemos que no logar onde agora se derrama a branca mancha do Santuario se erguia no seculo XIV, solitaria e pobre, a ermidinha de Santa Cruz do Monte. Qual a mão piedosa que a edificára? Ignora-se.

Abandonada no ermo, breve soffreu as aggressões da ruina e foi então que o primaz D. Jorge da Costa II, irmão do seu predecessor — o cardeal d'Alpedrinha — edificou outra substituindo a primitiva.

Ephemera foi a sua duração, porque em 1522 o conde palatino D. João da Guarda, deão da cathedral bracharense, mandou reedifical-a á sua custa. Ampliada, enriquecida e servida por um culto pomposo áttrahiu naturalmente a curiosidade insaciavel da creatura humana, mesquinha e misera, farejando sempre a grandeza impressionavel da terra para comprehender a gloria enigmatica do céo. Revelou-se-lhe então o encanto d'aquelle retiro e para lá foi formigando a solicitar as graças de Deus e a gozar a delicia que tão prodiga se offerecia á sua lassitude e ao seu espanto.

D. João da Guarda porém fallecera em 1529 e não tendo providenciado para além dos seus dias ácerca da capella, esta veio a conhecer tambem o ingrato descaso dos homens e a crueza das sevicias do tempo. Um seculo passou esquecida e ao desamparo e a decrepitude veio precoce e irremediavel.

Um punhado de braguezes que a devoção? alli reuniu, constituiu-se em confraria sob a invocação do *Bom Jesus do Monte* e com peditorios, procissões mytho-biblicas, *autos*, etc., conseguiu os recursos para a urgente reconstrucção d'aquella morada divina, revivescencia do culto já apagado e perdido, edificação d'albergues para romeiros e abertura d'uma estrada com os *Passos*.

A prosperidade do Santuario caminhava em maré de fartura, o que atiçou a cubiça de D. Francisco Pereira da Silva logo arvorado em supremo administrador dos negocios da confraria e fazendo, ás claras, o que outras figuras da igreja fazem commodamente na sombra. Esta exploração audaciosa motivou censuras, protestos, azedumes e pleitos, a que poz termo a intervenção do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1722. Homem generosissimo foi inexgotavel em benemerencias para o engrandecimento do Santuario custeando uma nova igreja, capellas com o drama da Paixão, escadorios, fontenarios, etc., e defendendo-o das depredações futuras com os segundos *Estatutos* avisados e liberaes. Em 1728 findava o seu cargo de juiz e protector desvelado, pois que a morte o excluira da vida.

A popularidade do Bom Jesus dilatava-se e crescia. Mas a veneração alastrou-se principalmente depois que o prelado D. Gaspar de Bragança conseguiu dos pontifices mercês espirituaes para remissão de culpas e preservativo das penas eternas.

Cincoenta e poucos annos haviam cahido sobre a obra de D. Rodrigo, quando ameaçou desabar além de ser já incapaz para conter a affluencia dos romeiros. Pensou-se pois n'outra reedificação. Apoz dissensões e controversias decidiu-se edificar o templo actual, solido e custoso. Foi seu architecto o engenheiro Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Os dispendios com a sua fabrica devem-se sobretudo á bolsa poderosa e magnanima do bracharense Pedro José da Silva, opulento commerciante da praça de Lisboa. Terminou-se em 1811.

Transposta a ultima arteria da cidade envereda-se pelo ramo direito da bifurcação, um macadam que segue entre dois muros baixos e altas sebes de choupos enramalhados nas videiras folhudas, que esbracejam e caem n'uma indisciplina decorativa. D'um lado e d'outro extensos campos de milho viçoso na terra funda, fertilisada pelos enxurros e pelas cheias do riacho que nas invernias se dá ares de libertino vadiando fóra do leito. Passada a sua ponte, a estrada principia o assalto ao declive da collina ladeando-a sobranceira ao vallesito sinuoso e risonho do Éste, corta um logarejo com alguns predios

Le Bom Jesus do Monte



'est à l'est de Braga sur le versant occidental du Monte Espinho, un embranchement amoindri et éloigné du massif de la chaine du Gerez, que se trouve situé le Bom Jesus. Ces deux mots d'une douce expression de piété, indiquent dans leur extrême simplicité un des plus beaux endroits du Portugal, grâce à cette sainteté miraculeuse, un peu obscurcie aujourd'hui par le voisinage, un peu plus haut, de Notre Damé du Sameiro.

Un investigateur remarquable a exhumé de l'oubli ou de la ruine des documents montrant que à la place où se répand maintenant la tache blanchissante du Sanctuaire, s'élevait au XIVme siècle, toute pauvre et isolée, la petite chapelle de Santa Cruz do Monte. On ignore quelle fut la main pieuse qui l'avait fait édifier.

Abandonnée dans cette solitude elle souffrit bientôt les dommages de la ruine et ce fut alors que le prélat D. Jorge da Costa II, frère de son prédécesseur — le Cardinal d'Alpedrinha — en fit construire une autre remplaçant la première.

Sa durée fut éphémère, car en 1522 le comte palatin D. João da Guarda, doyen de la Cathédrale de Braga, la fit encore réédifier à ses frais. Agrandie, enrichie et desservie par un culte pompeux elle attira naturellement l'insatiable curiosité de la créature humaine, mesquine et faible, flairant toujours les grandeurs impressionnantes de la terre pour mieux comprendre la gloire enygmatique du ciel. Elle eut alors la révélation du charme de ce site et on la vit fourmiller par là à solliciter les grâces de Dieu et jouir de ces délices qui s'offraient si prodiguement à sa lassitude et à son étonnement.

Mais D. João da Guarda mourait en 1529 sans avoir fait de dispositions concernant la chapelle, qui connût aussi l'ingrate négligence des hommes et la cruauté des outrages du temps. Pendant un siècle elle fut dans l'abandon et l'oubli, et la décrépitude arriva précoce et irréparable.

Un groupe de bourgeois que la dévotion réunit là, forma un jour une confrérie sous l'invocation du Bom Jesus do Monte et avec des quêtes, des processions mytho-bibliques, des pièces dramatiques etc., il réussit à obtenir les ressources nécessaires à la reconstruction immédiate de cette demeure divine, au renouvellement du culte déjà éteint et perdu; à l'édification d'asiles pour les pélerins et à l'ouverture d'un chemin de la croix.

La prospérité du sanctuaire était en pleine abondance, ce qui éveilla la cupidité de D. Francisco Pereira da Silva, aussitôt nommé administrateur des affaires de la confrérie, qui fit au grand jour ce que d'autres membres de l'Eglise font commodément dans l'ombre. Cette audacieuse exploitation donna lieu à des protestations, des blâmes, des propos, et des procès, qui ne finirent qu'avec l'intervention de l'archevêque D. Robrigo de Moura Telles, en 1722. Cet homme bienfaisant fut d'une générosité inépuisable pour l'agrandissement du sanctuaire, faisant à ses frais une nouvelle église, des chapelles avec le drame de la Passion, des escaliers, des fontaines, etc., et le mettant à l'abri de futures déprédations par de deuxièmes *statuts* avisés et libéraux. En 1782 la mort vint mettre fin à sa charge de président et de protecteur dévoué.

La popularité du Bom Jesus augmentait et s'étendait. Mais la vénération se répandit surtout après que le prélât D. Gaspar de Bragança eût obtenu des pontifes, des grâces spirituelles pour la rémission des péchés et préservatives des peines éternelles.

L'œuvre de D. Rodrigo comptait cinquante et quelques années, quand elle commença à s'écrouler et d'ailleurs elle était insuffisante pour l'affluence des pèlerins. On pensa donc à une autre réédification, et après des dissensions et des controverses on décida de construire le temple actuel, solide et somptueux. L'architecte fut l'ingénieur Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Les frais de la construction sont dûs surtout à la bourse généreuse et opulente d'un naturel de Braga Pedro José da Silva, riche commerçant établi à Lisbonne, et furent terminés en 1811.

Après avoir franchi la dernière artère de la ville on entre, par le côté droit de la bifurcation, sur une route macadamisée qui suît entre deux murs bas et de hautes haies de peupliers, enlacés par des vignes touffues qui s'élancent et retombent en un désordre décoratif. Des deux côtés, de vastes champs

achalezados, e, a subir sempre, encurvalando, breve desembóca sob um tunnel d'australias no portico do Santuario, proseguindo todavia para a direita por entre a matta até aos pinaculos, e ficando para a erquerda o ascensor inaugurado em 1882 por iniciativa do industrial Manuel Joaquim Gomes.

Aquelle, em arco abatido e sobrepujado por um cruxifixo e pelo brazão de D. Rodrigo, enthronisa-se n'um escadoz de pedra em cone de circulo e antecede as duas primeiras capellas — sobrevivencias das construcções d'este arcebispo. Quadrangulares, acaçapadas, com telhados de quatro faces. Dentro, n'uma imaginaria parada, boquiaberta e cheia de infantilidade artistica, os episodios da *Ceia* e do *Horto das Oliveiras*. O escadorio começa logo, em linha quebrada, suave e pavimentado a mosaico. Por cada cotovello, uma capella modernisada em fórma de guarita de sentinella. Atravez dos postigos abertos para estimular a compuncção e a dadiva dos crentes observam-se os interiores: as paredes pinturiladas com um *décor* inverosimil e o figurado, quasi reduzido á imagem de Christo por falta de recursos para preencher os scenarios, se não fôra o indiculo em latim exhibido no cimo de cada porta, dir-se-hia representar sómente o martyrologio da esculptura e da anatomia. Cá fóra, a quebrar o mutismo d'esta plastica tristonha, murmuram as fontes antigas com as allegorias dos immortaes do Olympo.

A matta espalha uma frescura carinhosa e benigna ainda mais concitada pelo banho da folhagem na orvalheira da noite. No *sous-bois*, com o sol ainda baixo, ennovelam-se penumbras recolhidas e espessas d'uma attracção indefinida em que a alma desejaria refugiar-se, pois não sei que presentimento lhe diz andarem por alli occultas as sombras dos sêres antigos enternecidamente idealisados e queridos. Os velhos troncos do arvoredo, por vezes, com suas pernadas e ramusculos convergindo n'um abraço intimo a formar abobada, perspectivam naves de cathedraes d'um silencio religioso, sem embargo da vida intensa que formilha sob o pavimento no revolver da seiva, que as raizes disputam encarniçadamente. Por onde a agua deriva gotejante ou corredia, o torrão, ubere cheio, afoga-se n'uma vegetação rasteira, promiscua, gorda, sensual, que se enlaça tumidamente n'uma orgia sem fim; a rocha, abeberada, enfeita-se com musgos velludosos e macios. Mas a permanencia n'este recolhimento umbroso, onde a luz penetra coada e frouxa, cinge-nos d'uma emoção profunda, que obriga a procurar a doçura limpida do azul e o desafogo d'uma clareira ou eminencia para respirar a longos haustos no grande ar que circula fresco e perfumado das exhalações matinaes.

Deixada a sexta capella em que o Nazareno se humilha, não pelo ultraje da soldadesca judaica, mas pelo amesquinhamento a que o sujeitou o plastifice, já se descobrem os longes da paizagem atravez da cortina das arvores, que por completo se descerra ao alcançar a rotunda. A retina embriaga-se absorvendo avidamente o quadro soberbo que se desenrola. Reduplica porém a ancia da altitude dominante e sem demora se galga a escada perpendicular aos escadorios dos *cinco sentidos* e das *tres virtudes*, bem como estes, zig-zagueando em linhas divergentes logo a convergir dos pateosinhos lateraes para os patamares communs e centraes, onde as bicas frescamente sussurram sob a contemplação das imagens graniticas de tudo o que a Biblia tem de mais selecto.

Mais um avanço e eis o adro do templo com os terreiros circumjacentes, que comportam a *mise-en-scene* da romaria do Espirito Santo — espectaculo evocando reminiscencias dos festivaes pagãos.

Sob a umbella das arvores levantam-se os botequins, as doçarias e suspendem-se os toldos de lona a abrigar as mesas enfileiradas entre os bancos, os carros carregados com pipas entre os fueiros onde se empilham as regueifas, as cozinhas ambulantes e os fornos de alvenaria arredondados em calotte onde se assa o cabrito, coze o arroz e refoga a cabidella. Á volta d'estes comedouros centenas de boccas atupindo o estomago n'uma algazarra confusa, aqui e ali suspensa pelas dolencias sonoras d'uma rebeca ganindo ás arcadas do cego errante, que rola os olhos extaticos nas orbitas inuteis junto de madraços que o exploram e acompanham á viola. De resto não ha palmo de terreno livre que não seja atulhado pela turba endomingada: os homens, de varapau, jaqueta ao hombro, faxa na cinta; as mulheres mui garridas, com colorações gritantes sobre a brancura do linho da camisa, e com pavoneamentos d'ouro ao peito. Liquidadas as promessas, ou entabolada nova negociata com o santo, todo este povoléu empoeirado e com empastamentos de suor dá largas á sua animalidade, repreza e tyrannisada pelos rigores da safra quotidiana, n'uma furia de movimentos brutal e doidejante, chocando-se, ou redemoinhando em danças ao compasso da *esturdia* primitiva e dos descantes ou *desafios*.

A mediania pacata, essa, como a vida são dois dias! raspa-se em escapadas, para os socegos escusos do parque a devorar as merendólas vindas de casa pejando cestos e saquiteis...

de maïs verdoient dans la terre profonde, fertilisée par les torrents et les crues d'un ruisseau qui au fort de l'hiver se donne des airs libertins en vaguant hors de son lit. Passé le pont, la route commence à gravir la pente de la colline, la cotoyant au dessus de la petite vallée riante et sinueuse de l'Este, elle traverse un village avec quelques maisons en forme de châlets et toujours en montant, et se recourbant elle débouche bientôt sous un tunnel d'*australias* devant le portique du sanctuaire, mais elle se continue aussi à droite à travers la forêt jusqu'aux pinacles, laissant à gauche l'ascenseur inauguré en 1882, par l'initiative de l'industriel Manuel Joaquim Gomes.

Le portique en arc surbaissé surmonté d'un crucifix et du blason de D. Rodrigo, s'introduit dans un escalier de pierre en cône de cercle et précède les deux premières chapelles — survivantes des constructions de cet archevêque. Elles sont carrées, trapues, avec des toitures à quatre faces, et à l'intérieur, des figures inexpressives, béantes et pleines de naïveté artistique représentent les épisodes de *la Cène* et du *Jardin des oliviers*. L'escalier commence aussitôt, en lignes brisées, très doux et pavé en mosaïque. À chaque coude une chapelle modernisée en forme de guérite; à travers les petites fenêtres ouvertes, pour stimuler la dévotion et la générosité des croyants, on observe à l'intérieur les murs peinturlurés en un décor figuré et invraisemblable, presque réduit à l'image du Christ, faute de ressources pour compléter la mise-en-scène, et si ce n'était le distique latin au dessus de chaque porte, on croirait voir seulement le martyre de la sculpture et de l'anatomie. Au dehors pour racheter le mutisme de cette triste plastique, on entend le murmure des anciennes fontaines avec les allégories des dieux de l'Olympe.

La forêt répand une fraîcheur caressante et douce, encore plus pénétrante de l'humidité des rosées nocturnes. Dans les sous-bois, lorsque le soleil est encore bas, des pénombres épaisses et recueillies nous attirent d'une manière vague, il semble que l'âme voudrait s'y réfugier et je ne sais quel pressentiment lui dit que par là se trouvent cachées les ombres d'êtres tendrement rêvés et chéris.

Les vieux troncs d'arbres avec leurs branches et leurs rameaux réunis en un intime embrassement forment des voûtes, et présentent des perspectives de nefs de cathédrales, en un silence religieux, malgré la vie intense qui fourmille sous le sol dans le remuement de la sève que les racines se disputent avec acharnement. L'eau courante ou retombante noie le terrain fertile en une végétation plate, mélangée, forte et sensuelle qui s'enlace vigoureusement en une orgie sans fin; le rocher humide, se couvre de mousses veloutées et moelleuses. Mais en restant dans ce recueillement ombragé où la lumière pénètre faiblement tamisée, nous sommes pris d'une profonde émotion qui nous porte à rechercher la douceur limpide du ciel et le soulagement d'une clairière ou d'une hauteur où nous puissions respirer à longs traits le grand air frais et parfumé des exhalaisons matinales.

Après avoir quitté la sixième chapelle où le Nazaréen s'humilie, non sous l'outrage des soldats juifs, mais par l'avilissement où l'a mis le sculpteur, on découvre déjà les lointains du paysage, à travers le rideau d'arbres qui s'ouvre tout à fait lorsqu'on atteint la rotonde. Le regard s'énivre devant le superbe tableau qui se déroule. Mais le désir d'atteindre la hauteur dominante redouble et on gravit aussitôt l'escalier perpendiculaire à ceux des *cinq sens* et des *trois vertus*, qui comme ceux-ci zig-zague en sens invers, venant des petites cours latérales aboutir aux plates-formes centrales et communes, où les fontaines murmurent sous la contemplation d'images en granit de tout ce que la Bible a de plus choisi.

Encore quelques pas et nous nous trouvons devant le temple et les tertres environnants où se passe la mise-en-scène du pélerinage du Saint Esprit, spectacle qui offre des réminiscences des fêtes païennes.

Sous la voûte d'arbres s'élèvent des guinguettes, des pâtisseries et on suspend des tentes de toile qui abritent les tables rangées entre les bancs, les chars chargés de tonneaux de vin, les piles de gaufres, les cuisines ambulantes et les fourneaux en maçonnerie arrondis en calotte où on rôtit les chevreaux, où on fait les ragoûts, où on cuit le riz. Autour de ces restaurants des centaines de bouches se bourrent l'estomac au milieu d'un vacarme confus, interrompu çà et là par le chant dolent et sonore d'un violon râclé par un aveugle errant, qui roule des yeux hagards dans les orbites inutiles, auprès de paresseux qui l'exploitent en l'accompagnant de leurs guitares. Du reste il n'y a pas un brin de terrain libre qui ne soit encombré par la foule endimanchée: les hommes, la veste sur l'épaule, la ceinture aux reins, avec leurs bâtons; les femmes très coquettes, avec des couleurs criardes sur la blancheur du lin de leurs chemises, et l'étalage de bijoux sur la poitrine.

Les vœux accomplis, ou quelque nouvelle affaire entreprise avec le saint, tout ce peuple couvert de poussière et de sueur se livre à son animalité, tyrannisée et captive pendant les rigueurs du travail

O templo com o frontispicio realçado pelo enfileiramento das torres subordina-se ás tres ordens de Vitruvio, pois que ao tempo da sua edificação era findo o reinado dos estylos historicos. Linhas sobrias e correctas.

Entre as columnas doricas que sustentam o entablamento as figuras do antipathico Jeremias e de Isaias, o grande e excelso propheta; e sobre o varandim, como prégadores afamados, os quatro evangelistas. O interior, em cruz latina com zimborio na intersecção do transepto e nave em abobada de berço, é elegante e bem illuminado. Ao fundo da capella-mór a scena capital do Calvario. Nas paredes d'esta e nos altares transeptaes deliciosas télas que presumimos devidas ao pincel de Pedro Alexandrino.

Ao lado direito da nave fica a sacristia cogulada de retratos de bemfeitores de quasi todos os graus da hierarchia social desde pontifices e reis aos merceeiros. Oh! arte grotesca dos pintores sem bóssa, como tu nos dás as mais incisivas e flagrantes caricaturas! Cumpre destacar porém, além d'outros, o busto do marquez de Marialva feito por Sequeira, o do duque de Lafões — obra prima d'auctor inedito — e o d'um bispo do Porto pintado por Rocquemont.

No vestibulo cobrem os muros os quadrinhos votivos confessando por entre as torturas da orthographia e a expressão d'uma iconographia contemporanea dos primeiros pharaós, os suppostos favores do Bom Jesus nas *malinas, maleitas, pelouras,* tormentas de mar, etc. O eterno giro da illusão! Já o romano usára as *tabulae votivae,* como, n'uma epocha de remota nebulosidade, o egypcio traçára em hierogliphos os seus agradecimentos ás divindades! Do lado opposto outro vestibulo com os benemeritos de baixa extracção e a capella com o Crucificado. A esta esculptura afflictiva é que o povo dirige as suas rogatorias acompanhadas de parcas esmolas, lambusando-lhe os pés, em remate, com crassas babugens plebeias. Dos muros azulejados, pendem mortalhas, *oscilla* de cera identicas ás do romano e cirios enfeitados, como na antiguidade hellenica, tanto mais pesado cada um quanto mais chorudo foi o beneficio divino.

Ha a notar aqui mais duas télas de Sequeira: uma, representando a faina da construcção do templo e consagrada aos carreiros que a auxiliaram gratuitamente; a outra, um ex-voto de Pedro José da Silva agradecendo ao Bom Jesus o regresso d'um navio carregado de mercadorias do Oriente. Esta está assignada e tem a data de 1809. É notavel.

Sahindo pela porta annexa e caminhando para norte, ultrapassado que seja um hotel proximo, logo se divisa a gruta que faz actualmente as delicias do indigena e do forasteiro em villegiatura...

Foge-se depois para o acolhimento das carvalheiras seculares que ensombram o terreiro, onde o ruido quebradiço da agua repuxada ao cahir n'uma taça dissemina uma affavel sensação de preguiça e frescura. Pelos bancos estirados sob as immensas pernadas rebola o burguez os seus ocios durante a calma e vae piscolando para um bonito rosto que, n'um kiosque encyclopedico, vende as graciosas estylisações em barro fino das fórmas protohistoricas da loiça de Prado.

Á orla d'este remanso para sudoeste do mais luxuoso hotel da estancia corre uma grade d'onde se contempla o panorama sobre que sôa aos quatro ventos o pregão incontroverso do deslumbramento. Raro a voz publica tem sido tão exacta e mais raro ainda será d'alcançar em zona ribeirinha rasgo de paizagem tão vasto e formoso. O olhar d'entorpecido pelas estreitezas geometricas dos meios citadinos solta-se com precipitação irreprimivel, resvalando e cabriolando momentaneamente até ás ultimas linhas do horizonte. Sorve com sofreguidão essa feeria panoramica entornando na alma uma vaga emoção d'arrebatamento e extase, que nos transporta ás phantasticas regiões do irreal. Sobre o enlevo uma ternura subtil pacificando o tumulto intimo do sêr d'onde se eleva para o infinito, como tenue vaporisação thuribulada pela quietude ineffavel d'um valle, a ronda suavissima das aspirações que o coração sente e os labios não dizem! Fascinados, alheios a tudo, seguimos tempo sem conto n'essa allucinante galopada do sonho até que, ai de nós! sossobrando pela fadiga no abysmo sombrio da nossa miseria, regressamos, n'um acordar arrastado e amargo, á crua realidade das coisas.

Os olhos então lançam-se de novo, mas com placidez, borboleteando gulosamente sobre os pormenores a esquadrinhar e a reter. Da amurada vertiginosa d'onde nos debruçamos descem as massas ondulosas das frondes para o sopé da montanha e logo ahi começa a toalha sem fim dos fartos milheiraes que cobrem quasi todo o leito da immensa bacia e as lombadas circumdantes. Sobre esse fundo verde, claro e forte, das searas abundantes risca-se, verdejando tambem, uma linha tufada inextricavel e labyrinthica seguindo o capricho do acaso. São os renques d'arvores enleiadas nas vides que ourelam e cir-

quotidien, et s'épanche en une furie de mouvements brutale et affolée, se choquant, ou tourbillonnant dans les danses, au son de la *esturdia* primitive et des chants improvisés.

La moyenne classe, plus tranquille, pour jouir de cette courte vie, s'échappe dans les recoins ombragés du bois pour dévorer les goûters apportés de la maison dans des paniers et des sacs...

Le temple dont la façade est réhaussée par la rangée de tours, participe des trois ordres de Vitruve, parce que lors de son édification le règne des styles historiques était passé. Les lignes sont correctes et sobres. Entre les colonnes doriques qui soutiennent l'entablement, les figures de l'antipathique Jérémie et d'Isaïe, le grand et digne prophète; sur la balustrade, comme prédicateurs renommés, les quatre évangélistes. L'intérieur en croix latine avec le dôme à l'intersection du transept et la nef en voûte à berceau, est élégant et bien éclairé. Au fond du sanctuaire la scène capitale du Calvaire. Sur ses murs, et dans les autels latéraux de délicieuses toiles que nous présumons être dûes au pinceau de Pedro Alexandrino.

À droite de la nef se trouve la sacristie pleine de portraits de bienfaiteurs, de presque tous les degrés de la hiérarchie sociale depuis des pontifes et des rois jusqu'aux épiciers. Quelles caricatures flagrantes et mordantes nous offre l'art grotesque des peintres sans vocation! Il faut cependant détacher, entre autres, le buste du Marquis de Marialva fait par Sequeira, celui du duc de Lafões — chef d'œuvre d'auteur inédit — et celui d'un évêque peint par Rocquemont.

Les murs du vestibule couverts de petits tableaux commémoratifs, avec une orthographe torturée et l'expression d'une iconographie du temps des premiers pharaons, rappèlent les prétendues faveurs accordées par le Bom Jesus, pour la guérison de fièvres, maladies de peau, tempêtes en mer, etc. Éternelle illusion! Les romains avaient déjà les *tabulae votivae,* de même qu'à une époque des plus reculées, les egyptiens avaient tracé en hiéroglyphes leur gratitude aux divinités! Un autre vestibule se trouve du côté opposé, avec les bienfaiteurs de basse classe et la chapelle du Crucifié. C'est à cette affligeante sculpture que le peuple adresse ses prières, avec de faibles aumônes, en finissant par lui lécher les pieds avec ses sales baves plébéiennes. Des murs en faïence pendent des linceuls, des images de cire comme celles des romains et des cierges ornementés, comme dans l'antiquité grecque, et d'autant plus lourds que le bienfait divin a été important.

À remarquer encore ici deux tableaux de Sequeira: l'un représentant le travail de la construction du temple et dédié aux charretiers qui l'ont aidée gratuitement; l'autre un ex-voto de Pedro José da Silva remerciant le Bom Jesus du retour d'un navire chargé de marchandises d'Orient. Celui-ci très remarquable est signé et porte la date de 1809. Sortant par la porte proche et allant du côté nord, après avoir passé un hotel qui se trouve près, on aperçoit aussitôt la grotte qui fait actuellement les délices de l'indigène et du voyageur en villégiature. On se retire ensuite sous les chênes séculaires qui ombragent le tertre, où le bruit cassant de l'eau tombant dans une vasque, répand une douce sensation de fraicheur et de paresse. Pendant la chaleur le bourgeois roule ses loisirs sur les bancs placés sous les arbres immenses et s'amuse à cligner de l'œil vers un gentil minois qui dans un kiosque encyclopédique vend de jolies vaisselles du Prado, en terre fine, et aux formes préhistoriques.

Au bord de cette promenade, au sud ouest du plus bel hotel de l'endroit court une balustrade en fer d'où on contemple le panorama le plus éblouissant qu'on peut rêver; peu de fois l'opinion publique est aussi exacte et il est rare aussi de trouver sur la zone riveraine un trait de paysage si vaste et si beau. Le regard engourdi par l'étroitesse géométrique des villes s'élance avec une précipitation irrésistible, dévalant et cabriolant instantanément jusqu'aux dernières lignes de l'horizon. Il absorbe avec avidité cette féerie panoramique qui répand dans l'âme une vague émotion d'ivresse et d'extase et nous transporte aux régions fantastiques de l'irréel.

Outre le charme, une vague tendresse adoucit le tumulte de notre être et nous sentons s'élever vers l'infini, comme une vapeur encensée d'une vallée paisible, les plus douces aspirations que notre, cœur ressent mais que nos lèvres ne peuvent exprimer!

Eblouis, absorbés, nous suivons un temps infini cette énivrante course de rêve, mais, hélas! la fatigue nous fait retomber dans le sombre abîme de notre misère et nous ramène en un réveil lent et amer, à la cruelle réalité des choses.

Les yeux alors s'égarent de nouveau, mais paisiblement, papillonnant avidement sur les détails à

cumscrevem a propriedade rural do minhoto: campos e quintas, leiras e eidos, onde se aninha a vivenda agricola e annexos, por vezes, cerzidos á horta ou pomar. A vegetação em que o verde percorre toda a escala das nuances rompe luxuriosa e fecunda afogando tudo cariciosamente. A cidade archiepiscopal com os tentaculos inertes, distendidos, amadornada ao longe entre as ondas de verdura sob as mordencias da luz clara e fina; e, ali e acolá, mosqueando, polychromando e hilariando a paizagem, com bizarras brusquerias de côr, estradas alvacentas, amarellidões d'argilla, retalhos de corrente, e os casaes e aldeias, ermidas e conventos que invadem as escarpas e quebradas dos montes, ora acompanhados de culturas ousadas convertendo a rocha na messe, ora isolados junto de pinheiraes taciturnos, ou nos dorsos a fulgir com doçura faiscante animando a fusca aspereza das ossaturas graniticas.

Para além d'este primeiro circuito mostra-se o amphitheatro das montanhas, com deformações de tonalidade no successivo afastamento dos planos, espreitando curiosas de collina a valle pelas immediatas depressões de portellas e baixas.

Oh! indescriptivel symphonia da côr, como nas tuas sonoridades triumphaes cheias de rythmos e harmonias virgilianas dizes a epopeia do trabalho do rude e laborioso habitante do Minho — a provincia incomparavel e bemdita da terra portugueza!...

Para attingir as culminancias do parque segue-se, por exemplo, a ultima escadaria conducente ao *Largo das tres capellas* em que se rememoram os acontecimentos de vulto dos evangeliarios apoz a Resurreição. Conserva este recinto o seu arranjo do seculo XVIII com remembers de socego conventual.

Contornada a capelloria central d'architectura *rocaille* descortina-se um inopinado golpe de vista logo aguçando a sensação visual pela surpreza deliciosa que offerece. No fundo de montados cobertos de felpugem de matto rasteiro, penedia bronca ou bronze de pinhal, a gracilidade ridente do vallesito do Éste acariciando o logarejo de S. Pedro, dominado pela igrejóta e humilde campanario vigilando a perpetuidade de tão simplória paz aldeã. A norte as ribas do Cávado em vertentes de serranias que marchando para Oriente vão entroncar no Gerez, cujos pincaros escalvados se recortam n'um esfumaçado longinquo que lhes dilue os contornos...

Qualquer das azinhagas proximas leva ao plano sobranceiro com espessuras de ramagens d'onde a onde esmaltadas por rasgões do azul translucido. Topa-se a breve trecho a superficie do lago espelhando tranquillamente as coisas envolventes. No ancoradouro escancaram-se os barcos somnolentos, á tona d'agua, que a troco de cincoenta reis percorrem o aquariosito arripiando-o de leve.

Mais um pouco, e attinge-se o planalto da matta listrado d'alamedas e ruas cheias de silencio e repouso atravez do denso arvoredo pulando por todos os cantos, n'uma promiscuidade insuperavel sem odios de raça e sem preoccupações de clima. Tudo confraternisa desde o folguedo dos rebentos novos á gravidade ancianica e patriarchal dos sobreiros escorchados, gibosos, com nodosidades e ankiloses nos seus longos braços levantados para o céo. Aqui, ninhos para séstas languidas no enervamento da tepidez ambiente; ali, mesas solicitas para o prosaismo lusitano d'uma comezaina succulenta; acolá mudos recessos para o refugio das almas contemplativas...

A luz morre e a paisagem melancholica presente a sua viuvez. A tristeza do entardecer cresce lentamente. Atravez da esgaçada tessitura da folhagem vê-se o radioso polvilhamento d'ouro cahindo sobre a terra e explodido pela rubra labareda do sol moribundo.

Para além, onde se passa a inegualavel agonia da chammà, palpita uma nesga de mar com brilho fulgido, inquieto e seductor sobre que nos quedamos absortos até que afrouxa, empallidece e se apaga.

Flagrante imagem da chimera, que sorri n'uma existencia, e, perseguida sempre mas nunca attingida, leva enganosamente da alleluia do sonho para o negrume da morte!

Doce ventura todavia sonhar e morrer!...

Manuel Monteiro.

observer et à retenir. De la hauteur vertigineuse d'où nous nous penchons, descendent les masses onduleuses des arbres jusqu'au pied de la montagne et aussitôt commence la nappe sans fin des fertiles champs de maïs, qui couvrent presque tout le fond de l'immense bassin et les élévations d'alentour. Sur le fond vert, clair et fort des abondantes moissons, se trace une ligne touffue, inextricable comme un labyrinthe suivant le caprice du hasard, et toujours verdoyante. Ce sont les rangées d'arbres enlacées de vignes qui bordent et entourent les propriétés rurales des habitants du Minho: champs et fermes, lopins et pièces de terre où se niche l'habitation agricole et ses dépendances, réunies parfois au verger et au potager. Végétation où le vert parcourt toute la gamme des nuances et qui s'épanche opulente et féconde noyant tout comme une caresse. La ville archiépiscopale avec ses tentacules inertes détendus, semble endormie au loin entre les ondes de verdure sous les morsures de la lumière vive et claire; çà et là, mouchetant, colorant, égayant le paysage avec de bizarres brusqueries de couleurs, on voit des routes blanchissantes, des argiles jaunâtres, des aperçus d'eau courante, les fermes, les villages, les chapelles, les couvents qui envahissent les collines et les ravins, tantôt cultivés audacieusement faisant une moisson d'un rocher, tantôt isolés près des taciturnes sapinières, ou perchés sur les sommets adoucissant avec leur brillante blancheur la sombre âpreté des masses de granit.

Au delà de ce premier circuit se montre l'amphithéatre des montagnes, avec des déformations de couleurs selon l'éloignement successif des plans, guettant curieusement les collines et les vallées par les dépressions des gorges et des creux.

Inexprimable symphonie de la couleur, comme tes triomphantes sonorités pleines de rythmes et d'harmonies virgiliennes nous disent bien l'épopée de travail du rude et laborieux habitant du Minho — la province incomparable et bénie du Portugal!

Pour atteindre le point culminant du parc on suît, par exemple, le dernier escalier qui conduit à la *Place des trois chapelles* qui rappèle les principaux faits des évangélistes après la Resurrection. Cette enceinte conserve la disposition du XVIIIme siècle avec des touches de paix conventuelle. Faisant le tour de la petite chapelle centrale, genre rocaille, on aperçoit un coup d'œil inattendu qui nous flatte délicieusement le regard. Au fond des bois couverts de plate végétation, d'âpres rochers ou de sapinières bronzées, court gracieuse et riante la petite vallée de l'Éste caressant le petit village de S. Pedro, dominé par sa petite église et l'humble clocher qui surveille cette éternelle et simple paix villageoise. Au nord les rives du Cávado en versants de collines qui se dirigeant vers le couchant vont se réunir au mont du Gerez dont les sommets arides se découpent en une brume lointaine qui en délaie les contours.

Tous les petits sentiers proches conduisent au plan supérieur sous d'épais feuillages, émaillés de temps en temps par des déchirures d'un azur translucide. On voit alors la surface du lac qui reflète tranquillement les choses voisines. À l'ancre, des bateaux somnolent à fleur d'eau attendant les promeneurs, qui pour quelques sous parcourent la pièce d'eau en la frisant légèrement.

Encore quelques pas, et on arrive au point le plus élevé de la forêt, coupé d'avenues et de rues pleines de silence et de tranquillité, à travers toute cette végétation touffue qui s'épanche de tous les coins, dans une promiscuité invincible sans préoccupation du climat ni antagonisme d'espèces. Tout fraternise, depuis les réjouissances des bourgeons nouveaux jusqu'à la gravité patriarchale et vieillie des chênes aux troncs à demi dépouillés, gibbeux et noueux, aux longs bras ankilosés élevés vers le ciel. Ici des recoins pour les langoureuses siestes dans l'énervement de la tiédeur ambiante; là des tables qui vous invitent au prosaïsme portugais des succulents repas; plus loin des silencieuses retraites pour le réfuge des âmes contemplatives...

La lumière décroit et le paysage mélancolique pressent son veuvage. La tristesse du soir augmente lentement et à travers le mince tissu du feuillage on voit la radieuse poussière d'or qui tombe sur la terre, répandue par la flamme rouge du soleil mourant.

Au loin, là où se passe l'incomparable agonie du feu, on voit palpiter un ruban de mer d'un éclat flamboyant, inquiet et attirant, qui nous retient absorbés, jusqu'à ce que nous le voyons, faiblir, pâlir et s'éteindre.

Image véritable de la chimère, qui sourit dans la vie, qu'on poursuit toujours sans jamais l'atteindre et qui nous conduit de l'aube du rêve aux ombres de la mort!

Rêver et mourir n'est-ce pas encore un doux bonheur?!

Manuel Monteiro.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Escadorio — Bom Jesus

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Templo do Bom Jesus

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Gruta Bom Jesus

BRAGA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Avenida dos sobreiros—Bom Jesus

BRAGA

Amarante



STA illustre villa foi uma das que pertenceram á antiga comarca de Guimarães, comarca envolvida com mais cinco irmãs na provincia de Entre Minho e Douro. Antes das modernas divisões judiciaes e administrativas, isto é até 1834, o termo d'esta villa era o mais pequeno do paiz. Sendo a povoação composta, por assim dizer, de duas ruas grandes, dava-se n'ella a curiosa circumstancia de existirem n'uma das arterias, que é a que conduz de um lado para o Porto e mais terras do Minho, do outro para Traz-os-Montes e Beira — tres jurisdicções civis, tres ecclesiasticas, tres foraes e tres pelourinhos! [1]

A sua posição estrategica, dominava já no fim do seculo XVIII a passagem para tres provincias, o caminho para o Porto por Penafiel, a via de Traz-os-Montes por Villa Real, o valle do Tamega até Chaves, emfim as communicações com Guimarães, Braga e o Alto Minho. Não deve admirar, pois, que a villa fosse defendida tenazmente durante a invasão franceza, tomada e retomada, saqueada e incendiada pelo inimigo que soffreu alli enormes perdas. Em 1808 descia o marechal Soult da Galliza sobre o Porto com 30:000 homens; um dos seus melhores generaes, Loison, vindo de Penafiel, veio encontrar em Amarante uma heroica resistencia na defeza da passagem do Tamega. O general Francisco da Silveira, depois Condé de Amarante, mercê que lhe fez o Principe Regente, embargou-lhe o passo na celebre ponte da villa; montes, ruas, praças foram regadas com o sangue mais precioso durante uma lucta feroz que durou uns quinze dias, e só acabou com o incendio geral das melhores casas da povoação. Das ruas passou a batalha para as moradas, que tiveram de ser tomadas uma a uma. Alguns batalhões de milicianos e ordenanças, cerca de 4:000 homens recrutados á pressa, tropas bisonhas, quasi sem artilheria, no meio de fóssos e reductos improvisados, resistiram desde 18 de abril a 2 de maio á divisão de Loison, calculada em 15:000 soldados, apoiados em numerosos canhões e n'uma bem dirigida engenheria. A retirada ulterior de Silveira, no meio de grandes difficuldades ainda augmentou mais o seu prestigio militar. Não se conhece ao certo a cifra das perdas dos francezes; mas uma testemunha dos successos conta que durante a lucta entravam diariamente no Porto 40-50 carros com feridos, subindo depois o funebre cortejo de 70 a 80; e houve dia de 110 carros. Das tres para as quatro horas da tarde convidavam-se os bons portuenses uns aos outros, dizendo: «Vamos até ao Poço das Patas vêr o presente que hoje manda ao Soult o General Silveira» [2].

O mesmo auctor fidedigno resume assim os titulos de gloria da moderna Amarante: «fez retrogradar em junho de 1808 a rapida marcha do impio Loison, e salvando em abril de 1809 as duas provincias de Traz-os-Montes e Beira, as livrou de todos aquelles estragos, males e mortes que a guerra a mais devastadora ao depois fez soffrer a uma grande parte dos habitantes da Beira em 1810».

Os successos ulteriores, a conservação da Regencia, o desembarque dos inglezes, os combates do Vimeiro e da Roliça são relacionados com a mesma heroica defeza da villa; foi o baluarte de todo o reino, attrahindo a si pela mais viva e vigorosa resistencia o grosso exercito francez e impediu com seus fortes e aturados ataques que se não podessem reunir Soult e Victor. A noticia da retomada de Chaves e da valorosa resistencia que se fez na ponte de Amarante reanimou de alguma sorte as esperanças do ministerio britannico (*Historia antiga,* pag. 54-55).

Ainda ha poucos annos (a nossa ultima visita foi em 1896) observamos os claros e eloquentes vestigios da tremenda lucta: os melhores solares ainda em ruinas, formosas [3] construcções da segunda metade do seculo XVI, de uma architectura distincta em que era parte obrigada do lado do Tamega

---

[1] Correspondiam os pelourinhos naturalmente aos concelhos de Amarante, Gestaçô e Gouvêa de Riba Tamega, que confinavam com o primeiro, separados apenas pelo rio, e por uma linha convencional, ao meio da celebre ponte, onde um cruzeiro indicava os limites.

[2] *Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante,* etc., por P. F. de A. C. de M. Londres, 1814, pag. 221. Esta obra muito apreciavel, e hoje muito rara, parece dever attribuir-se a Francisco de Alpoim Carvalho de Menezes. Não dispensa, porém, o exame das que adiante citamos.

[3] As frequentes datas do seculo XVI que encontramos n'esses solares: 1540, 1561, 1595 indicam que a grande cons-

Amarante



ETTE ville si renommée appartenait à l'ancien chef-lieu de Guimarães, qui avec cinq autres était compris dans la province de Entre Minho e Douro. Avant 1834, époque où l'on institua les modernes divisions juridiques et administratives, les limites de la ville étaient les plus petites du pays; la ville se composait, pour ainsi dire, de deux grandes rues, et présentait la curieuse circonstance de contenir dans une de ces artères, — celle qui conduit d'un côté vers Porto et d'autres endroits du Minho, et de l'autre vers Traz-os-Montes et Beira — trois juridictions civiles, trois ecclésiastiques, trois chartes et trois piloris! [1]

Vers la fin du XVIIIme siècle, sa position stratégique dominait déjà le passage dans trois provinces, le chemin de Porto par Penafiel, celui de Traz-os-Montes, par Villa Real, la vallée du Tamega jusqu'à Chaves, enfin les communications avec Guimarães, Braga et le Haut Minho. Il n'est donc pas étonnant que la ville défendue avec ténacité pendant l'invasion française, fut prise et reprise, pillée, et brulée par l'ennemi qui y souffrit d'énormes pertes. En 1808 le maréchal Soult descendait de Gallice sur Porto avec 30:000 hommes; un de ses meilleurs généraux Loison, venant de Penafiel, trouva à Amarante une résistance héroïque, défendant le passage du Tamega. Le général Francisco da Silveira, plus tard Comte de Amarante, par grâce du Prince Régent, lui barra le passage du fameux pont de la ville; places, rues, collines, tout fut arrosé du sang le plus précieux pendant une lutte à outrance qui dura à peu près quinze jours, et qui se termina par l'incendie des meilleures maisons de la ville. La bataille commencée dans les rues, passa aux habitations qui furent prises une à une. Depuis de 18 Avril jusqu'au 2 Mai, une poignée de miliciens et d'ordonnances, 4:000 hommes à peu près, embauchés à la hâte, des troupes de recrues, presque sans artillerie, au milieu de fossés et de redoutes improvisées, put résister à la division de Loison, calculée à 15:000 soldats avec de nombreux canons et des troupes de génie bien dirigées. La retraite de Silveira qui eut lieu plus tard, au milieu de grandes difficultés, augmenta encore son prestige militaire. On ne sait pas au juste le nombre de pertes des français; mais un temoin de ces évènements raconte que pendant la lutte on voyait tous les jours entrer à Porto 40 à 50 chars de blessés, plus tard le funèbre cortège monta de 70 à 80 et il y eut des journées de 110 charrettées. Vers trois ou quatre heures du soir les bons habitants de Porto s'invitaient les uns les autres en disant: «Allons au Poço das Patas voir le cadeau que Soult envoie aujourd'hui au général Silveira» [2].

Le même auteur digne de foi abrège ainsi les titres de gloire de la moderne Amarante: «en Juin 1808 elle fit rétrograder la marche rapide de l'impie Loison, et en Avril 1809 elle sauva les deux provinces de Traz-os-Montes et Beira, les délivra de tous les dégâts, des maux et des morts que la guerre la plus dévastatrice fit plus tard souffrir à une grande partie des habitants de Beira en 1810.»

Les évènements qui suivirent, la conservation de la Régence, le débarquement des anglais, les combats de Vimeiro et Roliça se rapportent à la même défense héroïque de la ville, qui fut la place forte de tout le royaume, attirant de son côté par une vive et forte résistance le gros de l'armée française et empêchant, avec ses attaques rudes et répétées, toute réunion possible entre Soult et Victor. La nouvelle de la reprise de Chaves et de la courageuse résistance du pont de Amarante encouragea en quelque sorte les espérances du ministère anglais. (*Histoire ancienne,* pag. 54-55).

Il y a encore peu d'années, lors de notre dernière visite en 1896, nous avons pu observer des vestiges éloquents et clairs de cette terrible lutte: les plus beaux manoirs encore en ruines sont des [3] cons-

---

[1] Les piloris correspondaient probablement aux communes de Amarante, Gestaçô et Gouveia de Riba Tamega, qui étaient proches du premier, séparés seulement par le fleuve, et par une ligne conventionnelle au milieu du fameux pont, où les limites étaient indiquées par une croix.

[2] *Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante, etc.,* par P. T. de A. C. de M. Londres 1814, pag. 221. Cet ouvrage très apprécié et très rare aujourd'hui, semble devoir être attribué à Francisco de Alpoim Carvalho e Menezes. Cependant il ne nous dispense pas de l'examen que nous citons plus loin.

[3] Les dates souvent répétées du XVIme siècle, que nous trouvons dans ces manoirs: 1540, 1561, 1595 indiquent que

uma elegante galeria, erguida sobre esbeltas columnas de uma sobria ornamentação; no andar inferior grandes arcos solidos ajudavam a firmar na encosta as massas de granito bem trabalhado, escolhido entre as melhores qualidades da região. A vista sobre o rio devia ser deliciosa nas tardes do estio, quer para quem se deleitava olhando das galerias sobre a ridente paizagem, quer para quem, deslizando das aguas n'um batel, erguia seus olhos das aguas do Tamega para as columnatas povoadas de formosas senhoras. Tudo isso passou.

A hera, a madre-silva, as flôres do campo, a vinha sempre productiva e grata povôam hoje as arcarias que impressionam ainda pelo numero e pela variedade, pelo seu ar de grandeza, pelo perfil elegante do seu desenho, emfim pelo eloquente testemunho das suas feridas: aqui deu-se tudo — vida, fortuna e familia — pela Patria, porque a furia franceza não poupou nem a mulher, nem o velho, nem a criança.

. . . .

Quem passa em Amarante lembra-se agora, geralmente, mais de S. Gonçalo, do que dos crueis soldados de Napoleão.

O dia 10 de janeiro dá logar ainda hoje a uma grande festa e romaria, onde o «casamenteiro das velhas» — e constructor da Ponte de Amarante, segundo a lenda — é lembrado por muitos corações reconhecidos. Antigamente, no Porto, os conegos da Sé iam-lhe dançar diante do altar. Dil-o Garrett n'um dos seus livros:

«Dançar, dançavam os conegos do Porto ainda em tempo de minha avó que o viu e m'o contou quando eu era pequeno: dançavam, sim, diante do altar de S. Gonçalo, no seu dia».

São pouco certas as datas relativas á sua vida. Folheando o *Agiologio lusitano* de Jorge Cardoso, (Lisboa, 1652, vol. I, pag. 96 e 103) achará o leitor pormenores biographicos interessantes. Creado pelo Arcebispo de Braga, que o proveu na Abbadia de S. Paio de Vizella, veio fixar-se cerca de 1250 em Amarante n'uma ermida de Nossa Senhora, onde falleceu a 10 de janeiro de 1262. A ermida foi transformada em capella e jazigo do Santo dentro do grande templo dominicano, que hoje subsiste. Quando se recolheu ao ermiterio já era frade de S. Domingos, em cuja religião entrou em Guimarães, tomando o habito da mão do Prior S. Pedro Gonçalves Telmo. Com o culto dedicado ao Santo e as romagens fundaram-se naturalmente os albergues para os peregrinos, as estalagens para os viajantes; e com esse nucleo nasceu e augmentou a povoação, cuja origem alguns escriptores nacionaes querem attribuir a certo Amaranto, capitão romano, de fabulosa genealogia [1].

Estava a ermida que S. Gonçalo fundou em Amarante, no terreno da freguezia de S. Verissimo, a qual era a antiga egreja parochial. A instancias da Rainha D. Catharina, sempre muito devota de S. Domingos, deu D. João III o terreno e a egreja aos dominicanos, que do monarcha e de seu neto D. Sebastião obtiveram quantiosas sommas de cruzados para a construcção da sumptuosa egreja e convento. A seguinte inscripção inedita, sobre o arco triumphal, que copiamos em 1896, regista a gratidão dos frades e factos curiosos para a historia patria [2]:

Este convento fundou elrei Dom João, 3. deste nome, á honra do glorioso S. Gonçalo da ordem de S. Domingos na era de 1540; e depois el rei Dom Sebastião seu neto alcansou licença do papa Pio quarto, no anno de 1561, pera nestes reinos se poder resar do dito sancto; en o anno de 1595 el rei Dom Phelipe nosso senhor, o 2. deste nome e primeiro de Purtugal (sic), *mandou declarar por huma provisam sua que está registada no livro da camara desta vila como elle he padroeiro deste*

---

trucção do convento e a fabrica do templo principalmente, durante os reinados de D. João III até D. Sebastião, estimularam as familias fidalgas da terra, que então reformaram os seus solares em harmonia com o estylo da nova egreja. Ha por toda a parte grande abundancia de brazões muito bem lavrados.

[1] Este Amaranto e a sua sepultura (com a inscripção competente), achada em Braga, reapparece em todos os auctores que fallam da villa, a começar no Padre Carvalho da Costa (*Corographia portugueza*. Lisboa, 1706, vol. I, pag. 143) até Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*. Lisboa, 1873, vol. I, pag. 188). É util para o estudo da localidade consultar ainda o *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso (Lisboa, 1747, vol. I, pag. 421); e o *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, vol. I e II.

[2] Dissolvemos apenas as numerosas e complicadas abreviaturas e regulamos a pontuação; por esta inscripção se devem corrigir as datas que estão erradas em muitas obras que tratam de Amarante.

tructions magnifiques de la deuxième moitié du XVIme siècle, d'une architecture élégante, ornées du côté du fleuve Tamega d'une jolie galerie, élevée sur de belles colonnes d'un dessin sobre; à l'étage inférieur de solides arcades contribuaient à appuyer sur le coteau les masses de granit bien travaillé qu'on choisissait dans les plus belles qualités de la région. Par les belles soirées d'été la vue sur le fleuve devait être délicieuse, lorsqu'on se penchait sur les galeries admirant le riant paysage, ou glissant sur les eaux dans un bateau, élevant les yeux du rivage vers les colonnades peuplées de belles dames. Tout cela est passé.

Le lierre, le chèvre-feuille, les fleurs des champs, la vigne toujours bonne et productive garnissent aujourd'hui les arcades, qui vous impressionnent encore par la quantité et la variété, par leur air de grandeur, par le galbe élégant de leur dessin, enfin par l'éloquent témoignage de leurs blessures: ici on a tout donné pour la Patrie, vie, fortune et famille, parce que la furie française n'épargna ni femmes, ni vieillards, ni enfants.

. . . .

De nos jours ceux qui passent à Amarante se souviennent généralement plus de St Gonçalo que des cruels soldats de Napoléon.

Le 10 Janvier on célèbre encore une grande fête et un pélerinage, où le «*marieur des vieilles*» — et le constructeur du Pont d'Amarante, d'après la légende — est vénéré par bien des cœurs reconnaissants. Autrefois à Porto les chanoines de la Cathédrale allaient danser devant son autel. Garrett le dit dans un de ses livres: «Quant à la danse, les chanoines de Porto dansaient encore du temps de ma grand' mère qui l'a vu et me l'a raconté quand j'étais enfant; le jour de St Gonçalo ils dansaient devant son autel».

Les dates relatives à sa vie sont peu justes. En feuilletant le *Agiologio lusitano* de Jorge Cardoso (Lisbonne, 1652, vol. I, pag. 96 et 103) le lecteur trouvera des détails biographiques intéressants. Recevant les ordres de l'Archevêque de Braga, il fut nommé pour l'Abbaye de S. Paio de Vizella et vers 1250 il vint se fixer à Amarante dans un petit ermitage de Notre Dame, où il mourût le 10 Janvier 1262. L'ermitage fut transformé en chapelle et caveau du saint dans le grand temple dominicain qui existe actuellement. Lorsqu'il se retira dans l'ermitage il était déjà moine de St Dominique, dans la religion duquel il était entré à Guimarães, prenant l'habit des mains du Prieur St Pedro Gonçalves Telmo. Avec le culte du saint et les pélerinages, on installa des asiles pour les pélerins, des hôtelleries pour les voyageurs et ainsi naquit et s'augmenta la ville, dont quelques écrivains nationaux veulent faire remonter l'origine à un certain Amaranto, capitaine romain, de généalogie douteuse [1].

L'ermitage fondé par St Gonçalo à Amarante était situé sur le terrain de la paroisse de St Verissimo, ancienne eglise paroissiale. Sur les instances de la Reine D. Catharina, toujours très dévote de St Dominique, D. Jean III donna le terrain et l'église aux dominicains, qui obtinrent du roi et de son petit-fils D. Sébastien, d'importantes sommes pour la construction de la somptueuse église et du couvent. Sur l'arc de triomphe, l'inscription suivante inédite que nous avons copiée en 1896, montre bien la gratitude des moines et des faits assez curieux pour l'histoire de la patrie [2]:

Ce couvent a été fondé par le roi Dom João, 3me de ce nom, en honneur du glorieux St Gonçalo de l'ordre de St Dominique l'année 1540; et après le roi Dom Sebastião son petit fils, obtint une permission du pape Pie IV, l'année 1561, pour qu'on puisse, dans ce royaume prier le même saint; l'année 1595 le Roi Dom Philippe notre seigneur, 2me de ce nom et premier de Portugal (sic) *fit déclarer par un décret qui est enregistré dans le livre de la préfecture de cette ville que ce*

---

la grande construction du couvent et surtout celle du temple, pendant les règnes de D. Jean III jusqu'à D. Sebastien stimulèrent les familles nobles du paya qui alors restaurèrent leurs chateaux dans le style de la nouvelle église. On voit partout beaucoup d'armoiries très bien sculptées.

[1] Cet Amaranto, et sa tombe avec son inscription, trouvée à Braga, reparait dans tous les auteurs qui parlent de la ville en commençant par le Père Carvalho da Costa (*Corographia portugueza*, Lisbonne 1706, vol. I, pag. 143) jusqu'à Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*. Lisbonne 1873, vol. I, pag. 188). Il est utile pour l'étude de la localité, de consulter encore le *Diccionario Geographico* du Père Luiz Cardoso (Lisbonne 1747, vol. I, pag. 421) et le *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, vol. I et II.

[2] Nous avons seulement déchiffré les abréviations nombreuses et compliquées et réglé la ponctuation; cette inscription servira à corriger les dates qui sont mal écrites dans beaucoup d'ouvrages qui s'occupent de Amarante.

convento e como tal defende que na capella mor do dito convento se não possa enterrar ninguem, como mais largamente consta da dita provisão que esta no arquivo deste convento.

Não é nem póde ser nosso proposito descrever aqui miudamente a egreja e mosteiro, a que anda ligada a interessante vida de S. Gonçalo com as suas poeticas lendas e milagres. O culto e a veneração do povo não se limitam a Amarante e arredores. É quasi o rival de Santo Antonio. Quem houver passado por Guimarães e Vizella deve ter ouvido o pregão da fama do popular santo.

De Vizella a Tagilde vae-se em hora e meia n'um lindo passeio, cheio de sombra, frescura e murmurio de frescas aguas, atravez de deliciosa paizagem. É na freguezia de Tagilde que se encontra o logar de Arriconha ou da Riconha, onde o santo nasceu. Uma modesta capella, mandada edificar em 1657, perpetúa ahi o seu nome. Separada da capellinha por um caminho vicinal está a *Casa do Paço,* onde, segundo a tradição, nasceu S. Gonçalo nos principios do seculo XIII, a qual do seu antigo esplendor apenas conserva o nome. Os historiadores dizem o santo oriundo de familia nobre. Verdade ou não, o que é impossivel negar são as tradições e os documentos muito antigos d'esta casa, que remontam ao primeiro terço do seculo XIV, embora da primitiva construcção do *Paço da Riconha* muito pouco se conservasse [1].

«N'esta freguezia (Tagilde) perdura indelevel a sua memoria, conservando-se cuidadosamente tudo o que as tradições trazem ligado á sua existencia. A casa e logar onde nasceu, a cruz parochial que serviu no seu baptismo, a fonte onde mitigava a sêde, o penedo onde orava, são objectos a que se liga toda a consideração, como pregoeiros da honra que adquiriu esta freguezia com o nascimento do santo.» (*Tagilde,* Memoria historico-descriptiva, pag. 29).

Seu tumulo modestissimo, no meio de uma capella refulgente de custosa talha dourada, sem letra nem inscripção, apresenta na tampa uma figura de frade bastante tosca. O logar do jazigo, por debaixo do altar-mór, lado do Evangelho, é o da antiga ermida do santo. Em compensação a egreja revela ainda em muita parte a antiga riqueza do convento, cujas rendas no tempo da invasão franceza orçavam ainda por dez contos, que divididos por trinta frades conventuaes davam para uma vida folgada. Tinha então a villa 314 fogos e 62 meios fogos com 1:376 almas; a continuação das ruas da villa que entravam pelo concelho de Gouvêa abrangiam outro tanto. (*Hist. de Amarante,* pag. 35).

Os francezes chegaram a lançar fogo ao convento na fugida; mas, precisando de seus fortes muros para a defeza, não tiveram tempo de o incendiar, sendo logo depois inteiramente reparado. Merece cuidadosa attenção a bella talha dourada da egreja, principalmente a magnificente caixa do orgão, obra do seculo XVIII, sustentada por tritões gigantescos, esculpidos com singular mestria; poucas obras temos no reino comparaveis a esta, e a ella já nos referimos, a proposito da caixa do orgão de S. Bento do Porto e da correspondente da cathedral de Braga. (Vid. n'esta publicação o n.º 4).

Devia ser cuidadosamente copiada a pintura em arabesco, estylo Luiz XIV, que cobre as arcadas interiores com variados motivos polychromicos de correctissimo e elegante desenho. Na sacristia, muito bem guarnecida, de bons azulejos e excellente talha do meado do seculo XVII, chama a attenção uma pintura em taboa do meado do seculo XVI, o Senhor atado á columna, quasi tamanho natural; posto que retocada, ainda revela qualidades distinctas de um discipulo portuguez ou hespanhol da escóla romana, imitador de Miguel Angelo. A porta de entrada da dita sacristia é outra obra d'arte digna de ser reproduzida; compõe-se de seis grandes almofadas esculpidas em madeira, em alto relevo no bom estylo da Renascença italiana; ao meio lê-se em duas tarjas: ANNO — 1597. Dimensões $1^{m},97 + 0^{m},97$.

---

[1] O actual snr. Abbade de Tagilde (Reverendo Oliveira Guimarães), nosso bom amigo, tão modesto, como erudito e consciencioso historiador das antiguidades do concelho de Guimarães, brindou os estudiosos com uma preciosa memoria historico-descriptiva sobre *Tagilde,* que recommendamos á attenção dos nossos leitores, e especialmente d'aquelles que visitam Vizella, cujos arredores estão semeados de monumentos dignos de serio estudo, e comtudo ignorados de 99 p. c. dos visitantes. Da memoria que appareceu na *Revista de Guimarães* da benemerita Sociedade Martins Sarmento fez-se uma tiragem separada em 1894 (Porto, typographia de Silva Teixeira, 77 pag.). Ahi encontra o leitor abundantes, seguras e valiosas informações sobre S. Gonçalo, sobre o Paço da Riconha, sobre a preciosa cruz processional de prata que serviu no baptismo do santo (segundo a tradição), etc. D'esta cruz que é alli reproduzida em uma boa estampa, já nos occupamos em outro logar (*Commercio do Porto* de 1 de agosto de 1895), a proposito da Exposição de arte sacra ornamental do Centenario Antonino. Ella só, vale uma visita especial a Tagilde, onde o snr. Abbade a guarda com o carinho que merece.

saint est le patron de ce couvent et ainsi il défend que dans le sanctuaire du même couvent on n'enterre personne comme il est expliqué dans ce même décret qui est dans l'archive de ce couvent.

Nous n'avons pas l'intention de décrire minucieusement l'église et le monastère auxquels se rattache la vie si intéressante de St Gonçalo avec ses légendes et ses miracles si poétiques. Le culte et la vénération du peuple ne se bornent pas à Amarante et ses environs. Il est presque le rival de St Antoine et ceux qui auront passé à Guimarães et Vizella doivent avoir entendu les louanges de ce saint populaire.

On prend une heure et demie de Vizella à Tagilde, c'est une jolie promenade pleine d'ombre, de fraîcheur, du murmure des eaux, à travers un paysage délicieux; dans la paroisse de Tagilde se trouve le village de Arriconha ou de la Riconha, où est né le saint, et où son nom est perpétué dans une modeste chapelle, édifiée en 1657. Un chemin vicinal sépare la petite chapelle de la *Casa do Paço,* qui, selon la tradition, a été le berceau de St Gonçalo au commencement du XIIIme siècle, et qui ne conserve que le nom et de rares vestiges de son ancienne splendeur. Les historiens font descendre le saint d'une famille noble; que ce soit vrai ou non, il est impossible de nier les traditions et les documents très anciens de cette maison qui remonte au premier tiers du XIVme siècle, quoiqu'il ne reste presque rien de la construction primitive du *Paço da Riconha* [1].

«Dans cette paroisse de Tagilde sa mémoire continue inoubliable et on conserve soigneusement tout ce que la tradition a relié à son existence; la maison et l'endroit où il est né, la croix paroissiale qui a servi à son baptême, la fontaine où il étanchait sa soif, le rocher où il priait, sont des objets que l'on vénère comme prôneurs de l'honneur acquis par cette paroisse avec la naissance du saint.» (*Tagilde,* Mémoire historique-descriptif, pag. 29).

Au centre d'une chapelle flamboyante de précieuses boiseries dorées, son tombeau très modeste sans aucune inscription, présente sur le couvercle une statue de moine assez grossière. La place du caveau, au dessous du maître-autel, du côté de l'Evangile, est l'ancien emplacement de l'ermitage du saint. Mais l'église montre encore en plusieurs endroits l'ancienne richesse du couvent dont les revenus au temps de l'invasion française étaient encore évalués à dix contos, (50:000 francs) lesquels partagés par trente moines, leur permettaient une vie aisée. La ville avait alors 314 feux et 62 demi feux avec 1:376 âmes et la continuation des rues de la ville qui entraient dans la commune de Gouveia en possédait le même nombre. (*Hist. de Amarante,* pag. 35).

Les français en fuyant pûrent encore mettre le feu au couvent, mais, ayant besoin de ses fortes murailles pour leur défense, il n'eurent pas le temps de le brûler, et le réparèrent aussitôt entièrement. Il faut remarquer avec attention les belles boiseries dorées de l'église, surtout le magnifique buffet d'orgue, œuvre du XVIIIme siècle soutenu par de gigantesques tritons, sculptés d'une manière exquise; nous possédons dans le royaume peu d'œuvres comparables à celle-ci, dont nous avons déjà parlé, lorsque nous avons cité les buffets d'orgue de St Bento à Porto et de la cathédrale de Braga. (Vid. n.º 4 de cette publication).

On devrait copier soigneusement la peinture en arabesque, genre Louis XIV, qui couvre les arcades intérieures de motifs polychromes très variés, et d'un beau dessin. Dans la sacristie, très bien garnie de belles faïences et d'excellentes boiseries du milieu du XVIIme siècle, notre attention est attirée par une peinture sur bois du milieu du XVIme siècle, représentant le Christ attaché à la colonne, presque en grandeur naturelle; malgré les retouches, on reconnait distinctement les qualités de quelque élève portugais ou espagnol de l'école romaine, imitateur de Michel Ange. La porte d'entrée de cette sacristie

---

[1] L'abbé actuel de Tagilde (le Révérend Oliveira Guimarães), un de nos bons amis, si modeste, si savant et scrupuleux historien d'antiquités du district de Guimarães, a donné aux studieux un précieux mémoire historique-descriptif sur Tagilde, que nous recommandons à l'attention de nos lecteurs et surtout de ceux qui visitent Vizella dont les environs sont pleins de monuments dignes d'une étude sérieuse, et néanmoins ignorés de la plupart des visiteurs. Du mémoire paru dans la *Revista de Guimarães* de la Société Martins Sarmento on a fait un grand tirage séparé en 1894. (Porto, imprimerie de Silva Teixeira, 77 pag.). Le lecteur trouvera là des informations abondantes, sûres et précieuses sur St Gonçalo, sur le palais da Riconha, sur la précieuse croix processionnelle en argent qui a servi au baptême du saint (d'après la tradition), etc. Cette croix reproduite en une belle gravure a été déjà citée par nous (*Commercio do Porto,* 1er Août 1895) à propos de l'Exposition d'art sacré ornemental du Centenaire *Antonino.* Elle seule mérite une visite spéciale à Tagilde ou Mr. l'Abbé la garde avec tout les soins dont elle est digne.

São muito raros os exemplares datados d'esta época. Além d'isso serve-lhe de moldura um portal de cantaria bem lavrada, de airoso desenho, no mesmo estylo.

Quem considerar bem este lavor da porta, o magnifico tecto entalhado da sacristia da proxima egreja de S. Pedro (meado do seculo XVII), um dos melhores que temos visto no paiz, a profusão de excellente obra de talha, dispersa em toda a egreja conventual, que representa bem o seculo XVII e XVIII, confessará de boa vontade que o convento foi uma excellente escóla de optimos artifices. Junte-se mais o lavor da pedra, muito apurado, n'um granito bem escolhido, de grão fino (onde foi necessario fazer esculptura mais miuda de brazões e emblemas heraldicos, recorreu-se ao emprego discreto do calcareo). Ligando estes elementos, temos ainda hoje um conjuncto de bello effeito, que deve desafiar o animo de todo o portuguez, amante da sua patria, a uma visita demorada á formosa villa. Tradições poeticas do agiologio nacional, a gloria de acções invictas que electrisaram o paiz e confundiram o invasor, o prestigio da arte em tantas manifestações variadas, emfim o encanto de uma formosissima natureza, fecunda, generosa, inexgotavel em seus dons variados — porque todo o termo da villa não é senão um delicioso pomar, cortado de jardins floridos — realisam um quadro que nos seduz e convida a uma romaria. De resto, a viagem é facil, quer em carro, indo de Penafiel, por uma commoda e linda estrada, quer aproveitando a diligencia que segue da estação de Villa-Meã, na linha do Douro (16 kil. — 300 reis).

As hospedarias eram razoaveis em 1896 e devem ter melhorado, porque a villa prospéra visivelmente, graças á riqueza agricola do concelho.

Das estampas pouco falta elucidar depois do que já escrevemos: duas vistas geraes que se completam mutuamente: são os dois panoramas com a villa em amphiteatro, avançando sobre a historica ponte; um grupo de azenhas á beira do Tamega, que as tem em abundancia e muito pittorescas, funccionando tambem como moinhos, quando o rio leva pouca agua; e em quarto logar a vista da egreja com a entrada lateral. Esta ultima consta de tres corpos de ordem corinthia n'um estylo de Renascimento já muito carregado de carrancas, almofadas, volutas e pingentes; o terceiro corpo é de estylo *baroque* accentuado, com columnas salomonicas e frontão recortado em caprichosos ornatos. As estatuas representam, começando em baixo, S. Domingos e S. Francisco, de guarda á entrada; no segundo corpo S. Gonçalo, S. Pedro Martyr e S. Thomaz d'Aquino; no ultimo Nossa Senhora. Uma *loggia*, do mesmo estylo, aberta em cinco arcos de volta redonda, a que dão maior realce quatro estatuas de reis portuguezes, ajuda a corrigir a severidade da vista longitudinal da egreja, pesada e severa no seu apparelho possante de granito. A cúpula achatada, quasi sem tambor, acaba n'uma lanterneta singela; e se não fôra uma esbelta torre do seculo XVIII, que se ergue do lado norte, junto á entrada principal, bem modesta e escura sob os arcos [1], o effeito esthetico seria pesado. Mas o ambiente, a formosa paizagem corrige tudo. Quem passar a ponte defronta com o extenso dormitorio, debruçado ao nascente sobre o rio, com uma vista desafogada e ares lavados pelas brizas do Tamega.

A tradição falla de uma ponte construida milagrosamente em Amarante pelo santo. Certamente que se perderam hoje até seus vestigios; a actual, grande, arrojada e elegante confessa claramente n'uma inscripção quem foi seu auctor. Anda geralmente errada e incompleta. Eil-a:

«Foi mestre architecto d'esta Real obra Francisco Thomaz da Motta da Figueira de Adaufe, termo da cidade de Braga, pela Rainha D. Maria, 1790».

Tambem são dignos de uma visita os dois claustros, de bom estylo jonico e cuidadosa factura, com suas salas e galerias, onde estão hoje differentes repartições publicas.

Joaquim de Vasconcellos.

---

1 Na obra do Padre Cardoso, vol. I, pag. 422, póde lêr-se a explicação muito plausivel que elle dá para se comprehender a singular disposição do plano da egreja, subordinado á necessidade de envolver a primitiva ermida de S. Gonçalo dentro da Capella-mór; ainda assim não ficou por debaixo d'ella, mas sim a um dos lados (Evangelho). A torre dos sinos, ao lado da entrada principal, não se avista na nossa estampa.

est encore une autre œuvre d'art qui mérite d'être reproduite; elle se compose de six vantaux en bois, sculptés en relief dans le meilleur style de la Renaissance italienne; au milieu sur deux bandes on lit: An — 1597. Dimensions $1^m,97 + 0^m,97$. Les exemplaires datés de cette époque sont très rares. Autour de la porte un chambranle en pierre bien travaillée, du même style et d'un dessin élégant, lui sert de cadre.

En observant bien le travail de cette porte, le magnifique plafond marqueté de la sacristie de la voisine église de St Pierre (milieu du XVIIme siècle) un des plus beaux que nous avons vus dans le pays, la profusion d'excellentes sculptures en bois dispersée dans toute l'église conventuelle, représentant bien le XVIIme et XVIIIme siècle, on avouera volontiers que le couvent fut une belle école de magnifiques ouvriers. En comptant encore le travail de la pierre très recherché, sur du granit bien choisi, au grain très fin, (lorsqu'il a fallu faire des dessins menus de blasons et d'emblêmes héraldiques on a eu recours à l'emploi discret de la pierre calcaire) et en réunissant ces éléments nous avons encore aujourd'hui un ensemble du plus bel effet qui doit inviter tous les portugais aimant leur patrie, à une longue visite dans cette jolie ville. De poëtiques traditions d'agiologie nationale, la gloire d'actions d'éclat qui électrisèrent le pays et confondirent l'ennemi, le prestige de l'art sous tant d'aspects variés — parce que les limites de la ville ne sont qu'un délicieux verger, coupé de jardins fleuris — tout cela compose un tableau qui nous séduit et nous invite à un pélerinage. Du reste, le voyage est facile, soit en voiture, allant de Penafiel par une route belle et commode, soit en prenant la diligence qui sort de la station de Villa Meã, sur la ligne du Douro (16 kil. — 300 reis) 1f,150.

Les hotels étaient assez bien tenus en 1896 et ils doivent actuellement être meilleurs, parce que la ville prospère à vue d'œil, grâce à la richesse agricole de la contrée.

Il nous reste peu à décrire des gravures après ce que nous avons dit: deux vues générales qui se complètent mutuellement, représentent les deux panoramas avec la ville en amphithéatre avançant sur le pont historique; au bord du Tamega un groupe de moulins à eau, très pittoresques et en grande quantité; lorsque le fleuve a peu d'eau ils travaillent comme moulins à vent; et en dernier lieu la vue de l'église avec son entrée latérale. Celle-ci se compose de trois corps, d'ordre corinthien, d'un style Renaissance déjà surchargé de têtes d'animaux sculptées, de panneaux, de volutes et de pendentifs; le troisième corps est de style baroque très prononcé, avec des colonnes salomoniques et un fronton découpé en de capricieux ornements. Les statues en commençant par le bas, représentent St Dominique et St François qui gardent l'entrée; au deuxième corps St Gonçalo, St Pierre Martyr et St Thomas d'Aquin; au dernier Notre Dame. Une *loggia* de même style, percée en cinq arceaux arrondis, réhaussés de quatre statues de rois portugais, corrige un peu la sévérité de l'aspect longitudinal de l'église, sévère et lourde dans son puissant appareil de granit. La coupole aplatie, presque sans tambour se termine par une simple lanterne; et si ce n'était une élégante tour du XVIIIme siècle qui s'élève du côté nord près de la porte principale, modeste et sombre placée sous les arcades [1], l'effet esthétique de l'ensemble serait lourd. Mais l'air ambiant, le beau paysage font tout oublier. En passant le pont on se trouve devant le long dortoir, penché au levant sur le fleuve, avec une vue superbe et l'air purifié par les brises du Tamega.

La tradition parle d'un pont construit miraculeusement à Amarante par le saint. Assurément ses vestiges se sont effacés; le pont actuel, long, élégant, hardiment tracé montre bien sur une inscription quel a été son auteur. Cette inscription généralement incomplète est la suivante: «Le maître architecte de cette œuvre Royale a été Francisco Thomaz da Motta, de Figueira de Adaufe, près de la ville de Braga, par ordre de la reine D. Maria, 1790.

Les deux cloîtres de beau style ionique et de bonne facture avec leurs salles et leurs galeries, servant aujourd'hui de bureaux publics, sont aussi dignes d'être visités.

Joaquim de Vasconcellos.

---

1 Dans l'ouvrage du Père Cardoso, vol. I, pag. 422, on peut lire l'explication très plausible qu'il donne pour comprendre la singulière disposition du plan de l'église, soumis à la necessité de contenir l'ermitage de St Gonçalo dans le sanctuaire; malgré tout il n'est pas tout à fait au dessous, mais d'un des côtés (Evangile). Le clocher, à côté de l'entrée principale ne s'aperçoit pas dans notre gravure.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
AMARANTE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Convento de S. Gonçalo
AMARANTE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta lateral da Egreja de S. Gonçalo

AMARANTE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Azenhas no rio Tamega
AMARANTE

INDICE

Collocação das phototypias

A Batalha — Vista geral do Mosteiro.
» Fachada principal do Mosteiro.
» Porta principal da Egreja — Porta lateral da Egreja.
» Exterior da Egreja (lado norte).

A Batalha — Interior da Egreja — nave central.
» Claustro Real
» Interior do Claustro Real.
» Uma porta e uma janella do Claustro Real.

A Batalha — Porta e Janella da casa do Capitulo.
» Capella e Mausoléo do Fundador.
» Capella do Fundador. Tumulos dos Infantes.

A Batalha — Capellas Imperfeitas (lado sul).
» Porta das Capellas Imperfeitas.
» Porta das Capellas Imperfeitas.
» Detalhe d'uma columna das capellas Imperfeitas.
» Campanario e terraços do mosteiro.

Algarve — Villa Nova de Portimão — Vista tirada da ponte.
» Villa Nova de Portimão — Praia da Rocha.
» Monchique — Vista geral da villa.
» Monchique — Paizagens nas Caldas.

Algarve — Lagos — Vista geral.
» Lagos — Forte da Ponta da Bandeira.
» Lagos — Interior da Capella de Santo Antonio.
Lagos — Praia de Nossa Senhora da Luz.

Obidos — Vista geral.
» O castello.

Peniche — Penedias das arribas.
» Fabricantas de rendas.

Aveiro — Marnotos carregando o sal n'uma marinha.
» Barco moliceiro.
» Bateira labrega.
» Typos de pescadores — Typo de mulher de Ilhavo.

Braga — Sé cathedral.
» Exterior da capella-mór da Sé.
» Porta principal da Sé — Porta lateral da Sé.
» Interior da Sé.
» Côro da Sé.

Braga — Capella de Nossa Senhora da Conceição.
» S. João da Ponte.
» Moinhos no rio Este.

Braga — Escadorio — Bom Jesus.
» Templo do Bom Jesus.
» Gruta — Bom Jesus.
» Avenida dos sobreiros — Bom Jesus.

Amarante — Vista geral
» Convento de S. Gonçalo.
» Porta lateral da Egreja de S. Gonçalo.
» Azenhas no rio Tamega.


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00017 6343

